

**Representação de Oda Nobunaga enquanto Personagem Literário na
Historia de Japam de Luís Fróis**

Inês Maria Lorga Ramos Vila

Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses

Setembro, 2013

Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Estudos Portugueses, realizada sob a orientação científica de Prof. Doutor João Paulo A. Oliveira e Costa.

REPRESENTAÇÃO DE ODA NOBUNAGA ENQUANTO PERSONAGEM LITERÁRIO NA *HISTORIA DE JAPAM* DE LUÍS FRÓIS

Inês Maria Lorga Ramos Vila

RESUMO

PALAVRAS-CHAVE: Luís Fróis, *Historia de Japam*, Oda Nobunaga, Japão (Século XVI), Jesuítas do Padroado Português, Missão dos Jesuítas no Japão

Esta dissertação tem como objectivo o estudo da figura de Oda Nobunaga enquanto personagem literário na *Historia de Japam* de Luís Fróis. Nobunaga foi um poderoso militar e governante do Japão durante grande parte dos anos em que decorreu, aí, a missão dos Jesuítas do Padroado Português, tendo Fróis convivido largamente com esta impressionante figura, apresentando uma ampla e curiosa descrição deste homem fascinante na sua crónica. Proponho-me estudar o retrato que Luís Fróis construiu acerca de Nobunaga, verificar a sua complexidade, não sendo o meu objectivo entender até que ponto condiz esta representação com a sua vida histórica, mas analisá-lo exclusivamente sob o ponto de vista do narrador, estudar unicamente a imagem que Fróis decidiu transmitir aos leitores, observar como o retrato desta personagem literária se desenvolve, surgindo como um verdadeiro herói épico até atingir o seu chocante e inesperado final, em que o herói se torna, subitamente, num arrogante e luciferino vilão.

REPRESENTATION OF ODA NOBUNAGA AS A LITERARY CHARACTER IN LUÍS FRÓIS' *HISTORY OF JAPAN*

Inês Maria Lorga Ramos Vila

ABSTRACT

KEYWORDS: Luís Fróis, *History of Japan*, Oda Nobunaga, Japan (16th century), Jesuits of the Portuguese Patronage, Jesuits' Mission in Japan

The purpose of this paper is the study of Oda Nobunaga as a fictional character in Luís Fróis' *History of Japan*. Nobunaga was a powerful warrior and ruler of Japan during most of the years that lasted the Jesuits' mission of the Portuguese Patronage in this country, having Fróis largely visited and conversed with this impressive figure, writing a significant and interesting description of this fascinating man in his chronicle. I set out to study the portrayal that Luís Fróis built about Nobunaga, to verify its complexity, not being my purpose to understand how much this representation matches his historical life, but analyse him exclusively by the narrator's point of view, examine only the image that Fróis decided to transmit to us readers, observe how the portrayal of this literary character develops, appearing as a true epic hero until he reaches his shocking and unexpected end, in which the hero becomes, suddenly, an arrogant and Lucifer-like villain.

ÍNDICE

Introdução.....	1
Capítulo I: Relações Luso-nipônicas.....	3
I.1. Contextualização Histórica.....	3
I.2. Os Jesuítas e o Cristianismo no Japão	9
Capítulo II: Oda Nobunaga: A Figura Histórica	16
Capítulo III: Luís Fróis e a <i>Historia de Japam</i>	23
III.1. Temas: Do Japão e Costumes	28
III.2. Da Religião e Crisandade	33
Capítulo IV: Retrato de Oda Nobunaga segundo a <i>História do Japão</i>	47
IV.1. Apresentação	47
IV.1.1. Origens e Ascensão.....	49
IV.1.2. Restituição do Cubosama	50
IV.2. Sucessos na Guerra e Vida Militar	51
IV.2.1. Guerra contra o Cubosama	54
IV.2.2. Justiceiro Cruel e os Castigos que Ordenava	57
IV.2.3. O Político	61
IV.3. Potestade e Aparato.....	64
IV.3.1. Construção de Azuchi.....	66
IV.3.2. Segunda descrição de Azuchi.....	68
IV.3.3. Os Paços no Reino de Mino	70
IV.3.4. A Riqueza	72
IV.3.5. Festa de Demonstração de sua Glória e Riqueza	73
IV.3.6. Festa de Bon	74
IV.4. Nobunaga e a Religião.....	75
IV.4.1. O Ódio aos Bonzos	76
IV.4.2. Nobunaga e a Relação com os Padres e Cristianismo	82
IV.4.3. O Complicado Caso da Escolha de Justo	108
IV.5. A Mudança.....	116
IV.6. A Queda	120
IV.6.1. A Grande Demência.....	122
IV.6.2. O Castigo de Deus.....	124
IV.6.3. A Morte de Nobunaga.....	127
IV.7. Pós-Morte.....	130
Conclusão	135
Bibliografia.....	141

INTRODUÇÃO

O encontro entre Portugal e Japão, iniciado em 1543, ano em que os navegadores portugueses chegaram pela primeira vez ao país do Sol Nascente, foi deveras marcante para ambos os lados. Os Nipónicos, um povo isolado, nada sabiam das civilizações do ocidente até à chegada dos Portugueses, que desde logo estabeleceram importantes relações comerciais e culturais com este país. Em 1549, chegaram os primeiros missionários jesuítas ao Japão, chefiados pelo padre Francisco Xavier, prontos para converter aquele povo budista ao cristianismo, resultando desta presença várias obras importantes acerca da História e dos costumes dos japoneses, uma grandiosa colecção de cartas que estes Padres escreviam uns aos outros, onde se contam os mais diversos assuntos desde problemas da missionação até questões relacionadas com os hábitos e a caracterização deste exótico povo japonês, e, nomeadamente, uma obra intitulada *Historia de Japam*, de Luís Fróis, que servirá de estudo para esta tese.

A *Historia de Japam*, verdadeira crónica da acção dos jesuítas no arquipélago nipónico, apresenta uma enorme potencialidade de estudo, mas, até hoje, pelo menos em Portugal, raramente tem sido explorada através do ponto de vista literário, pelo que me proponho fazê-lo nesta dissertação. Esta obra parece, superficialmente, tratar apenas de um aspecto muito específico, a missão dos jesuítas no Japão; porém, é mais abrangente do que aparenta, narrando não só a problemática da propagação do cristianismo neste país mas abarcando muitos outros temas de diversas índoles, o que a torna numa obra rica e diversificada, acompanhada de particularidades literárias deveras singulares, oferecendo uma larga matéria de investigação pela sua dimensão e assuntos vários. No entanto, não tendo tempo nem espaço para tão ambicioso estudo, decidi centrar o tema do meu trabalho na análise da figura de Oda Nobunaga, um dos personagens de maior relevo desta crónica.

Luís Fróis foi um grande admirador e amigo desta famosa figura história japonesa, o poderoso militar que iniciou o processo de reunificação política do seu país, naquela época imerso numa guerra civil e dividido em diversas províncias. Nobunaga, ao contrário da maioria dos seus conterrâneos, era dotado de uma mentalidade mais receptiva em relação ao mundo exterior, interessando-se pelas civilizações fora do Japão, pelo cristianismo que os padres pregavam e pelos seus ensinamentos. Pela altura em que Nobunaga conquistou Kyoto, em 1568, Fróis era o único europeu que se encontrava no centro do Japão, tendo ambos mantido contactos frequentes até 1575, ano em que Fróis foi transferido para as missões de Kyushu, e voltando a encontrar-se em 1581, quando Fróis acompanhou Alexandre Valignano na sua visita ao centro do império. Graças a este convívio frequente, Fróis conheceu Nobunaga muito bem e escreveu largamente sobre ele nesta crónica, sendo o objectivo deste trabalho estudar o modo como o jesuíta representa esta personagem

histórica de um modo literário, como o herói de uma história épica, utilizando para o efeito os volumes dois e três da *História*, onde Nobunaga aparece enquanto personagem recorrente, e um pouco do quarto, onde ainda é mencionado.

Numa primeira fase do trabalho, considero importante para seu melhor entendimento realizar uma pequena contextualização histórica acerca das relações luso-nipónicas e, especialmente, da missão dos jesuítas no Japão, seguida de um resumo da vida de Oda Nobunaga. Apesar de não ser o objectivo deste trabalho nem haver espaço para um devido desenvolvimento, gostaria apenas de tratar um pouco da *Historia de Japam* no geral, a sua constituição, temas e valor literário.

Numa segunda fase, analisarei a figura de Oda Nobunaga através dos olhos de Luís Fróis, sendo diversa a informação de que dispomos e vários os episódios por ele protagonizados. Assim, decidi organizar o estudo de Nobunaga em diversos temas, mais gerais, e sub-temas mais específicos, começando pela enumeração das suas qualidades, aparência e personalidade, as suas origens e o modo como ascendeu enquanto militar e governante, os seus sucessos na guerra, carácter político, a sua obsessão pela riqueza e sumptuosidade, descrição das suas obras e festas magníficas, a sua atitude perante a religião, os monges budistas e, muito especialmente, a sua relação com os padres e o cristianismo, extremamente aprofundada na obra, seguido da explicação da sua queda e falecimento, terminando num pequeno capítulo sobre o que sucedeu após a sua morte.

Espero, por fim, com esta dissertação ter contribuído para alargar o *corpus* literário do português, demonstrando a potencialidade literária desta obra, e resta confiar que mais trabalhos sejam em breve desenvolvidos sobre estas obras dos jesuítas do Padroado Português na área da Literatura.

CAPÍTULO I: RELAÇÕES LUSO-NIPÓNICAS

I.1. CONTEXTUALIZAÇÃO HISTÓRICA

No século XVI, aquando do primeiro desembarque dos portugueses no arquipélago japonês, o País do Sol Nascente era uma grande e poderosa civilização, mas isolada e desconhecida do resto do mundo, que mantinha apenas relações estritamente comerciais com a China, seu país vizinho, sobre a qual a sua população pouco ou nada sabia, e desconhecia totalmente o mundo para lá da Índia. A primeira notícia aparecida na Europa referente ao Japão, defeituosa e errónea, surgiu no livro de Marco Pólo. O aventureiro, quando se encontrava na China meridional, ouviu falar de uma grande ilha para lá do Celeste Império, o Cipango, todavia, quando a descreveu no seu livro, colocou-a erroneamente no hemisfério Sul, provocando o equívoco de muitos geógrafos europeus.¹

A chegada dos portugueses ao Japão deu-se no ano de 1543 quando um grupo de três navegadores atingiu a ilha de Tanegashima, a sul do Japão. Nunca outros povos europeus nem muçulmanos haviam chegado a terras tão longínquas, tendo os lusitanos sido os primeiros europeus a pisar solo japonês, provocando o assombro dos nativos que nunca haviam visto gente semelhante. Nesta época, o Japão encontrava-se na chamada *Sengoku Jidai*, cujo significado é “Período das Províncias Beligerantes”. Durante esta época da História japonesa, que durou aproximadamente desde 1467 até 1600, o país encontrava-se em plena guerra civil, não havendo nenhum poder que se sobrepusesse a todos os outros. O Imperador tinha perdido a sua autoridade e o país estava dividido em diversas províncias, cada uma regida por um diferente Senhor (daimio).

O processo da reunificação do Japão iniciou-se com Oda Nobunaga, poderoso e astuto militar, que em 22 anos, desde 1560 a 1582, ano da sua morte, conseguiu conquistar todo o centro do Japão, subjugando 34 das 66 províncias existentes naquela época, segundo Fróis.² Depois de morto, a tarefa foi prosseguida por Toyotomi Hideyoshi, que logrou dominar todas as províncias do território nipónico até 1590, porém, após o seu falecimento em 1598, o seu herdeiro Hideyori, com somente cinco anos de idade, não podia exercer qualquer autoridade sobre os seus tutores nem chefiar o país; os diferentes regentes guerrearam entre si pelo domínio do Império até que, por fim, um deles, Tokugawa Ieyasu, venceu os restantes no ano de 1600, na decisiva batalha de Sekigahara, e tornou-se, deste modo, no homem mais poderoso do Japão, que governou até morrer. Finalmente, depois de quase dois séculos de guerra, o Japão pôde desfrutar a paz.

As relações Luso-nipónicas duraram praticamente um século, tendo-se iniciado em 1543 e terminado em 1639, ano da sua expulsão definitiva. Os lusitanos que iam para o Japão naquela

¹ Vide COSTA, 1999: p. 189.

² HJ, vol. II, p. 50.

época eram mercadores, que faziam os seus negócios especialmente em Kyushu, no Sul do Japão, trazendo novos produtos que rapidamente se espalhavam pelo resto do país através do comércio interno. Estes comerciantes, como era habitual, permaneciam algum tempo no arquipélago nipónico, mas tinham as suas bases noutros portos asiáticos. O grupo de portugueses que permanecia duradouramente no Japão era o dos jesuítas, que se encarregavam de pregar a religião cristã naquele país de “gentios”. Estes sofreram desde o início uma estadia conturbada no país, pois, enquanto a vinda dos comerciantes portugueses só trazia benefícios, a vinda de um conjunto de padres a anunciar uma nova religião era algo completamente diferente, era uma conversão de fé que podia gerar mudanças de atitude e de comportamento nos convertidos, que mais tarde vieram a desagradar ao novo poder central japonês por serem distintas das normas de conduta tradicionais nipónicas. A evangelização do povo japonês é, por isso, um tópico importantíssimo das relações Luso-nipónicas que não pode deixar de ser mencionado. Pode-se mesmo dizer que a presença lusa no Japão estava intimamente ligada ao destino do cristianismo nesse país, pois a rejeição total da religião cristã provocou também a expulsão dos mercadores portugueses. Mais à frente tratar-se-á deste tópico.

Os portugueses eram conhecidos no Japão como *Nanbanjin*, literalmente “bárbaros do sul”, e o tempo em que duraram as relações Luso-nipónicas, o “Século Namban” ou o “Século Cristão”, segundo Charles R. Boxer. Trouxeram novidades fascinantes aos olhos dos japoneses, quer técnicas, quer epistemológicas, novos objectos, inovações em campos diversos como o comercial, o político-militar, sócio-religioso, cultural, científico³, e a sua influência foi de tal forma intensa que provocou uma autêntica moda portuguesa no Japão, em que “...quem não tem na corte alguma coisa de vestido português, não se tem por homem; e assim correm que é coisa estranha, e muitos senhores têm diversas esquipações de capaz, mantilhas, camisas d’avanos, meias, calças, chapéus, gorras, etc.”.⁴ Os próprios lusitanos eram exóticos aos olhos dos japoneses, quer pela fisionomia, quer pelas roupas, quer pelos costumes ou modos de agir. Nampo Bunshi, um bonzo de Satsuma, descreve os portugueses na sua crónica *Teppo-ki*, do século XVI, sobre a introdução da espingarda no Japão: “Estes homens bárbaros do sudeste são comerciantes. Compreendem até certo ponto a distinção entre superior e inferior, mas não sei se existe entre eles um sistema próprio de etiqueta. Bebem em copo sem o oferecerem aos outros; comem com os dedos, e não com pauzinhos como nós. Mostram os seus sentimentos sem nenhum reboço. Não compreendem os caracteres escritos. São gente sem morada certa, que troca as coisas que possuem pelas que não têm, mas no fundo são gente que não faz mal.”.

³ Vide COSTA, 1998-2003: p. 379.

⁴ HJ, vol. V, p. 508.

Os portugueses foram os primeiros a trazer informações correctas e realistas sobre o Japão à Europa, destruindo os mitos e imagens fantasiosas que haviam chegado até então.⁵ As cartas que os jesuítas escreveram durante a sua permanência no País do Sol Nascente rapidamente começaram a circular por toda a Europa católica, acabando por se dispersarem pelo resto do continente. Estas cartas possuem um enorme valor tanto histórico como literário, pois além de descreverem factos reais que aconteceram no Japão, quer sobre a missão jesuítica e os mercadores portugueses, quer sobre a própria História do Japão, os hábitos e costumes do povo nipónico, fazem-no com uma linguagem cuidada, rica, relatando certos episódios protagonizados por pessoas sem importância social, pertencentes ao povo, que, de outro modo, não constariam sequer nos livros de História. Tanto estas epístolas como outras obras na época escritas são, hoje, fontes de estudo importantes mesmo para os historiadores japoneses, pois certos episódios relatados por estes jesuítas não foram sequer descritos por cronistas nipónicos da época. Também a língua japonesa foi divulgada pela primeira vez nestas cartas, tendo mais tarde sido organizados dicionários e gramáticas.

As relações mantidas entre os portugueses e os japoneses foram cordiais e amigáveis. Os nipónicos sabiam que os portugueses não estavam lá para prejudicá-los, pelo contrário, antes para enriquecer a sua cultura e economia, e visto que eram naturalmente curiosos, a novidade dos *Nanbanjin* agradava-lhes, para mais, os negócios eram muito lucrativos, e os portos de Kyushu estavam-lhes geralmente abertos, pois todos tinham interesse em fazer comércio com os lusitanos.⁶ A chegada dos portugueses foi de extrema importância para a formação de um Japão de novo unido e reunificado politicamente, podendo dizer-se que sem o seu aparecimento em ilhas japonesas nem a entrada pela primeira vez da espingarda no país, por eles trazida, o impasse político em que o arquipélago se encontrava não teria sido resolvido tão brevemente, tendo o papel da espingarda alterado o curso da História do Japão. Foi em Tanegashima que um grupo de navegadores portugueses mostrou pela primeira vez uma espingarda aos japoneses, episódio que é descrito no capítulo 134 da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto. Os japoneses nunca haviam visto nada semelhante e quando encontraram um português chamado Diogo Zeimoto a caçar com uma espingarda, ficaram de tal modo assombrados que foram imediatamente relatar o sucedido ao Senhor de Tanegashima, que logo o mandou chamar e ficou encantado com tamanha novidade.

O uso da espingarda foi logo praticamente generalizado no arquipélago japonês. Os nipónicos aprenderam depressa a fabricá-las e elas circulavam facilmente por todo o território, tanto que, em 1556, havia já mais de trezentas mil espingardas por todo o Japão, segundo relata Fernão Mendes Pinto na sua obra.⁷ Todavia, apesar de os japoneses terem assimilado tão bem e tão

⁵ Vide COSTA, 1999: pp. 189-90.

⁶ Vide COSTA, 1998-2003: p. 387.

⁷ Vide PINTO, 1983: p. 393.

rapidamente o modo de fazer as espingardas, isso não significa que tenham também aprendido a utilizá-las tão bem quanto as sabiam fabricar. Ao início, eram desajeitados a usá-las nas batalhas, tal como acontecia na Europa, tanto que estas se tornaram causas de acidentes dentro do próprio exército, e, além do mais, as estratégias empregues em combate eram imperfeitas, o que impedia que fossem usadas de modo a atingirem a sua verdadeira potencialidade.⁸ Foi Oda Nobunaga o primeiro homem a conseguir idealizar uma técnica eficaz de utilização das espingardas em batalha, muito antes de tal suceder na Europa⁹. Graças à sua astúcia e ao auxílio das armas de fogo, Nobunaga deu o primeiro passo essencial para a reunificação do Japão.¹⁰ É um facto que os japoneses já possuíam uma civilização impressionante e desenvolvida, mas é igualmente um facto que o Japão, após a chegada e a influência da nação lusa, se tornou mais moderno e eficaz que os seus países vizinhos, tais como a China ou a Índia. Por exemplo, em comparação com os seus vizinhos asiáticos, os nipónicos possuíam melhor armamento.¹¹

Até ao século XIX, o povo português foi o único povo estrangeiro que conviveu de forma intensa e duradoura com a nação japonesa. Antes da cultura portuguesa, havia sido somente a cultura chinesa a que mais havia influenciado a sociedade nipónica, entre os séculos VI e XII. Ambas as convivências com estas duas nações resultaram para os japoneses numa forte assimilação de diferentes valores civilizacionais. A grande diferença entre estas duas influências diz respeito ao facto de a primeira, a chinesa, ter sido, ao princípio, um modelo adoptado por um grupo restrito, nobre, e só depois imposto ao povo, e a portuguesa, por outro lado, ter sido um modelo adoptado de forma espontânea, o que provocou posteriormente a reacção do governo central quando este reapareceu. Curiosamente, estes fenómenos de grande assimilação de valores de outras civilizações da parte do Japão pareceram funcionar como um ciclo vicioso. Após a convivência com a civilização chinesa, o Japão isolou-se do resto do mundo, voltando a abrir-se para a nação portuguesa e, no fim do contacto, fechando as suas portas de novo a quase todos os povos, com a leve excepção dos Chineses e dos Holandeses, que não podiam entrar em território japonês senão numa pequena ilha artificial, chamada Deshima, com quem apenas faziam trocas comerciais¹².

Apesar de um relacionamento amigável e de respeito mútuo, este não durou mais do que um século, tendo sido vários os factores que contribuíram para o fim da ligação Luso-nipónica e, consecutivamente, para um novo semi-isolamento do País do Sol Nascente. No início do contacto luso-japonês, o Japão era um país fragmentado politicamente, assolado pela guerra civil, e os portugueses estavam em posição favorável, pois eram os únicos estrangeiros que lá se encontravam.

⁸ Vide COSTA, 1999: pp. 75-76.

⁹ Vide COSTA, 1998-2003: p. 399.

¹⁰ Vide COSTA, 1999: p. 108.

¹¹ Vide COSTA, 1999: p. 79.

¹² Vide COSTA, 1998-2003: p. 428.

No entanto, em 1600, aquando da batalha de Sekigahara, vencida por Ieyasu Tokugawa, terminou finalmente a *Sengoku Jidai* e o Japão ficou de todo unido, reunificado, subordinado ao poder do novo xogum Tokugawa, que não era favorável aos estrangeiros. Desde esse acontecimento até 1639, ano da expulsão definitiva dos portugueses, as relações Luso-nipónicas foram-se deteriorando aos poucos, por um lado devido ao aparecimento da concorrência de outros três grupos estrangeiros, o espanhol, o inglês e o holandês, que, cada um por seu motivo, procuravam influenciar o país do Sol Nascente, quer religiosa quer comercialmente, e os portugueses, tanto os missionários como os mercadores, não tinham qualquer interesse em dividir o monopólio comercial e religioso do Japão; por outro lado, crescia o ódio da família Tokugawa pelo cristianismo. Estes dois factores foram as principais causas da abrupta viragem dos acontecimentos, que antes apontavam para um futuro sorridente para as relações Luso-nipónicas.

Os espanhóis tinham um objectivo religioso, tal como os jesuítas portugueses. Trouxeram novos grupos religiosos para o arquipélago, o que muito desagradou aos jesuítas que já lá se encontravam, e desde logo os diferentes grupos entraram em competição uns com os outros. Os ingleses e holandeses, pouco ligados ao proselitismo, tinham um interesse pelo Japão puramente comercial, e, para os nipónicos, estes dois povos significavam novas oportunidades comerciais, sem influências religiosas. Assim, os japoneses não precisavam de ter a preocupação de se comprometerem com o cristianismo para poderem lucrar com o comércio, como fizeram alguns dáimios na altura em que apenas os portugueses iam comerciar com o Japão, convertendo-se por interesse e permitindo os jesuítas permanecerem em suas terras e pregar a nova religião, mesmo que não lhes agradasse, faziam-no pelos negócios.¹³ A concorrência entre estas nações era implacável. Todos se tentavam prejudicar uns aos outros para seu próprio benefício. Navios holandeses atacavam e roubavam navios portugueses, provocando graves prejuízos. A maior vantagem que os portugueses tinham era o porto seguro na costa da China, Macau, que as outras nações não tinham.

Ieyasu Tokugawa, ao contrário do seu predecessor, Nobunaga, não via com bons olhos a influência que o cristianismo exercia sobre o seu povo. Em 1616, ano da sua morte, subiu ao poder o seu filho Hidetada, que era ainda maior inimigo dos estrangeiros e dos cristãos do que o seu pai. Fez promulgar uma lei que condenava à morte todos aqueles que protegiam os missionários e outra em que todos os europeus estavam impedidos de circular livremente pelo Japão, podendo somente fazê-lo em Hirado e Nagasaki, ambos em Kyushu, no sul do país.¹⁴ O sucessor de Hidetada, Iemitsu, era ainda mais implacável e tirânico contra os estrangeiros, acabando com a presença destes grupos europeus no seu país pouco a pouco. Os ingleses acabaram por desistir forçosamente do Japão, pois a concorrência da Holanda era demasiado forte, e no momento em que Iemitsu recusou receber uma

¹³ Sobre este assunto, vide RIBEIRO, 2009.

¹⁴ Vide COSTA, 1998-2003: p. 423.

embaixada de Manila, as relações com Espanha terminaram. Entretanto, suspendeu-se também o comércio com os holandeses, de 1628 a 1633.¹⁵ Mais uma vez, a exclusividade do Japão pertencia aos portugueses, contudo, isto não significou qualquer melhoramento da atitude de Iemitsu, muito pelo contrário. Uma lei sua ditava que os Nambanjin não podiam mais viver no Japão e, em 1636, proibiu que os japoneses saíssem do seu país, recomeçando assim, aos poucos, as portas do Japão a fecharem-se para o resto do mundo. Os holandeses acabaram por reatar os negócios com o Japão e, devagar, foram suplantando os portugueses a partir de 1636. Nesse mesmo ano, todos os europeus foram obrigados a viver em Deshima, uma ilha artificial localizada na baía de Nagasaki. Pouco faltava para a expulsão definitiva de todos os portugueses do Japão, dando-se o golpe definitivo com a Revolta de Shimabara. Os cristãos japoneses, cansados das perseguições, das torturas e das injustiças políticas, revoltaram-se em Shimabara, cidade da província de Nagasaki. Os holandeses, pressionados para ajudarem militarmente a terminar com a revolta, dirigiram-se para lá de barco e bombardearam o castelo de Hara onde se encontravam os revoltosos, acontecimento que marcou o corte definitivo com os portugueses. Como o Japão mantinha uma relação comercial estável com os holandeses, que ainda o abasteciam militarmente, os portugueses deixaram de ser necessários. Os centros cristãos foram destruídos e todas as embaixadas recusadas. A maioria dos traços dos portugueses deixados no Japão foi destruída.

Assim terminaram as relações Luso-nipónicas, mas um século de convivência deixou valiosas heranças no país do Sol Nascente. Graças ao comércio, produtos desconhecidos entraram pela primeira vez no país, tais como objectos de decoração, roupas, tecidos, alimentos e animais. Partilharam os portugueses com os japoneses novos conhecimentos acerca de geografia, da construção naval, de medicina, mostraram-lhes pela primeira vez uma pessoa de raça negra, introduziram os caracteres móveis na imprensa, enriqueceram o vocabulário da sua língua, contribuíram para uma renovação japonesa no campo das artes com a importação de novos instrumentos, o ensinamento do canto gregoriano e polifónico e a apresentação da pintura europeia.¹⁶ Graças aos portugueses, pela primeira vez um grupo de japoneses saiu do Japão para conhecer a Europa. Foram quatro jovens samurais de Kyushu que partiram do Japão em 1582 e passaram por Lisboa, em 1584, e depois por Roma, onde foram recebidos pelo Papa Gregório XIII. Deixaram a Europa no ano de 1586 e regressaram a Nagasaki quatro anos depois.¹⁷ A presença portuguesa no Japão decorrida durante o denominado Século Namban deixou fortes marcas e fortes influências na civilização nipónica e apesar dos maus bocados passados nos últimos anos e da destruição dos traços da permanência lusa, ainda hoje permanecem vestígios dessa intensa relação,

¹⁵ Vide COSTA, 1998-2003: p. 426.

¹⁶ Vide COSTA, 1998-2003: pp. 431-32.

¹⁷ Vide COSTA, 1998-2003: pp.403-404.

alguns hoje tão comuns e enraizados que passam despercebidos, como certas palavras usadas diariamente (“koppu” para copo, “botan” para “botão”, “pan” para “pão”...), para além de monumentos laudativos à permanência dos *Nanbanjin* e dos religiosos jesuítas. Para os japoneses, a chegada dos portugueses, um povo completamente novo e desconhecido, foi especialmente revolucionária, pois foi o romper do quase total isolamento em que viviam e a tomada de consciência de um mundo muito maior do que eles imaginavam. Os portugueses ajudaram o Japão a modernizar-se, a evoluir culturalmente, contribuíram para o final da sua guerra civil e abriram as portas que o separavam do resto do mundo, mostrando-lhes que havia muito que saber e que descobrir para lá do País do Sol Nascente.

I.2. OS JESUÍTAS E O CRISTIANISMO NO JAPÃO

Logo após a descoberta deste novo país asiático habitado por “gentios” que desconheciam por completo a existência da religião cristã, os religiosos da Companhia Jesuíta de Portugal decidiram abrir aí uma missão. A evangelização do Japão iniciou-se a 15 de Agosto de 1549, aquando do desembarque em Kagoshima, Kyushu, do Padre Francisco Xavier, cuja permanência no Japão é relatada nos capítulos 208-213 da *Peregrinação* de Fernão Mendes Pinto, que nos descreve como o Padre foi bem recebido pelas terras japonesas por onde passou e como a sua pregação foi escutada atentamente, especialmente pelo dáimio de Bungo, Otomo Yoshishige (Sorin), que mais tarde se veio a converter ao cristianismo e ficou conhecido por D. Francisco.¹⁸

Comparando com as restantes missões evangelizadoras espalhadas pela Ásia, América e África, nas quais os padres apostavam por fazer os nativos absorver e acomodar-se à cultura europeia, a missão no Japão foi inovadora, uma vez que os jesuítas decidiram ali utilizar um método diferente: o da adaptação cultural acompanhado pela aposta na formação de um clero indígena, desde cedo se promovendo a instrução e integração de irmãos japoneses na Companhia, algo raro nas outras missões. Alguns destes irmãos nativos tornaram-se bastante famosos e apreciados, e mais tarde sacerdotes, tal como o Irmão Lourenço, acompanhante do Padre Luís Fróis e apreciado inclusivamente por Oda Nobunaga. Não querendo simplesmente impor uma nova religião e a cultura europeia aos habitantes japoneses, os jesuítas preferiram acomodar-se culturalmente ao País do Sol Nascente, estudando os hábitos e costumes da sua população, procurando entendê-la ao invés de a subordinar, conhecê-la antes de a converter à fé cristã. Deste modo, os jesuítas dedicavam o seu tempo ao estudo da cultura japonesa, dos seus hábitos e costumes, das diferentes seitas gentias que existiam no país e, também, da língua japonesa.¹⁹ Desejavam conhecer as religiões existentes

¹⁸ Sobre a vida do Padre Francisco Xavier consulte-se SCHURHAMMER, 1985-1987.

¹⁹ Sobre este assunto vide LOUREIRO, 2004: pp. 39-63.

no Japão para melhor as poderem refutar, apontando os seus “enganos e mentiras”, e melhor poderem convencer a população de que a religião cristã era a única que conduzia à salvação. Desejavam aprender o japonês pois, desse modo, poderiam pregar ao povo na sua língua nativa, para melhor entendimento da mensagem cristã, e para o poder confessar. Visto que o japonês não é uma língua fácil de aprender e de manejar, o facto de existirem irmãos japoneses na Companhia era fundamental, pois estes facilitavam o relacionamento entre os padres e os fiéis japoneses; conhecendo o país e o seu povo, sabiam o melhor modo de o impressionar, de lidar com ele, de interessá-lo em ouvir os ensinamentos cristãos, e ajudavam a superar a barreira linguística, servindo de intérpretes para os padres, tanto na propagação do cristianismo como nas disputas contra os bonzos, os sacerdotes das seitas budistas. Também auxiliavam os padres nas suas deslocações de cidade para cidade, porque num país em guerra nem todos os caminhos eram seguros.

Apesar de o Japão ser um país fora do domínio de qualquer potência europeia da época dos descobrimentos, isso não impediu que nele se criasse a maior cristandade ultramarina fora dos territórios dominados por exércitos coloniais ²⁰, nos quais os nativos tinham mais benefícios em aderirem à nova fé. No Japão, ninguém era, geralmente, obrigado a tornar-se cristão ²¹, era uma escolha que podia ser tomada livremente, havendo, contudo, alguns obstáculos quanto à conversão ao cristianismo. Os maiores impedimentos residiam nos inimigos desta religião: os dáimios que não aceitavam esta nova fé; os bonzos que, naturalmente, não gostavam que uma nova religião viesse rivalizar com a sua; todos aqueles que eram fervorosamente contra o cristianismo, especialmente os senhores ricos, que tinham mais autoridade e podiam prejudicar as igrejas e os convertidos. Algumas pessoas tinham, assim, receio e vergonha de se tornarem cristãs, como podemos ver em diversos episódios relatados na *Historia de Japam*, de Fróis. Por um lado, se o seu dáimio não era a favor dos cristãos, seria perigoso converter-se, pois corriam o risco de serem perseguidos e exilados; por outro lado, havia o medo de envergonhar a família, o temor dos vizinhos que não viam esta religião com bons olhos e dos bonzos das seitas locais, verdadeiros inimigos da fé cristã, alguns quase com tanto poder e influência como os próprios dáimios. Apesar de tudo, a cristandade japonesa cada vez crescia mais e muitos dos japoneses cristãos eram verdadeiras fontes de inspiração no tocante à fidelidade cristã e aos bons costumes. Dificilmente se encontraria noutros países onde houvesse missões evangélicas a decorrer novos cristãos tão empenhados como no Japão, pois muitos destes cristãos nipónicos, apesar das constantes injúrias feitas pelos gentios ou pelos bonzos e restantes perigos, não recuavam na sua fé, e mesmo correndo o risco de serem

²⁰ Vide COSTA, 1999: p. 293.

²¹ Por vezes existiam conversões forçadas por ordem dos próprios Senhores japoneses cristãos, que insistiam em converter também os seus súbditos.

assassinados, sentiam-se felizes por morrerem como mártires por Deus e pela fé, como se pode ver em vários episódios da *História do Japão* de Fróis.

Quando os jesuítas iniciaram a propagação do cristianismo no Japão, este começou por ser conhecido pela “religião dos pobres e dos doentes”, uma vez que os padres ajudavam e curavam os enfermos, o que era uma novidade naquele país, e estes, agradecidos, acabavam por se converter. ²² Pelo começo da missão, o cristianismo restringia-se a Kyushu, onde os mercadores portugueses vinham desembarcar e tratar dos seus negócios, mas os padres sabiam que, desta maneira, o cristianismo nunca se propagaria por todo o país. Era necessário ganhar a confiança dos dáimios e fazer expandir o cristianismo até Honshu, a ilha central e mais importante, onde se encontrava a capital, Miyako, antigo nome da cidade de Kyoto e residência do Imperador. Ganhar a confiança dos dáimios e a sua simpatia era de extrema importância para os jesuítas, e conseguir convertê-los muito mais vantajoso. Convertido o dáimio, convertiam-se, em princípio, também os restantes membros da sua casa, incluindo a família mais chegada, os nobres da corte e os criados; o povo teria menos relutância em converter-se, os cristãos estariam protegidos por um poder mais alto e, além disso, a religião cristã ganhava outra fama. Se até grandes senhores como os dáimios abraçavam esta nova fé, então, deixaria de ser somente a “religião dos doentes”, e mesmo se não fosse possível convertê-los, já era vantajoso alcançar a sua simpatia, porque assim os padres não corriam o risco de serem expulsos da província e podiam pedir ajuda no caso de estarem a ser injustiçados pelos bonzos. Assim se vê que os religiosos da Companhia não hesitavam em recorrer ao poder político-militar para conseguirem propagar a sua fé e alargar a sua influência. ²³ Tentavam incansavelmente impressionar os dáimios com presentes e com embaixadas aparatosas, pois os japoneses eram sumptuosos e gostavam de admirar tudo o que fosse faustoso e deslumbrante, tendo os padres conseguido baptizar dáimios importantes, apesar de alguns não se terem tornado cristãos pela fé. Os dáimios de Kyushu sabiam como a presença dos filhos de Santo Inácio nas suas terras levaria a um comércio proveitoso com os portugueses ²⁴, portanto, alguns mostraram-se interessados em converter-se ao cristianismo por puro interesse económico e comercial, como, por exemplo, Matsuura Takanobu, dáimio de Hirado, que nunca se tornou cristão, e outros baptizaram-se primeiramente com o objectivo de beneficiar de uma relação comercial privilegiada, contudo, à medida que passava o tempo, acabavam por abraçar verdadeiramente a fé, tal como Otomo Yoshishige, dáimio de Bungo, Arima Yoshisada, dáimio de Arima, ou Omura Sumitada, dáimio de Omura, depois do baptismo adoptando o nome de D. Bartolomeu. ²⁵

²² Vide COSTA, 1998-2003: p. 391.

²³ Vide COSTA, 1999: p. 177.

²⁴ Vide COSTA, 1998-2003: p. 388.

²⁵ Vide COSTA, 1998-2003: pp. 391-92.

Viviam os jesuítas permanentemente no Japão, mas não se detinham apenas numa cidade. Deslocavam-se de terra em terra, de província em província, procurando converter o maior número de pessoas e de dáimios possível, sofrendo a antipatia dos bonzos e dos gentios mais apegados às suas seitas. A capital era, naturalmente, o ponto mais importante do país, mas como os comerciantes portugueses não faziam ali as suas transacções, tornava-se mais difícil converter a população porque não havia a vantagem comercial que existia em Kyushu, não conseguindo os padres fixar-se ali facilmente, sendo expulsos várias vezes, o que tornou a missão em Miyako sempre problemática.

O ano de 1563 foi um ano de viragem para a religião cristã. Esta deixou de ser somente a “religião dos pobres”, pois um primeiro dáimio recebeu o baptismo ²⁶ e as missões em Honshu, onde já não havia o interesse comercial de Kyushu mas uma verdadeira convicção religiosa, tornavam-se melhor sucedidas com conversões importantes entre os samurais, tais como a de Takayama Zuchodono, depois do baptismo conhecido por D. Dário, e do seu filho Dom Justo Takayama, ou D. Justo “Ukon”. Mas o que contribuiu de forma realmente significativa para o sucesso do cristianismo no centro do Império foi a ascensão de Oda Nobunaga, primeiro grande reunificador do Japão e homem extremamente poderoso e influente. Amigo e defensor dos padres, inimigo e perseguidor dos bonzos, foi graças a ele que os jesuítas puderam permanecer em Miyako durante vários anos, protegendo-os contra os perigos e ameaças de expulsão. Durante o seu governo, o cristianismo pôde desenvolver-se e solidificar-se, uma vez que ele era o governador absoluto do centro do país; ninguém ou quase ninguém ousava prejudicar os jesuítas apoiados por ele, ou arriscava sofrer a sua ira. A morte de Oda Nobunaga foi sentida pelos padres e prejudicou a vida da missão. Os diferentes dáimios por todo o país entraram em guerra aquando do desaparecimento do primeiro unificador do Japão, a insegurança e o medo naturais provocados pela guerra eram nocivos para os padres e para o cristianismo, e o desaparecimento do mais poderoso dos seus protectores tornava-os mais indefesos.

Os jesuítas conseguiram ajudar a pacificar Kyushu, contribuindo para a aproximação de Toyotomi Hideyoshi, segundo grande unificador do Japão, à província de Bungo, o que resultou na conquista de Kyushu, afastando definitivamente Shimazu Yoshihisa, dáimio de Satsuma, inimigo dos cristãos, e permitindo o regresso de uma nova estabilidade. No entanto, Hideyoshi mudou de atitude em 1587 e passou a hostilizar o cristianismo, começando as perseguições pelo poder central. O Japão já não era mais um país dividido e destabilizado e agora que Hideyoshi detinha o poder sobre todo o império, o sucesso e o insucesso do cristianismo já não dependia somente dos dáimios que eram a seu favor e daqueles que eram contra, passando a depender apenas de uma só pessoa, neste caso Hideyoshi, que não simpatizava com esta nova religião. A Igreja tornara-se nociva no

²⁶ Acerca dos dáimios japoneses que se baptizaram vide COSTA, 2003: pp. 45-71.

entendimento do novo governante do Japão. A influência dos Padres sobre os cristãos japoneses tornara-se muito forte e os seus ensinamentos iam contra certos hábitos ancestrais da sociedade nipónica, pondo, por exemplo, em causa algumas normas da conduta dos guerreiros, como a fidelidade aos seus senhores, pois o guerreiro devia ser leal ao seu Senhor, seguir todas as suas ordens, e desobedecer-lhe seria a máxima das desonras e o pior dos pecados. Contudo, os novos cristãos tinham em maior conta a lealdade à fé cristã e aos restantes convertidos do que ao seu Senhor. Muitas vezes, em batalha, inimigos de campos opostos recusavam-se a confrontar-se simplesmente porque eram os dois cristãos, e se um guerreiro cristão estivesse dividido entre a lealdade ao seu Senhor e o auxílio a inimigos que eram cristãos, mais facilmente trairia o seu Senhor do que prejudicava companheiros da mesma fé. Um famoso exemplo desta lealdade cristã é o episódio que sucedeu em Takatsuki entre Oda Nobunaga e D. Justo Takayama, no qual o primeiro ameaçou perseguir os padres e os cristãos se o outro se recusasse a trair o seu Senhor e a mudar de campo. D. Justo era já cristão e preferiu salvar os religiosos da Companhia e o progresso do cristianismo a permanecer fiel ao seu Senhor, mudando para o lado de Nobunaga.²⁷ Para além disso, os novos cristãos sempre apoiavam os portugueses necessitados, sendo natural em caso de disputa entre um japonês gentio e um português, os cristãos japoneses porem-se do lado do português.

Assim, a religião cristã foi hostilizada pelo poder político e sofreu violentíssimas e demoradas perseguições, sem dúvida as piores comparáveis apenas às do antigo Império Romano, sobretudo pelo carácter sistemático²⁸. Aos poucos, no desenrolar do governo de Hideyoshi até à subida e início do Xogunato dos Tokugawa, a violência foi aumentando. A 25 de Julho de 1587 saiu o primeiro édito anti-cristão, promulgado por Hideyoshi, que exigia a expulsão imediata de todos os missionários, édito que não foi cumprido nem teve grande impacto na sociedade, não atemorizando os potenciais candidatos a padres cristãos nem impedindo o número de convertidos japoneses de crescer, pelo contrário, o número de novos cristãos ia aumentando rapidamente e o comércio com os portugueses continuava a prosperar²⁹, os jesuítas e os demais auxiliares refugiando-se nos territórios dos dáimios cristãos³⁰. Os padres sabiam que tinham de alcançar a simpatia de Toyotomi para o cristianismo poder propagar-se e viver em paz na comunidade nipónica, por isso, fizeram algumas tentativas de aproximação ao novo governante do Japão, em Miyako, no entanto, Hideyoshi não queria receber uma embaixada do cristianismo, acabando por aceitar receber o Padre Valignano apenas com a condição de ele se apresentar não como representante cristão, mas como representante do Estado Português da Índia. Os Padres foram inteligentes na preparação da embaixada, já conheciam a mentalidade japonesa e sabiam como melhor causar sensação, por isso,

²⁷ Vide COSTA, 1999: p. 123.

²⁸ Vide COSTA, 1998-2003: p. 381.

²⁹ Vide COSTA, 1998-2003: pp. 405-7.

³⁰ Vide COSTA, 1999: p. 176.

em 1591, o sucesso da primeira embaixada a Hideyoshi, em extremo magnífica e sumptuosa, foi tal que, consecutivamente, se sucedeu entre os nipónicos uma verdadeira “moda nambanjin”.³¹

Todavia, algo inesperado veio prejudicar a missão dos jesuítas, que foi a aparição no Japão de religiosos espanhóis de outras ordens: os franciscanos, os dominicanos e os agostinhos. Os jesuítas não queriam dividir o monopólio religioso com os espanhóis, muito menos com outras ordens religiosas, pois pensavam que isso viria trazer confusão aos já convertidos e atrasar o avanço da propagação da fé cristã, e, além disso, não queriam partilhar o seu prestígio com eles, o que causou verdadeiras “guerras” entre os membros dos diferentes grupos religiosos, tornando-se eles tão inimigos quanto os bonzos, apesar de serem todos cristãos. Apesar de tudo, o grupo maioritário de missionários no Japão foi sempre o português.³² A aparição dos padres espanhóis provocou desconfiança em Hideyoshi, que acreditou que os religiosos estavam, na verdade, a preparar o terreno para uma invasão espanhola e, com receio de tal acontecimento e querendo impedi-lo a todo o custo, quis fazer desaparecer todas as ordens religiosas no Japão, provocando uma nova onda de hostilidade contra os cristãos a partir de 1597, sucedendo-se o grande martírio de Nagasaki, no dia cinco de Fevereiro de 1597³³, onde foram mandados crucificar vinte e seis cristãos, três irmãos jesuítas japoneses, dezassete cristãos japoneses e seis franciscanos.³⁴ Com a morte de Hideyoshi e apesar da sua política anti-cristã, a cristandade no Japão continuava a prosperar com um amplo número de conversões, a reabertura da missão em Miyako e a chegada do cristianismo ao Norte do Japão. Porém, como já foi referido, o sucessor de Toyotomi, Tokugawa Ieyasu, também não beneficiou a religião cristã, pois considerava que a influência exercida pelos padres sobre os seus súbditos impedia o controlo total e eficaz do seu povo, promulgando consequentemente, em 1614, uma lei que exigia a expulsão definitiva e imediata de todos os missionários, bem como que todos os cristãos japoneses renunciassem à sua fé.³⁵ A partir desse ano, em que havia já um grande número de fiéis e de padres japoneses, as perseguições aos cristãos tornaram-se piores e mais persistentes. Mesmo assim, os jesuítas não desistiram imediatamente da missão no Japão nem quiseram abandonar os cristãos japoneses, permanecendo clandestinamente em território nipónico, dificultosamente, pois a fisionomia ocidental era facilmente reconhecida, e as conversões também não estagnaram, apesar do crescente perigo.

Após a morte de Ieyasu, o seu filho Hidetada, como já foi anteriormente referido, promulgou uma lei que ordenava a morte de todos aqueles que protegiam os missionários, e, mais tarde, Iemitsu foi ainda mais hostil para com os estrangeiros e os cristãos. Os martírios e as execuções de

³¹ COSTA, 1999: p. 169.

³² Vide COSTA, 1998-2003: pp. 412-15.

³³ Vide COSTA, 1999: p. 212.

³⁴ Vide COSTA, 1998-2003: p. 416.

³⁵ Vide COSTA, 1998-2003: p. 423.

cristãos japoneses e clérigos ocidentais tornavam-se cada vez mais frequentes e mais violentos, de modo a assustar as pessoas, a dissuadi-las de se associarem com os padres, de se converterem ao cristianismo e de ajudarem a esconder ou a proteger os cristãos e os religiosos, sendo os castigos mais frequentes as crucificações e a morte pela fogueira. Perseguiam-se os suspeitos de serem cristãos e faziam-se-lhes certos testes para os desmascarar, como, por exemplo, um em que o suspeito era obrigado a pisar uma imagem de Nossa Senhora e se se recusasse a fazê-lo, era considerado culpado de ser cristão. Os comerciantes portugueses ajudavam, com grande risco, missionários clandestinos a desembarcar no Japão, dando-lhes cobertura, enquanto, por sua vez, os ingleses e holandeses ajudavam a capturar esses clandestinos.³⁶ Também alguns dáimios, durante as épocas de perseguições aos cristãos, escondiam clandestinamente vários religiosos.³⁷ Mas a violência anti-cristã não parou e, a partir de 1632, aumentou ainda mais. Com a expulsão definitiva dos portugueses, o Japão voltou a fechar as suas portas ao mundo de novo, não permitindo nem a entrada de estrangeiros nem a saída dos seus habitantes, negociando apenas com os holandeses em Nagasaki e obtendo notícias do mundo exterior pelos mercadores do Sueste Asiático, terminando, assim, o contacto do país com o exterior e os traços da presença estrangeira foram apagados.

A religião cristã deveria ter sido apagada também, contudo, ela perdurou secretamente durante séculos, sobrevivendo até à reabertura do Japão, no século XIX. A missão evangelizadora no Japão foi inovadora e apenas pôde sê-lo graças ao próprio povo japonês, que era diferente dos outros onde decorriam estas missões, de longe mais empenhado nas leis da sua nova fé do que os outros, e à atitude acomodacionista e tolerante dos jesuítas. A dedicação dos japoneses convertidos e o carácter naturalmente curioso e aberto a novidades dos padres da Companhia de Jesus³⁸ fez com que estes últimos abrissem o espírito a novas realidades, conseguindo graças à estratégia da aculturação e à aprendizagem dos costumes do povo japonês encontrar na sociedade nipónica a existência de uma cultura que, apesar de diferente, não podia ser, de todo, considerada pior do que a europeia. Descobriram deste modo que, afinal, a sociedade civilizada não se encontrava apenas no continente europeu, pois o povo japonês era nobre, obedecia a regras de moral e de conduta, era asseado e sábio, bastante diferente daquilo a que os padres estavam habituados a encontrar quer na Índia, quer na China ou no Brasil. A missão jesuíta no Japão foi, segundo lemos na obra de Fróis, marcada por constantes trabalhos árduos e sofrimento quer da parte dos japoneses convertidos quer da parte dos padres. Os japoneses cristãos, quer a população quer os importantes senhores e dáimios, tinham vários inconvenientes em abraçar esta nova fé, pois podiam perder as suas fazendas, a

³⁶ COSTA, 1998-2003: p. 425.

³⁷ COSTA, 1999: p. 176.

³⁸ "...the Society of Jesus, as a norm, required its members to have undergone an elaborate process of intellectual preparation, which made them privileged observers, endowed with a keen inquiring spirit and an extraordinary capacity to assimilate novelties.", LOUREIRO, 2004: p. 39.

autoridade, as próprias vidas, o respeito dos familiares, dos bonzos, dos conselheiros, podiam ganhar inoportunas inimizades e acabar por ter de se desterrar. Na *História de Japam* existem vários exemplos desta situação, tal como o conselho dado por um gentio ao seu irmão, um dáimio cristão: “Não serve de nada serdes christão; pelo que me parece o haveis de deixar de ser e assim poderão cessar vossos trabalhos para com este tão importuno inimigo...”.³⁹

Também os padres sofreram durante a sua missão, sendo constantemente ameaçados de morte, as igrejas assaltadas e queimadas, as cruzes arrancadas e destruídas, imagens de santos profanadas, porém, apesar das perseguições e da violência, o seu empenho e o dos cristãos e religiosos japoneses foi tal que foi no País do Sol Nascente, livre das conquistas coloniais, onde existiu “...a maior cristandade do Padroado Português do Oriente do século XVI”.⁴⁰ A fé foi tão grande que, apesar de tudo, do perigo, do medo, dos inconvenientes e da violência, os cristãos japoneses resistiram durante décadas e conseguiram conservar a sua fé clandestinamente, até à reabertura definitiva do Japão. Eram estes cristãos japoneses tão fervorosos que, por vezes, na falta de padres estrangeiros no país, se ocupavam eles mesmos da pregação nas suas terras, pedindo inclusivamente aos clérigos que os ensinassem a baptizar. Fontes como a *História de Fróis* relatam-nos histórias admiráveis de cristãos japoneses solidários uns com os outros, que se ajudavam mutuamente apenas pela fé que os unia, muitas vezes nem sequer se conhecendo previamente; de crianças e adultos que cantavam canções religiosas em latim e sabiam o *Pater Noster* de cor, bem como outras orações; de cristãos que eram perseguidos pelos que repugnavam o cristianismo e se recusavam a abandonar a sua religião, nem que isso significasse a morte; de homens e mulheres cristãos que não se importavam de morrer como mártires por Deus e pela Igreja, inclusive alegrando-se por isso; do amor que os cristãos convertidos japoneses nutriam pelos padres e as lágrimas de tristeza que derramavam quando os padres tinham de partir e as de alegria que choravam quando estes regressavam. Foi graças ao esforço e empenho dos padres jesuítas, tão longe de suas casas e em terras para eles tão novas e estranhas, em ensinar a religião cristã ao povo japonês que muitos deles se deixaram seduzir por esta doutrina, e foi graças a notáveis cristãos como estes que o cristianismo, apesar de perseguido e proibido pelas autoridades, prevaleceu em segredo durante dois séculos, até o Japão se tornar num país liberal e de novo aberto ao resto do mundo.

CAPÍTULO II: ODA NOBUNAGA: A FIGURA HISTÓRICA

³⁹ HJ, vol. II, p. 379.

⁴⁰ COSTA, 1999: p. 38.

Apesar de ser o objectivo desta tese estudar o retrato de Oda Nobunaga representado na crónica de Fróis enquanto personagem literário, creio, no entanto, que é importante constar aqui uma breve explicação daquilo que foi, na realidade, esta grande figura da História do Japão. Nobunaga nasceu no ano de 1534, na província de Owari, num ramo secundário da família Oda. Filho segundo de Oda Nobuhide, o seu pai lutou para alcançar a supremacia na família, livrando-se da obrigação de servir o ramo dominante, e logrou converter-se no poder principal da província de Owari, procurando em seguida alargar a sua soberania e conquistar províncias vizinhas. No entanto, foi Nobunaga que, mais tarde, conseguiu tornar-se no soberano de Owari e, consequentemente, de mais trinta e quatro províncias do país. Considerado, geralmente, um homem invulgar e imprevisível, desde jovem que Nobunaga apresentava traços peculiares, não se preocupando em seguir os protocolos nem com as opiniões dos outros, que o apelidavam de “Otsuke”, que significa “Grande Idiota”⁴¹, sendo, por exemplo, ilustrativo o episódio que se narra na crónica *Shincho-Ko ki* do funeral do seu pai, onde apareceu em trajes informais, com uma espada à cintura, agarrou uma mão cheia de incenso e atirou-a para o altar, abandonado o lugar em seguida.⁴² Fróis, na sua *História*, como se verá mais tarde, atribui a causa do ódio de Nobunaga contra os bonzos e seitas do Japão à morte do seu pai, o que explicaria a sua atitude e saída abrupta do funeral.

Nobuhide faleceu quando Nobunaga tinha apenas 17 anos, deixando-lhe por herança somente uma parte de Owari, pela qual teve de lutar para assegurar devido às revoltas dos vassalos que recebera do seu pai⁴³, à instabilidade familiar e aos inimigos do exterior. O único modo de se tornar soberano da província era derrotando os seus irmãos, também herdeiros de partes do território, especialmente Nobuyuki, irmão mais novo, e Nobuhiro, meio-irmão mais velho, algo que fez sem hesitar, inclusivamente fingindo-se doente para atrair o primeiro a uma armadilha e assassiná-lo, episódio que é contado na *História* de Fróis. Deste modo, em nove anos conseguiu Nobunaga alcançar a supremacia no seio da família Oda e na província de Owari, tratando seguidamente de alargar as suas conquistas para o resto do Japão, convertendo-se assim no primeiro grande reunificador do país do Sol Nascente. Rapidamente conseguiu o jovem daimio de Owari o respeito e reconhecimento de outras grandes entidades japonesas, como, por exemplo, de Uesugi Kenshin, daimio de Echigo, e da corte Imperial, e depressa se tornou claro o seu plano de avançar para a capital, Kyoto, e lá colocar o seu candidato escolhido para assumir o cargo de Xogum, posição imediatamente inferior à do Imperador. Foi deveras impressionante a forma como Nobunaga foi conseguindo, ao longo das suas conquistas, aumentar o seu exército e os seus vassalos à medida que subjugava as famílias e os daimios rivais, iniciando a sua expansão militar

⁴¹ LAMERS, 2000: pp. 25-6.

⁴² *Shincho-Ko ki*, intro.9: 24, *apud* LAMERS, 2000: p. 25.

⁴³ “...the vassal band that Nobunaga had inherited from his father (...) rebelled immediately after Lord Nobuhide’s death...”, Lamers, 2000: p. 26.

com o escasso número de 700 a 800 soldados⁴⁴ e logrando, no futuro, juntar um exército de várias dezenas de milhar⁴⁵. É, porém, de notar, igualmente, como as suas primeiras vitórias foram absolutamente impressionantes, pois com um exército escasso em número obtinha vitórias contra tropas em grande medida mais extensas do que as dele, como foi o caso da Batalha de Okehazama, onde Nobunaga derrotou um exército de 45,000 com unicamente 2000 homens. Ou era um homem bafejado pela sorte, ou, simplesmente, um extraordinário estratega militar, que escolhia os seus vassalos graças aos seus talentos militares, e não baseado no sangue e na linhagem que possuíam⁴⁶.

No ano de 1568, deu-se, provavelmente, o acontecimento mais marcante no caminho para a ascensão de Nobunaga⁴⁷, que foi a entrada deste na capital, Kyoto, onde instalou Ashikaga Yoshiaki, seu protegido, no posto de Xogum, tendo o anterior sido assassinado por usurpadores (Matsunaga Hisahide e Miyoshi Yoshitsugu). Apenas um grande poder militar e diplomacia inteligente teriam capacidade para tal, e Nobunaga possuía ambos, desbaratando toda a resistência inimiga numa campanha que foi “...short, decisive, and a complete success.”⁴⁸ Deste modo pôde o novo Xogum ingressar seguramente em Kyoto e tomar o seu cargo político, oferecendo imediatamente títulos imponentes e províncias recém-conquistadas ao seu protector, que recusou, pois aceitar estas regalias colocá-lo-iam numa posição inferior à de Ashikaga, de vassalagem, e as ambições de Nobunaga eram muito mais grandiosas. Este sucesso consolidou definitivamente a sua situação como o homem mais poderoso do Japão: até aqui um excepcional militar e conquistador, a partir daqui o homem que colocou o novo Xogum na capital e recusou tornar-se seu vassalo, sabendo poder beneficiar dele⁴⁹ e inclusivamente dar-lhe ordens, demonstrando a todos que era ele próprio o soberano, acima de qualquer cargo. Como prova da sua autoridade e riqueza, Nobunaga mandou construir em Kyoto novos paços para o Xogum, cuja sumptuosidade e edificação célere são descritas por Fróis na sua crónica. É de admirar a presteza com que a nova residência foi terminada e a quantidade de homens que Nobunaga juntou para trabalharem na sua construção: “Warriors from the fourteen provinces (...) were ordered to Kyoto, and Nobunaga had them dig a moat around the old Nijo mansion. (...) He summoned all the blacksmiths, carpenters, and woodcutters from Kyoto and its vicinity (...). The craftsmen worked continuously, and the work was finished quickly.”⁵⁰ Muitos guerreiros e dáimios foram incitados a comparecer na capital para admirarem

⁴⁴ “...Nobunaga had been short of men for his army (...), roughly 700 to 800 well-trained and experienced men...”, Lamers, 2000: p. 29.

⁴⁵ “...it is clear that Nobunaga could muster a force of several tens of thousands of men...”, Lamers, 2000: p. 39.

⁴⁶ “It was highly typical of Nobunaga (...) to choose his vassals according to criteria of military merit, not good lineage.”, Lamers, 2000: p. 31.

⁴⁷ “Nobunaga’s march on Kyoto (...) marked his entry onto the national political scene and the beginning of his intimate dealings with the Imperial court...”, Lamers, 2000: p. 53.

⁴⁸ LAMERS, 2000: pp. 58-59.

⁴⁹ “...he (...) realised that Yoshiaki could serve as a vehicle for his own national designs...”, Lamers, 2000: p. 56.

⁵⁰ *Shincho-Ko ki*, Bk. 2: 95-96, *apud* LAMERS, 2000: p. 61.

aquela nova e magnífica obra de Nobunaga, demonstrando obediência e reconhecimento do seu domínio.

Foi a potência militar deste primeiro grande Pacificador do Japão que assegurou a sua autoridade e o impeliu para as suas grandes vitórias, pois, naquela época, quem tinha o maior exército tinha, seguramente, maior vantagem e maior influência. Nem o Xogum nem o Imperador conseguiam reunir uma força militar superior à de Nobunaga, portanto, era ele o homem mais adequado para iniciar a uniformização do Japão e, conseqüentemente, para o governar. À medida que Nobunaga conquistava novos domínios, imediatamente lhes aplicava um conjunto de regras para pacificá-los e reprimir rebeliões, tentando impedir que guerreiros e traidores continuassem a usurpar terras que não eram suas, prática comum na época *Sengoku* que tornava o sistema político tão precário e instável. Ashikaga Yoshiaki, porém, descontente com a óbvia superioridade de Nobunaga como o “de facto ruler”⁵¹ e esquecido da obrigação que lhe devia, começou a distanciar-se deste e a procurar a sua independência. Evidentemente, Nobunaga não aprovou a desobediência crescente de Yoshiaki e, após ter tentado diversos meios para limitar por completo o seu poder político de modo que não pudesse nada fazer sem a sua autorização, Ashikaga declarou-lhe, por fim, guerra aberta. Ninguém acreditava que Nobunaga, inteiramente rodeado por inimigos e por batalhas importantes que lhe ocupavam uma quantidade desmedida de soldados, pudesse fazer frente ao Xogum e retirá-lo do seu poder⁵², dando, assim, a Yoshiaki esperança para acabar com a sua supremacia e alento para ganhar a independência política que nunca tivera. No entanto, a boa ventura estava do lado de Nobunaga e, com a morte do seu arqui-inimigo, Takeda Shingen, e a consecutiva desorganização dos seus restantes adversários, teve o caminho aberto para marchar para Kyoto e depor o Xogum desobediente, incendiando toda a periferia da capital e Kyoto de Cima⁵³, episódio que é descrito por Luís Fróis na sua crónica. Yoshiaki foi obrigado a fugir da capital e recolheu-se no castelo de Makinoshima para preparar um último e decisivo confronto contra Nobunaga, sem sucesso, pois este derrotou as suas defesas em apenas um dia, terminando de vez com o governo do Xogum que ele próprio ajudara a colocar no poder.

Após terminada esta disputa em favor de Nobunaga e a derrota dos seus principais inimigos, o Senhor da *Tenka*⁵⁴, como gostava de ser apelidado, iniciou a sua aproximação à casa imperial, com a intenção de, mais tarde, destronar o Imperador, algo que não veio a suceder durante a sua vida. Apesar disso, Nobunaga ainda exercia uma influência extraordinária sobre o Imperador, como

⁵¹ LAMERS, 2000: p. 68.

⁵² “...no one at the time believed that Nobunaga could threaten Yoshiaki in Kyoto...”, Lamers, 2000: p. 91.

⁵³ “...I had the Kyoto Periphery burned down completely (...) and I burnt down Upper Kyoto...”, *Nobunaga monjo*, I, 625-626, doc. n° 367, *apud* LAMERS, 2000: p. 95.

⁵⁴ “Nobunaga preferiu intitular-se senhor da *Tenka*, palavra que designava literalmente “o mundo” ou “o que está debaixo do Céu”, COSTA, 1999: p. 118.

se tornou perceptível aquando da cedência deste ao seu pedido de receber o famoso tesouro imperial “Ranjatai”⁵⁵, mantido em Nara, ao qual apenas o Xogum e o Imperador poderiam ter acesso. Ao adquirir tamanho tesouro, “...what could compare to the glory and honour Nobunaga enjoyed in Our Empire!”? ⁵⁶

Nobunaga, enquanto homem, era conhecido pelo seu temperamento irascível, facilmente tomado pela raiva, e pela sua atitude imprevisível, rápido a castigar e a vingar-se de quem o insultasse ou desobedecesse, mesmo figuras em grande medida respeitadas pela sociedade japonesa, como os bonzos, pelos quais nutria um ódio e desrespeito especiais. Esta sua aversão pelos templos e autoridades das religiões budistas causava perplexidade e perturbação na grande maioria dos japoneses, tanto pessoas do povo como dáimios e grandes senhores feudais, levando o dáimio Takeda Shingen a considerar as destruições e atentados contra os bonzos, da parte de Nobunaga, como “trabalho do demónio”⁵⁷. Considerado por muitos um homem cruel e sangrento⁵⁸, não hesitava em efectuar verdadeiras carnificinas com o intuito de submeter alguma fortaleza ou cidade, como, por exemplo, o caso de Nakae e Yanagashima, onde, num incêndio por ele ordenado, morreram cerca de 40,000 pessoas⁵⁹. Implacável, conta-se um episódio caricato sobre a sua personalidade: o “Banquete das Caveiras”. Num banquete especial onde apenas os seus mais leais e fiáveis companheiros puderam participar, o saké foi servido de uma forma deveras bizarra e sem precedentes: nas cabeças banhadas em pintura dourada de três grandes inimigos derrotados.⁶⁰ Este foi um dos vários casos que serviram para fomentar a imagem de Nobunaga como um homem macabro e sedento de sangue, contudo, é interessante notar na seguinte frase do cronista da *Shincho-Ko ki*, na narração deste acontecimento: “Nobunaga himself was happy that everything was under control.”⁶¹, denotando que este não estaria especificamente feliz com a barbaridade das caveiras, mas sim com aquilo que elas representavam: a sua ascensão enquanto militar e futuro Senhor do Japão e a comprovação de que tudo corria conforme os seus desejos.

Entretanto, prosseguia Nobunaga as conquistas no território nipónico, desejando a unificação e a paz do seu país. Na Batalha de Nagashino, a sua mais famosa vitória, derrotou de vez o sucessor de Takeda Shingen com uma tática genial e inovadora, que consistiu em dividir “...os espingardeiros em vários esquadrões que disparavam alternadamente, pelo que cada homem tinha

⁵⁵ “...a striking demonstration of the power he [Nobunaga] held over the emperor.”, Lamers, 2000: p. 106.

⁵⁶ *Shincho-Ko ki*, Bk. 7: 167-168, *apud* LAMERS, 2000: p.107.

⁵⁷ “...a daimyo such as Takeda Shingen (...) detected the work of the devil.”, Lamers, 2000: p. 76.

⁵⁸ “George Sansom termina a sua análise da figura de Nobunaga apodando-o de “um bruto sem coração nem piedade”, COSTA, 1999: p. 115.

⁵⁹ “...Nakae and Yanagashima, which they burnt to the ground. (...) this put the death toll at somewhere around 40,000...”, LAMERS, 2000: p. 103.

⁶⁰ *Shincho-Ko ki*, Bk, 7:165, *apud* LAMERS, 2000: p. 32.

⁶¹ *Shincho-Ko ki*, Bk, 7:165, *apud* LAMERS, 2000: p. 32.

tempo de recarregar a sua arma em segurança enquanto outros grupos atiravam.”.⁶² Nobunaga foi o primeiro comandante conhecido a utilizar esta técnica que apenas se começou a ensaiar mais tarde, no século seiscentista⁶³, na Europa, embora o uso das espingardas já se tivesse lá generalizado um século antes de o ter sido no Japão, distinguindo-se, assim, Nobunaga “...como um dos génios da História Militar de todos os tempos...”.⁶⁴ O próprio Imperador era rápido a congratular Nobunaga pelas suas campanhas triunfantes, evidentemente desejando cair nas suas boas graças, e muitos dáimios, mesmo aqueles que governavam províncias ainda não dominadas por ele, reconheciam a sua hegemonia, uma vez que, naquela altura, era consideração geral que “...nothing could surpass Nobunaga’s power.”.⁶⁵

Entre 1576 e 1580, Nobunaga teve de enfrentar aqueles que foram, provavelmente, os mais complicados adversários da sua carreira. Havendo conquistado todo o centro do Japão, o seu caminho encontrava-se barrado a Norte por Uesugi Kenshin e a Sudoeste por Mori Terumoto, dois poderosos dáimios que se aliaram a outros dois inimigos recorrentes: Kenryo Kosa, de Osaka, e o Xogum deposto, Yoshiaki. Este, ansioso por acabar com a supremacia militar de Nobunaga, logrou aliar-se a estes poderosos dáimios e convenceu-os a unirem-se em guerra contra Oda, fazendo-o sofrer várias derrotas e perder alguns dos seus mais fiéis capitães. Durante esta época, as coisas não corriam bem a Nobunaga, pois cada vez mais Senhores se juntavam aos seus inimigos para lhe fazerem frente. Era necessário reunir a maior quantidade de soldados e aliados possíveis para poder recuperar o controlo da situação, o que sucedeu aquando da rendição de Nakagawa Kiyohide e Takayama Ukon durante a revolta do traidor Araki Murashige⁶⁶, acontecimento que fez subir a confiança de Nobunaga e regressar às vitórias. Deste modo, a fortaleza de Honganji do seu adversário Kenryo Kosa, destituído da ajuda dos seus aliados, não teve outra hipótese senão procurar fazer paz com Nobunaga.

Um aspecto de relevo da vida de Nobunaga e também para esta tese é a sua relação com os Jesuítas e o cristianismo, que era de amizade e benfeitoria.⁶⁷ Para Nobunaga, a vinda destes homens estrangeiros para o seu país, até aí isolado e ignorante sobre o resto do mundo para lá da China e da Índia, constituía uma novidade fascinante, e auxiliou-os de diversas formas a ultrapassar os muitos problemas que se lhes deparavam. Nobunaga recebeu pela primeira vez um padre jesuíta, Luís Fróis, numa audiência na capital 1569, onde este lhe pediu uma patente para poder residir e pregar a sua religião em Kyoto, documento esse que o Senhor da Tenka lhe entregou pouco depois. Além de

⁶² COSTA, 1999: p. 113.

⁶³ COSTA, 1999: pp. 113-114.

⁶⁴ COSTA, 1999: p. 78.

⁶⁵ *Shincho-Ko ki*, Bk. 8: 203, *apud* LAMERS, 2000: p. 120.

⁶⁶ Para melhor entendimento desta crise, vide LAMERS, 2000: pp. 149-162.

⁶⁷ “Nobunaga has been portrayed as a friend of the Christian missionaries in Japan...”, LAMERS, 2000: p. 171.

Fróis, Nobunaga recebeu, igualmente, o Padre Francisco Cabral, chefe da missão jesuítica daquela época, o Padre Organtino, quando este foi chefe da missão em Kyoto, e, mais tarde, o Padre Alexandre Valignano, supervisor das missões dos filhos de Santo Inácio na Ásia. Deu-lhes permissão para edificarem uma igreja na capital, construção polémica devido à quantidade de pessoas que se opunham, e espaço na sua cidade, Azuchi, para fazerem uma casa. É preciso destacar a relação especial que Nobunaga teve com os Padres Luís Fróis e Organtino, com os quais manteve “...repetidas conversas de horas...”⁶⁸. Fróis assistiu aos principais anos do apogeu de Nobunaga⁶⁹ e foi convidado a visitar a sua casa em Gifu, onde foi por ele e pelos seus vassallos extremamente bem recebido, tendo inclusivamente direito a uma visita guiada, algo que nem muitos dos principais Senhores do Japão tinham oportunidade. A razão pela qual Nobunaga beneficiou e protegeu os jesuítas é misteriosa. Provavelmente, agradava-lhe a companhia destes estrangeiros “...of strong character and high attainments...”⁷⁰, mas, principalmente, por ser um homem curioso e ávido de novos conhecimentos, apreciava a companhia destes estranhos que tinham mais experiência sobre o mundo fora do Japão do que qualquer japonês⁷¹, e deleitava-se com conversas acerca de um universo e de culturas que ele desconhecia. Em contraste, era clara a sua aversão pelos bonzos e pelas seitas budistas, desejando destruir os templos, os seus seculares, e retirar-lhes os privilégios e as honras, movido também pelo facto de os bonzos terem demasiado poder e influência no povo.⁷²

Num momento de grande fortuna para Nobunaga em que, pronto para estender o seu jugo para outros domínios, não podia estar mais perto de ser o Senhor de todo o arquipélago nipónico, sucedeu aquilo que Nobunaga não pôde antever: a sua súbita e inesperada queda. Preparado para partir em campanha decisiva contra os Mori para lhes conquistar as oito províncias que possuíam a Oeste, Akechi Mitsuhide, um dos seus mais valorosos generais, por um motivo desconhecido⁷³, decidiu virar-se contra o seu Mestre, e esta traição revelou-se fatal para o Senhor da Tenka. Quando este repousava despreocupadamente com um pequeno grupo de pessoas no templo Honnoji, antes de defrontar Mori, Mitsuhide e os seus capitães, acompanhados de um exército de cerca de 13,000, cercaram o templo ao amanhecer e atacaram.⁷⁴ Nobunaga, após verificar que havia sido traído e por quem havia sido cometida a traição, ainda tentou defender-se corajosa mas ingloriamente, pois o exército de Akechi era demasiado numeroso, e, recolhendo-se num quarto com uma ferida no

⁶⁸ COSTA, 1999: p. 120.

⁶⁹ “...Fróis assistiu aos momentos decisivos da fase inicial da ascensão de Nobunaga (...) e ao seu apogeu...”, COSTA, 1999: p. 54.

⁷⁰ BOXER, C. R., *The Christian Century*, apud LAMERS, 2000: p. 173.

⁷¹ “...interessado em conhecer o mundo que estava para lá das ilhas nipónicas e que os missionários conheciam muito razoavelmente.”, COSTA, 1999: p. 121.

⁷² “...Nobunaga’s measures against independent Buddhist institutions were not only motivated by personal dislike. The main reason was the economic and military power of the Buddhists.”, LAMERS, 2000: p. 172.

⁷³ “It is impossible to determine exactly when or why Akechi Mitsuhide decided to (...) turn on his master...”, LAMERS, 2000: p. 214.

⁷⁴ Este episódio é narrado em LAMERS, 2000: pp. 205-217.

cotovelo, cometeu *harakiri* enquanto o templo ardia. Deste modo, com Nobunaga morto, todo o Japão caiu, subitamente, num caos profundo, e sem outro herdeiro que pudesse retomar o controlo da situação, foi um seu outro capitão, Toyotomi Hideyoshi, que derrotou Mitsuhide e lhe sucedeu.

Nobunaga foi um homem complexo, talvez cruel, ambicioso, violento, mas, sem dúvida, um génio militar e um homem maior do que a época e o país em que viveu. Foi ele o primeiro grande responsável pela unificação política e territorial do Japão e, ao mesmo tempo, uma pessoa inteligente, ávida de conhecimento e pronto para abrir as portas do seu país ao desenvolvimento que só o mundo lá fora podia providenciar.

CAPÍTULO III: LUÍS FRÓIS E A *HISTORIA DE JAPAM*

Luís Fróis, o autor desta crónica, foi um padre jesuíta português, nascido em Lisboa. Em Julho de 1563, chegou ao Japão onde permaneceu, uma primeira vez, vinte e nove anos, regressando ao país em Julho de 1595, morrendo em terras nipónicas no dia 8 de Julho de 1597. Ao todo, Fróis viveu aí cerca de 31 anos, narrando na sua crónica os sucessos ocorridos entre 1549, data em que o Padre Francisco Xavier desembarcou em território japonês, e 1593, quatro anos antes do seu falecimento. Para o tema deste trabalho interessa, especialmente, o facto de Luís Fróis ter permanecido na capital do Japão entre 1565 e 1576, assistindo, deste modo, aos momentos decisivos da fase inicial da ascensão de Nobunaga e ao seu apogeu, tornando-se, certamente, no homem europeu que mais conviveu e que melhor conheceu Oda Nobunaga.

Esta obra tem sido estudada, maioritariamente, sob o ponto de vista histórico, uma vez que é um documento de grande valor cognitivo e testemunhal, sendo “...de tal modo importante para o conhecimento do curso dos acontecimentos que é muito mais conhecido no Japão do que na Europa. Observador perspicaz, Fróis assistiu aos acontecimentos que alteraram o rumo da história nipónica e distinguiu-se entre os seus contemporâneos; enquanto estes, nomeadamente os japoneses, foram em regra assaz sucintos nas suas descrições, o jesuíta relatou circunstanciadamente os factos e retratou os protagonistas, transmitindo simultaneamente a sua sensibilidade face aos acontecimentos.”⁷⁵. Apesar do valor histórico, esta obra possui, igualmente, uma relevante qualidade literária, sendo uma fabulosa crónica acerca das aventuras e desventuras de um grupo de homens viajantes que procuravam dilatar a sua fé num mundo diferente e desconhecido, que se lhes vai desbravando aos poucos, e também dos numerosos personagens que encontraram ao longo do seu caminho, desenrolando-se a narrativa através de uma linguagem rica e elegante, descrevendo episódios de coragem, de tristeza, de sucessos e de insucessos. No fundo, graças à beleza da linguagem e ao

⁷⁵COSTA, 1999: p. 50.

estilo narrativo, à parcialidade do autor e ao tratamento dos personagens, dos episódios descritos, à filosofia e comentário subjacente, esta é uma verdadeira obra de Literatura, qual crónica de Zurara ou de João de Bastos.

A *Historia de Japam* foi escrita com base nas diversas cartas registadas pelos jesuítas do Padroado Português que trabalharam no Japão, incluindo as do próprio Fróis, que aproveitou os depoimentos dos seus colegas espalhados por todo o país, que descreviam nas suas epístolas acontecimentos recentes, acabados de ocorrer e ainda frescos na memória, para deste modo poder relatar a maior quantidade e variedade possível de informação. Algumas missivas são transcritas integralmente na crónica, devidamente assinaladas textualmente e contendo o nome do seu autor, com o objectivo de se entenderem melhor os sucessos de certo jesuíta ou de certa localidade. O narrador desta *História* trata-se a si próprio, por norma, na terceira pessoa, utilizando frequentemente a primeira pessoa do plural para aludir ao grupo dos filhos de Santo Inácio e, noutros contextos, também aos irmãos e cristãos japoneses, falando várias vezes de “nós”⁷⁶ e do “nosso”⁷⁷, mostrando, assim, uma visão e sensibilidade de um grupo, preocupações e objectivos comuns, o que denuncia um forte companheirismo não só entre os jesuítas europeus do Padroado Português mas também entre os irmãos e os cristãos nipónicos. A constituição desta crónica é explicada pelo autor no prólogo da segunda parte, que se inicia no volume terceiro. Segundo o autor, a *História* encontra-se dividida em duas partes, a primeira publicada nos dois primeiros volumes e a segunda nos restantes três. Na primeira parte, Fróis tratou do Japão, das suas características e hábitos, do início da propagação do cristianismo pelos Padres da Companhia de Jesus, dos sucessos dos jesuítas, dos irmãos e dos cristãos dignos de menção, englobando os primeiros trinta anos desde a chegada do Padre Francisco Xavier, de 1549 a 1578. Para a segunda parte, o autor afirma ser sua intenção narrar os sucessos dos dez anos seguintes, acrescentando que sendo estes tempos ainda tão recentes, presenciados pelos próprios jesuítas ou sabidos por quem os havia verificado, melhor e com maior veracidade se poderiam contar, acabando por relatar mais do que se propôs inicialmente, chegando a sua narrativa até 1594, mais seis anos do que o suposto. O autor confessa ainda neste prólogo que “...sem comparação muito mais [é] o que se deixou de dizer, que o que tão sucinta e brevemente se escreveo...”⁷⁸, pois muito mais haveria para expor acerca desta missão no Japão que, segundo o narrador, era original e distinta daquelas que decorriam pelo resto do mundo⁷⁹ pelo seu carácter mutável e instável, sucedendo-se transformações “...tão repentinas, novas e inesperadas

⁷⁶ “...que sendo nós outros homens que professamos desprezo do mundo...”, HJ, vol. II, p. 313.

⁷⁷ “...alegrando-se em extremo de nossos trabalhos...”, HJ, vol. II, p. 244. Os “nossos trabalhos” refere-se aos dos cristãos japoneses e do Padre Luís Fróis quando este último foi expulso da capital sob as injúrias dos bonzos.

⁷⁸ HJ, vol. III, p. 1.

⁷⁹ “...o processo da conversão de Japão não hé como nas outras partes...”, *ibidem*.

que suspendem os entendimentos...”⁸⁰, sendo impossível fixar e dar a conhecer todos os acontecimentos por decorrerem muitos e ao mesmo tempo, não sendo possível contabilizar muitas das cartas que os padres da Companhia escreviam. O narrador termina o prólogo referindo o propósito essencial deste livro, que é servir de testemunho e de ensinamento àqueles que prosseguirão a missão cristã no Japão, “...alem de outros proveitos que desta Historia se podem seguir...”⁸¹, como se esta crónica fosse, sobretudo, um manual de ensinamentos e de conselhos daqueles que já haviam permanecido no país e experienciado os perigos e as dificuldades que advieram, explicitando particularmente o modo de cativar o povo e convertê-lo, as estratégias, os obstáculos, a forma de lidar com os inimigos, e pretendendo que todos testemunhassem a bravura, empenho e paciência dos homens que aí estiveram e sofreram tormentos com valentia e abnegação, carecidos de ajuda, desamparados numa terra estrangeira, indefesos e perseguidos, apenas movidos pela “...esperança que somente tinham radcada no favor e protecção divina...”⁸², terminando, assim, o narrador com uma nota apologética aos padres, tratando-os como verdadeiros heróis e mártires.

O autor da *Historia de Japam* é, notoriamente, parcial, sendo possível inferir as suas opiniões acerca de acontecimentos ou de personagens quer expostas explicitamente ou entrevistas por uma linguagem subtil e insinuadora, não sendo esta obra totalmente objectiva nem livre de tendenciosidades e de hipérboles. É nas questões da religião que melhor se distingue esta parcialidade do narrador, expondo os jesuítas, os irmãos e cristãos nipónicos como pessoas constantemente fortes de espírito, caridosas, livres de pecado e de conduta reprovável, enquanto descreve os “inimigos de Deus” sempre como seres desprezíveis e hediondos, transparecendo uma caracterização demasiado negativa que parece, às vezes, exagerada, como, por exemplo, a do tono de Xiqui, que “...fallava quazi todas as noites com o demónio, ao qual de todo seo coração adorava...”⁸³. Contudo, é de referir que nem sempre os cristãos japoneses são descritos como figuras imaculadas, ocorrendo, por vezes, um ou outro comportamento condenável que o autor não deixa de mencionar na sua obra, expondo, igualmente, aqueles que se convertiam ao cristianismo sem fé, como se viu por este exemplo do tono de Xiqui. Fróis é um narrador, por norma, tolerante em relação às diferenças e contradições da cultura nipónica em contraste com a europeia, descrevendo hábitos e costumes deste povo com neutralidade, sem crítica, mesmo quando expõe estilos de vida muito diferentes e até contraditórios em relação às leis cristãs, como, por exemplo, o aborto, que era comum entre as mulheres japonesas, excepto no que tocava à religião, não hesitando em afirmar que todas as seitas do Japão eram falsas, más e perversas.

⁸⁰ HJ, vol. III, p. 1.

⁸¹ HJ, vol. III, p. 2.

⁸² *Ibidem*.

⁸³ HJ, vol. II, pp. 149-150.

Uma particularidade muito interessante desta crónica é o facto de contar sucessos e insucessos protagonizados por pessoas desconhecidas e insignificantes, sem importância social que não teriam lugar nos livros de História, relatando pequenos episódios acerca das suas vidas, dos seus problemas, da forma como alguns se converteram ao cristianismo, muitos destes contos sendo referentes a cristãos ou a familiares e acontecimentos relacionados com o cristianismo. Surge, por exemplo, o relato de como uma senhora que odiava a religião cristã acabou por baptizar uma neta e ouvir ela própria pregação após ter morrido a sua filha mesmo depois de ter oferecido muitas esmolas aos bonzos e de lhes pedir que orassem por ela, ficando tão furiosa com estes e suas seitas que “...toda a devoção que dantes lhe tinha converteo em odio...”⁸⁴; conta-se o episódio de Mónica, uma jovem cristã que estava prometida a um gentio mas que não queria casar-se com ele por não terem a mesma religião, acabando o jovem por raptá-la e obrigá-la a desposá-lo, aceitando Mónica, no final, casar-se, e convencendo o seu marido a tornar-se cristão, o que realmente aconteceu⁸⁵; uma criança filha de um cristão adoeceu e o seu pai não queria que a pequena morresse gentia, todavia, a avó abominava essa religião e recusava-se a permitir o baptismo. Assim, os padres congregaram um plano, indo um cristão vestido de médico para fingir que tomava o pulso à menina quando, na verdade, lhe espremia na cabeça o lenço com água benta e a baptizava, porém, a velha suspeitou da verdade e tentou revertê-lo à maneira das suas seitas, “...tomando hum vazo de hourina com ella lhe lavou a cabeça, dizendo outras muitas blasfemias e desatinos.”⁸⁶, acabando a criança por morrer e a sua avó também, miseravelmente; relata a história de Thoma, um antigo bonzo em quem se operou uma enorme mudança, pois depois de se baptizar deixou a vida boémia e pecaminosa, casando e seguindo fielmente a doutrina cristã, relatando o autor como resistiu à tentação provocada por uma bonita jovem ao afastá-la de si e sair para a rua “...nu naquella fria e penetrante neve aonde se deixou estar hum grande pedaço ajudado de santas e boas considerações.”⁸⁷, não passando estes de apenas alguns pequenos exemplos dos muitos episódios que enriquecem a *História*.

O estilo da obra é maioritariamente descritivo, predominando o discurso indirecto, sucedendo-se, por vezes, monólogos ou pequenas intervenções para aumentar a expressividade do texto ou para ajudar na caracterização de algum personagem, não sendo comum ocorrerem diálogos. Fróis recorre, várias vezes, a citações e referências de teor bíblico, comparando, numa ocasião, um cristão de nome Dom João, que matou dois homens gentios preparados para cortar a cruz que tinha levantado perto de sua casa, a Sansão, relatando como o “...bom velho de Dom João intrepido irruit super eum spiritus Domini, arremeteo a elles e ambos os poz na outra vida...”⁸⁸, do mesmo modo

⁸⁴ HJ, vol. II, p. 76.

⁸⁵ Vide HJ, vol. II, pp. 163-67.

⁸⁶ HJ, vol. II, p. 180.

⁸⁷ HJ, vol. II, p. 207.

⁸⁸ HJ, vol. II, p. 466.

que Sansão assassinou trinta homens com a sua força sobre-humana, como é relatado no Livro dos *Juízes* do Antigo Testamento no capítulo 14⁸⁹. Ocorrem vários exemplos de meta-narrativa em que o autor comenta a constituição da sua obra⁹⁰, lamenta não se poder recitar nela todos os acontecimentos relativos à missão⁹¹, e ainda podemos encontrar confissões pessoais do autor sobre a sua missão no Japão⁹²; há o recurso a prolepses, mencionando o narrador alguns eventos que ainda não haviam sucedido como, por exemplo, quando alude a Akechi Mitsuhide pela primeira vez como o homem “...que foi o que depois matou a Nobunanga.”⁹³, muito antes da sua morte; descrevem-se vários episódios de características diferentes, quer de guerra, batalhas navais, destruição de cidades, exemplos de bravura dos padres e dos cristãos e, também, alguns de carácter cómico e caricato. Alguns exemplos destes episódios são o caso em que a barca onde ia Fróis foi atacada por piratas, levantando-se “...logo na embarcação hum grande pranto e choro nas mulheres e meninos e ainda em alguns homens, que, por verem que humanamente não podiam escapar de tão evidente perigo, tomavão os gentios homens e mulheres suas contas e com as mãos alevantadas invocavão seos idolos cada hum segundo a seita de que era.”, conseguindo o padre reunir ânimo para encorajar as pessoas a não perderem a esperança, tomando uma espada emprestada e pondo-se de pé na proa do barco, exortando-as a remarem o mais depressa possível, apesar de se sentir, interiormente, também assustado. No final, depois de remarem o mais que podiam, acabaram por ser salvos por uma densa névoa, sendo este um exemplo da bravura dos jesuítas. Dos vários episódios cómicos, seguem-se apenas dois: um cristão de nome Jorge foi atacado por inimigos e lutou corajosamente até surgir um outro cristão do campo inimigo que o reconheceu como companheiro da mesma religião e o ajudou. No entanto, a sua família pensou que tinha morrido no combate e quiseram recuperar o cadáver para o funeral, mas apenas se acharam corpos decapitados, acabando por se levar o mais semelhante ao de Jorge para a igreja. A esposa, a família e amigos logo acudiram a velar o corpo com grandes prantos, beijando as suas feridas e enchendo-se do seu sangue, prosseguindo daquele modo até chegar, de repente, uma carta de Jorge, que contava como se tinha salvado miraculosamente. Ao constatarem que Jorge estava vivo e que tinham estado a velar o corpo de um desconhecido, “...foi tão grande o medo e aversão que todas aquellas mulheres fidalgas conceberão contra aquelle corpo do deffunto, que athé alli tinham nos braços que, sem mais esperar, fugirão pela porta da igreja fora benzendo-se e chamando pelo nome de Jesus, Maria, e mais sabendo que era corpo de gentio, que se não atreverão a tornar a entrar na igreja, athé que

⁸⁹“Então o espírito de Javé desceu sobre Sansão e apossou-se dele. Ele foi até Ascalon, matou trinta homens...”, *Juízes*, 14.

⁹⁰ “...não será discrepar do fio de nossa Historia referir aqui...”, HJ, vol. III, p. 166.

⁹¹“Muitos outros sucessos, (...) socedião com frequencia que, por se não advirtir a todos, passavão muitos sem se notarem, ou esquecerem quando se havia de escrever a Europa.”, HJ, vol. II, p. 236.

⁹² “...ainda que se padecem muitos trabalhos em converter e cultivar esta gente, hé tão grande (...) a consolação de os ver tão (...) amigos de sua salvação (...) que ficão os trabalhos acompanhados de gosto...”, HJ, vol. III, p. 253.

⁹³HJ, vol. II, p. 254.

alguns criados de Sancho Sangadono lhe atarão huma corda nos pés e a rasto o forão lansar em huma alagoa muito profunda.”⁹⁴; numa ocasião em que Fróis e o Padre Cabral foram a Guifu, este último, por ser míope, usava óculos, objecto que não existia no Japão, pelo que “...totalmente se persuadio alguma gente simplex que o Padre tinha 4 olhos, dous no lugar comum, onde os tem naturalmente todos os homens, e outros dous, com alguma distancia deitados para fora, que reluzião como espelho e que era couza temeroza de ver.”⁹⁵, acudindo, assim, brevemente à cidade uma enorme multidão para ver esta raridade, juntando-se em frente da casa onde estavam os padres hospedados. No final, quem saiu da casa “...foi o Irmão Lourenço, japão, que não tem mais que hum olho, do qual ainda nam vê quazi nada, porque do outro hé cego. E como elles esperavam verem hum homem com 4 olhos e tinhão tão formado este conceito, cahio-lhes tanto em graça verem desta maneira o Irmão Lourenço, que não poderão deixar de alevantar as vozes e darem grandes rizadas pelo sucesso ser tão outro do que esperavão.”⁹⁶

A narração ocorre num estilo literário, abundado recursos estilísticos e uma linguagem elegante, variada e expressiva que se pode comprovar através de várias passagens, seguindo-se aqui para exemplificar apenas algumas, como quando os capitães de Bungo, depois de tentarem persuadir o príncipe a abandonar o cristianismo e de serem negados, partiram dissimulando a sua decepção mas “...levando os peitos cheios de venenosa peçonha.”⁹⁷; como o príncipe de Bungo começava “...a dar orelha à falsa serea...”⁹⁸ e a apartar-se, assim, da religião cristã; como a embarcação onde iam os padres, perseguida por piratas, teve “...tanta pressa para que os marinheiros remassem, que parecia voar a embarcação...”⁹⁹, conseguindo salvar-se. Surge, por vezes, o tom irónico, como, por exemplo, na caracterização do “...Fixo de Firando (o qual não hé rei nem por imaginação, mas hum tonozinho pequeno que ainda entre nós, quanto muito conforme a seo estado, poderia ser hum mediocre conde)...”¹⁰⁰, e na descrição do tratamento que um bonzo de um mosteiro deu ao Padre Francisco Cabral e os irmãos que o acompanhavam, que pensavam que ali “...lhes não faltaria arroz (...); mas o bonzo por sua caridade e pela boa vontade que todos os taes nos tem, nem por prata nem de graça o quis dar, e assim ficarão frustrados da esperança que tinhão.”¹⁰¹.

III.1. TEMAS: DO JAPÃO E COSTUMES

⁹⁴ HJ, vol. II, p. 204.

⁹⁵ HJ, vol. II, p. 363.

⁹⁶ HJ, vol. II, p. 364.

⁹⁷ HJ, vol. III, p. 47.

⁹⁸ HJ, vol. III, p. 99.

⁹⁹ HJ, vol. III, p. 247.

¹⁰⁰ HJ, vol. II, p. 71.

¹⁰¹ HJ, vol. III, pp. 87-88.

Além de observador perspicaz e talentoso escritor, Luís Fróis enriqueceu a sua obra com análises de valor sociológico e antropológico, fazendo várias observações acerca do Japão e do seu povo, das suas características, os costumes, o estado de guerra e as batalhas ocorridas, a História geral do país e a Política, a permanência dos mercadores portugueses em terras nipónicas, o clima e a geografia. Muito concisamente, resumirei apenas alguns aspectos dignos de estudo futuro.

Acerca da personalidade geral do povo japonês, diz-se na *História* que este era um povo cortês e polido, que utilizava “...palavras de muitos cumprimentos, de que os japoneses não são nada avaros...”¹⁰², tinha muita consideração pelos seus mestres e senhores, os quais cobriam de cerimónia e cortesias, e atribuía uma importância especial à honra pessoal. Os nipónicos eram, igualmente, soberbos, rivalizando acerca das riquezas e sumptuosidade, atitude bastante diferente da abnegação e humildade dos padres e dos cristãos, e davam extrema importância ao aspecto exterior, como podemos comprovar pelo seguinte segmento: “...os japões ordinariamente não estimão as pessoas estrangeiras, mais que pelo exterior e habito que trazem, porque também os bonzos (...) trabalham por meter todas as velas que podem ao aparato e ostentação de suas pessoas...”¹⁰³. Assim, os japoneses apreciavam e confiavam mais naqueles que aparentavam possuir maior riqueza e boa posição social, e quando se visitava um senhor importante, era necessário uma pessoa esmerar-se no seu vestuário e aparência, e como os padres envergavam vestidos pobres e remendados, não despertavam credibilidade imediata no povo nipónico e muito menos na nobreza do país. Talvez por este motivo estranhassem os actos de caridade feitos pelos jesuítas, como é relatado no episódio em que, em Nagasaki, o Padre Gaspar Vilela, na quinta-feira de Endoenças, lavou os pés a doze japoneses pobres, e “...por ser entre elles couza nova derramavão os christãos de ver este acto de humildade e caridade muitas lagrimas.”¹⁰⁴. Muito é dito acerca dos seus costumes¹⁰⁵, referindo-se aqui somente alguns: No Japão, a “doença de bexigas” era muito comum, e os habitantes das ilhas de Goto odiavam-na tanto como, segunda as palavras de Fróis, na Europa se abominava a peste, portanto, quando algum membro da família sofria dessa doença, era expulso de casa e da sociedade, sendo obrigado a viver no mato até se curarem ou morrerem¹⁰⁶; era assaz frequente as mulheres japonesas fazerem abortos, ou por pobreza, ou por não quererem mais filhos, ou por outros motivos, afirmando o narrador que “...hé couza tão uzada que não há quem a estranhe: humas matão as crianças depois que nascem, pondo-lhes o pé no pescoço e affogando-as, outras tomão mezinhas de certas hervas com que fazem seos aborcios. (...) quem vai pelas menhãs

¹⁰² HJ, vol. II, p. 125.

¹⁰³ HJ, vol. II, p. 13.

¹⁰⁴ HJ, vol. II, p. 325.

¹⁰⁵ Acerca dos costumes e hábitos dos japoneses, Fróis desenvolve este tema na sua obra intitulada *Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de custumes antre a gente de Europa e esta província de Japão*.

¹⁰⁶ Vide HJ, vol. II, p. 121.

ao longo da praia ou das cavas acha muitas vezes estas crianças alli lansadas...”¹⁰⁷; o “harakiri” era um costume comum e muito antigo entre os nipônicos, que consistia em retirar as próprias vidas de modo a conservar a honra, mas por depender do suicídio, afirma o narrador que é um costume “introduzido pelo demonio”¹⁰⁸, contudo, possuindo uma alma tolerante, nem sempre o reprovava, como quando relata o caso da coragem de algumas mulheres fidalgas que, mortos os maridos, os filhos e os parentes, não querendo ficar à mercê dos inimigos, “...se rezolverão a matar-se por sy mesmas, parecendo-lhes que morrerião desta maneira com mais honra cortando suas barrigas, (...) e assim se fizerão com tão varonil animo e esforço, que aos criados e inimigos punhão em admiração.”¹⁰⁹; o assassinio era frequente no Japão, sendo natural mandar logo matar “...por qualquer furto ainda que seja pequeno...”¹¹⁰; entre o Senhor e os seus vassallos, existia um costume curioso que relembra a última ceia de Cristo por consistir também no vinho e na traição. Antes de se partir para a guerra, o Senhor, para comprovar que todos lhe eram leais, juntava os seus servidores para fazerem um juramento, que “...hé tomar vinho em abundancia e offerecê-lo a seos deozes com muitas cerimoniaes que os bonzos fazem, e elles mesmos o vem apresentar diante do tono. Os que se hão-de jurar se ajuntão em huma grande sala, todos gente nobre, e o tono dá a taça a cada hum e enchem-na daquelle vinho, e o que o bebe hé tanto como se dissesse: que a ira de todos os deozes venha sobre elle, se não for athé morte leal ao tono.”¹¹¹.

Sendo o Japão, naquela época, um país em guerra, o autor desta *História* faz referências a batalhas e a problemas que este conflito levantava, afirmando que mesmo quando parecia estar calma a situação, tudo se podia transformar de repente, uma vez que o país do Sol Nascente “...hé a mesma mutabilidade e o reyno mais sujeito a desinquietaçoens que parece haver no universo...”¹¹². Era perigoso viajar porque os assaltantes dos caminhos eram muito comuns, em resultado das contastes pelejas, e havia sempre ladrões e piratas prontos para pilhar e roubar. Por vezes aparecem descrições de contendas inteiras como, por exemplo, a de uma batalha naval que teve como adversários japoneses contra portugueses. Também são descritos desacatos entre daimios, notando-se claramente a preferência do autor pelos cristãos em detrimento dos inimigos de cristianismo, a que chamava tiranos. Mas como Fróis é um autor crítico e perspicaz, nem sempre fechava os olhos em relação aos erros dos exércitos de daimios cristãos, censurando severamente o exército de Bungo por serem os seus membros soberbos e individualistas, não se ajudando mutuamente, perdendo, assim, a guerra contra o daimio de Satsuma, pois, segundo o narrador, em vez de se

¹⁰⁷ HJ, vol. II, p. 183.

¹⁰⁸ “...costume de Japão, introduzido pelo demónio, quando os senhores não podem rezistir aos inimigos, (...) matarem-se a symesmos, tendo isto por mais heroica obra e esforçado animo que morrerem às mãos delles.”, HJ, vol. II, p. 95.

¹⁰⁹ HJ, vol. III, p. 183.

¹¹⁰ HJ, vol. III, p. 40.

¹¹¹ HJ, vol. II, pp. 143-44.

¹¹² HJ, vol. II, p. 350.

preocuparem com as questões da guerra, em rever estratégias, levantar fortificações, gastaram o tempo “...depois de comerem e beberem ad libitum (...) [a] tratar em como farião que a ley dos christãos não procedesse mais adiante...”¹¹³. Fróis explica algumas questões políticas e históricas do país, falando do Imperador, ou *Dairi*, “...que hé senhor absoluto de todo Japão, ainda que não como dantes obedecido.”¹¹⁴, do “...Cubosama, que depois do Dairi hé a suprema dignidade em Japão entre todos os reys e fidalguia...”¹¹⁵, descrevendo acontecimentos como o assassinato do xogum e a situação política de Kyushu, comentando alguns aspectos do funcionamento estratégico-político, como o facto de os senhores do país alcançarem, frequentemente, os seus objectivos graças a enganos e mentiras, dando o exemplo de um inimigo de D. Bartolomeu, que o convidou e ao filho para irem vê-lo à sua fortaleza, alegando paz quando, na verdade, desconfiavam que os queria assassinar com um falso pretexto. O autor desta *História*, ou por ignorância ou para facilitar a leitura da sua obra em países europeus, raramente utiliza os títulos políticos e sociais japoneses, à excepção de *Dairi*, *Cubosama*, *tono* ou *cungue*, procurando fazer corresponder esses títulos a termos europeus que significassem mais ou menos a mesma posição hierárquica, chamando aos dáimios “el-rei” de certa província, quando não existiam reis no Japão, apelidando Vatadono “vice-rei” do Miaco e, numa ocasião, tratando Nobunaga como “...o mais (...) poderoso príncipe...”¹¹⁶.

O autor menciona nesta crónica alguns aspectos relativos à permanência de portugueses no Japão, iniciando frequentemente a narração de cada ano com a informação da chegada de capitães portugueses ao Japão, revelando os seus nomes, e a dos padres que traziam para auxiliar na missão, indicando os nomes e a nacionalidade, como por exemplo: “Neste anno de 1565 veio da Índia por capitão-mor da viagem de Japão Dom João Pereira, filho de Conde de Feira, e veio com a sua nao ao porto de Fucunda e trouxe em sua companhia o Padre Alexandre Valeregio, italiano. Vinhão mais os Padres João Baptista e Bonaventura, hespanhoes...”¹¹⁷. É descrito um episódio de batalha naval em que o *tono* de Hirado ordenou o ataque a um navio de portugueses para ficar com as suas riquezas. Os nipónicos surgiram inesperadamente com uma armada muito grande, apanhando os portugueses desprevenidos, que contavam apenas com uma nau e um pequeno “galiãozinho” onde se embarcaram muitos dos lusitanos que estavam em terra, não tendo tempo de subir para a nau. Os japoneses vinham soberbos e confiantes, começando mal a batalha para os portugueses, surpreendidos pelo espírito impetuoso e a energia dos adversários, contudo, a reviravolta deu-se graças a um salvador inesperado: o pequeno “galiãozinho”, abarrotado dos lusitanos que para lá correram a juntar-se à batalha, que o narrador indica ter sido ali colocado por Deus Nosso Senhor

¹¹³ HJ, vol. III, p. 71.

¹¹⁴ HJ, vol. II, p. 26.

¹¹⁵ HJ, vol. II, p. 12.

¹¹⁶ HJ, vol. II, p. 256.

¹¹⁷ HJ, vol. II, p. 70.

para causar grandes estragos nos navios dos japoneses. Assim, embora havendo “...de huma e outra parte (...) estranho esforço...”, os portugueses saíram vencedores, pois a sua artilharia era superior à dos japoneses, e estes acabaram por retirar-se para salvarem as vidas, humilhados, evidenciando o narrador a ironia de estes últimos, vindos com tantas embarcações e tanta confiança terem, no final, sido derrotados por um único e simples “galiãozinho”, regressando a casa melancólicos e recebidos “...com tão pouca festa...”¹¹⁸. Este episódio é um exemplo de vitória para o lado português, da sua superioridade militar, e uma crítica à soberba e arrogância dos nipónicos, um final feliz para o lado dos lusitanos e trágico para aqueles que, inimigos do cristianismo como o tono de Hirado, tiranicamente tentaram usurpar as mercadorias dos comerciantes lusitanos, sendo as vitórias dos portugueses vistas pelo narrador como vitórias do cristianismo, pois eram ajudados pela mão de Deus, e as derrotas dos gentios associadas ao Seu castigo. Por vezes, os portugueses auxiliavam os japoneses oferecendo-se para combater e emprestando armas, como fizeram com Dom Bartolomeu numa ocasião em que este desejava recuperar umas fortalezas que lhe haviam conquistado, e também prestavam honras a alguns dáimios, como sucedeu aquando do baptismo do mesmo Dom Bartolomeu, tendo o capitão-mor e os portugueses, por conselho dos padres, visitado este dáimio com um presente.

Também são referidas algumas novidades interessantes quer do ponto de vista português como do ponto de vista nipónico, sendo, por exemplo, nova, estranha e mais avançada a medicina europeia aos olhos dos japoneses, ocorrendo vários exemplos da ajuda de padres em questões médicas, nomeadamente a do Irmão Luís de Almeida, e originando um episódio cómico protagonizado por Luís Fróis, que permanecendo num porto de nome Xivacu e estando um vizinho do seu hóspede doente, lhe pedia insistentemente a população que o fosse curar porque acreditavam que, por ser europeu, tinha de ser, também, um grande médico, respondendo o padre que o melhor modo de o fazer era tornar-se cristão. Como não fizeram caso a este conselho, Fróis acabou por lhe mandar uma “pedra de bazar” graças à qual o doente se recuperou, facto que bastou para todos os cidadãos “...se persuadirem que o Padre era medico ensigne: as mulheres trazião àquella caza suas crianças doentes, meninos com braços quebrados, outros aleijados das pernas, outros em muletas doentes de corrimentos, outros com chagas pelo corpo, e enchião a caza do hospede a pedir ao Padre lhe desse mezinhas com que se curassem, o qual dezejou ter alli a graça do apostolo S. Pedro para os consolar e remediar a todos.”¹¹⁹. Da parte portuguesa era, por exemplo, novidade o chá, descrita pelo narrador como “...huma certa herva moida, que a quem a acostuma beber, além de ser gostosa, hé saudavel, que se chama chá.”¹²⁰.

¹¹⁸ HJ, vol. II, p. 73.

¹¹⁹ HJ, vol. II, p. 482.

¹²⁰ HJ, vol. II, p. 39.

III.2. DA RELIGIÃO E CRISTANDADE

Muita da narração existente nesta crónica diz respeito à missão dos jesuítas, os seus obstáculos e estratégias, aos cristãos japoneses, aos amigos e inimigos dos padres e do cristianismo, sendo estes os principais temas que constam nesta obra, mas por serem demasiado extensos e não haver espaço neste trabalho para os desenvolver convenientemente, apenas se tratarão resumidamente alguns. O narrador preocupa-se em explicar o processo ordenado pelo Padre Francisco Xavier para a catequização e preparação dos japoneses para o baptismo, que consistia basicamente em “...primeiramente provar-lhes que havia hum Criador do universo, (...) como a alma apartada do corpo há-de viver para sempre (...) Depois se lhes propoem as seitas de Japão, (...) mostrando-lhes a falsidade de cada huma dellas. E entendido isto, se lhes declara (...) a criação do mundo, a queda de Lucifer e o peccado de Adão. E daqui se lhes vai tecendo a vinda do Filho de Deos ao mundo, sua sagrada paxão, morte e resurreição, ascensão; e a virtude dos mysterios da cruz, juizo final, penas do inferno e gloria dos bem-aventurados...”.¹²¹ Tudo isto era pregado na língua japonesa, que os padres tinham o cuidado de aprender para mais fácil entendimento do povo, e o principal modo de persuasão que desta passagem podemos inferir era a insistência de que a única via de salvação era a conversão à religião cristã, frisando que quem a não seguisse e continuasse crente nas seitas “falsas” iria passar a pós-vida no terrível Inferno, utilizando, para isto, as seitas budistas para maior elevação do cristianismo, indicando as suas alegadas falácias para demonstrar a veracidade da doutrina cristã. Acerca destas seitas, o narrador afirma ter sido um golpe da fortuna existirem tantas no Japão e tão diferentes, pelo que se tornava mais simples a introdução da lei de Deus no país, e muitas vezes se envolviam em disputas públicas contra os bonzos, das quais, segundo Fróis, saíam sempre vencedores os jesuítas e os irmãos bastante facilmente, de modo que melhor convenciam os ouvintes.

São referidos os padres que passaram pelo Japão, os nomes e os feitos, as viagens que percorreram, e são contabilizados os frutos da missão ao indicar-se o número de cristãos que foram baptizados em tal cidade ou tal província numa determinada altura. Muitos foram os obstáculos que os jesuítas tiveram de enfrentar e as estratégias que encontraram para propagar a sua religião. À primeira vista, os padres, a quem chamavam, inicialmente, “Deus”¹²², pareciam ou homens exóticos pelos quais sentiam curiosidade¹²³, ou homens ridículos e estranhos, como se comprova pelo discurso alegadamente proferido pelo cristão Sancho Sangadono acerca da missão dos padres e do cristianismo sob o ponto de vista nipónico: “...hum Padre estrangeiro, cuja lingua, vestidos, trajo e

¹²¹ HJ, vol. II, p. 16.

¹²² “...perguntavão-lhes se erão Deos (...) (porque assim chamão aos Padres e aos christãos).”, HJ, vol. II, p. 28.

¹²³ “E como por aquelles caminhos e reino nunca athé aquelle tempo tinha passado Padre nem Irmão nosso, era tanta a gente que concorria a vê-lo, que às vezes não podia sem difficuldade romper por elles.”, HJ, vol. II, p. 264.

costumes em nossos olhos era tam rediculo, que quando naqueles primeiros principios o viamos, nos não servia de mais que de materia para rir, zombar e escarnecer delle, sem sabermos donde era nem se cahira dos ceos ou nascera da terra.”¹²⁴. Ainda no mesmo discurso¹²⁵, Sancho comenta a dificuldade que uma religião como o cristianismo teve para se poder propagar num país como o Japão, uma vez que a lei cristã era muito distinta dos costumes e mentalidade dos nipónicos, sendo estes vaidosos e fúteis, baseando as suas opiniões naquilo que apenas se via e venerando demasiado os bonzos das seitas budista que eram poderosos, carismáticos, e pregavam o que o povo desejava ouvir: a salvação futura e uma vida repleta de prazeres sem lugar para remorsos. Para escarnecer da “soberba e arrogancia” dos japoneses, em vez de dar por companheiro ao padre estrangeiro “...hum homem illustre ou grande letrado e conhecido entre nós para que sua authoridade e reputação nos incitasse a ouvir sua doutrina.”, deu antes o Irmão Lourenço, “...cego de hum olho e que não vê quasi nada do outro; pedinte, que andava com huma viola tangendo pelas cazas, (...) está elle ainda agora tão ornado de letras, que não sabe nem estudou, nem tem olhos para aprender a primeira letra do a b c; disforme na figura, mal vestido e de tão roim sembrante, que de o verem meos filhos com medo fugião delle.”¹²⁶, uma descrição aparentemente nada lisonjeira mas que esconde, na realidade, uma apologia a este impressionante homem, sem estudos e de aparência tão desagradável, mas tão hábil nas palavras e na sabedoria que logrou convencer os ouvintes de que as suas seitas eram falsas e que o verdadeiro Deus era o cristão, terminando Sancho o seu discurso num elogio aos Padres, verdadeiros heróis por terem conseguido converter tantos ao cristianismo sem força de armas, sem guerra nem opressão, mas apenas com as suas palavras e acções, sendo por Sancho grandemente respeitados, como se tivessem algo “...mais que de homens...”¹²⁷.

Foram abundantes e vários os obstáculos que perseguiram os jesuítas no cumprimento da sua missão, precisando, por vezes, de fugirem disfarçados por não poderem circular livremente por diversas vias ou diversas cidades por serem estrangeiros, como sucedeu ao Padre Vilela que, para sair de Ozaka, teve de disfarçar-se de mercador e envergar um chapéu de pano para não ser reconhecido, sendo-lhes também, ocasionalmente, negado auxílio por serem padres. Eram tratados com desconfiança e injustiça por parte de alguns dáimios que viam o cristianismo como um modo de desobediência, receando que os seus vassallos cristãos preferissem a religião à lealdade que deviam ao seu Senhor, o que, por vezes, sucedia, e alguns, como o de Firando, maltratavam e perseguiram os cristãos, tentavam expulsar os padres e destruíam as igrejas. Os modos utilizados para expulsar e desacreditar os padres eram vários, espalhando-se, por exemplo, o rumor de que estes comiam carne humana e que, por onde quer que passassem, “...athé as arvores, hervas e

¹²⁴ HJ, vol. II, p. 211.

¹²⁵ Vide HJ, vol. II, pp. 210-213.

¹²⁶ HJ, vol. II, p. 211.

¹²⁷ HJ, vol. II, p. 213.

plantas aonde tocavão se secavão logo e os reynos se destruião...”¹²⁸, acontecendo em altura de guerra, muitas vezes, culparem os padres das derrotas nas batalhas, como sucedeu em Bungo, começando os homens “...a deitar culpa de toda a destruição passada aos nossos, dizendo que por el-rey Francisco se ter feito christão e deixada a veneração e culto dos camis e fotoques, recebera Bungo delles tamanho e tão grave castigo...”¹²⁹, pelo que, por vezes, adiavam o baptismo dos dáimios que sofriam revoltas para que não se afirmasse que perdiam por se tornarem cristãos.

Os bonzos eram, geralmente, os piores inimigos dos padres, existindo uma evidente rivalidade, mesmo crueldade, entre os dois grupos, ocorrendo frequentemente na *História* descrições de ataques perpetuados pelos monges budistas às coisas do cristianismo que, por vezes, eram acompanhados de vingança por parte dos cristãos, seguindo-se apenas alguns exemplos: Numa ocasião em que o padre Belchior de Figueiredo viajava de cavalo, foi importunado por um bonzo que o impediu de prosseguir caminho, agarrando as rédeas do seu cavalo e empunhando uma adaga, ameaçando matá-lo se não descesse, algo que o padre logo cumpriu para responder “...com humildade à soberba daquelle mancebo.”¹³⁰; o narrador faz um retrato muito expressivo da opressão com que os bonzos esmagavam os cristãos em Cuchinoçu, que “...andavão já com as cores mudadas, os rostos e os olhos baxos como envergonhados; os bonzos atravessavão continuamente as ruas e a muitos christãos vituperavão e aos outros enchião de ameaças. E para melhor effectuarem seo luciferino dezejo estimulavão com grande vehemencia ao tono que fizesse com os fidalgos e com a gente popular que retrocedessem, e foi tão riguroza e vehemente a persuasão que muitos cahirão...”¹³¹, facto que evidencia a autoridade que os monges budistas detinham sobre o povo e mesmo os senhores mais altos, convencendo-os a perseguirem os cristãos para que desistissem da nova fé, a crueldade com que tratavam os cristãos e a perseverança em impedir que a sua lei propagasse no país, e, também, a dificuldade das pessoas em preservar o cristianismo quando perseguidos daquele modo. Contudo, esta perseguição era vista de forma optimista pelo narrador como o “...principio de tranquila bonança e quietação, (...) que este era o caminho por onde passou Jesu Christo Nosso Mestre e Salvador, e todos os martyres e bem-aventurados que agora gozão de sua vizão beatifica...”¹³². No entanto, é de acrescentar que, conquanto os bonzos atacavam os padres, os cristãos e as igrejas, também os cristãos afrontavam os bonzos e os seus mosteiros, algo que os jesuítas não viam com maus olhos, antes se alegravam com as suas desgraças.

A guerra dificultava a missão dos padres, pois não podiam viajar descansadamente de uns reinos para os outros, e o facto de serem pouco numerosos tornava a situação mais complicada,

¹²⁸ HJ, vol. II, p. 173.

¹²⁹ HJ, vol. III, p. 85.

¹³⁰ HJ, vol. II, p. 378.

¹³¹ HJ, vol. II, p. 465.

¹³² HJ, vol. II, p. 303.

afirmando o narrador várias vezes que eram grandes as “...necessidades (...) que havia em Japão de gente...”¹³³, e surgem muitos relatos de casos em que os padres precisavam de fugir rapidamente e abandonar a igreja e os pertences, dando azo a passagens emotivas e dramáticas, como na ocasião em que o Padre Francisco Cabral teve de escapar de Cuchinoçu pela derrota do dáimio de Bungo: “Era magoa grande e couza sem duvida para se muito sentir ver aquelles caxões e cestos abertos de couzas tão preciosas e ricas estendidas alli pelo chão, de huma parte os retabulos, doutra os livros, doutra os ornamentos com todo o mais recheio daquella nova caza: aonde havia, alem do mais, grande quantidade de peças de damasco, cetins, chamalotes, veludo, almiscre e vinho das missas, que cá hé tão preciozo (...), para em tão breve espaço haver de cahir nas profanas, sujas e indignas mãos dos gentios inimigos d’el-rey e da ley de Deos, que logo as havião de contaminar.”¹³⁴.

Para contrariar tão graves obstáculos, eram necessárias estratégias eficazes, sendo a mais importante de todas a necessidade de converter os dáimios e os senhores mais poderosos ao cristianismo, ou, pelo menos, granjear a sua benevolência e simpatia, uma vez que estes detinham a maior influência sobre o povo e os nobres. Assim, a fama e crédito do cristianismo cresceriam e o povo deixaria de ter tanto receio em converter-se já que não correriam o risco de serem perseguidos pelo seu Senhor, como sucedeu em Yechigen, onde o Senhor do reino recebeu com tanta reverência o padre Luís Fróis que muitos quiseram vê-lo e escutar a sua pregação. Por outro lado, os padres conseguiam obter tanta influência nos cristãos como os bonzos nos seus seguidores, como se comprova pelo conselho que o jesuíta Gaspar Coelho deu a D. Bartolomeu de tornar todos os seus vassallos cristãos de modo que se extinguisse a veneração das seitas budistas das suas terras, a que o dáimio acedeu. Os jesuítas desejavam, infalivelmente, a vitória dos dáimios cristãos sobre os gentios, uma vez que “...do bom sucesso da guerra dependia também o da christandade...”¹³⁵, havendo, também, fabulosos exemplos de lealdade e amizade entre os padres e os dáimios, como foi o caso do padre Francisco Cabral e de D. Francisco de Bungo, afirmando o jesuíta, depois da derrota do dáimio e de este haver mandado a esposa e os padres de volta para a província, que “...elle o havia de acompanhar athé morte.”¹³⁶. Era, igualmente, essencial ter uma base e uma igreja no Miaco, a capital, por ser “...metropoli de todo o Japão, Corte principal, fonte de suas leys...”¹³⁷, onde residiam o Imperador e o xogum. Além de procurar o auxílio da nobreza, os padres ocupavam o seu tempo a fazer favores às pessoas, a ajudá-las e a curar os doentes, não conseguindo, ao início, “...mais fructo que com alguns mancos, leprozos e aleijados, aos quaes curando-os e ajudando-os

¹³³ HJ, vol. II, p. 327.

¹³⁴ HJ, vol. III, pp. 84-5.

¹³⁵ HJ, vol. III, p. 41.

¹³⁶ HJ, vol. III, p. 82.

¹³⁷ HJ, vol. II, p. 433.

com grande amor e caridade se convertião...”¹³⁸, o que provocava escândalo nos gentios, uma vez que estes não entendiam o conceito de caridade e pensavam que o cristianismo era uma religião indigna para as pessoas honradas, pelo que a conversão dos dáimios e dos nobres era essencial. A inauguração de um seminário para os rapazes japoneses foi fundamental para começar a instruí-los desde pequenos no cristianismo e nos conhecimentos da Europa, tendo os padres plena consciência da importância de formar religiosos japoneses para melhor se propagar a lei cristã no país, ocupando os meninos do seminário o tempo em aprender “...a doutrina christã, outros a ler e escrever a nossa letra, (...) outros os caracteres de Japão e da China. Tem suas horas de gramatica e, como são de vivo engenho, dão-se bem com a pronunciação da lingua latina, e não lhes hé peregrina como se cuidava; alguns aprendem o canto d’orgão e offiçião suas missas com muito boa capela.”, sendo motivo de curiosidade do povo observá-los, aos domingos, no recreio, vindo de propósito “...a gente às portas a vê-los como couza nunca vista em Jappam.”¹³⁹. Sendo os costumes nipónicos tão diferentes dos europeus, para que os padres e, consequentemente, a religião que pregavam fossem tidos em melhor opinião, determinou o padre Valignano que os jesuítas agissem em suas casas segundo os hábitos do Japão de modo a aumentar a reputação do cristianismo e o número de conversões, optando os padres por uma estratégia de aculturação, procedendo segundo os hábitos do país onde trabalhavam em vez de manterem alguns costumes tão distintos que espantavam os nativos e pressionarem os cristãos nipónicos a modificarem os seus. Como o povo japonês era naturalmente curioso e prestava maior atenção ao exterior e à magnificência das coisas, os padres utilizavam este facto como meio de maravilhá-los e espantá-los, organizando, por exemplo, o Padre Organtino solenes procissões públicas nas festas religiosas com muita pompa e circunstância, onde se juntavam muitos cristãos, e o povo, chamado pelo barulho, “...concorria (...) a ver a festa e, levados da novidade da couza e da união e amor que os christãos tinham entre sy, muitos movidos por este meio ouvião pregação e se fazião christãos.”¹⁴⁰.

O dia-a-dia dos jesuítas e religiosos consistia em pregar e ensinar os cristãos, em estudar o japonês, traduzir livros, baptizar, presidir aos funerais e estudar as seitas gentias para melhor as poderem refutar e para não serem apanhados desprevenidos nas disputas contra os bonzos. O estudo destas seitas era fundamental para os padres uma vez que, se não soubessem apontar os seus defeitos, a doutrina cristã não causaria tanto impacto e os jesuítas seriam desprezados e tidos como ignorantes, pelo que iam, inclusivamente, assistir às “missas” dessas seitas de maneira a saberem como os bonzos davam os seus sermões e faziam as cerimónias religiosas. A aprendizagem da língua japonesa, por ser um instrumento imediato no contacto com o povo, que não conhecia outro

¹³⁸ HJ, vol. III, p. 161.

¹³⁹ HJ, vol. III, p. 301.

¹⁴⁰ HJ, vol. III, p. 190.

idioma, era essencial, desejando os jesuítas aprendê-la para poderem conversar pessoalmente com os cristãos japoneses, ouvi-los em confissão e pregar-lhes a doutrina. Apesar dos esforços dos jesuítas e religiosos, muitos eram os motivos pelos quais o povo não se convertia, sendo os principais a ganância, pois não queriam os bonzos perder as rendas, o carácter demasiado recto e íntegro do cristianismo que impedia que os soldados conquistassem e pilhassem outros reinos ou que os piratas roubassem o alheio e, também, a “vergonha do mundo”¹⁴¹, tendo muitos japoneses relutância em baptizarem-se por medo da opinião da família, dos vizinhos e dos seus Senhores. Por outro lado, muitos se tornavam cristãos ou por pressão da família, ou do Senhor, e, igualmente, pela perda da fé nas seitas budistas e nos ídolos.

É notório, nesta crónica, o companheirismo existente entre os jesuítas e os irmãos japoneses, ocorrendo vários exemplos desta amizade, como quando o padre Francisco Cabral enviou o único cavalo que tinha para buscar o irmão Luís de Almeida que, por ser velho e doente, não podia vir de outra maneira, apesar de “...o Padre pelas suas [enfermidades] não tinha da cavalgadura menos necessidade que o Irmão, todavia por acudir ao Irmão, dissimulou com a sua.”¹⁴², descrevendo o narrador estas situações com evidente afecto e emoção, relatando como foi grande a “...consolação que todos alli tiverão...”¹⁴³ quando se encontraram os padres Francisco Cabral e Luís Fróis no caminho para se encontrarem com Dom Francisco. O narrador atribui extrema importância e carinho aos irmãos nipónicos, sendo de especial relevância a personagem do Irmão Lourenço, tão elogiado ao longo da crónica pela sua inteligência e carisma, e embora possuísse tão desagradável fisionomia, era um homem de raro valor e qualidades, recebendo constantemente a apologia do narrador e merecendo, também ele, um estudo aprofundado. Muitos outros irmãos são referidos, ficando aqui apenas por referência o capítulo que o autor desta *História* gastou a narrar a história do Irmão Cosme desde que era um pequeno rapaz até se tornar dógico¹⁴⁴, e o capítulo inteiro que dedicou à morte do Irmão Damião, afirmando que embora não fosse próprio desta obra, por ser notoriamente um assunto importante e sentimental para si, conta-nos a vida de Damião, como foi criado de menino na igreja, os sucessos da sua vida, os trabalhos e obras que cometeu pelo cristianismo, narrando, por fim, como adoeceu e como no “...dia do glorioso martyr S. Thomaz, (...) nos disse que era chegada sua hora, e que depressa lhe puzessem diante hum retabulo e lhe metessem a candeia na mão. Acabando isto de se effectuar e elle invocando com suas contas bentas o santissimo nome de Jesus, acabou sua peregrinação e foi gozar do fructo de seos trabalhos”¹⁴⁵.

¹⁴¹ HJ, vol. II, p. 87.

¹⁴² HJ, vol. III, p. 84.

¹⁴³ HJ, vol. III, p. 88.

¹⁴⁴ Vide HJ, vol. II, pp. 409-413.

¹⁴⁵ HJ, vol. III, p. 81.

Graças às suas estratégias e perseverança, os jesuítas lograram converter muitas pessoas, abundando os testemunhos sobre cristãos nobres e corajosos, os seus feitos, as dificuldades, as altercações com os bonzos. Os cristãos japoneses são descritos, por norma, como pessoas insignes, de almas gentis e caridosas, muito fervorosos na sua fé e leais para com os jesuítas. Os padres eram recebidos pelos cristãos com grande amor e reverência, ocorrendo diversas vezes na *História* imagens de ternura como quando um grupo de meninos, para se despedirem do jesuíta que partia, o acompanharam cantando as orações “...diante delle athé á praia onde se havião de embarcar.”¹⁴⁶. A lealdade de que gozavam os jesuítas era tal que sucedia, por vezes, os soldados cristãos preferirem protegê-los do que manter-se ao lado dos seus Senhores, como sucedeu com uns fidalgos cristãos que desampararam o seu Senhor e foram para a igreja proteger os padres dos inimigos, “...determinados totalmente de morrerem com os Padres...”¹⁴⁷, pelo que se comprova como a fidelidade ao cristianismo era, por vezes, mais forte do que a devida ao Senhor.

Ocorrem várias descrições de cerimónias religiosas no Japão, nas quais compareciam os cristãos, segundo afirma o narrador com um nítido orgulho, sempre com muita alegria e fervor, como se fosse “...couza que havia tantos annos dezejavão, e isto com tanta devoção que no tempo da missa erão tantos os suspiros e lágrimas...”¹⁴⁸, sendo impressionante o modo como se relatam as constantes autoflagelações que se infligiam nestas festas, comentando o Padre Valignano, aquando da celebração da semana santa em Takatsuki, ao ver os disciplinantes cobertos de sangue, que “...lhe parecia mais estar em Roma que em Tacaçuqui.”¹⁴⁹, e o que causa maior assombro era o facto de inclusivamente as crianças cristãs praticarem este acto, como é descrito no costume introduzido pelo padre Gaspar Vilela para a celebração das Sextas-feiras d’Endoenças, em que vários meninos cristãos, depois de recitarem a paixão de Cristo chorando “...tantas lagrimas que de ver aquelle acto de tanta devoção em meninos innocentes, quazi todos os circunstantes os ajudavão a chorar (...), deixavão cahir as vestes dos hombros athé a cinta e, dizendo hum Miserere mei Deus, se disciplinavão e sahião disciplinando-se...”¹⁵⁰, actos que o narrador expõe com evidente orgulho pela dedicação extrema destes cristãos que não se importavam de derramar o seu sangue e lágrimas pela “...alegria e gosto que têm das couzas de Deos.”¹⁵¹. Ainda sobre este tema, narra-se um pequeno episódio caricato de um cristão que foi a um acto de penitência pela primeira vez sem saber do que se tratava, portanto, não levando qualquer instrumento para se autoflagelar, e quando viu toda a gente em seu redor a disciplinar-se, “...não achando outro instrumento à mão que fosse mais apto para a disciplina, meteo os dentes em hum braço e começou a morder de maneira em

¹⁴⁶ HJ, vol. II, p. 77.

¹⁴⁷ HJ, vol. II, p. 107.

¹⁴⁸ HJ, vol. II, p. 74.

¹⁴⁹ HJ, vol. III, p. 251.

¹⁵⁰ HJ, vol. II, p. 325.

¹⁵¹ HJ, vol. II, p. 74.

diversas partes delle, que esteve depois das mordeduras alguns dias deitado em cama.”¹⁵². Além das flagelações, aparecem muitos outros exemplos do fervor e afeição por esta nova religião. Como os cristãos japoneses eram muito dados à veneração, levavam as contas pelas quais rezavam nas antigas seitas para que se queimassem e desejavam receber insígnias cristãs, terços, imagens, e quando, por vezes, os padres retardavam a oferta dos terços, prometendo dar-lhos apenas quando aprendessem as orações, estes aprendiam-nas em tempo brevíssimo e iam recitá-las ao padre para os adquirirem depressa. Alguns cristãos, como Sancho Sangadono, faziam disputas religiosas por diversão, propondo alegadas falsidades das seitas budistas e refutando-as com argumentos católicos. Um pequeno cristão, de apenas 13 anos, no seu caminho para se encontrar com o padre Gaspar Coelho, foi importunado por um grupo de gentios que escarneciam da sua religião, pelo que o rapaz, depois de falar em sua defesa, quase matou um deles com uma faca, facto que contou “...ao Padre alegremente, jactando-se daquella vontade que tinha de morrer entre aquelles gentios pela deffenção da ley de Deos Nosso Senhor.”¹⁵³. Pelo número de jesuítas no Japão ser reduzido e pelo facto de não serem bem recebidos por alguns dáimios, havia algumas províncias onde os cristãos ficavam sem padre durante muitos anos, contudo, surpreendentemente, perseveravam a sua fé, como sucedeu em Yamaguchi, ficando os cristãos encantados com a chegada do padre Francisco Cabral, “...derramando especialmente os velhos lagrimas de alegria, exordindo diante do Padre huma comprida narração de seos trabalhos...”, tendo a função de praticar o cristianismo, baptizar e presidir aos funerais cabido a dois velhos cristãos ainda do tempo de Francisco Xavier, sendo impressionante o facto de este grupo ter conseguido manter a sua religião, uma vez que o cristianismo era ainda muito recente entre os nipónicos e, sem guia religioso, facilmente podiam retroceder nesta nova fé e regressar à antiga, o que, segundo a *História*, raramente sucedia.

Os cristãos nipónicos são, por norma, descritos como pessoas honestas e caridosas, contrastando com a caracterização dos inimigos do cristianismo, comentando o narrador que nas fortalezas dos gentios, os vassallos costumavam roubar o seu Senhor quando este não era chegado da guerra, enquanto em Tacaququi, onde todos eram cristãos, em vez de pilharem a fortaleza, protegiam-na dos assaltos que vinham de fora. Unidos “...em amor e caridade...”, pela Páscoa e Natal, os cristãos iam visitar-se uns aos outros e ao padre, e os da capital costumavam oferecer refeição aos que vinham de fora. Os cristãos de exércitos contrários tratavam-se “...com tanto amor e cortezia, como se forão subditos de hum mesmo rey.”¹⁵⁴ e não se atacavam nas contendias, tendo muito cuidado para não se encontrarem no campo de batalha. Sucedem-se nesta crónica diversas histórias de como alguns cristãos se converteram, sendo diversas as razões, ou pela perda de fé nos

¹⁵² HJ, vol. III, p. 302.

¹⁵³ HJ, vol. II, p. 367.

¹⁵⁴ HJ, vol. II, p. 185.

ídolos, ou por conselho da família ou pela admiração que sentiam pela sabedoria dos padres, seguindo-se apenas alguns exemplos: Uma velha muito devota da sua religião foi obrigada a ouvir pregação pelo seu Senhor Dom Protasio, algo que aceitou com muita relutância, narrando Fróis como, na noite anterior, pediu às suas criadas que por nenhum caso deixassem “aquelle demonio”¹⁵⁵, ou seja, o Irmão Damião, ver as suas netas e fazê-las cristãs, e se despediu do seu ídolo de Amida. Apesar de ouvir pregação contrafeita, acabou por se seduzir pelo cristianismo e tornou-se cristã com suas netas; um homem curioso, que seguia a seita dos focuxus, questionava os padres acerca de questões astronómicas porque não concordava com as respostas dúbias que os bonzos lhe davam, e ficou de tal modo satisfeito com as respostas que acabou por baptizar-se, tornando-se cristão principalmente por admirar a sabedoria dos jesuítas, conhecedores da ciência mais avançada da Europa; por vezes, eram milagres que levavam as pessoas a baptizar-se, como sucedeu com uma família que tinha a filha à beira da morte, tendo desesperadamente recorrido a bonzos e a médicos, sem efeito, até aparecer um cristão chamado Leão que lhes assegurou ser o único remédio para a salvação a pequena tornar-se cristã. Assim se fez e a pequena curou-se miraculosamente, convertendo-se de seguida toda a família. Depois de convertidos, muitos dos novos cristãos mudavam radicalmente os seus hábitos e comportamentos, ocorrendo alguns exemplos destas súbitas transformações como foi o caso de Sósat, que raptara uma donzela e obrigara-la a casar-se com ele, tornando-se “...em breve tempo hum dos melhores christãos que havia no Goquinai...”¹⁵⁶.

Muitas eram as perseguições e injúrias sofridas pelos cristãos, maltratados pelos gentios e pelos bonzos. Nas ilhas do Goto, por exemplo, tornou-se governante um inimigo do cristianismo que não desejava a propagação daquela religião em suas terras, insistindo fortemente que os principais cristãos seus vassalos renegassem o cristianismo, mas todos responderam, segundo Fróis, que preferiam perder as vidas e as casas a abandonarem a sua religião, acabando estes cristãos por partir para Nagasaquí. Contudo, estas afrontas eram frequentemente vingadas, não perdendo os cristãos oportunidades de atacar os bonzos e os seus templos, descrevendo o narrador algumas com aparente satisfação ou, pelo menos, com total falta de repreensão. Mesmo as crianças participavam nestas retaliações, dando uns “...meninos hum assalto com muita alegria em os simiterios de seos antepassados e não ficou couza que não destruíssem, como se lhe tiverão já de muito tempo odio.”¹⁵⁷. Quando um padre, em Macçubara, foi, segundo o narrador, somente pregar o cristianismo, os japoneses que o ouviram discursar sobre as supostas falsidades e mentiras das seitas budistas e dos seus bonzos, “...sem esperarem pela segunda pregação, como se o Padre lhe dissera: destrui os templos e queimai os pagodes...”¹⁵⁸, foram de seguida destruir um pagode que ali estava. Um

¹⁵⁵ HJ, vol. III, p. 293.

¹⁵⁶ HJ, vol. II, p. 167.

¹⁵⁷ HJ, vol. II, p. 77.

¹⁵⁸ HJ, vol. II, p. 425.

homem chamado Rinxei, depois de ouvir pregação, decidiu incendiar vários templos, e quando um Irmão lhe perguntou por que razão queimava edifícios que podiam servir de igrejas, respondeu que não desejava que servisse para culto de Deus um espaço que havia servido para o culto do demónio, querendo apagar a memória destes lugares. Era natural os novos cristãos destruírem as estátuas dos ídolos e pegar-lhes fogo, com a autorização dos padres, pois algumas vezes os levavam às igrejas para os queimarem ali, e numa ocasião, em Cuchinoçu, umas crianças levavam os ídolos arrastados no chão, cuspendo-lhes e, segundo o narrador, “...fazendo-lhe a honra que elles merecião.”¹⁵⁹.

Fróis, embora fosse um escritor parcial, não se limita a referir apenas os cristãos bons e honrados, mencionado também aqueles que pecaram ou traíram o cristianismo, fazendo questão de narrar como estes acabavam por ser castigados graças à justiça divina. Dois homens que retrocederam na fé cristã levaram para casa bocados de uma cruz que havia sido cortada, afirmando ser “...ignorancia adorar dous paos secos...”¹⁶⁰, e logo não apenas os dois mas também as respectivas mulheres morreram miseravelmente, sobrevivendo apenas um que, alegadamente, confessou que havia errado, deixando-o Deus, por castigo, convescido da sua doença mas manco, facto de que se alegra notoriamente o narrador por graças a “...esta e outras semelhantes couzas que tem acontecido em diversas partes, vierão os christãos em Japão a ter especial devoção à santissima cruz.”¹⁶¹. Noutra ocasião, três homens casados repudiaram as suas mulheres cristãs e juntaram-se a mulheres gentias, pelo que morreram cruelmente, e o terceiro, depois de desterrado e de passar por muitas dificuldades, segundo nos relata o narrador, acabou por se reconciliar com Deus e se casar com a segunda mulher depois de esta se converter ao cristianismo e da primeira falecer.

Apesar de não poupar os maus cristãos, são mais abundantes as descrições dos melhores, podendo-se distinguir, na *História*, os mais insignes cristãos e defensores do cristianismo, referindo-se aqui apenas alguns: Um deles foi Constantino, um cristão fervoroso que auxiliou a sua religião a propagar, dizendo ele próprio pregação num altar que construiu, numa terra onde não havia padres, recebendo injúrias e menosprezo mas logrando também converter algumas pessoas, viajando por “...por grandissimos frios e neves, chuvas, maos caminhos e perigos de ladrões (...) com grande alegria e contentamento...” para na capital se confessar, comungar e esclarecer as suas dúvidas sobre o cristianismo com o padre Luís Fróis, acabando por pedir-lhe que o ensinasse a baptizar, ocupando os seus dias do mesmo modo que os ocupavam os padres, ensinando a doutrina cristã, baptizando, visitando os doentes e disputando com os bonzos, pelo que começaram os gentios a chamar “...àquella nova christandade os discipulos de Constantino.”¹⁶²; Vatadono foi, sem dúvida, um dos maiores protectores do cristianismo e do autor desta *História*, o “vice-rei” da capital,

¹⁵⁹ HJ, vol. II, p. 300.

¹⁶⁰ HJ, vol. II, p. 467.

¹⁶¹ HJ, vol. II, p. 468.

¹⁶² HJ, vol. II, p. 369.

capitão de Nobunaga e o principal intercessor entre Fróis e Nobunaga, tendo organizado o primeiro encontro entre ambos. É descrito como “...homem prudente e intimo amigo do Padre...”¹⁶³, recebendo constantes elogios e afirmando o narrador que “...nunca houve em Japão nenhum príncipe que com tanto affecto e entranhas de amor assim ajudasse e favorecesse a ley de Deos e os Padres e tanto fizesse por suas couzas como este.”¹⁶⁴. A sua morte é narrada com notória tristeza e emoção da parte de Fróis, que transcreve integralmente para o propósito uma carta que ele próprio escreveu, o que torna o momento mais solene e sentimental, referindo ao longo da missiva a dor pela perda daquele tão grande amigo, os actos mais nobres que fizera em vida, a bondade e amor com que sempre tratara os padres e irmãos, lamentando muito que tivesse morrido ainda gentio, pois tinha esperança que, mais cedo ou mais tarde, Vatadono se converteria ao cristianismo. Narra ainda na sua carta, que confessa “...muitas vezes depois de ter esta começada suspendi a penna prorrompendo em muitas lágrimas e soluços cada vez que se me representa o lastimoso espetaculo de sua infelice morte...”¹⁶⁵, comentários que apenas servem para aumentar a emotividade e dramatismo, a referência com que os tratava, a sua insistência em tê-los para jantar em sua casa, arranjando sempre tempo para recebê-los embora fosse um homem muito ocupado pelo cargo político que exercia, visitando Fróis quando este esteve doente, ficando muito tempo “...a tomar-me o pulso, mostrando tanto sentimento em suas palavras de minha doença como se eu fora filho ou irmão seo.”¹⁶⁶, e por todos estes motivos “...mais parecia pay dos christãos que Vice-Rey do Miaco.”¹⁶⁷. Segundo o narrador, morreu como um herói numa batalha contra um exército mais numeroso que o seu em que todos os seus soldados pereceram, combatendo Vatadono bravamente até, repleto de feridas causadas pelas espingardas, ser decapitado por um inimigo que, igualmente trespassado dos golpes de Vatadono, caiu logo também morto, não tendo o seu assassino tempo de se vangloriar, pois acabou por morrer pelas feridas que o homem que acabava de matar lhe havia infligido; entre outros dáimios cristãos, Otomo Yoshishige, o dáimio de Bungo, é retratado como um dos melhores cristãos e apoiantes dos padres, sendo “...homem prudente, e de grande engenho e sagacidade...”¹⁶⁸, guerreiro e político arguto por ter conseguido conquistar cinco reinos e os manter em paz pelo bom governo que exercia. Foi o primeiro dáimio que favoreceu os padres e o cristianismo, escrevendo cartas recomendando os padres e gostando particularmente de conversar com os portugueses, protegendo os cristãos e os religiosos contra os ataques dos bonzos e dos gentios, acudindo “...logo com muita presteza, mostrando em tudo que os dezejava mais favorecer

¹⁶³ HJ, vol. II, p. 295.

¹⁶⁴ HJ, vol. II, p. 262.

¹⁶⁵ HJ, vol. II, p. 343.

¹⁶⁶ HJ, vol. II, p. 347.

¹⁶⁷ HJ, vol. II, p. 344.

¹⁶⁸ HJ, vol. III, p. 7.

que aos seos naturaes.”¹⁶⁹; Dario Tacayamadono e o seu filho Justo Ucondono são outros dos cristãos mais relevantes da *História*. Dario era um homem caridoso e amável para com todos os cristãos, narrando-se sobre ele um episódio caricato em que se vestiu de padre nas celebrações da Quaresma em Tacaçuqui. Não tendo o Padre Organtino ajuda suficiente, pediu-lhe Dario com muita insistência que o deixasse auxiliar em algo, pelo que o padre o vestiu com “...a sua sobrepeliz e deo-lhe a cruz que a levasse na procissão dos Ramos.”, e Dario, abandonando logo a sua espada, levou a cruz “...com tanta reverencia, modestia e compasso como se fora sacristão de alguma religião muitos annos.”, o que provocou tanto gargalhadas como lágrimas emocionadas da parte das mulheres, agradecendo muito, no final, Dario a Organtino a “...tamanha honra como era vestir o habito branco do Padre!”¹⁷⁰. Justo Ucondono é descrito como um mancebo muito correcto e inteligente, grande conhecedor e amador do cristianismo, sendo um dos “...mais esforçados capitães que tem Nobunanga, hé tão humilde e sogeito à Igreja e aos Padres, que tratando com elles mais parece hum criado de caza que hum senhor tão grande...”¹⁷¹.

Apesar de desprezar as seitas budistas, Fróis não deixa de explicar e caracterizar em certos capítulos alguns dos Deuses das seitas do Japão de maneira puramente informativa, descrevendo algumas festas religiosas, hábitos e costumes, como, por exemplo, a festa “Von”, na qual “...alguns devotos de Amida, homens seculares e baxos, andão das dez horas da noite até as duas e tres depois da meia noite invocando seo nome para provocar a gente a devoção, e para isso vão tangendo pelas ruas devagar em humas bacias ao som das vozes, que lhe faz a muzica mais sonora; e os que são daquella seita sahem às portas com esmolos que lhe dão para levarem aos bonzos.”¹⁷², e o discurso de um bonzo da seita que venera Amida, que consistia em “...persuadir aos circunstantes que em nenhuma forma desta vida deixassem de venerar, e ter grande reverencia e acatamento ao nome santo de Amida, pois nelle tinham certa a salvação, e que nenhuma ley seguissem senão a esta...”¹⁷³. Os bonzos são, naturalmente, muito criticados, tratados como os piores inimigos do cristianismo, acusando-os o narrador de serem hipócritas e de fingirem mesmo a devoção às suas próprias seitas, reprovando as suas vidas pecaminosas, especialmente a sua ligação aos prazeres do corpo, a influência que detinham nas pessoas, que lhes davam o seu dinheiro e comida, enganando-as, roubando tanto ricos como pobres, acrescentando ainda que, embora soubessem que a verdadeira era a lei de Deus, não se convertiam para não perderem as riquezas, a veneração do povo e não ficarem privados dos prazeres que aos padres e cristãos estavam proibidos. O ódio era, naturalmente, recíproco, afirmando o autor desta *História* que o motivo da inimizade

¹⁶⁹ HJ, vol. III, p. 8.

¹⁷⁰ HJ, vol. II, p. 421.

¹⁷¹ HJ, vol. III, p. 250.

¹⁷² HJ, vol. III, pp. 33-34.

¹⁷³ HJ, vol. II, p. 32.

dos bonzos era o facto de saberem que a religião cristã era contrária aos seus pecados, portanto, “...bramião, rugião os dentes, convocavão seos sequazes e desfazião-se em dezejões de punir e matar os Padres.”¹⁷⁴, empunhando alguns deles armas com que combatiam e matavam. Apesar de tudo, alguns bonzos convertiam-se, contando, depois, aos padres certos “...segredos e enganos das seitas de Jappam que os bonzos por nenhum cazo manifestão ao povo.”¹⁷⁵.

Assim como abundam os relatos sobre os melhores cristãos e apoiantes do cristianismo, também abundam aqueles sobre os maiores inimigos e perseguidores. O Demónio, “inimigo da geração humana”¹⁷⁶, é, nesta *História*, tratado quase como um personagem, sendo o principal inimigo do cristianismo e a quem se atribuem todos os problemas e desgraças dos padres, utilizando os seus sequazes, os bonzos e restantes opositores do cristianismo, para importunar os jesuítas e os cristãos, muitos acabando, no entanto, por sofrer a justiça divina, ocorrendo vários exemplos das suas mortes violentas: um homem de nome Axinoyama, opositor do cristianismo, teve uma morte humilhante pois, ao invés de combater, fugiu dos inimigos, despindo as suas vestes de linho para correr mais depressa, acabando por pedir misericórdia nú, de joelhos no chão e mãos levantadas, algo que pareceu aos inimigos “...couza indigna de sua nação tanta fraqueza e afeminado animo...”¹⁷⁷, pelo que o assassinaram; um bonzo insolente que incendiou a igreja de Homura teve uma morte caricata, pois decidiu vestir uma sobrepeliz que encontrou para escarnecer dos padres, contudo, vendo-o um soldado, julgou que ele fosse alguém da igreja, por isso, matou-o; um mancebo de Arima, por persuasão dos bonzos, fez uma cruz e pendurou-a ao pescoço de um cão para detrimento da fé católica, contudo, o dáimio Dom André, cristão, viu o cão e, ultrajado, mandou chamar este jovem à sua presença e mandou executá-lo; o mestre do mosteiro dos jexus em Bungo era um homem muito arrogante, que tratava todos com desprezo e era adorado como “oráculo divino”, mas como “...Deos N. Senhor aborrece tanto nos homens esta luciferina soberba, não permitio que curasse muito tempo nesta sua desenfreada estimação...”¹⁷⁸, e assim ficou louco, acabando numa prisão. Alguns destes inimigos eram gentios e bonzos sem importância, pertencentes ao povo, que provocavam ocasionalmente algumas crueldades, enquanto outros eram pessoas importantes, gente nobre que perseverava em assolar o cristianismo. Um deles foi Taqueno Uchisami, um dos responsáveis pela expulsão de Fróis da capital, que se tornou bonzo e iniciou uma nova seita de Xaca cuja regra principal era desprezar o cristianismo e aqueles que o pregavam. As razões para odiar os Padres e a sua religião eram simples, baseando o bonzo a sua crítica não à sua doutrina mas àqueles que a pregavam, “...huns estrangeiros ignorantes que não sabião os

¹⁷⁴ HJ, vol. II, p. 105.

¹⁷⁵ HJ, vol. III, p. 297.

¹⁷⁶ HJ, vol. II, p. 235.

¹⁷⁷ HJ, vol. II, p. 193.

¹⁷⁸ HJ, vol. III, p. 9.

costumes e leys de Japão.”¹⁷⁹, o que demonstra a desconfiança e desprezo de alguns nipônicos por aquilo que era novo, estrangeiro e diferente, adotando uma atitude rude para com os padres que Fróis descreve expressivamente: “...e aonde quer que encontrava o Padre ou Irmão nosso, virando para outra parte o rosto, cuspiam e escarravam mostrando no semblante que de somente nos ver, se lhe cauzava nauzea e aborrecimento e que de coração os desprezava.”¹⁸⁰, acabando por ser assassinado a mando de Nobunaga. Ysafai era um “cruel inimigo” de D. Bartolomeu e da cristandade, descrevendo o narrador a sua morte de forma caricata. Sofrendo de uma hérnia, aconteceu um dia subir a uma varanda que ainda não tinha o chão seguro e, pondo mal o pé, “...cahio com o corpo em cheio sobre as traves da mesma varanda metendo os pés por entre ellas e, por ser homem grosso e pezado, levou debaxo a ernea, a qual se lhe agravou de maneira que em breves dias morreo daquelle desastre.”¹⁸¹, um relato que não deixa de ser risível pela forma humilhante como é contado, reduzindo este inimigo a um homem ignóbil que mereceu uma morte ridícula. Uma das maiores inimigas do cristianismo retratada na *História* é, sem dúvida, a primeira mulher de Dom Francisco, mulher tão vil que é apelidada por Fróis e pelos religiosos de Jezebel, um nome apropriado. Sendo muito afeiçoada às seitas e ao culto dos Kamis e de Buda, desprezava o cristianismo e os cristãos, agindo impulsiva e fogosamente quando via alguém ostentando terços ou qualquer relíquia ligada a essa religião, afirmando o narrador que “...com grande indignação lhas tomava e as metia no fogo.”¹⁸², não querendo, obviamente, que nenhum dos seus familiares se baptizassem, enfurecendo-se ao descobrir que Dom Francisco o fizera e dizendo, alegadamente, palavras duras contra a igreja e os padres, que “...se aquella igreja que alli está já fora destruida e queimada á muitos annos, e se matarão aquelle mao enganador o Irmão João, e lhe torcerão a cabeça como à galinha, não viera el-rey agora a tanta demencia e desventura.”¹⁸³. O castigo que teve pela sua crueldade foi ser repudiada pelo seu marido, que foi viver com outra mulher, pelo que tentou suicidar-se para manter a sua honra, mas não o permitindo as suas filhas e criadas, tentou vingar-se da nova mulher do dáimio, fazendo muitas oferendas e sacrifícios aos ídolos, gastando “...muitas horas dos dias com bonzos e feiticeiros, perguntando-lhe com grandes suspiros e lagrimas que remedio lhe poderião dar para que morresse aquella sua inimiga.”, aconselhando os bonzos que fizesse um feitiço para torná-la cega, mas “...quiz Deos N. Senhor que lhe sahio pelo contrário, porque ella mesma se começou a achar mal dos olhos, e a outra, que era naturalmente mal disposta, a convalecer.”¹⁸⁴.

¹⁷⁹ HJ, vol. II, p. 252.

¹⁸⁰ HJ, vol. II, p. 252.

¹⁸¹ HJ, vol. II, p. 430.

¹⁸² HJ, vol. III, p. 13.

¹⁸³ HJ, vol. III, p. 25.

¹⁸⁴ HJ, vol. III, p. 14.

CAPÍTULO IV: RETRATO DE ODA NOBUNAGA SEGUNDO A *HISTÓRIA DO JAPÃO*

IV.1. APRESENTAÇÃO

Oda Nobunaga é uma das personagens de maior relevo na *História do Japão* de Luís Fróis, um dos seus principais Heróis, sendo uma das mais, senão mesmo a mais evidenciada e prestigiada figura salientada pelo narrador. As acções e sucessos que Nobunaga protagonizou foram numerosos, no entanto, o narrador afirma que a intenção da sua *História* não era escrever uma biografia completa deste homem fascinante, demonstrando deste modo que muito haveria para contar e que seria necessária uma crónica inteira para tal¹⁸⁵. Apesar de Nobunaga não ser o propósito e o centro desta crónica, as páginas a ele dedicadas são consideráveis e, ao contrário do que acontece com muitos outros personagens de relevo, Fróis não se limita a citar o seu nome e a mencionar acontecimentos por ele protagonizados, mas ainda o descreve física e psicologicamente, narrando em pormenor o seu passado e o seu caminho para se tornar Senhor Absoluto do Japão, como quase conseguiu, atribuindo especial destaque à sua relação com os Padres e a religião que professavam, ao ódio que nutria contra os bonzos e às suas conquistas militares.

Fisicamente, “...de mediana estatura, delgado do corpo, de pouca barba...”¹⁸⁶, não parecia ser um homem muito impressionante. O que, de facto, impressionava, além da sua voz possante, “muito entoada”¹⁸⁷, referida mais do que uma vez, era a sua interessante e complexa personalidade. Era um homem que atribuíra uma importância vital à honra e à justiça, na qual era, geralmente, rigoroso, impulsivo e implacável. Era rápido a matar, mesmo com as próprias mãos, não mostrando grande preocupação nem respeito pela vida humana, como se pode ver, por exemplo, no caso em que decapitou um homem, sem aviso, pelas próprias mãos, apenas por tê-lo visto fazer uma descortesia a uma senhora fidalga (“...[o homem] zombando alevantou hum pouco o manto a huma mulher fidalga para lhe ver o rosto, acertou de o ver Nobunaga e logo alli diante de todos elle por sua mão lhe cortou a cabeça.”¹⁸⁸). Vingativo e orgulhoso, “...não deixava passar sem castigo offensa que se lhe fizesse...”¹⁸⁹; zangava-se facilmente mas, apesar da sua agressividade, em “...algumas obras uzava de humanidade e mizericordia...”¹⁹⁰. Reservado, não confiava os seus pensamentos a ninguém, preferindo tomar decisões sozinho, pouco ou nada requisitando ou prestando atenção aos conselhos dos outros. Altivo e arrogante, tinha-se a si próprio em grande conta, desprezando “...a

¹⁸⁵ “Porque não hé proprio desta Historia nem de nosso intento particularizar aqui mais por extenso as couzas todas que Nobunaga fez nos quatorze annos que reinou...”, HJ, vol. II, p. 259.

¹⁸⁶ HJ, vol. II, p. 239.

¹⁸⁷ HJ, vol. II, p. 369.

¹⁸⁸ HJ, vol. II, p. 244.

¹⁸⁹ HJ, vol. II, p. 239.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

todos os reys e principes de Japão (...) e lhes fallava por sima do hombro como a servos inferiores...”¹⁹¹, apesar de gozarem de títulos superiores ao seu, dirigia-se-lhes como do alto de um pedestal, tratando “...quazi a todos (...) por tu...”¹⁹². Em contraste, “...com o mais triste e desprezado criado fallava familiarmente...”¹⁹³, parecendo que somente tratava os nobres e fidalgos daquele modo altivo para demonstrar que ele próprio era superior a qualquer um deles, por mais nobre que fossem os seus títulos e o sangue, não eram merecedores do seu respeito. Além de tudo isto, era um homem inteligente, lógico, racional, “...de bom entendimento e claro juízo...”¹⁹⁴, e, por vezes, “...tinha algumas sombras de malenconia...”¹⁹⁵. O narrador continua a sua larga descrição de Nobunaga enumerando uma vasta lista das suas características e qualidades. Gastava poucas horas do seu tempo a dormir, não dava muita importância a certos prazeres corporais tais como a comida e a bebida, não consumindo “...vinho, no comer parco...”¹⁹⁶, antes preocupava-se grandemente com a limpeza e a perfeição das suas coisas. Apesar de o narrador afirmar que Nobunaga “não era cobiçoso”, era, no entanto, extremamente rico e possuidor de inúmeros tesouros que adorava coleccionar, sendo os seus favoritos “...peças de grande nome de chanoyu, bons cavalos e catanas, (...) caçar com falcões...”¹⁹⁷, além de apreciar grandemente música. Era um homem “...em extremo grao temido e venerado de todos...”¹⁹⁸, salientando-se o uso do advérbio “todos”, incluindo “reys e príncipes”, e os seus próprios filhos, “...que se não atrevião a fallar livremente com elle, e guardavão-se de fazer couza que o descontentasse.”¹⁹⁹, sendo em tudo “...obedecido à risca.”²⁰⁰. Tratavam Nobunaga como se este fosse o “senhor absoluto”, apesar de, teoricamente, não o ser, pois não chegou a conquistar todos os reinos do Japão nem a tornar-se Imperador, no entanto, a fama e poder de que gozava permitiram-lhe atingir esse patamar de autoridade máxima do seu país. Gostava de ir directo ao assunto, sendo “...inimigo de dilações e grandes preambulos quando se com elle fallava...”²⁰¹, e detestava ser confrontado, por exemplo, proibindo as pessoas de aparecer armadas diante de si.

Deste modo descreve o narrador em poucas linhas o que foi, no geral, a pessoa de Nobunaga, a sua personalidade, gostos e características, que, ao longo da *História*, serão comprovadas pelos episódios por ele protagonizados e, ainda, acrescentadas e desenvolvidas, pois muito há para descobrir e se dizer sobre esta impressionante figura.

¹⁹¹ HJ, vol. II, p. 239.

¹⁹² HJ, vol. II, p. 282.

¹⁹³ HJ, vol. II, p. 240.

¹⁹⁴ *Ibidem*.

¹⁹⁵ *Ibidem*.

¹⁹⁶ HJ, vol. II, p. 239.

¹⁹⁷ HJ, vol. II, p. 240.

¹⁹⁸ HJ, vol. II, p. 239.

¹⁹⁹ HJ, vol. III, p. 202.

²⁰⁰ HJ, vol. II, p. 240.

²⁰¹ *Ibidem*.

IV.1.1. ORIGENS E ASCENSÃO

Sendo Nobunaga o simples “...filho segundo de hum tono que era senhor de dous terços do reino de Voari.”²⁰², o seu futuro não parecia muito promissor, uma vez que apenas herdara uma pequena parte do reino, não sendo sequer o filho mais velho e legítimo herdeiro, e não assumindo o seu pai nenhum cargo de relevo, sendo somente “hum tono”²⁰³ possuidor de pouca propriedade. Apesar de uma origem relativamente humilde e de ser árdua a sua tarefa para alguém nascido num berço sem grandes privilégios, Nobunaga conseguiu elevar-se a “Senhor da Tenca”²⁰⁴, como é, por vezes, apelidado, e seria “...de idade de 37 annos quando começou a governar a Tenca...”²⁰⁵.

O seu irmão mais velho, sucessor do legado familiar, assumiu o cargo do pai após a morte deste, como era natural, mas porque Nobunaga era “...belicozo, soberbo e arrogante...”²⁰⁶, com poderosas e largas ambições, não podia consentir ficar abaixo do seu irmão nem contentar-se com a pequena parte do reino que havia herdado. Visto que era “...sagacissimo em ardis...”²⁰⁷, com enganos e calculismo, logrou derrotar o irmão: fingindo-se doente, de cama, depois de muita insistência conseguiu que o irmão, desconfiado, o fosse visitar no seu leito de enfermo. Num gesto aparentemente inócuo, o seu irmão pegou no pulso que Nobunaga lhe estendeu e este, “...com grande velocidade e ligeireza...”, tomou um punhal que já tinha pronto e “...logo alli o matou!”²⁰⁸. Este gesto frio e impiedoso de assassinar o próprio irmão graças a um falso pretexto espantou tudo e todos, incluindo o próprio narrador, contudo, este não transpõe qualquer crítica ou observação a tal acontecimento, limitando-se a descrevê-lo com notória admiração pelo espírito implacável de Nobunaga. Depois de afastado o irmão, Nobunaga precisou de derrotar em batalha o Senhor que possuía o resto da província de Owari, logrando-o “...com facilidade...”, e, assim, converteu-se no “...senhor absoluto do reino de Voari.”²⁰⁹, por fim *dáimio*²¹⁰ do seu próprio reino. Porém, a ambição de Nobunaga não se limitava à sua pequena província, pois o seu desejo era “senhorear”²¹¹, ou seja, alargar o seu domínio por todo o Japão, mergulhado na guerra civil sem haver nenhum poder político e militar que se sobrepusesse aos demais. Começou a sua conquista pela província vizinha,

²⁰² HJ, vol. II, p. 239.

²⁰³ “Palavra japonesa que ainda hoje designa o *senhor*, e que era usada no século XVI para designar os senhores feudais, desde pequenos capitães de fortalezas até grandes *dáimios*.”, COSTA, 1998: p. 817.

²⁰⁴ “*Tenka* - Literalmente significa o mundo ou o que está debaixo do Céu. Palavra utilizada para designar o Japão num sentido político (o estado) ou geográfico (o país).”, *ibidem*.

²⁰⁵ HJ, vol. II, p. 239.

²⁰⁶ HJ, vol. II, p. 240.

²⁰⁷ HJ, vol. II, p. 239.

²⁰⁸ HJ, vol. II, p. 240.

²⁰⁹ *Ibidem*.

²¹⁰ “*dáimio* – Do japonês *daimyô* (literalmente *grande nome*), palavra que designa os senhores feudais que, a partir de meados do século XIV, “souberam isolar do Estado uma porção do território nacional e assegurar a sua autoridade sobre os diversos grupos da população”, COSTA, 1998: p. 814.

²¹¹ HJ, vol. II, p. 241.

Mino, onde tirou proveito de mais uma das suas inteligentes estratégias militares, explicada noutro capítulo deste trabalho, e submeteu o reino.

IV.1.2. RESTITUIÇÃO DO CUBOSAMA

O episódio em que Nobunaga restituiu o “Cubosama” ao seu cargo, em 1568, tem um enorme relevo, pois demonstra o poder e influência que este havia atingido, marcando o começo das suas grandes obras e permitindo-lhe mostrar-se a todos como o homem mais apropriado para se tornar o Senhor absoluto do Japão.

O legítimo sucessor ao cargo de *Cubosama*, ou xogum²¹², a posição política mais prestigiada imediatamente após a do Imperador, era um bonzo superior de um mosteiro que, perseguido pelos assassinos do seu irmão, o antigo xogum, sozinho e indefeso, sem autoridade nem exército, não podia reclamar o que era seu por direito. Para poder obtê-lo, pediu ajuda militar a outros senhores, mas nenhum aceitou tomar tarefa tão árdua e perigosa senão Nobunaga, que, como era “...valerozo e de grande animo, aceitou logo...”²¹³ esta empresa sem hesitar, uma vez que, segundo o narrador, não temia as tarefas difíceis e perigosas, e também, provavelmente, viu esta ocasião como uma oportunidade de demonstrar o poderio que havia atingido. A sua ousadia e pragmatismo eram qualidades de louvar e extremamente úteis para ultrapassar obstáculos, nomeadamente quando, a caminho da capital, passando pela província de Omi com o seu exército, o dáimio desta teve, segundo o narrador, medo de Nobunaga e decidiu fazer-lhe frente, tentando impedi-lo de passar pelos seus domínios. Nobunaga não se deixou intimidar por este imprevisto, confiante no seu poder militar, e marchou contra a fortaleza principal “intrepido” e com um “...grosso exercito...”²¹⁴. Ali conseguiu fazer aquilo que parecia impossível: atacar e conquistar a fortaleza que era “...ao parecer humano inexpugnável...”²¹⁵, e deste modo, sem o esperar quando havia partido na sua missão de restituir o xogum, conquistou a maioria de Omi. Este feito imprevisível e repentino, mas ao mesmo tempo “valerozo”, surpreendeu de tal maneira os dáimios das cinco províncias do *Gokinai*²¹⁶ que todos se lhe renderam, simplesmente por medo e admiração. Em pouquíssimo tempo e quase sem trabalho nenhum, conseguiu Nobunaga tomar posse de sete reinos, seis deles entregues de bandeja.

Graças à fama das suas vitórias fáceis, “...a potestade e apparato com que vinha...” cometer as suas conquistas e à intimidação dos seus impressionantes “...mais de sincoenta mil homens...”

²¹² “Do japonês *shôgun*, que significa general. Palavra que designa o chefe militar do império. A partir de 1185 tornou-se no cargo que detinha o poder efectivo no Japão...”, COSTA, 1998: p. 817.

²¹³ HJ, vol. II, p. 242.

²¹⁴ *Ibidem*.

²¹⁵ *Ibidem*.

²¹⁶ “As cinco províncias centrais do Japão, situadas em torno de Miyako: Yamashiro, Yamato, Settsu, Kawachi e Izumi.”, COSTA, 1998: p. 815.

com que veio ao *Miaco*, colocou todos a seus pés, ninguém foi capaz de fazer-lhe frente, e restituiu sem problemas o novo xogum, Ashikaga Yoshiaki, ao seu legítimo lugar com “...grandíssimo triunfo...”²¹⁷, uma imagem que transparece enorme grandeza, como se este feito militar tivesse sido, na verdade, um cortejo magnífico engendrado por Nobunaga.

O cargo de xogum era, teoricamente, de grande honra e autoridade, apenas inferior ao de Imperador, e, por este motivo, pode-se supor que Nobunaga, ao ajudar aquele bonzo indefeso a colocar-se numa posição tão privilegiada em vez de ele próprio se ter proclamado a si xogum, posicionou-se deliberadamente numa situação mais modesta daquela do homem a quem fez tal favor. No entanto, sou da opinião que tal gesto aparentemente humilde não foi, de todo, inocente, e que este favor a Ashikaga Yoshiaki demonstrou apenas a superioridade de Nobunaga em detrimento da fragilidade deste xogum, que sozinho não podia subir ao cargo que lhe pertencia e nem sequer tinha riqueza para construir a sua própria fortaleza e paços, tendo sido por ordem e pelo dinheiro de Nobunaga que se fabricaram essas obras. A verdade é que o próprio *Dairi*²¹⁸, o Imperador, era apenas uma figura ornamental na política japonesa, não exercendo qualquer autoridade sobre o país em guerra nem os dáimios beligerantes, e, do mesmo modo, o posto de xogum havia perdido a sua influência. Quem obtinha a soberania naquela época era, sem dúvida, o mais inteligente e o mais poderoso militar, e esse era, certamente, Nobunaga, e o facto de haver feito este favor demonstra unicamente a sua superioridade efectiva contra um título que não passava apenas disso: um título. Ao haver pedido ajuda a Nobunaga, sem o novo xogum reparar, as posições inverteram-se, pois uma vez devendo-lhe este favor, ficou para sempre sob os seus comandos e desejos. O narrador era consciente desta circunstância ao contar este episódio na sua crónica, pois ao descrever este acontecimento, é Nobunaga o herói e o personagem principal, nunca o novo xogum.

IV.2. SUCESSOS NA GUERRA E VIDA MILITAR

Nobunaga, enquanto guerreiro e capitão, foi “...extrenuo e maravilhoso...”²¹⁹, “...em extremo belicozo e dado ao exercicio militar...”²²⁰, um óptimo estratega, persistente, “...magnanimo e paciente quando lhe era adversa a fortuna na guerra...”²²¹, não se deixando intimidar pelas tarefas difíceis, antes pelo contrário, atacando-as com mais esforço e ânimo, havendo logrado em vida incríveis e inúmeras conquistas, entre outros admiráveis feitos militares. Em “pouco tempo”, fez-se Senhor quase absoluto do Japão, tendo conquistado “trinta e quatro

²¹⁷ HJ, vol. II, p. 243.

²¹⁸ “...Dairi, que hé senhor absoluto de todo Japão, ainda que não como dantes obedecido.”, HJ, vol. II, p. 26 II.

²¹⁹ HJ, vol. II, p. 246.

²²⁰ HJ, vol. II, p. 239.

²²¹ HJ, vol. II, pp. 239-240.

reinos” e estando em vias de “...se fazer senhor dos mais que ficão...”²²². Segundo o narrador, era tão bafejado pela sorte e saía sempre tão vitorioso nas batalhas que “...se Deos lhe não cortar o fio da vida, parece que se fará cedo senhor de todo Japão.”²²³, parecendo, deste modo, prever o destino trágico de Nobunaga, que nunca chegou a possuir todo o país justamente porque morreu antes de conseguir fazê-lo. Raramente perdeu uma guerra, sendo o seu êxito nas batalhas quase absoluto, muito devido ao facto de o seu poder e influência serem tais que rápida e facilmente conseguia juntar um exército de proporções extraordinárias para o servir, atingindo, segundo o narrador, o número extraordinário de mais de cem mil homens, fruto das inúmeras conquistas que fez ao longo da vida. A fama do seu nome e dos seus êxitos militares depressa se espalhou por todo o país, fazendo com que alguns dos seus adversários, temendo o seu terrível poder e por saberem por certo que, mais cedo ou mais tarde, ele se tornaria no Senhor absoluto de todo o Japão, tentavam alcançar a sua amizade, pois mais convinha tornarem-se cedo seus aliados do que, mais tarde, seus inimigos, porém, Nobunaga, temido por todos e em extremo grau “...confiado e poderoso...”²²⁴, apenas aceitava estes pedidos de paz e de amizade se os requerentes se comprometessem a servi-lo²²⁵, ganhando, deste modo, aliados e aumentando o seu domínio militar com o acrescentamento de soldados, o que demonstra o seu sentido prático e inteligente enquanto militar e governante. No entanto, quando os inimigos não se sujeitavam ao seu comando e uma batalha era inevitável, Nobunaga era feroz e impiedoso na conquista, matando os senhores que governavam a província que tomava e expulsando os fidalgos importantes, potenciais opositores, de modo a não encetarem rebeliões contra ele e a poder exercer a sua autoridade sobre o povo mais facilmente.

Extremamente orgulhoso, não tolerava os atentados de guerra contra si ou os insultos que lhe ofereciam, não perdendo nenhuma oportunidade de se vingar, cruelmente, não permitindo que ninguém escapasse à sua justiça. Se, por algum motivo, dilatasse a punição, nunca esquecia a ofensa, antes a castigava mais tarde, como sucedeu, por exemplo, a um grupo de bonzos que sabia serem “...muitos delles ladrões consumados, e alem de serem mui soltos e desenfreados em todo genero de vicios, lhe tinhão feitas algumas descortezias...”²²⁶, contudo, como lhe pediram misericórdia e visto que, no momento, estava ocupado com assuntos mais importantes, não os puniu logo, contudo, lembra o narrador que “...quando dilatava punir as offensas que se lhe fazião, era para depois com mais acomodada ocasião as castigar mais severamente.”²²⁷.

²²² HJ, vol. III, p. 190.

²²³ *Ibidem*.

²²⁴ HJ, vol. III, p. 191.

²²⁵ “...seos inimigos, de diversas partes lhe cometem honrozozos partidos para alcansarem sua amizade, mas elle (...) os não aceita senão sogeitando-se a sua vassalagem.”, HJ, vol. III, pp. 190-91.

²²⁶ HJ, vol. II, p. 253.

²²⁷ *Ibidem*.

Criativo e inteligente na guerra, conseguia inventar imprevisíveis e eficazes estratégias militares, graças às quais granjeou tantas vitórias, como, por exemplo, aquela que empregou para conquistar o reino de Mino, descrita pelo narrador: Durante a noite, acompanhado por metade dos seus soldados, “...foi[-se] a pôr secretamente nas costas do exercito do rey de Mino...”²²⁸, levando com ele bandeiras com o símbolo dos aliados do seu inimigo. O dáimio de Mino, vendo o número reduzido de soldados de Nobunaga que haviam ficado à frente do seu exército, pensou que estava em clara vantagem, por isso, arremeteu contra eles e “...abalou-se tambem Nobunanga apoz elle, do qual o rey de Mino nem por imaginação se temia o que podia ter nas costas, antes, quando vio o exercito e conheceo as bandeiras que erão de seos vassalos, se alegrou muito...”²²⁹. Assim, quando a batalha começou, Nobunaga e os seus soldados, que haviam vindo atrás do exército de Mino, atacaram-nos sem aviso, mataram muita gente, e o exército inimigo, confuso, logo foi destruído, ficando Nobunaga senhor da província de Mino, após cometer as fortalezas principais do reino que “...sem trabalho todas se lhe renderão...”²³⁰, dando o narrador a impressão de que o seu poderio, a fama e os ardis tão originais e imprevisíveis eram, de facto, assombrosos, pelo que conseguia conquistar reinos de forma tão simples, como se as guerras fossem algo que Nobunaga venciasse quase sem esforço, sem qualquer receio da derrota.

No momento de distribuir a riqueza e as províncias por governadores, Nobunaga favorecia os seus filhos e os seus mais leais e úteis servidores, a quem oferecia terras e renda, no entanto, aqueles que não o serviam bem, que eram fracos na guerra, embora fossem nobres de sangue, despedia-os do seu serviço, como fez, por exemplo, a Sacumadono, o “...seu capitão geral...”, que “...naturalmente não era indústrioso na guerra...” e, por esse motivo, “...esquecido de sua nobreza...”²³¹, ordenou que fosse desterrado com um filho, acabando por morrer aí. Não teve compaixão por um homem que o serviu durante tanto tempo, acontecimento que recebe uma pequena nota de desalento por parte do narrador, que gostava de Sacuma por aquele ter ajudado e sido cordial com os padres, descrevendo-o como “...o mais nobre, rico e poderoso príncipe que trazia em sua Corte...”²³², porém, assim se vê que Nobunaga se importava pouco, ou mesmo nada, com a nobreza de sangue dos seus servidores, desprezando a aristocracia em geral, como já foi mencionado atrás, importando-se mais com o talento militar, pelo que tinha alguns capitães que lhe eram assaz úteis na guerra apesar de não descenderem de nenhuma linhagem importante, tais como, por exemplo, Júbeo Aquechi, “...que naturalmente de sua progenia não era nobre...”²³³, e Faxiba Chicugendono, mais tarde conhecido por Toyotomi Hideyoshi, que era “...homem ardiloso e

²²⁸ HJ, vol. II, p. 241.

²²⁹ *Ibidem*.

²³⁰ *Ibidem*.

²³¹ HJ, vol. II, p. 254.

²³² *Ibidem*.

²³³ HJ, vol. III, p. 338.

versado na guerra, posto que baixo na sorte e condição de seu sangue.”²³⁴. O que lhe era essencial eram guerreiros valentes e eficazes para, deste modo, atingir o seu objectivo de conquistar o Japão.

Graças às vitórias, ao imenso poderio militar e à fama de invencível na guerra, o nome de Nobunaga infligia cada vez mais terror nos inimigos, conscientes de que tinham poucas hipóteses contra a sua força, e se houvesse a suspeita de que Nobunaga intencionava atacar uma cidade, os seus habitantes já sabiam que nada nem ninguém escaparia à sua ira, que era implacável e raramente conhecia piedade quando se tratava de castigar ofensas. A cidade de *Sacai*, onde o narrador esteve desterrado, havia cometido algumas afrontas contra Nobunaga, por isso, quando este foi pôr de posse o novo xogum, os seus moradores temeram que a mandasse assolar, pelo que fugiram, em pânico, para salvar suas vidas (“...o temor foi tão grande que cada hum, segundo melhor podia, desamparava sua caza e se acolhia com sua mulher e filhos e riqueza, huns para huma parte e outros para outra.”²³⁵), incluindo o autor desta *História* que, contudo, comenta que “...a cidade, dizem muitos, merecia aquelle e outros maiores castigos por sua insolencia e temeridade, e pelos grandes e abominaveis peccados que nella se cometião.”²³⁶. É impressionante notar como os habitantes de uma cidade inteira tiveram tanto medo apenas de pensar que um homem e o seu exército podiam para aí marchar e arrasar toda a povoação, não tendo sequer a certeza de que iria fazê-lo, porém, este não era um homem qualquer, era Nobunaga, um nome que já ressoava pelo país como uma marca de poder, um prenúncio de ameaça e de destruição provocada pelo seu gigantesco exército, e assim depressa se esvaziou “...quazi mais de ametade da cidade...”²³⁷, apesar de Nobunaga, no final, não ter mandado arrasar o *Sacai*.

IV.2.1. GUERRA CONTRA O CUBOSAMA

O xogum, provavelmente pela inveja que sentia do poder de Nobunaga, maior do que o seu embora a sua posição fosse mais elevada, e, segundo o narrador, “...pela pouca experiencia que inda tinha do governo e ruim persuações de mancebos que o servião...”²³⁸, declarou guerra contra o Senhor da Tenca apesar do grande favor que aquele lhe fizera ao colocá-lo no posto de que gozava naquele momento. Não havia dúvida de que esta rebelião era uma loucura, uma batalha que o *Cubosama* não poderia vencer, um desrespeito pelo único homem que foi capaz de o auxiliar a conseguir o cargo que desejava, e Nobunaga, depois de ainda tentar impedir o conflito ao dissuadir o xogum do seu intento e de Ashikaga perseverar na inimizade, “...cheio de ira e furor, determinou

²³⁴ HJ, vol. III, p. 335.

²³⁵ HJ, vol. II, 259.

²³⁶ *Ibidem*.

²³⁷ HJ, vol. II, p. 260.

²³⁸ HJ, vol. II, p. 397.

de vir sobre o Miaco com exercito formado para (...) pelejar com elle.”²³⁹, juntando, somente num dia, um exército impressionante “...com dez ou doze [mil] de cavalo”²⁴⁰, que ainda se foi alargando, algo “...fora de toda espectação...”²⁴¹. Entretanto, o xogum preparava-se para ripostar “...na fortaleza do Miaco, que ainda não havia dous annos Nobunaga lhe tinha feita de novo...”²⁴², frisando o narrador, com este comentário, a sua opinião de que o xogum agia sem juízo e de forma desrespeitosa contra quem o auxiliou, e o povo, que sabia “...quão assomado e iracundo era Nobunaga...”²⁴³, ficou com receio que este destruísse toda a cidade na sua fúria, portanto, num instante, a cidade ficou deserta, sendo surpreendente o terror que Nobunaga suscitava nas pessoas, tal como acontecera quando suspeitavam que assolava o *Sacai*. O narrador descreve o caos que se abateu na cidade pela notícia do ataque como sendo uma “...couza temeroza ver a perturbação e revolta da cidade, porque de noite e de dia se não via nella mais que confusão, acaretar fato; e as mulheres, meninos e velhos huns fugirem para os logares confins do Miaco, outras andarem pela cidade com os meninos no colo e pela mão chorando sem saberem onde se acolher.”²⁴⁴. O padre Luís Fróis encontrava-se na capital no momento em que os soldados de Nobunaga atacaram e também ele sofreu pessoalmente a agitação de todos, fugindo da igreja e escondendo-se onde aos cristãos parecia mais seguro, carregando os objectos que podia, correndo sempre o risco de ser assaltado (“...os soldados (...) pelos verem andar vestidos com roupetas e barretes pretos, que erão differentes trajos dos japões e já fazião querena de os roubar.”), num ambiente de extrema confusão (“...os christãos como areados fora da cidade não sabião aonde podessem pôr o Padre: huns acenavão com a mão e dizião «venha para cá», outros «para colá», outros «espere aqui»; huns que corresse depressa, outros que melhor era hir devagar.”)²⁴⁵. Quando, por fim, se conseguiram esconder na casa de um homem honrado que teve compaixão do padre, uns soldados souberam-no e foram lá para os roubar, mas o dono da casa dissuadiu-os de tal intento ao invocar o nome de Nobunaga, afirmando que “...bem mal houvereis de passar todos se lhe fizereis alguma descortezia, porque como elle hé estrangeiro e Nobunaga e os fidalgos de sua Corte o favorecerem, não somente houvereis todos de ser por isso mui bem castigados, mas pelo mesmo cazo Nobunaga houvera logo de mandar queimar este logar, porque os moradores daqui o não deffendião.”²⁴⁶, e, com estas razões, partiram logo os soldados, demonstrando este pequeno episódio como o nome de Nobunaga era temido e podia tornar-se numa eficaz arma de persuasão.

²³⁹ HJ, vol. II, p. 397.

²⁴⁰ HJ, vol. II, p. 399.

²⁴¹ HJ, vol. II, p. 398.

²⁴² HJ, vol. II, p. 397.

²⁴³ *Ibidem*.

²⁴⁴ HJ, vol. II, p. 398.

²⁴⁵ HJ, vol. II, p. 399.

²⁴⁶ HJ, vol. II, p. 401.

O padre Fróis, receoso do que lhe pudesse acontecer a si e à cristandade no meio daquela desavença, desejava ir visitar Nobunaga ao seu arraial para procurar, de novo, o seu apoio, mas tal era impossível porque ninguém tinha coragem de lá ir, com medo que a fúria do Senhor da Tenca pelo xogum se alastrasse aos cidadãos da cidade, por isso, enviou por um cristão um presente da parte do padre Francisco Cabral e uma carta, dos quais se alegrou muito Nobunaga por ser rara a oferta e, também, por não ser comum receber visitas no arraial²⁴⁷, agradecendo de imediato a Fróis e respondendo à missiva de Cabral, apesar de se encontrar ocupado com um grave problema. Quando o padre enviou outro presente a Nobunaga, este, alegadamente, “...não festejou com menos alegria que dantes...”, quis saber pela segurança de Fróis e escreveu-lhe uma carta “...muito cortez e bem ensinada...”²⁴⁸, onde lhe explicou o motivo pelo qual declarara guerra à capital, confidenciando, deste modo, ao jesuíta um problema seu político e confirmando o seu favor. Nobunaga esperou quatro dias por um acordo com o xogum, mostrando-se paciente e contido, restando-se de atirar o seu exército contra a capital, porém, como aquele não desistiu do seu intento, não aguardou mais e decidiu desencadear finalmente a sua autoridade e fúria perante o inimigo, “...e assim foi logo posto fogo na cidade, couza horrenda e mui temeroza ver.”²⁴⁹. Havia sido oferecidas mil e quinhentas barras de prata a Nobunaga para este poupar a cidade, mas o impiedoso Senhor da Tenca recusou o dinheiro, preferindo antes castigar o *Cubosama* pela sua ousadia e desrespeito ao fazer arder uma cidade quase inteira, a capital e centro do país, que “...ardeo desde a meia noite até o dia seguinte com todas as varelas, mosteiros, camis e fotoques, riquezas e cazaria que havia”, reduzindo tudo a cinzas, algo tão terrível e monstruoso que o narrador afirma “...que parecia hum espetáculo ou representação do dia do juízo.”²⁵⁰ e que prova como o Senhor da Tenca não olhava a meios para atingir os seus fins, não poupando casas e vidas humanas apenas para atingir um único homem. Somente este acto atroz levou o xogum a negociar imediatamente as pazes com Nobunaga, perdendo a sua causa de forma humilhante, não lhe havendo servido de nada voltar-se contra o homem que o colocara no poder, que apenas demonstrou a sua clara superioridade, e rapidamente fugiu para outra fortaleza com medo de Nobunaga, que nunca o perdoaria e podia castigá-lo cruelmente, como costumava fazer a quem lhe provocava tais afrontas. O Senhor da Tenca seguiu imediatamente o seu inimigo à fortaleza onde se tinha refugiado, não querendo deixar passar a ofensa tão levemente, e depois de atravessar destemidamente obstáculos com êxito, como o narrador descreve²⁵¹, não deixando que caminhos difíceis se

²⁴⁷ “Foi estranho o contentamento e gosto que disto levou Nobunaga (...) especialmente pela grande oportunidade e boa ocasião com que lhe ofereceu, porque de nenhuma pessoa em particular era então visitado.”, HJ, vol. II, p. 402.

²⁴⁸ HJ, vol. II, p. 403.

²⁴⁹ *Ibidem*.

²⁵⁰ *Ibidem*.

²⁵¹ “...fez passar a sua gente a cavalo por aquellas cavas, que era hum rapidissimo rio profundo e temerozo a nado...”, HJ, vol. II, p. 404.

interpussem entre si e a sua presa, facilmente conquistou aquela fortificação por haver pouca resistência, consentindo, num desacostumado acto de piedade, que o antigo xogum partisse sem lhe fazer mal, ficando, deste modo, “...por senhor absoluto da monarquia de Japão, e prosperou com grandes victorias, poder e magestade 14 annos.”²⁵².

Este episódio é demonstrativo da suprema autoridade de Nobunaga e, também, do seu espírito implacável e impiedoso nas batalhas. O xogum, descontente com a sua posição, na prática, inferior, e consciente de que Nobunaga tinha mais poder e autoridade, revoltou-se contra o seu patrono, esquecido do seu domínio militar, e aquele demonstrou claramente que, se havia conseguido colocar o homem de seu escolha no lugar de xogum, facilmente podia depô-lo se este não lhe servisse mais ou se, como sucedeu, deixasse de lhe ser fiel, destruindo implacavelmente metade do *Miaco* para consolidar a sua soberania, e o terror que o seu nome provocava, para que se soubesse o que aconteceria se a sua ira fosse suscitada pela deslealdade, lamentando o autor desta crónica “...as cruezas que [os soldados e ladrões] fazião nos homens, mulheres e meninos que achavão para lhes roubar o fato.”²⁵³, mas não parecendo incriminar Nobunaga por estes efeitos secundários da guerra, e consolando-se por terem ardido os principais mosteiros budistas da capital mas por se terem poupado a igreja e as casas dos cristãos, terminando o narrador com uma nota de bem-aventurança em favor do Senhor da Tenca, que aniquilou o inimigo ingrato e elevou-se como o, de facto, supremo soberano do país, próspero e vitorioso.

IV.2.2. JUSTICEIRO CRUEL E OS CASTIGOS QUE ORDENAVA

Nobunaga era um governante “severo na justiça”, que não admitia os insultos e recusava-se a deixar passar levemente qualquer “...offensa que se lhe fizesse...”²⁵⁴, perseverante nos castigos e alheio à morte de vítimas inocentes quando ela era necessária para atingir os seus objectivos. Impulsivo, movido pelas paixões nos casos de honra, facilmente se irritava e, por este motivo, era grandemente temido por todos, pois uma vez que determinava num castigo, era quase sem dúvida alguma cumprido, e praticamente ninguém ousava desobedecer-lhe ou persuadi-lo para ser misericordioso. A *História* está recheada de episódios que demonstram esta crueldade de Nobunaga e de exemplos das penas que applicava, raramente acompanhadas pela crítica do narrador, que se limita a descrevê-los com neutralidade, por vezes notando-se até certo regozijo nos castigos que impunha aos bonzos, notando-se somente, mais tarde, uma crítica subjacente à brutalidade dos castigos exercidos nos familiares e criados de Araqui, nos quais fez “...a mais cruel, estranha e

²⁵² HJ, vol. II, p. 404.

²⁵³ HJ, vol. II, p. 403.

²⁵⁴ HJ, vol. II, p. 239.

riguroza justiça que há muitos tempos se ouviu em Japão...”²⁵⁵, que será tratada noutro capítulo deste trabalho.

A maioria dos castigos descritos nesta crónica, geralmente cruéis e dolorosos, foram aplicados aos bonzos. A um monge que conspirava contra ele, cujo nome não é revelado, “...o mandou enterrar vivo em pé até se lhe cobrirem os ombros e cortar-lhe a cabeça com huma serra pequena de mão.”²⁵⁶, demonstrando como a morte daquele que o caluniava ou contra ele conjurava era quase sempre certa. Quando outro bonzo, para agradar ao xogum, disse “...imprudently algumas palavras em vituperio e abatimento de Nobunanga...”²⁵⁷, subentendendo o narrador pelo advérbio utilizado que ofender o Senhor da Tenca significava castigo certo, quando aquele o soube, mandou fazê-lo “em postas”, “...com grande vituperio e ignominia...”²⁵⁸, uma vez que o seu orgulho não lhe permitia desculpar qualquer insulto a si dirigido, mostrando, igualmente, um carácter vingativo, sem escutar os pedidos daqueles que lhe pediam misericórdia pelo bonzo, incluindo fidalgos, gente nobre, e o mesmo Imperador. Nobunaga, visto que era “...pouco ou quazi nada sugeito ao conselho dos seos...”²⁵⁹, mesmo de fidalgos e senhores importantes, altivo e arrogante, não fez caso dos pedidos de clemência e concluiu o que determinou, não se limitando a matá-lo, mas também tirando a riqueza e os privilégios do seu filho, que possuía uma grande fortuna num local dedicado ao Deus das batalhas, “Fachiman”, que era tão privilegiado que ninguém lhe tocava, porém, “...pelo pouco cazo que de tudo isto fazia...”²⁶⁰, não sendo supersticioso nem seguidor de nenhuma seita e não respeitando as divindades japoneses, não se incomodou de nenhum modo com a fama do local e logo lhe retirou as regalias e levou o dinheiro para a capital, onde o distribuiu pelos soldados e pelo povo, “às rebatinhas”, de uma janela, oferecendo desta maneira magnânima toda aquela riqueza em vez de ficar com ela, mostrando que era já tão abastado que não a necessitava e podia distribuí-la sem hesitação, ganhando, assim, a benquerença dos cidadãos e dos seus militares. Estes castigos a bonzos ou a templos das seitas budistas são descritos com indiferença pelo narrador que, por vezes, se alegra com estes sucedidos e concorda com eles, comentando que tal destino mereciam os pecadores, assim como aconteceu com Sotai, um dos grandes inimigos do cristianismo relatados nesta crónica, a quem Nobunaga tomou para si próprio as mais ricas e insígnies peças de “chanoyu”, artefactos extremamente preciosos no Japão de que os seus coleccionares sumamente se orgulhavam, e desterrou-o mais ao filho da província que governava, todavia, como prosseguiram a desagradá-lo, acabou por mandar matá-los, congratulando-se o narrador com este final, uma vez que “...similhantes adversarios nunca ficão

²⁵⁵ HJ, vol. III, p. 258.

²⁵⁶ HJ, vol. II, p. 254.

²⁵⁷ HJ, vol. II, p. 252.

²⁵⁸ *Ibidem*.

²⁵⁹ HJ, vol. II, p. 239.

²⁶⁰ HJ, vol. II, p. 253.

sem sua retribuição...”²⁶¹, indo os opositores da propagação da fé cristã sendo, aos poucos, eliminados por Nobunaga.

Numa ocasião, sucedeu uma criada da sua corte ter feito algo que lhe desagradou, fugindo para um mosteiro depois de receber o castigo, porém, Nobunaga, assim que o soube, “...mandou prender todos os bonzos e aquella mesma noite pôr fogo aos seos mosteiros e às cazas da mais gente que perto delles morava...”²⁶², não deixando escapar ninguém com vida, apesar de os bonzos e as pessoas que ali viviam não terem qualquer relação com a criada nem culpa do desagravo que ela lhe fizera. Em vez de procurar uma solução branda para levar a criada, que já havia castigado, num acto implacável e exagerado causou a morte de muita gente inocente para punir apenas uma delas, gente que somente teve o azar de estar perto de uma pessoa que incorrera na ira de Nobunaga.

Embora fosse extremamente seguro da sua própria opinião e de raramente ouvir os conselhos dos outros, Nobunaga era, também, segundo nos relata o narrador, irreflexivo na medida em que “...naturalmente era facilitado em dar credito ao que lhe dizião...”²⁶³, acreditando, por vezes, em falsidades que alguns intriguistas lhe contavam. Nichijo, seu homem de confiança, “...em grande maneira eloquente, com as mentiras e falsidades que para isto tinha...”²⁶⁴, inventou umas artimanhas em desfavor de Vatadono e Nobunaga, credulamente, voltou-se contra o Vice-rei do *Miaco*, enviando-lhe um recado dizendo que nunca mais o queria ver e mandando destruir a sua fortaleza principal, ao que Vatadono não teve outra hipótese senão fugir e ficar em exílio durante quase um ano. Um dos objectivos de Nichijo em enraivecêr Nobunaga contra Vatadono, grande benfeitor do cristianismo e de Fróis, era altercar o Senhor da Tenca contra os cristãos, todavia, o plano revelou-se infrutífero, pois o caso de Vatadono não teve qualquer influência na relação do “Anjo”²⁶⁵ com o padre nem na sua decisão de o favorecer, antes confirmou novamente o seu favor ao receber, como sempre, “mui bem” o Irmão Lourenço, que lhe trazia um presente da parte do jesuíta, e ao escrever “...huma carta ao Padre de grandes cumprimentos da vizitação, prometendo-lhe para ao diante seo favor, e que descansasse porque Nichijo lhe não faria agravo algum.”²⁶⁶. No entanto, Nobunaga também sabia mostrar complacência e reconhecer os seus erros. Quando Vatadono regressou à sua presença, esperando o seu renovado favor, todos esperavam que o Senhor da Tenca fosse implacável e o mandasse matar, segundo seu costume²⁶⁷, contudo, como era impossível prever as suas reacções e compreender o seu pensamento, o negócio correu ao contrário

²⁶¹ HJ, vol. II, p. 253.

²⁶² HJ, vol. II, p. 250.

²⁶³ HJ, vol. II, p. 321.

²⁶⁴ HJ, vol. II, p. 320.

²⁶⁵ Como é apelidado pelo autor desta crónica (Vide o capítulo “Nobunaga e a Relação com os Padres e Cristianismo”).

²⁶⁶ HJ, vol. II, p. 321.

²⁶⁷ “E esperavão todos que, sabendo Nobunaga como Vatadono estava no Miaco sem sua licença, lhe mandasse por isso cortar a cabeça...”, HJ, vol. II, p. 322.

das expectativas, e Nobunaga recebeu Vatadono com grandes mostras de afabilidade e generosidade, aceitando-o de novo ao seu serviço, fazendo-lhe “...muitos gazalhados, dando-lhe logo alli hum vestido rico seo, e do primeiro lanço lhe acrescentou 30 mil cruzados de renda; e (...) cavalgando levava somente consigo pela cidade à sua mão direita a Vatadono a cavalo...”²⁶⁸. Depois desta merecida justiça de que o narrador muito se alegrou por ser Vatadono seu protector e como “Deos N. Senhor hé rectissimo juiz, e os corações dos reys estão em sua mão e são regidos por elle...”, restava apenas castigar a origem da intriga, Nichijo, que, devido a “...algumas desordens intolleraveis, e delitos graves em materia indigna do que elle professava no exterior.”, foi punido imediatamente por Nobunaga, que depois de o “...deshonrar com palavras dignas de suas obras...”²⁶⁹ e de lhe retirar todos os cargos e privilégios, ordenou aos fidalgos presentes que o matassem, impiedosamente. O bonzo conseguiu, naquela ocasião, fugir, regressando mais tarde ao serviço de Nobunaga, contudo, “...em grao muito inferior do em que primeiro estava.”, em seu detrimento e vergonha, acabando por morrer “...pobre, triste e miseravelmente.”²⁷⁰, tal como merecia tamanho inimigo do cristianismo e quem contribuíra tanto para danificá-lo.

No entanto, apesar de, por vezes, se deixar convencer por “...diversos mixiricos...”²⁷¹, é importante salientar que Nobunaga nunca deu importância aos rumores em detrimento dos padres que, segundo o narrador, continuamente ouvia, favorecendo-os sempre, recusando-se a fazer a vontade àqueles que lhe pediam que os expulsasse, ao contrário do que fazia com os restantes acusados, agindo impulsivamente e aplicando castigos, matando e desterrando sem ouvir as defesas ou sequer procurar provas. Embora fosse assim, nem sempre os inocentes difamados recebiam a pena injusta de Nobunaga, como sucedeu a um cristão de nome Sancho, ou Sangadono, e ao seu filho Mânsio, que foram acusados de estarem confederados com um dos principais inimigos de Nobunaga, o dáimio de Yamaguchi, graças a uma artimanha de um “...intimo inimigo dos christãos (...), homem malissimo, envelhecido na idade e submerso em todas as maldades.”²⁷². O Senhor da Tenca, “...como era sobremaneira assomado, mandou logo que os cortassem a ambos e fizessem em pedaços...”, ordem que deveria ter sido, como habitualmente, acatada de imediato, sem réplicas, no entanto, o seu capitão Sacuma, sabendo que os incriminados eram inocentes, decidiu comparecer diante do seu Senhor levando Mânsio consigo para este ter a oportunidade de se defender, arriscando, deste modo, a sua própria vida²⁷³. Nobunaga ficou, naturalmente, furioso²⁷⁴, e embora fosse Sacuma uma “...pessoa de tanto respeito e authoridade...”, falou-lhe rudemente, pois não

²⁶⁸ HJ, vol. II, p. 322.

²⁶⁹ *Ibidem*.

²⁷⁰ HJ, vol. II, p. 323.

²⁷¹ HJ, vol. III, p. 199.

²⁷² HJ, vol. III, p. 235.

²⁷³ “...determinou elle mesmo arriscar sua pessoa...”, HJ, vol. III, p. 236.

²⁷⁴ “...mostrou desagradar-lhe muito sua vinda, mostrando-lhe grande carregamento e severidade no vulto...”, HJ, vol. III, p. 236.

tinha em conta a nobreza e a posição das pessoas, tratando-as a todas com altivez, tentando suprimir a ira crescente, e insultando-o (“«Homem de pouco saber...”²⁷⁵), perguntou-lhe por que motivo lhe levava à sua presença um homem que havia mandado assassinar, algo impensável, pois, se já havia ordenado a sua morte, o mancebo deveria já estar morto, uma vez que as suas ordens deveriam sempre ser cumpridas com a maior brevidade possível, e instou com o seu capitão que o eliminasse naquele momento. Sacuma, sendo consciente de como “...era costume executar-se o que Nobunanga mandava à risca, sem nenhuma maneira de replica nem interpretação, porque elle se fazia servir e obedecer desta maneira...”, respondeu com “...grande angustia e temor...”²⁷⁶, mas conseguiu convencer o seu Senhor a interrogá-lo sob o falso pretexto de tentar obter informações sobre os demais traidores que conspiravam contra ele. Quando os interrogadores lhe relataram como o filho de Sancho se havia defendido tão valorosamente, Nobunaga acreditou na inocência de pai e filho e libertou-os, aumentando-lhes a renda como que reconhecendo o seu erro. No entanto, para “...se assegurar ou para não mostrar que passava levemente pelo cazo...”²⁷⁷, mandou desterrar Sancho para as terras de Sacuma, mostrando que era um homem precavido, não misericordioso, que queria estar seguro de que não ocorreriam traições e queria evidenciar como era importante para si ter as coisas sob controlo, desejando a melhor estabilidade possível. Este episódio teve um interesse especial para o narrador porque os acusados de traição eram cristãos, portanto, desejava que ambos fossem poupados pela ira de Nobunaga, conferindo o feliz desenlace do caso às mãos de Deus²⁷⁸, que amainara o coração irado do “Anjo” e o fizera perdoar os dois inocentes e livrá-los da morte.

IV.2.3. O POLÍTICO

Apesar de temido pela sua crueza, pelo temperamento irritável e pelo poder quase invicto, enquanto governante, Nobunaga tomou algumas medidas que o fizeram crescer na consideração do povo. Conseguiu aquietar o país em guerra²⁷⁹, retirou a imposição de certos impostos, nomeadamente as taxas que as pessoas eram obrigadas a pagar para poderem atravessar certas estradas, o que lhe ganhou a simpatia da população. Com Nobunaga aumentou, também, a segurança dos caminhos, pois, num país em guerra civil, nem de dia era totalmente seguro viajar, uma vez que caminhanes solitários corriam um elevado risco de serem assaltados. Graças a Nobunaga, tornou-se seguro inclusivamente caminhar de noite (“E aonde dantes (...) o caminho de dia não era ainda muito seguro, ao menos sem companhia, em seo tempo, especialmente pelo verão, caminhava a gente sempre de noite e, pondo o fato que levavão apar de sy, se deitavão por aquelle

²⁷⁵ HJ, vol. III, p. 236.

²⁷⁶ *Ibidem*.

²⁷⁷ HJ, vol. III, p. 238.

²⁷⁸ “...os corações dos reys estão na mão de Deos...”, *ibidem*.

²⁷⁹ “...a Tenca parecia estar quieta pelo bom governo de Nobunaga...”, HJ, vol. II, p. 433.

caminho a dormir tão seguros como outros poderiam estar em suas cazas.”²⁸⁰). Os caminhos de todos os territórios conquistados foram melhorados, tornando-se mais limpos, seguros e bonitos. No caminho de Azuchi até à capital, e de igual modo nos restantes, o Senhor da Tenca mandou plantar “...árvores de huma e da outra parte para fazerem sombra no verão...”, tornado a passagem por aquela via muito mais aprazível, também visualmente, pois “...ao pé das árvores (...) ordenou que se lansasse area limpa e pedrinhas miudas, para que todo caminho ficasse como jardim...” e, como era em extremo rigoroso na limpeza, quis que se dispusessem vassouras pelos caminhos, para que a população “...daquelles logares propinquos acodisse sempre a ter aquelles caminhos varridos e limpos...”²⁸¹, mantendo, deste modo, as ruas imaculadas, atractivas e em perfeita pureza, tornando as viagens antes cansativas em caminhadas agradáveis e confortáveis, rodeadas de beleza. Para recreação, segurança e conforto dos viajantes, ordenou a construção de casas de descanso, divididas por certas distâncias, onde os caminhantes podiam descansar e alimentar-se. Para tornar possível a transformação de caminhos outrora dificilmente transitáveis em vias tão praticáveis e cómodas, Nobunaga ordenou que se cortassem os obstáculos, “...serras e asperas penedias...”, “à força de braço”²⁸², de modo que, por exemplo, no caminho que ordenou renovado entre Azuchi e a capital “...ficou tudo plaino que sem nenhum impedimento se converteo em estrada corrente, caminhos largos e espaçozos por onde passam carros de bois e andas de mulheres sem nenhum trabalho.”²⁸³.

Enquanto governante, Nobunaga preocupava-se, inclusivamente, pela conduta dos seus súbditos cristãos, havendo referido, como se verá no capítulo dedicado à sua relação com a religião cristã, que admirava o cristianismo pelas suas leis de comportamento, desejando, consequentemente, que os cristãos japoneses vivessem de acordo com essas normas. Conta o narrador que o Senhor da Tenca soube de um caso de um fidalgo “mao christão” que trocara a sua esposa legítima por outra mulher, espantando-se deste comportamento indigno de um suposto cristão, querendo saber se os padres o tinham censurado, ficando satisfeito ao saber que sim²⁸⁴. Depois disto, Nobunaga ainda quis saber a conclusão deste caso, e quando ouviu que o fidalgo teimara em manter a concubina, castigou-o em pessoa, retirando-lhe a renda e desterrando-o. Nas leis do Japão, ter uma amante fora do casamento não era pecado nem crime, mas nas regras do cristianismo sim, e Nobunaga teve atenção a esse facto, punindo o herege por ter quebrado a conduta correcta cristã de uma maneira que os padres não podiam, algo benéfico para a cristandade pois, sendo o cristão em causa um fidalgo, a sua conduta só se tornaria mais escandalosa, ficando, deste modo, os cristãos nipónicos mais persuadidos a seguir metodicamente a lei cristã, uma vez que o próprio Senhor da Tenca

²⁸⁰ HJ, vol. II, p. 257.

²⁸¹ *Ibidem*.

²⁸² HJ, vol. II, p. 258.

²⁸³ *Ibidem*.

²⁸⁴ “...sendo isto referido a Nobunanga, perguntou como fizera este homem isto sendo christão, e se o reprenderão os Padres desta deshordem? (...) e ficou muito contente de ouvir dizer que sim.”, HJ, vol. III, pp. 199-200.

instava que o fizessem²⁸⁵. Este episódio revela uma atitude interessante da parte de Nobunaga, senão mesmo inesperada, ao mostrar preocupar-se com uma lei que não pertencia ao seu país e que era, até, contraditória, norma que nem dizia respeito ao Estado mas à religião, pondo a sua energia em castigar um homem por faltar à sua doutrina. Não sendo o Senhor da Tenca cristão, logicamente era de supor que não se interessasse por este assunto, contudo, deste modo se vê como desejava regular e manter em ordem também os seus súbditos cristãos, tanto como os súbditos gentios, portanto, se uma pessoa se baptizava e se comprometia em viver de acordo com certas regras, era necessário que as cumprisse, que permanecesse bom cristão, o que comprova que o cristianismo era uma lei que merecia o respeito e, inclusivamente, a atenção do “Anjo”. Este comportamento foi, naturalmente, bem visto pelo narrador, satisfeito por ver a sua religião ser protegida por Nobunaga que, nesta ocasião, utilizou a sua própria influência e poder para punir um cristão herege de um modo que os padres nunca poderiam, por não terem essa autoridade.

Uma medida que Nobunaga tomava em relação aos rapazes órfãos era retirar-lhes a renda e as terras herdadas do falecido pai e dá-las a quem o servisse na guerra, alegando que “...tinha necessidade de capitães que o servissem na guerra e não de meninos.”²⁸⁶, medida que parece injusta mas que demonstrava, ao mesmo tempo, o seu sentido prático, não desperdiçando dinheiro que poderia ser útil. No entanto, Nobunaga nem sempre agia deste modo, o que comprovou o autor desta *História* ao narrar um episódio do seu interesse acerca de um rapaz de 11 anos cujo pai, que era cristão, morrera, deixando os seus familiares e os padres a pensar que o Senhor da Tenca lhe tiraria a renda e os benefícios, como costumava. Assim, decidiram apresentar a criança a Nobunaga, levando de presente uma espada muito valiosa que pertencera ao pai, preocupados “...pela pouca idade do menino...”, todavia, contrariamente às expectativas, Nobunaga recebeu-o com “...muito amor e gazalhado...” e, mesmo sabendo que não passava de uma criança de onze anos, “...mostrando alegre rosto...” elogiou o presente que lhe levavam e não o aceitou, querendo antes que a espada continuasse a pertencer ao rapaz, “...pois era couza que havia de servir ao mesmo menino e peça que lhe deixava seo pay...”²⁸⁷, e permitindo que ficasse com a renda e as terras que lhe pertenciam por direito, mostrando que nem sempre era desapiedado e desprovido de bondade, oferecendo um bom tratamento a uma criança que de nada lhe serviria na guerra e mostrando-se, inclusivamente, alegre, descrevendo o narrador este episódio em particular para demonstrar como o Senhor da Tenca sabia ser clemente especialmente nos casos que envolviam cristãos.

²⁸⁵ “O que foi particular providencia de Deos Nosso Senhor, assim porque ficou este fidalgo castigado, o qual por ser pessoa nobre e não muito devoto dava com isto escandalo, não vivendo como devia sem se poder pela Igreja remediar, como tambem porque os mais christãos tomarão o negocio como couza ordenada de Deos, vendo naquillo o castigo e animando-se a ter na guarda da ley de Deos maior cuidado e vigilancia sobre sy.”, HJ, vol. III, p. 200.

²⁸⁶ HJ, vol. III, p. 283.

²⁸⁷ *Ibidem*.

Embora Nobunaga não fosse, legitimamente, a suprema dignidade do país, cabendo essas posições ao Imperador e, de seguida, ao xogum, a verdade é que a influência e o poder do Senhor da Tenca eram grandemente superiores aos do *Dairi* e do *Cubosama*, que, na prática, não tinham mais do que uma fama antiga que se tornava obsoleta, não passando de figuras que ornamentavam o sistema, não tendo autoridade sobre os dáimios beligerantes e, muito menos, sobre Nobunaga, que tinha a riqueza, a força militar e predomínio suficientes para servir inclusivamente de patrono a estes Senhores, na teoria, superiores em título, construindo paços para os dois, acrescentando a renda ao Imperador, colocando o xogum no seu posto legítimo e, depois de este deixar de lhe ser útil e de se tornar, inclusivamente, hostil, revoltando-se contra o seu estatuto, na prática, inferior e consciente de que Nobunaga era mais poderoso, não devendo sê-lo na teoria, derrubou-o tão facilmente como o havia colocado. Esta benfeitoria não era, de todo, causada por simples amabilidade, pelo contrário, deste modo provava Nobunaga a sua superioridade, humilhando o Imperador e o xogum a receberem favores dele, o que demonstrou muito bem ao destituir o *Cubosama* quando este se tornou problemático, o que indicava que ele podia colocar quem ele desejasse nestas posições de dignidade. Na consideração dos outros, a opinião de Nobunaga tinha mais importância do que a do xogum ou do Imperador, uma vez que, entre desobedecer a uma ordem do Senhor da Tenca ou do *Cubosama*, era preferível manter-se fiel ao primeiro, como se pode verificar pela resposta que Sacumadono deu a um bonzo que havia apelado à autoridade do xogum para expulsar o padre Luís Fróis do *Miaco*: “Do Cubosama não sei nada, mas de Nobunaga sim, que tem dado ao Padre sua patente para poder rezidir no Miaco, e sem disto lhe dar parte deitardes o Padre fora não deixo de ter duvida que hé hir contra sua patente.”²⁸⁸, o que demonstra que a decisão de Nobunaga valia mais do que até a da segunda maior dignidade do Japão. Mesmo quando a primeira, o Imperador, ordenou ao xogum que provesse na expulsão de Fróis da capital, como é referido no capítulo “Nobunaga e a Relação com os Padres e Cristianismo”, aquele não cumpriu tal exigência principalmente por Nobunaga ter já mostrado o seu favor ao padre e ter medo de ir contra o seu mandato, não conseguindo ninguém, durante o seu governo, banir o jesuíta da capital. A influência e autoridade de Nobunaga eram tais que o seu próprio nome podia ser utilizado como arma de persuasão, pois, em alguém tentando impor a sua vontade, argumentava que também aquela era a vontade do Senhor da Tenca, procurando, deste modo, convencer mais eficazmente, assim como fez Nichijo quando, querendo o fim da propagação do cristianismo no seu país, disse a Vatadono que não protegesse o Padre, “...olhe não se escandalize disso Nobunaga...”²⁸⁹.

IV.3. POTESTADE E APARATO

²⁸⁸ HJ, vol. II, p. 293.

²⁸⁹ HJ, vol. II, p. 301.

Nobunaga era um homem que gostava de dar nas vistas, da sua riqueza e sumptuosidade, de atemorizar os inimigos à mera vista do seu numeroso exército, à mera menção do seu nome, e conseguiu criar uma imagem de potência e invencibilidade de maneira que alguns dos adversários se rendiam sem resistência, devido a esse efeito psicológico provocado pela fama que gozava. Além desta forte intimidação e do medo que provocava nas batalhas, todas as obras que empreendia tinham de ser colossais e fabulosas, autênticas manifestações térreas da sua imensa fortuna e glória, tais como os paços e fortaleza que mandou construir para o xogum reposto e os seus próprios na cidade de Azuchi.

A edificação dos paços novos do *Cubosama*, de proporções gigantescas, onde trabalhavam, normalmente, “...25 mil homens, e quando erão poucos 15 mil...”, incluindo “...príncipes e toda a nobreza de Japão...”, é descrita como uma “...couza mui ampla e lustroza...”²⁹⁰ e comparada à grandeza da construção de Cartago por Dido²⁹¹, na epopeia épica *Eneida*, uma comparação fabulosa que evidencia o esplendor e aparato desta construção. É impressionante ver como Nobunaga conseguiu convocar para a edificação destes paços a “nobreza de Japão” e como toda a gente trabalhava o melhor que podia para lhe agradar²⁹², tanto que, assim que o sino utilizado para chamar as pessoas de volta para labutar retinha, o único sino dos mosteiros budistas autorizado por Nobunaga a tocar durante o tempo que durou a obra, “...todos os senhores principaes com sua gente estavam logo a ponto ao pé da obra com as enxadas e mais instrumentos necessarios na mão.”²⁹³, não ousando atrasar-se, prontíssimos a obedecer o mais prontamente possível para não estimularem a fúria e desagrado de Nobunaga, que acompanhava de perto e atentamente o desenrolar da obra. Graças ao desejo que todos tinham de agradar-lhe e da qualidade e quantidade de mão-de-obra, espantosamente, terminaram uma obra de “...pelo menos dous ou tres annos, (...) em 70 dias.”²⁹⁴, pouco mais de dois meses, algo, no mínimo, extraordinário, parecendo ser humanamente impossível concretizar uma obra de tais dimensões em tão pouco tempo, algo que se explica ou por exagero da parte de um narrador deslumbrado, ou pelo número descomunal de trabalhadores, obrigados a trabalhar incansavelmente durante muitas horas por dia, como que açoitados por um chicote invisível que era, na verdade, o desejo que todos tinham em comprazer Nobunaga e mantê-lo propício, e o receio da sua ira quando descontente. Também é interessante notar que, apesar de esta obra estar destinada ao xogum, toda a multidão que aí labutava procurava sumamente agradar a Nobunaga, erigindo este magnífico edifício em sua honra, não na do *Cubosama*.

²⁹⁰ HJ, vol. II, p. 243.

²⁹¹ “...parecia hum retrato das obras de Dido em Cartago.”, *ibidem*.

²⁹² “...todos pertendião sumamente agradá-lo...”, *ibidem*.

²⁹³ HJ, vol. II, p. 244.

²⁹⁴ *Ibidem*.

Além de mandar construir estes sumptuosos paços para o novo xogum, ainda ordenou a edificação de outros dois igualmente, ou ainda mais, deslumbrantes para o Imperador e para o filho herdeiro deste, nos quais se fez uma “...camara toda cozida em ouro, das mais lindas e curiosas obras que então havia na Tenca...”²⁹⁵. A riqueza de Nobunaga excedia em muito a do Imperador e a de todos os seus nobres da corte, pois, para além de financiar a construção de todos estes paços caríssimos, ainda atribuiu uma renda ao *Dairi* e ofereceu-lhes peças ricas, “...pela pobreza em que havia muitos annos que o Dairi estava...”, e “...tirou aos cungues (que são os fidalgos que servem immediatamente ao Dairi) da sua miséria...”²⁹⁶. A edificação destes paços e a atribuição de rendas foram extraordinários favores que Nobunaga concedeu ao xogum, ao Imperador e a nobres em título superiores a ele, e só puderam ser logrados graças ao facto de o Senhor da Tenca ser extraordinariamente abastado, fruto de todas as terras, tesouros e riquezas que conquistou ao longo dos anos. Estes obséquios demonstravam a preponderância de Nobunaga sobre as restantes autoridades políticas do seu país e aquilo que podia parecer um acto de caridade era antes um gesto calculista que permitia a Nobunaga elevar-se acima dos restantes e humilhá-los a um nível em que estavam em dívida para consigo e não teriam outra hipótese senão render-se ao seu comando e aceitar a sua óbvia soberania. O Senhor da Tenca, por sua indústria e sagacidade, conseguiu reunir riquezas, territórios e glória em relativamente poucos anos, enquanto o Imperador e o xogum, máximas dignidades do país, além de terem perdido o poder que outrora usufruíram, foram perdendo, igualmente, os bens e o ouro, reduzindo-se à condição miserável de antigos soberanos arruinados, salvos pelo mancebo que, possuindo apenas metade de um reino, se tornou no mais poderoso e opulento Senhor do Japão.

IV.3.1. CONSTRUÇÃO DE AZUCHI

No momento de escolher o local onde instalar a sede do seu poder, Nobunaga decidiu construir uma nova cidade, a partir de nada, para aí edificar a sua residência oficial, “...a mais soberba e lustroza couza que nunca até ao tempo dizem se fez em Japão...”²⁹⁷, numa serra chamada “Anzuchiyama”. A grandeza desta obra, a sua beleza e extravagância, excedeu, segundo o narrador, os edifícios anteriormente feitos para o xogum e para o Imperador, tendo o Senhor da Tenca guardado o melhor para construir a sua própria residência, a sua obra-prima. As paredes eram “...mui altas e largas...”, feitas de “...pedra emsossa...”²⁹⁸, mas elaboradas tão magnificamente que pareciam de “pedra e cal”, comparadas à excelência das “obras de cantaria” portuguesas e da

²⁹⁵ HJ, vol. II, p. 246.

²⁹⁶ *Ibidem*.

²⁹⁷ HJ, vol. II, p. 255.

²⁹⁸ *Ibidem*.

Europa, sendo que o artifício dos japoneses conseguia tornar a “pedra emsossa” em beleza de “pedra e cal.”²⁹⁹.

O narrador descreve, fascinado, a grandeza desta obra, do material e da quantidade de mão-de-obra. As pedras utilizadas na construção da fortaleza eram, alegadamente, de tais proporções que eram necessários “4 e 5 mil homens” para as carregarem por caminhos íngremes e inclinados, um número que não podemos deixar de suspeitar ser exagerado, havendo uma pedra específica que precisou de “6 ou sete mil” homens para ser transportada, a qual “affirmão que” foi causa de um acidente trágico ao resvalar por uma encosta e esmagando mais de 150 pessoas³⁰⁰. Este episódio relembra outro semelhante relatado no *Memorial do Convento*, em que para se edificar o Convento de Mafra foi necessário transportar, igualmente, uma gigantesca laje, “...de comprimento trinta e cinco palmos, de largura quinze, e a espessura é de quatro palmos...”³⁰¹, que também foi causa de derramamento de sangue e da morte de um trabalhador, Francisco Marques, esmagado pelo carro que a transportava, uma “...espécie de nau da Índia com rodas...”³⁰² que pesava “...mais de duas mil arrobas...”³⁰³ só pela pedra. Deste modo vemos dois episódios que retratam duas construções de duas magníficas obras marcadas pelo sangue e pela morte, tudo para satisfazer a soberba dos governantes, porém, o narrador da *História* limita-se a revelar a grandeza da situação, não revelando qualquer comentário ou transparecendo qualquer lamentação pela perda de vidas humanas. A descrição da majestade da obra denota um narrador deslumbrado, os adjetivos são abundantes, a linguagem ilustrativa, visual, repleta de cores e formas, que nos transmite uma sensação sinestésica, predominando uma impressão de opulência, de brilho, de tranquilidade. É debuxada a “...riqueza dos paços e camaras, a fermozura das janelas, o ouro que (...) reluzia, (...) [as] colunas de (...) acharão vermelho e outras todas douradas, a grandeza dos gudões (...), [a] frescura dos jardins com grande diversidade de arvores pequeninas, pedras toscas (...) tanques, huns de pexes e outros de aves, as portas cubertas de ferro acharoadas de preto, as telhas de toda esta maquina e a cazaria douradas pelas bordas, (...) grande numero de pinturas douradas pelas camaras, a frescura e longissimos espaços por onde a vista se estendia, de huma parte sobre aquella grande alagoa que lhe ficava ao pé, continuamente navegada de diversas embarcações, e da outra campos e varzeas a perder de vista entressachados com fortalezas e muitos logares e povoações, e sobre tudo a limpeza estranha em todo aquelle circuito.”³⁰⁴.

²⁹⁹ HJ, vol. II, p. 255.

³⁰⁰ “...retrocedeo por huma costa abaxo levou debaxo de sy passante de 150 homens, os quaes logo esmagou e fez em posta.”, *ibidem*.

³⁰¹ SARAMAGO, 1998: p. 247.

³⁰² SARAMAGO, 1998: p. 243.

³⁰³ SARAMAGO, 1998: p. 261.

³⁰⁴ HJ, vol. II, pp. 255-56.

De maravilhar era a velocidade com que a obra foi concluída, em menos de três anos, a extraordinária limpeza e primor desta construção, em que até as cavalariças, com os cavalos dentro, estavam “...tão limpas que seguramente podião servir de camaras de recreação.”, as “...ruas mui compridas, espaçozas e largas, varridas duas e tres vezes cada dia”³⁰⁵, e mesmo os seus criados tinham bom aspecto. Esta ânsia pelo asseio esmerado é uma característica importante e recorrente da personalidade de Nobunaga, que ordenava a perfeição de todas as suas obras, quer fortalezas, quer os caminhos que ligavam as cidades. O narrador descreve estes paços como uma utopia tornada realidade, como se Nobunaga tivesse concretizado a edificação de uma cidade ideal na terra, livre de qualquer imperfeição ou sujidade, em que o saneamento é levado ao limite, varrendo-se as ruas várias vezes por dia e, se mesmo as cavalariças eram tão imaculadas que os fidalgos podiam ali conviver, uma imagem que pode conter, talvez, alguma hipérbole da parte do narrador, imagine-se a perfeição paradisíaca das câmaras dentro da fortaleza.

Azuchi era uma cidade mutável, em constante crescimento, a sua fama e a dos paços de Nobunaga chegava a todos os pontos do país, estimulando a curiosidade de muitos que caminhavam vários quilómetros de propósito só para a visitarem³⁰⁶. Para “...ter os reinos que tinha conquistados mais seguros...”³⁰⁷, todos os senhores principais ao seu serviço foram convidados a residir com as respectivas famílias nesta cidade, no entanto, a maioria fê-lo não por vontade própria, mas por agradar ao Senhor da Tenca³⁰⁸, pois, se quisessem permanecer na sua graça, não tinham outra escolha senão aceder ao seu pedido de construir ali as suas casas, se o não fizessem, podiam cair no desagrado do seu Amo, que desejava, além de vigiar os seus principais senhores tendo-os perto de si, aumentar o crédito da sua cidade com as residências opulentas e magníficas da nobreza do país, que procurava, cada fidalgo, construir os melhores edifícios, dignos da cidade de Nobunaga.

IV.3.2. SEGUNDA DESCRIÇÃO DE AZUCHI

Antes de relatar a visita do padre Visitador Valignano a Nobunaga na sua fortaleza principal, no ano de 1581, o narrador descreve uma segunda vez a cidade e os magníficos paços do Senhor da Tenca. Nesta cidade, que foi mandada edificar de raiz³⁰⁹, construiu-se a fortaleza de Nobunaga, que é descrita pelo narrador como “...a couza mais nobre e principal de todo Japão...”, pois, pela sua situação, beleza, opulência dos edifícios e os membros da corte e da nobreza japonesa que ali

³⁰⁵ HJ, vol. II, p. 256.

³⁰⁶ “...o estrepito e rumor da gente, o concurso dos fidalgos (...), a frequencia dos homens e mulheres disfraçados que pela fama e nobreza destes edificios vinhão de muito longe a vê-los...”, HJ, vol. II, p. 256.

³⁰⁷ HJ, vol. III, p. 330.

³⁰⁸ “...toda a gente da corte fabricava mais por contentar a Nobunanga que por vontade que tivessem de rezidir em Anzuchi...”, HJ, vol. III, p. 197.

³⁰⁹ “Alli edificou huma nova cidade...”, HJ, vol. III, p. 256.

residiam, “...excedia muito a todas as mais cidades de Japão.”³¹⁰. Esta segunda delineação de Azuchi amplifica um pouco mais a anterior, descrevendo mais detalhadamente a cidade, a sua situação e a fortaleza, não deixando de transparecer elogio e fascínio.

Azuchi aparece na *História* como uma cidade paradisíaca, amena e fértil, bela, onde Nobunaga quis “...mostrar toda sua glória...”³¹¹. Estava situada num solo plano, onde havia terrenos de cultivo de arroz e por onde passava uma grande lagoa, que atingia nalguns lugares tais dimensões que parecia “...hum grande mar que entra por muitas partes na mesma cidade...”, em cujo topo se elevavam três montes, sendo o do meio “...mais alto e superior aos outros.”, todos “...mui frescos pelas arvores e agua que tem, as quaes estão continuamente cubertas de verdura...”³¹². No sopé dos montes, ficava a cidade onde vivia a populaça, que somava, “...conforme ao que se dizia, seis mil vizinhos.”, sendo as suas ruas “...mui largas e direitas...”, tão compridas e tão bem edificadas que “...erão mui fermozas e aprazível a vista.”, e limpíssimas apesar de muito transitadas, pois “...cada dia se varrião duas vezes, huma pela manhã e outra à tarde...”³¹³. Noutro lado, “...por hum braço da alagoa afastado da cidade, começando do pé do monte...” e subindo ao redor deste, foram edificadas as casas dos fidalgos dos reinos conquistados por Nobunaga, todas “...mui ricas e nobres...”, com as cercas muito altas e feitas de pedra, extremamente dispendiosas, mas que fizeram o monte parecer “...ainda mais fresco, aprazível e gracioso...”³¹⁴. Os paços e fortaleza de Nobunaga, cuja “...arquitectura, fortaleza, riqueza e apparato se pode comparar com mui grandiozas fabricas de Europa...”³¹⁵, foram construídos no monte mais alto, o do meio, para mais destaque e ostentação daquela “...mui arrogante, aprimorada e lustroza obra...”, que, estando num sítio tão alto, “...parece que se vai às nuvens e de muitas legoas se vê de longe...”³¹⁶, qual Torre de Babel, obra tão soberba e magnífica que pretendia atingir o plano divino ao tocar o Céu, recebendo o castigo de Deus por aquela insolência, parecendo estar aqui patente um pequeno indício do destino trágico de Nobunaga.

A fortaleza é debuxada com o auxílio de vocábulos indicadores de extrema grandeza, beleza e luxo; a cerca que a rodeia era feita “...de pedra mui forte (...) de mais de secenta palmos d’altura...”, as casas no interior, em grande número, eram “...mui fermozas e ricas, porque estão todas cozidas em ouro, tão limpas (...) que parece não pode chegar mais adiante a humana limpeza.”, sendo a parte mais impressionante da obra a torre situada no meio, “...muito mais nobre e soberba que as nossas torres...”, extremamente alta com os seus sete andares, por dentro

³¹⁰ HJ, vol. III, p. 256.

³¹¹ *Ibidem*.

³¹² HJ, vol. III, p. 256.

³¹³ HJ, vol. III, p. 257.

³¹⁴ *Ibidem*.

³¹⁵ *Ibidem*.

³¹⁶ HJ, vol. III, p. 258.

ostentando “... figuras de ouro e de diversas cores que estão pelas paredes mui ricamente pintadas...”³¹⁷ e por fora cada andar “...pintado de varias cores, huns de branco com suas janelas de acharão ou verniz preto (...) em extremo fermozas, outros de vermelho, outros de azul...”³¹⁸, sendo o do topo da cor do ouro, oferecendo um misto variado e maravilhoso de cores, estando tudo coberto de telha, “...as mais fortes e fermozas de quantas sabemos em Europa, que parecem de cor azul...”, apresentando, por fim, os telhados umas “...soberbas carrancas com mui nobre e artificiosa figura.”³¹⁹. Ao lado da fortaleza foram feitos outros paços “...de muito mais primor e excellencia...” pela “...riqueza das camaras, a policia e primor da obra...”, a beleza da madeira, o asseio e esmero, pelos seus “...mui frescos e grandeozos jardins...”, tão diferentes dos europeus, que causavam “...particular admiração.”³²⁰. Por fim, fala o narrador, mais uma vez, das cavaliças, onde apenas havia meia dúzia de cavalos e a qual era “...tão limpa e bem consertada...” que não “...tinha mais que o nome de estrebaria...”, parecendo antes uma “...camara rica para recreação de fidalgos que logar para agazalhar cavalos...”, o que demonstra bem o grau a que chegava a obsessão pela perfeição e pureza de Nobunaga, “...porque a couza em que se mais revia e que sempre trazia diante dos olhos era esta exacta limpeza exterior.”, e tinha empregues trinta e cinco homens que não tinham outra função senão varrer “...todas estas cazas e alimpando-as com tanta perfeição e cuidado, como se cada dia fosse huma festa solemne...”³²¹, evidenciando, deste modo, mais uma vez o narrador como a limpeza era levada até ao limite.

Quando concluíram as obras do Senhor da Tenca, este abriu as portas dos seus paços por alguns dias para quem quisesse ir visitá-los e admirar a sua riqueza, e foi “...tanta a infinidade da gente que concoreo de diversos reinos que punha a todos admiração...”³²², o que alegrou certamente Nobunaga, sempre desejoso de exhibir as suas magníficas obras para que todos tomassem consciência do seu poderio e da sua posição enquanto o mais opulento e o mais soberbo.

IV.3.3. OS PAÇOS NO REINO DE MINO

A sua residência na província de Mino não é descrita com menos entusiasmo do que as restantes, abundando os elogios e os adjectivos no grau superlativo. Encontrava-se cercada de “...pedras toscas de estranha grandeza...”³²³, logo no primeiro pátio estava um “...theatro feito de excellentissima madeira para se representarem nelle autos e festas publicas...”, ladeado por

³¹⁷ HJ, vol. III, p. 257.

³¹⁸ HJ, vol. III, pp. 257-58.

³¹⁹ HJ, vol. III, p. 258.

³²⁰ *Ibidem*.

³²¹ *Ibidem*.

³²² HJ, vol. III, p. 259.

³²³ HJ, vol. II, p. 307.

“...duas arvores grandes de frutta para fazerem sombra.”³²⁴, e a primeira sala que surgia após se subir “huma larga” escadaria é comparada, superlativamente, ao “Sabayo de Goa”³²⁵, e continha miradouros com vista para a cidade. Todas as salas, passagens, balcões da residência “...erão feitos por tal artificio que, aonde parecia não haver nada e que aquelle era o termo, alli se descobria huma camara fresquissima e (...) outras muito curiosas.”³²⁶, havendo sempre uma luz ao fundo de um corredor escuro. Ouro puro e pinturas adornavam as câmaras dos paços (“...20 camaras todas ornadas de pinturas e beobus d’ouro, e dizião que a cravação de alguns delles (...) era de ouro puro sem mistura de outro metal.”), as varandas eram feitas de “madeira excellentissima”, as tábuas dos seus pavimentos “...reluzião de maneira que parecião espelhos...”, graças, certamente, ao asseio esmerado que tanto importava a Nobunaga, e nas suas paredes estava representada as “...historias da China e Japão pintadas sobre campo d’ouro.”³²⁷, parecendo um exagero esta extravagância de cobrir tudo de ouro, algo que apenas causa deslumbre ao narrador, ofuscado pelo brilho e pela cor dourada. Também são descritos os aposentos das damas, que eram “...muito mais aventajados no primor e feitio...”, resguardados por “...cortinas feitas de bocado da China...”³²⁸. No exterior encontravam-se “...4 ou sinco jardins fresquissimos...”, onde havia “...agua de hum palmo de altura (...) seixos limpissimos pequeninos e muito escolhidos e area muito branca, e muitos pexes fermozos de diversas especies...”, e tudo isto a juntar à “...muita diversidade de flores e hervas que nascem no meio d’agua em pedras.”, às “lindas fontes”, a “...toda a muzica de passarinhos e fermozura de aves em outros tanques de agua fresquissimos.”, e aos “...logares de propozito mui quietos e sem nenhum ruido nem perturbação de gente, solitarios e muito amenos.”³²⁹, afiguram um verdadeiro espectáculo paradisíaco, repleto de extrema beleza e tranquilidade, assemelhando-se, ou mesmo excedendo, os Jardins do Éden. Para servirem em sua casa, Nobunaga tinha ao seu dispor uma vasta quantidade de criados, todos eles “...fidalgos, filhos dos principaes senhores de diversos reinos, de idade de 12 até 17 annos...”³³⁰, que apenas trabalhavam nas primeiras salas, pois, dentro da residência, apenas serviam mulheres e os seus filhos.

Apesar de toda esta beleza e sumptuosidade, aquilo que mais assombrou o narrador sobre estes paços foi “...o estranho modo e maravilhoza promptidão com que este rey hé servido e venerado dos seos, porque somente fazendo sinal com a mão que se vão, de tal maneira desaparecem e vão huns por riba dos outros como se fossem fugindo de hum leão bravíssimo...”, quando chamava por um criado, “...respondem de fora cento...”, e quando levavam um recado seu,

³²⁴ HJ, vol. II, p. 307.

³²⁵ “...se entra em huma sala maior que a do Sabayo de Goa...” *ibidem*.

³²⁶ HJ, vol. II, p. 308.

³²⁷ *Ibidem*.

³²⁸ *Ibidem*.

³²⁹ *Ibidem*.

³³⁰ HJ, vol. II, p. 311.

iam “...voando ou ferindo fogos.”³³¹, querendo todos agradar ao seu Senhor sem divergir nem um pouco da sua vontade, temendo incorrer na sua fúria, comparada à de um “leão bravíssimo”. Os grandes fidalgos, que “...no Miaco valem muito...”, ao tratarem com Nobunaga, humilhavam-se a seus pés, “...com o rosto prostrado em terra e não há quem lhe alevante os olhos...”, e aqueles que queriam negociar com ele, não podiam ir ao seu encontro, “...porque subir alguém à fortaleza hé preceito rigurozo e proibição inviolavel e a mui poucas pessoas o concede.”³³², era necessário aguardar que Nobunaga descesse, por mais tempo que a espera levasse.

A descrição destes novos paços na província de Mino, a de todos os edifícios por ele mandados construir e a das suas acções, é comparada à própria personalidade de Nobunaga, que tinha “...por averiguado (...) que não há outra vida nem couza alguma fora do vizível, sendo como hé riquíssimo, procura que não haja couza em que algum outro rey o sobrepuje, antes elle pretende exceder a todos para mostrar sua magnificencia, e assim determinou, para recreação sua e deleite, fazer estes paços em que tem gastado muito dinheiro...”³³³. Esta passagem demonstra uma importante parte da filosofia de vida de Nobunaga, que acreditava não existir nada para além da morte e, por conseguinte, procurava fazer em vida tudo ao seu alcance para elevar o seu estatuto ao grau máximo da ostentação e da magnificência, querendo sobrepor-se a todos os reis não apenas do seu país, mas de todo o mundo.

IV.3.4. A RIQUEZA

Nobunaga foi “...segundo affirmão, o mais prospero, rico e poderoso principe de todos os que lhe precederão em Japão...”³³⁴. Proprietário de uma extraordinária fortuna (“...ouro e prata que tinha em muita quantidade...”), com a qual construía paços e fortalezas sumptuosos, tinha um gosto especial em coleccionar objectos raros e valiosos que “...lhe hião a cahir na mão...”, indicando como tinha facilidade em reunir estes artefactos, e recebia frequentemente uma quantidade assaz elevada de presentes preciosos, vindos de toda a parte do Japão, ou mesmo do exterior, tais como “...falcões e asores que lhe mandavão dos reinos de Saicocu, que são os da parte do sul, e os cavalos excellentes que lhe trazião do Bandou...”³³⁵. Possuía, na sua colecção, inúmeros objectos inestimáveis da Índia, China, Corai, “...e de outras partes remotas...”³³⁶, espadas, no Japão de grande estimação³³⁷, diversas raças de cavalos, e ainda “...peças lindas e curiozas, de que os homens

³³¹ HJ, vol. II, p. 309.

³³² *Ibidem.*

³³³ HJ, vol. II, p. 307.

³³⁴ HJ, vol. II, p. 256.

³³⁵ *Ibidem.*

³³⁶ *Ibidem.*

³³⁷ “...os traçados e adagas que em Japão tinham nome e erão de grande preço...”, HJ, vol. II, p. 257.

se agradavão e podião nellas deleitar-se...”³³⁸. De todos os artefactos que tinha, nutria um gosto especial pelas suas peças de chanoyu³³⁹, que quanto mais antigas, mais valor continham, e em sua posse teve grande parte das “melhores e mais afamadas”³⁴⁰, ora porque lhas ofereciam ora porque as comprava por muito dinheiro. Nobunaga gostava especialmente de objectos estrangeiros, vestuário e artefactos vindos de Portugal e da Índia, ou, pelo menos, isto era o que os rumores apregoavam³⁴¹, e as pessoas que queriam fazer-lhe mercês ofereciam-lhe este tipo de presentes, em quantidades e variedades surpreendentes, sem se compreender “...donde a estas partes tão remotas podia vir tanta multidão de peças...”, mostrando quanto o comércio dos japoneses com os portugueses se havia desenvolvido, e davam a Nobunaga “...vestidos de Europa, capas de grã, gorras e sombreiros de veludo com suas plumas, e medalhas d’ouro com a imagem de N. Senhora, peças de cordovão, relógios, pelicas requissimas, vidros de Veneza cristalinos mui ricos, damascos, setins e outras diversas peggas da India, de que enchião muitos e grandes caxões.”³⁴², com os quais se deleitava. Este prazer que Nobunaga tinha em coleccionar objectos exóticos, novos aos seus olhos e aos dos seus compatriotas, demonstrava como era um homem maior do que o seu recatado e periférico país, como se interessava pelo mundo em seu redor que se lhe ia afigurando aos poucos e que era, na sua nação, representado pelos padres e por estas peças que o comércio com o exterior trazia, exibindo deste modo o seu carácter único e especial, ao usar e coleccionar objectos raros no seu país e que não eram utilizados por quase mais ninguém, o que lhe conferia um aspecto exótico e diferente.

IV.3.5. FESTA DE DEMONSTRAÇÃO DE SUA GLÓRIA E RIQUEZA

Em 1581, pouco depois da Páscoa, numa altura em que o padre Valignano se encontrava no Japão, Nobunaga decidiu “...fazer huma festa mui nobre e assinalada...”³⁴³ no *Miaco*, comparada pelo narrador ao convívio que o rei Assuero³⁴⁴ fizera, também “...para mostrar (...) sua gloria...”³⁴⁵. Participaram na festa do Senhor da Tenca “...todos os principes e senhores de seo estado...”, incluindo o Imperador, “...toda a mais nobreza de homens, mulheres e bonzos...” de diversos reinos que somavam, no total, “...pouco menos de duzentas mil almas...”, cada um vestindo “...a mais rica e lustrozamente que pudessem...”³⁴⁶. Todos os nobres queriam participar nos torneios que

³³⁸ HJ, vol. II, p. 257.

³³⁹ “...que servem para quando se bebe o chá com agua quente, que em Japão tem preço, valia e estimação que entre nós a pedraria...”, HJ, vol. II, p. 256.

³⁴⁰ HJ, vol. II, p. 257.

³⁴¹ “...vierão a imaginar que folgava Nobunanga com vestidos e couzas da India e Portugal.”, HJ, vol. II, p. 274.

³⁴² *Ibidem*.

³⁴³ HJ, vol. III, p. 255.

³⁴⁴ “Assuero no terceiro ano de seu governo fez um grande convívio com toda a sua gente, persas e medos, para durante 180 dias lhes mostrar as suas riquezas e majestade.”, *ibidem*.

³⁴⁵ *Ibidem*.

³⁴⁶ *Ibidem*.

a festa oferecia, pelo que “...se dizia pela cidade...” que se encontrariam no campo devidamente ornado setecentos cavaleiros, “...com os cavalos muito ageezados, e cada hum vestido o mais lustramente que podia.”³⁴⁷. Nobunaga convidou expressamente “...todos os Padres e Irmãos...” a assistirem à sua festividade, dando-lhes, para tal, um bom lugar, “...acomodado e decente à maneira de palanque, para se poder ver de alto...”, para que estes pudessem ter uma visão privilegiada do acontecimento, e o padre Valignano não conseguiu conter o seu espanto e admiração pela riqueza e sumptuosidade do que via, afirmando “...que nunca em seos dias tinha visto couza tão lustroza e magnífica, pela muita quantidade de ouro e sedas com que hião ornados.”³⁴⁸. O padre Visitador havia oferecido a Nobunaga, numa visita anterior, uma cadeira “...de estado de veludo carmezim guarnecida d’ouro, (...) couza nova em Japão...”³⁴⁹, da qual o Senhor da Tenca tanto gostou que “...para entrar com mais magestade e magnificencia...”, desejou exibi-la na festa, ordenando que quatro homens a levassem aos ombros, e, a dado momento, “...se desceo huma vez do cavalo e se assentou na cadeira para mais ostentaçam e grandeza de seo estado e com que elle se differençava dos outros.”³⁵⁰. Como tudo no que se empregava Nobunaga, desejou que a sua festa fosse monumental, que enchesse o olhar dos visitantes com riqueza, pompa e circunstância, que o maior número de pessoas, quer nobres, quer bonzos, quer o próprio Imperador, estivesse presente para poder admirar a suprema glória e esplendor que havia atingido, e ninguém queria perder a festa e o torneio organizados pelo Senhor da Tenca. Os padres foram os convidados de honra daquela festividade, convite que terá sido, provavelmente, pouco inocente, uma vez que sendo os jesuítas o único meio de comunicação existente entre Nobunaga e o mundo para lá da China, as únicas pessoas que podiam revelá-lo a Portugal e à restante Europa, interessava-lhe demonstrar deste modo a estes religiosos toda a sua fortuna, ostentação e luxo, para que todos no globo ficassem a conhecer Nobunaga, o mais rico e poderoso dos homens, plano que, aparentemente, resultou bastante bem, pois Valignano mostrou-se encantado com todo aquele espectáculo de “...ouro e sedas...”³⁵¹. A sua atitude em revelar e engrandecer a cadeira de veludo é denunciadora do seu desejo essencial de se sobressair acima de todos os restantes, pois, ao sentar-se nela como um rei se senta no seu trono magnífico, colocando-se num patamar mais elevado, demonstrou bem como se diferenciava dos demais, como o seu estado se afastava do vulgar e do comum por ser muito mais próspero, preponderante e faustoso.

IV.3.6. FESTA DE BON

³⁴⁷ HJ, vol. III, p. 255.

³⁴⁸ *Ibidem*.

³⁴⁹ *Ibidem*.

³⁵⁰ HJ, vol. III, p. 256.

³⁵¹ HJ, vol. III, p. 255.

A festa de *Bon*, acontecimento solene “...que os gentios fazem em Japão...” em Agosto, que consistia em “...acender de noite muitos fogos e lanternas...”³⁵² nas portas e janelas, celebrava-se poucos dias depois de Valignano querer partir de Azuchi. Nobunaga, que naquele ano decidira fazer algo especial, quis que o padre Visitador dilatasse a sua visita para assistir à festa, o que logrou por falsos pretextos, alegando que queria mostrar umas obras novas que havia feito na sua fortaleza depois de “...consertar e varrer as cazas todas...”, pelo que assim “...obrigou ao Padre a esperar, porque não era possível poder fazer outra couza.”³⁵³, uma vez que não se podia replicar a Nobunaga. Apesar da urgência de Valignano em partir, Nobunaga não se preocupou com a pressa do padre, querendo fazer prevalecer a sua vontade ao dissimular “...hora com huma escuza, hora com outra até chegar o dia da festa.”³⁵⁴. Naquela noite, Nobunaga ordenou que as comemorações fossem diferentes do costume, não permitindo que ninguém acendesse fogueiras nem candeias em frente de suas casas, como era habitual, mas adornando somente a sua fortaleza, apesar de nunca haver feito tal em nenhum outro ano³⁵⁵, com lanternas “...ricas e galantes de diversas cores...”, que iluminavam todo o sétimo andar da torre mais alta, que por chegar a tão elevada altitude, “...deu huma maravilha vista com tanta multidão de candeas como em cima estavam ardendo.”³⁵⁶. Depois, fez-se uma procissão de “...huma grande quantidade de gente... (...) que passarão de duas mil...”³⁵⁷, que percorria toda a rua desde a residência dos padres até ao sopé do monte da fortaleza de Nobunaga, em que cada mancebo, fidalgo e soldado, enquanto corria pela rua comprida, empunhava uma tocha acesa que faiscava enquanto ardia, atirando-as, no fim de arderem, para o chão, ficando a rua coberta de fogo sobre o qual corriam, provocando um maravilhoso espectáculo de luz. Os padres, irmãos e meninos do seminário assistiam a este espectáculo pela janela da sua residência, por onde passou Nobunaga de propósito para vê-los e perguntar-lhes o que haviam pensado da festa, se lhes tinha agradado (“...passou Nobunaga a pé pela porta de nossa caza, e sahindo o P.^e Vizitador com os mais Padres a fazer-lhe reverencia, (...) se deteve hum bom pedaço com elles perguntando-lhes se tinham visto a festa e o que lhe parecia...”³⁵⁸), desejando certificar-se de que tinham admirado e apreciado o seu espectáculo para, mais tarde, o relatarem na Europa.

IV.4. NOBUNAGA E A RELIGIÃO

A relação entre Nobunaga e a religião, nomeadamente aquela entre os jesuítas, entre o cristianismo e entre as seitas do Japão e os seus pregadores, é largamente explorada na *História*, o

³⁵² HJ, vol. III, p. 261.

³⁵³ *Ibidem*.

³⁵⁴ *Ibidem*.

³⁵⁵ “...sem Nobunaga acender em sua fortaleza huma só...”, *ibidem*.

³⁵⁶ *Ibidem*.

³⁵⁷ HJ, vol. III, p. 262.

³⁵⁸ *Ibidem*.

que é natural visto que o seu autor foi um dos jesuítas que mais horas conviveu com o Senhor da Tenca e o europeu que melhor o conheceu. Em relação às suas crenças pessoais, tudo apontava para que Nobunaga fosse ateu, não seguindo piedosamente qualquer religião, nada dado à oração nem adorando nenhum Deus. Seguramente, não pertencia a nenhuma seita budista, pois era “...desprezador de todo culto e veneração dos Kamis e fotoques, e de todos os agouros e superstições gentílicas...”³⁵⁹, além de ter, em sua vida, perseguido bonzos e destruído templos budistas. Oficialmente, dizia ser da seita dos “foquexus”, mas repudiava os ídolos, e, nalguns aspectos, concordava com a seita dos “jenxus”, nomeadamente em dois que discordavam das concepções essenciais do cristianismo: a imortalidade da alma e o castigo futuro, a pena do Inferno ou a recompensa no Céu³⁶⁰. Ouviu algumas vezes pregar o cristianismo e, segundo o que nos relata o narrador, depreendemos que Nobunaga simpatizava com alguns dos seus aspectos, nomeadamente nas normas de conduta que exaltava, e que se comprazia com a presença dos padres estrangeiros no seu país, deleitando-se com as visitas de Fróis e de Lourenço.

Vejamos, detalhadamente, em primeiro lugar, as causas do ódio aos pregadores das seitas budistas japonesas e a perseguição que lhes fez e, em segundo lugar, como era a ligação entre o “Anjo” e os jesuítas, os encontros que tiveram, os favores que concedeu e a opinião que deles tinha.

IV.4.1. O ÓDIO AOS BONZOS

Nobunaga nutria um ódio mordaz contra os bonzos e as seitas que professavam³⁶¹, e, por esse motivo, mandou assolar sem piedade muitos templos budistas, alguns deles de extrema importância, como, por exemplo, “...a principal universidade e fonte das leys de Japão, por nome Fiyenoyama...”, que incluía uma grande quantidade de templos, todos destruídos “...com todos os Kamis e fotoques, livrarias e ornamentos.”³⁶². Este desrespeito e crueldade para com os bonzos, os templos e os ídolos, muito abismava e atemorizava o povo japonês, que, no geral, era muito dado ao culto e à veneração, no entanto, o terror que toda a gente sentia por Nobunaga era maior do que qualquer fé, portanto, ele era mais temido, venerado e obedecido do que qualquer Buda ou bonzo, e para caírem na sua graça, as pessoas até descuravam a sua religião. Por este motivo é que o cristianismo prosperou tanto na época do reinado de Nobunaga, já que ele o favorecia, ao contrário do que fazia com as seitas dos bonzos, desacreditando-as, desencorajando as pessoas a segui-las, o que muitas vezes sucedia, pois todos tinham medo de seguir uma seita cujo fundador ou professor

³⁵⁹ HJ, vol. II, p. 240.

³⁶⁰ “...concedia em algumas couzas com a opinião dos jenxus, tendo que não havia immortalidade da alma, nem retribuição ou castigo futuro...”, *ibidem*.

³⁶¹ “Teve (...) aversão estranha aos bonzos...”, HJ, vol. II, p. 247.

³⁶² *Ibidem*.

fosse inimigo ou assassinado por Nobunaga, como ocorreu numa ocasião em que, ao matar um bonzo que ensinava uma nova seita, “...foi tanto [o] temor...”³⁶³ dos seus adeptos que nunca mais o mencionaram e deixaram de o venerar.

Um dos motivos principais que parece, segundo o narrador, justificar o rancor de Nobunaga para com os bonzos e, também, que marca o início desta aversão, tem valor emocional, relacionado com a morte do seu pai, pois, quando este estava doente com gravidade, os bonzos deram-lhe falsas esperanças, assegurando que o pai se curaria, o que não aconteceu. Descrente das capacidades dos bonzos, tão venerados por todos e tidos como quase divinos, capazes de milagres com as suas orações, castigou-os, não tolerando os seus enganos, e o castigo foi mordaz, como costumavam ser, fechando-os num templo e, depois de afirmar com ironia “...pois lhe mentião na saude de seo pay, que rogassem aos idolos com maior atenção por suas proprias vidas...”³⁶⁴, matou alguns aos tiros, não lhes dando escapatória. Para além deste episódio, a razão para este ódio estava, igualmente, relacionada com a enorme influência e autoridade que os bonzos detinham sob o povo, que lhes obedeciam quase sem reflectir e acreditavam piamente no poder dos ídolos. Nobunaga, certamente, não gostava deste domínio tão grande da classe religiosa sobre as pessoas, ainda porque conhecia a vida pecaminosa, as mentiras e hipocrisias destes bonzos, que também se podiam virar militarmente contra ele, pois alguns deles eram, ao mesmo tempo, guerreiros. Por exemplo, no templo de *Sannó*, Nobunaga matou “...1120 bonzos que se puzerão em armas contra elle...”³⁶⁵, e manteve uma disputa alargada contra o bonzo de Osaca, que era o principal do Japão, tendo mantido a cidade cercada por cinco anos. A maioria dos bonzos era, igualmente, muito rica, e quando Nobunaga lhes tirava essas rendas abundantes, costumava reparti-las pelos soldados, um gesto inteligente que ajudava a manter o exército motivado. Por derradeiro, o Senhor da Tenca desprezava os bonzos por serem, alguns, muito poderosos e bastante abastados, possuindo terras e fortalezas, os mais influentes oferecendo-lhe forte resistência, dificultando a sua tarefa de alargar o império³⁶⁶, pelo que “...se gerou nelle hum odio universal contra os bonzos...”³⁶⁷, parecendo ter-se decidido a extingui-los a todos e a tudo o que tivesse a ver com eles, destruindo-lhes os templos, as universidades, retirando-lhes os rendimentos, o que provocava a diminuição da fé e da devoção dos seus seguidores e, igualmente, a autoridade que os bonzos exerciam neles, uma vez que, tendo todos muito medo de Nobunaga, do seu poder e da sua crueldade, não tinham coragem de venerar monges que eram inimigos e odiados por ele, pois, “...como elle hé tão poderoso e temido, o caminho que

³⁶³ HJ, vol. II, p. 252.

³⁶⁴ HJ, vol. II, p. 240.

³⁶⁵ HJ, vol. II, p. 247.

³⁶⁶ “A occazião que tomou para lhe ter este odio, foi a rezistencia que lhe fizerão alguns bonzos para vir a dilatar a posse de seo imperio porque, como em algumas seitas havia mui ricos e poderozos bonzos, que erão senhores de grandes fortalezas e ricas terras, achou nelles mui grandes e prolongadas rezistencias...”, HJ, vol. III, p. 191.

³⁶⁷ *Ibidem*.

leva seguem todos...”³⁶⁸. O narrador via com bons olhos este desfavor de Nobunaga em relação aos bonzos, parecendo “...hum assoute da justiça de Deos...”³⁶⁹, que utilizava o seu Instrumento³⁷⁰ para castigar aqueles infiéis, o que beneficiava a propagação do cristianismo e o crédito dos seus padres, e Nobunaga era, sem dúvida, o homem adequado para esta tarefa, uma vez que “...não era necessario menor braço contra...”³⁷¹ os bonzos, e apenas o braço de ferro do Senhor da Tenca era capaz de os esmagar.

A diferença com que Nobunaga tratava os padres e os bonzos era notória, perseguindo os últimos e sendo amável, benfeitor, para com os primeiros, como comenta o narrador: “E não hé pouco para se tambem notar, ver que este senhor que hé tão cruel e capital inimigo dos bonzos, se nos mostre tão propicio e affavel...”³⁷², preferindo os estrangeiros que pregavam uma religião nova e diferente aos seus conterrâneos, tão amados pelas pessoas e que professavam a religião da maioria do povo, contudo, já vimos como Nobunaga não gostava da influência demasiada que os bonzos gozavam com os plebeus. Numa ocasião, teve Nobunaga uma disputa “...profíada (...) e cruel...” contra uns bonzos que lhe mataram “...em huma silada mil homens, e dous irmãos seos bastardos e hum primo e hum sobrinho...”, vingando-se desta afronta ao matar num só dia “...passante de 20 mil almas...”³⁷³, mandando decapitar os bonzos principais e enviar as cabeças para *Miaco*, ficando com elas como se fossem troféus de guerra, atitude algo macabra que demonstra o seu carácter orgulhoso e vingativo mas, ao mesmo tempo, vigoroso, que não tolerava as ofensas e não deixava os seus homens e familiares sem retaliação.

Nobunaga mandou destruir muitos templos, sem preocupação pela herança histórica, não hesitando em assolar alguns muito antigos, historicamente valiosos, “...esplendidos e sumptuosos...”, e varelas “...de grande nome e romaria em Japão...”³⁷⁴, como o templo *Tennoji* de Osaca, que “...foi o primeiro que se edifficou em Japão...”³⁷⁵. Os ídolos das seitas budistas eram, por ele, desrespeitados, encontrando-se, por vezes, “...muitos idolos de pedra sem cabeças deitados em terra, porque Nobunaga os mandava tirar de seos tabernaculos aonde estavam e lançá-los fora.”³⁷⁶. Aquando da construção dos paços para o xogum, por haver falta de pedra, Nobunaga mandou desfazer as estátuas de pedra dos ídolos budistas que eram arrastadas para a obra “...com cordas ao pescoço...”, com total desprezo, e como o terror que os cidadãos sentiam do Senhor da Tenca era maior do que a fé, para lhe agradarem, “...desfazião os altares de pedra e davão com os

³⁶⁸ HJ, vol. III, p. 191.

³⁶⁹ *Ibidem*.

³⁷⁰ Vide capítulo “Nobunaga e a sua Relação com os Padres e Cristianismo”.

³⁷¹ HJ, vol. III, p. 191.

³⁷² *Ibidem*.

³⁷³ HJ, vol. II, p. 249.

³⁷⁴ *Ibidem*.

³⁷⁵ HJ, vol. II, p. 248.

³⁷⁶ HJ, vol. II, p. 305.

fotoques no chão...”³⁷⁷. Ainda para esta obra, que era feita de madeira, Nobunaga “...mandou que, sem apelação nem replica...”³⁷⁸, se retirassem todas as câmaras ricas de um mosteiro de bonzos chamado *Rocujó*, que se desfizessem e refizessem na fortaleza do Cubo. Os bonzos foram pedir a um Senhor importante, de nome Sotai, que intercedesse por eles a Nobunaga e o convencesse a não mover nada do templo deles, mas Sotai, “...não [se] atrevia, porque o que huma vez determinava [Nobunaga] era irrevogavel.”³⁷⁹, e muito poucos ou ninguém tinha coragem para procurar dissuadi-lo de algo que já tivesse decidido, uma vez que o Senhor da Tenca não gostava de réplicas. Não serviu de nada aos bonzos suplicarem a Nobunaga nem os presentes e ouro que lhe ofereceram, pois, sendo este um homem de ideias fixas, não voltava atrás nas suas decisões, e o templo foi todo destruído, pondo-se os bonzos “em pranto”, desgraça muito bem vista aos olhos do narrador: “Este foi o felice soccesso daquelle arrogante e luciferino templo.”³⁸⁰.

Sem qualquer piedade ou consideração pelos bonzos, era implacável a castigar a sua soberba. Por perderem uma disputa religiosa em Azuchi, relatada no final deste capítulo, mandou, no mesmo sítio e imediatamente após o final do confronto, que se cortasse a cabeça do bonzo principal da seita dos “foquexus”, os perdedores, e também de um criado seu que pertencia àquela seita. Devido a esta disputa, Nobunaga começou a tentar “...extinguir totalmente sua seita [dos foquexus]...”³⁸¹, ordenando que se destruíssem todos os templos que havia na capital, todavia, como viu o povo desolar-se por causa disto, decidiu parar com a destruição, mandando-lhes antes pagar uma imensa quantia como multa. Atacava e desacreditava mesmo os bonzos mais importantes do país, uma boa estratégia pois, acabando com os mais importantes, mais facilmente todos eles perdiam a influência que exerciam sobre o povo, e os castigos que lhes aplicava eram, naturalmente, cruéis, incluindo açoites, decapitações e crucificações, por exemplo, a um bonzo relevante, tido “por santo”, “...o mandou pizar aos couces e cortar-lhe a cabeça.”³⁸².

Nobunaga conhecia os vícios e a vida depravada que alguns bonzos levavam³⁸³ e não os tratava como se fossem intocáveis, pelo contrário, pensava ser importante castigar estes maus costumes uma vez que eles eram tão venerados pelo povo, por isso, punia-os, principalmente aqueles que lhe haviam feito “...algumas descortezias...”³⁸⁴. Ao verem o tratamento que Nobunaga dava aos bonzos, alguns dáimios ou senhores de outras províncias, cansados da “...desordem dos bonzos (...) e a vida cheia de vícios, ipocrezias e falsidades...”, retiravam-lhes regalias, as rendas,

³⁷⁷ HJ, vol. II, p. 243.

³⁷⁸ HJ, vol. II, p. 245.

³⁷⁹ HJ, vol. II, p. 246.

³⁸⁰ *Ibidem*.

³⁸¹ HJ, vol. II, p. 250.

³⁸² HJ, vol. II, p. 253.

³⁸³ “...de serem mui soltos e desenfreados em todo genero de vícios...”, *ibidem*.

³⁸⁴ *Ibidem*.

destruíam-lhes os templos e desacreditavam-nos, “...porque o mesmo fazia Nobunaga nas partes do Miaco, e que nunca por isso dos camis e fotoques recebera castigo, antes cada vez prosperavão mais suas couzas...”³⁸⁵.

Numa ocasião, houve em Azuchi uma desavença entre os foquexus, crentes em Xaca e, segundo o narrador, “...os piores que há em Japão...”³⁸⁶, e os jodoxus, que adoram Amida, e para resolverem a alteração, desejavam fazer uma disputa, indo pedir autorização a Nobunaga para tal, aparecendo “...todos vestidos ricamente e com muitos e bons presentes para offerecerem a Nobunaga (...) com grande soberba e arrogância...”³⁸⁷, como mandava a situação. O Senhor da Tenca, como não gostava de bonzos nem era seguidor das suas seitas, respondeu-lhes com desinteresse e indiferença, “...como quem bem os conhecia...”³⁸⁸, considerando a disputa desnecessária e inútil por ser algo que não lhe despertava qualquer interesse³⁸⁹, contudo, os foquexus estavam tão confiados na sua vitória que insistiram para Nobunaga permitir a disputa, apostando inclusivamente as suas vidas e a sua religião, dizendo que “...cazo elles ficassem vencidos naquella disputa, Nobunaga os mandasse matar e destruir seos mosteiros.”³⁹⁰. Este ainda hesitou um pouco, mas como a proposta dos foquexus seria uma oportunidade perfeita para si caso perdessem, uma vez que tanto trabalhava para desacreditar os bonzos, acabou por concordar, não indo assistir sequer à discussão. Os foquexus acabaram por sair derrotados, portanto, Nobunaga, depois de premiar os vencedores, foi duro e áspero para os perdedores, repreendeu o bonzo principal vencido ao acusá-lo de “...ipocrita, falso e que fingia a santidade e letras, que não tinha, diante do povo...”, mandando imediatamente decapitá-lo, que era “...o premio que merecia...”³⁹¹, e humilhando a seita ao obrigar os bonzos foquexus a escrever um documento assinado em como diziam terem sido vencidos e se comprometiam a nunca mais participar em nenhuma disputa, o que fizeram com “grandissima repugnância”, fazendo-os ainda pagar-lhe “...duzentos ichimais d’ouro...”³⁹², o que lhes causou um enorme prejuízo. Com todos estes agravos, a seita perdeu credibilidade, corria o rumor de que Nobunaga os mandava destruir a todos, e “...desta maneira ficarão os foquexus mui abatidos e vituperados por alguns annos em Japão.”³⁹³. Além do que fez em abatimento da seita, ainda castigou um criado seu, foquexu, que havia sido um dos causadores da disputa e a quem acusou de desonrar o país (“...teres atrevimento para hir pôr duvidas ao bonzo que

³⁸⁵ HJ, vol. III, p. 11.

³⁸⁶ HJ, vol. III, p. 239.

³⁸⁷ HJ, vol. III, p. 240.

³⁸⁸ *Ibidem*.

³⁸⁹ “«Parece-me que hé couza desnecessaria fazerdes vós outros esta disputa, pelo trabalho e gasto que pode ser e a muita gente que aqui há-de concorrer de ambas as seitas, e porque tambem não serve de nada».”, *ibidem*.

³⁹⁰ *Ibidem*.

³⁹¹ HJ, vol. III, p. 242.

³⁹² *Ibidem*.

³⁹³ *Ibidem*.

estava pregando foi grande temeridade tua e ainda deshonra para a Tenca...”³⁹⁴), a quem mandou cortar imediatamente a cabeça, o que foi prontamente executado, mostrando quanto se preocupava com a ordem e honra do seu império. Este episódio é apenas um dos muitos exemplos que retratam a impiedade e o desrespeito de Nobunaga pelos bonzos, descritos sem crítica pela parte do narrador. Enquanto os cidadãos tinham pelos bonzos imensa veneração e temiam o poder dos ídolos e dos *camis*³⁹⁵, Nobunaga atormentava-os e aniquilava-os, não temendo os castigos dos deuses xintoístas, mostrando como, ao contrário do restante povo, era imune às superstições. Estes bonzos foram imprudentes, submetendo-se tão insolentemente a Nobunaga, convencidos da sua vitória, quando sabiam como o Senhor da Tenca odiava e perseguia os monges budistas, tendo oferecido as suas vidas numa bandeja, aproveitando Nobunaga, naturalmente, a oportunidade de aniquilá-los, humilhá-los e destruir-lhes os templos sem qualquer trabalho por ter tido, inclusivamente, a sua autorização para fazê-lo.

Outro episódio revelador da personalidade de Nobunaga e do seu desprezo pelos bonzos é o do monge Mufen. Naturalmente, “...Nobunaga aborrecia muito todos os extremos e novidades que alvoroçavam a terra...”, pelo que, quando apareceu, no *Miaco*, um bonzo chamado Mufen, que significa “infinito”, “...embaidor terribilíssimo, eloquente, grande pregador, homem cheio de grande arrogância...”³⁹⁶, seguido pelo povo porque constava ser capaz de fazer milagres, chamou-o imediatamente à sua presença para o interrogar. Depois de analisar atentamente a sua fisionomia, perguntou-lhe três vezes de onde era, contudo, o bonzo não respondeu directamente pelas primeiras duas, tentando transparecer uma aura de mistério (“Respondeo somente: «Infinito». «És china ou de Sião, ou de que reino és?» Disse: «Sou peregrino».”³⁹⁷) o que apenas serviu para esgotar a já limitada paciência de Nobunaga, que lhe inquiriu derradeiramente de qual dos três reinos possíveis, Japão, China ou Sião, provinha³⁹⁸, porque se não viesse de nenhum deles, apenas podia ser um demónio que tomara a forma humana³⁹⁹. Após responder, por fim, que vinha “...das partes do Bandou...”, Nobunaga desprezou-o, apelidando-o de “feiticeiro embaidor”, enganador e cobiçoso, e obrigou-o a provar-lhe que era realmente capaz de fazer milagres, querendo assistir a alguns naquele preciso momento, porém, como não houve “...rasto nem sinal delles...”⁴⁰⁰, concluiu que Mufen não passava de um homem “vil e baixo”, portanto, mandou castigá-lo de imediato, na sua presença, e os seus criados lhe deram logo “...humas poucas de pancadas e tosquiaram-lhe os

³⁹⁴ HJ, vol. III, p. 242.

³⁹⁵ “...corruptela de *kami* - termo que designa os deuses do Xintoísmo, mas que hoje também é utilizado pelos cristãos para designar Deus.”, COSTA, 1998: p. 814.

³⁹⁶ HJ, vol. III, p. 243.

³⁹⁷ *Ibidem*.

³⁹⁸ “A origem de todos os homens há-de ser de hum de tres reinos, scilicet, ou há-de ser de Japão ou da China ou de Sião...”, *ibidem*.

³⁹⁹ “...porque fora disto hé couza duvidoza, salvo se és demonio que tem tomada essa figura...”, *ibidem*.

⁴⁰⁰ *Ibidem*.

cabelos, (...) e lansando-lhe huma corda ao pescoço, o levarão pelas ruas para o deitarem com esta deshonra fora da cidade.”⁴⁰¹. A verdade é que este bonzo havia perdido o seu combate ante Nobunaga mesmo antes de se colocar na sua presença, pois, sendo o Senhor da Tenca soberbo, “...não podia tolerar aver pessoa que em seos reinos se quizesse fazer eminente e preferir-se aos outros...”⁴⁰², detestando ver homens sem importância, falsos e enganadores, a burlarem “...as mulhereszinhas ignorantes e os meninos, oprimindo aos coitados em fazerem gastos pelos reinos e terras por onde passas...”⁴⁰³ e a exercerem influência sob os seus súbditos que deviam apenas obedecer-lhe a si, o homem mais poderoso e influente do país, e ninguém dos seus reinos podia ter a ousadia de procurar elevar a sua autoridade sob o povo, que lhe pertencia totalmente. Deste modo, não hesitou em puni-lo, ficando a assistir ao castigo aplicado pelos seus criados, e, como não deixava uma tarefa por terminar, ao saber que aquele enganador continuava a ludibriar os ingênuos apesar de haver sido castigado, mandou logo matá-lo, acto que o povo, que antes o seguia e o tinha por milagreiro, considerou “...de grande prudência.”⁴⁰⁴, prova de que o Senhor da Tenca obtinha, como desejava, a suprema soberania sobre a população.

Resta questionar se Nobunaga teria realmente conseguido extinguir as seitas e os monges budistas do seu país se não tivesse tido um final trágico e precoce, tendo, em vida, trabalhado bastante para esse fim pelos motivos e exemplos de destruição e assassínio que vimos. Se assim tivesse sucedido, se o “Anjo” tivesse vivido uma longa existência e continuado a assolar bonzos, as suas seitas e templos, procurando destruir o poder político e militar que haviam atingido e a influência que exerciam no povo, ao mesmo tempo que favorecia os padres, a face do seu país teria, certamente, sofrido uma ampla mutação. Por derradeiro, é interessante notar que Nobunaga fez aos bonzos o que, mais tarde, Hideyoshi e os Tokugawa fizeram aos cristãos, sendo a maior diferença que, enquanto os seguintes soberanos do país favoreceram o grupo que vinha de dentro, os bonzos japoneses, Nobunaga favoreceu o grupo que vinha de fora, os padres estrangeiros, preferindo o exótico e diferente à tradição e ao patriótico.

IV.4.2. NOBUNAGA E A RELAÇÃO COM OS PADRES E CRISTIANISMO

Sendo Nobunaga um homem tão arrogante, poderoso, opressor dos bonzos e inimigo das suas seitas, muito se admiravam as pessoas ao observar a simpatia e respeito com que tratava os padres cristãos, homens pobres e estrangeiros, cuja intenção era pregar uma nova religião ao povo nipónico. A verdade é que o tratamento do Senhor da Tenca para com os jesuítas não podia ser mais

⁴⁰¹ HJ, vol. III, p. 244.

⁴⁰² HJ, vol. III, p. 243.

⁴⁰³ HJ, vol. III, p. 244.

⁴⁰⁴ *Ibidem*.

contrário ao modo com que agia em relação aos bonzos, seus compatriotas e homens com elevada reputação entre o povo, atormentando estes últimos enquanto fazia mercês aos primeiros.

Mais do que uma vez é afirmado pelo narrador que Nobunaga, inconscientemente, é o Instrumento de Deus na Terra para ajudar o cristianismo a florescer no Japão⁴⁰⁵, por diversos motivos. Para começar, Nobunaga não era devoto de nenhuma religião budista, portanto, não era inimigo natural do cristianismo nem tinha a mente cerrada à ideia de uma nova religião; era “...cruel inimigo e perseguidor dos bonzos...”⁴⁰⁶, nutrindo-lhes um ódio especial, destruindo templos e assassinando-os, retirando-lhes privilégios, desacreditando-os e às suas seitas; finalmente, favorecia os padres, segundo o narrador, por saber que estes pregavam “...contra os camis e fotoques, e contra todas as seitas de Japão.”⁴⁰⁷. O facto de Nobunaga ter sido carrasco dos bonzos e de ter contribuído para a diminuição da influência destas seitas budistas sobre o povo, ganhou-lhe a alcunha de “Anjo” da parte do narrador (“E no mesmo conflito em dia de S. Miguel o anjo matou nesta Varela...”⁴⁰⁸), representado, assim, como um ser divino, um anjo de armas que protegeu o cristianismo e o auxiliou a prosperar ao castigar e assassinar os bonzos, ministros do demónio. Este era um dos fortes motivos pelos quais o narrador transporece tamanha admiração pela figura de Nobunaga. Segundo o narrador, foi Deus Quem efectuou a espantosa tarefa de amolecer o coração de Nobunaga, um homem tão arrogante, que desprezava tudo e todos excepto os padres e os irmãos, os quais tratava com tanta familiaridade e simpatia⁴⁰⁹. Supostamente, um líder altivo e orgulhoso que tratava os seus como inferiores, por mais nobres e poderosos que fossem, deveria portar-se de igual modo, ou pior ainda, diante de uns homens estrangeiros, pobres e estranhos, portadores de conhecimentos e verdades desconhecidas, todavia, impressionantemente, a sua atitude para com eles era de familiaridade e de bondade.

A convivência entre o “Anjo” e o jesuíta Luís Fróis começou pela ocasião em que Nobunaga entrava na capital e restituía o xogum ao seu posto legítimo. Durante esse momento, o autor desta *História* encontrava-se desterrado em *Sacai*, para onde havia sido expulso, proibido de regressar à capital para prosseguir a sua missão com o risco de ser morto, porém, a sua sorte estava prestes a mudar, pois a vinda de Nobunaga para a capital significou uma lufada de boa ventura para o padre e para o cristianismo. Quando o “vice-rei” do *Miaco*, Vatadono, foi interceder pelo padre Fróis a Nobunaga, explicando-lhe como fora exilado da capital e perseguido, o Senhor da Tenca, apesar de

⁴⁰⁵ “...sem o elle entender, o escolheo Deos Nosso Senhor para aparelhar o caminho a nossa santa ley...”, HJ, vol. III, p. 191.

⁴⁰⁶ *Ibidem*.

⁴⁰⁷ *Ibidem*.

⁴⁰⁸ HJ, vol. II, p. 247.

⁴⁰⁹ “E certo foi obra de Deos mover o coração de tamanho e tam soberbo gentio, que trata com tanta severidade e potestade com todos, haver-se com tanta familiaridade com os nossos, de que os gentios ficão espantados e os christãos não pouco consolados e contentes.”, HJ, vol. III, p. 195.

não conhecer o jesuíta, não saber o que era o cristianismo nem alguma vez ter visto ou conversado com um estrangeiro da Europa, contrariamente ao que lhe era usual, pareceu, segundo o narrador, condoer-se do padre, por ser “...estrangeiro, pelo ver desterrado e desamparado aqui no Sacai.”⁴¹⁰, e, num aparentemente raro gesto de caridade, decidiu providenciar o seu regresso à capital, favorecê-lo e ajudá-lo sem pretender nada em troca⁴¹¹, algo surpreendente tendo em conta a sua personalidade e conduta habituais, uma vez que não costumava prestar auxílio a gente pobre, sem importância, que em nada o poderiam beneficiar, ao contrário do que aconteceu quando ajudou o novo *Cubosama*, pois, ao fazê-lo, obteve influência absoluta sobre o mais importante Senhor a seguir ao Imperador. No entanto, não terá sido somente condolência que levou Nobunaga a agir em benefício do jesuíta mas, principalmente, curiosidade pela novidade que um estrangeiro lhe apresentava e interesse em vir, eventualmente, a conhecê-lo. Assim, acedeu em receber o Padre numa audiência, apenas o primeiro de vários encontros que se seguiram entre os dois, tendo este primeiro sido curto, distante, e envolto numa áurea de mistério e obscuridade. Nobunaga encontrava-se recolhido numa sala, escutando música, e o padre não pôde, nesta primeira visita, ver-lhe sequer a face, uma vez que estavam os dois separados por uma fila de jovens fidalgos, em pé, podendo cada um apenas entrever o outro. Não conversaram, e depois de Nobunaga o observar curiosamente através dos seus criados em pé⁴¹², ofereceu-lhe uma refeição servida pelos seus dois capitães (“...mandou-lhe pôr diante pelos seus dois capitães principais, que eram Sacumandono e Vatandono, hum grande taboleiro ricamente consertado de muita diversidade de couzas de comer...”) e esteve admirando os presentes que o Padre lhe havia levado, “...hum espelho mui grande de Europa, e huns fermozos rabos de pavão, hum sombreiro de veludo preto e huma cana de Bengala...”⁴¹³, todos objectos que não existiam no Japão, parecendo que agradariam mais a Nobunaga. Como era seu hábito, ficou somente com um dos presentes, o chapéu de veludo, talvez por no Japão nunca até aí se terem visto pessoas de chapéu, e devolveu os restantes “...porque assim o costumava fazer com outras pessoas tomando somente de seus presentes o que lhe agradava.”⁴¹⁴, terminando, assim, a primeira visita.

Nobunaga havia mostrado intenção de ver o Padre mais de perto, de conversar largamente com ele, contudo, não o fez naquele primeiro encontro por dois motivos que confessou aos seus dois capitães, que foram: “«Não deixei de ver o Padre por outra couza mais, que por não saber o tratamento que se havia de fazer a hum homem estrangeiro que vinha de tantas mil legoas pregar esta ley a Japão, e tambem porque, se o vira só, poderião alguns cuidar que me vinha fazer

⁴¹⁰ HJ, vol. II, p. 262.

⁴¹¹ “...Eu determino de o restituir, favorecer e ajudar em tudo o que puder sem delle pertender nenhuma couza...”, *ibidem*.

⁴¹² “...estando os seus mossos fidalgos em pé, por entre elles o esteve vendo...”, HJ, vol. II, p. 266.

⁴¹³ *Ibidem*.

⁴¹⁴ *Ibidem*.

christão».”⁴¹⁵. Esta razão parece mostrar um pouco de reserva da parte de Nobunaga perante um estrangeiro que havia vindo de tão longe, de terras para ele desconhecidas, hesitando na maneira de tratá-lo e de conversar com ele por não estar acostumado a forasteiros. Possivelmente queria reflectir mais um pouco na melhor forma de causar boa impressão a este estrangeiro distante, uma vez que, até ao momento, ele era o único meio que o Senhor da Tenca conhecia de ligação entre o seu país e o mundo exterior, e desejava mostrar a sua importância e força.

Sendo Nobunaga a maior autoridade do Japão, mais influente até que o Imperador e o xogum, era também o homem ideal para, em querendo, acabar de uma vez com a propagação do cristianismo no seu país, já que nem o próprio *Dairi* tinha influência suficiente para o fazer, pois, ao saber que o Padre Fróis havia retornado à capital, ordenou ao *Cubosama* que impelisse Nobunaga a expulsá-lo de novo, não tendo poder para o banir por conta própria, porém, o Senhor da Tenca, não sendo obrigado a obedecer a este mandato, não o fez. Por esse motivo, alguns antagonistas da religião cristã, que abundam nesta *História*, tentavam criar intrigas contra os padres e virar Nobunaga contra eles, no entanto, este manteve-se sempre constante no seu apoio aos jesuítas, e “...o gazalhado que assim Nobunaga...”⁴¹⁶ fazia ao padre Luís Fróis muito desagradava a estes anti-cristãos. Matsunaga Hisahide, também conhecido por Sotai, homem que detestava especialmente esta nova religião, teve a ousadia de tentar persuadir Nobunaga a expulsar o padre da capital, com palavras venenosas, declarando como “se espantava” de Nobunaga permitir aquele estrangeiro “tão prejudicial” pregar livremente aquela religião “maldita”, uma vez que os rumores indicavam que, onde quer que florescesse o cristianismo, “...os reinos e cidades erão logo assolados e destruídos.”⁴¹⁷. Nobunaga respondeu à altura, com ironia e racionalidade, provando ser um homem inteligente e lógico, afirmando como era ele quem se espantava da sua mentalidade tacanha, acusando-o de ser supersticioso e de ter ideias pequenas⁴¹⁸, depreendendo-se pela sua resposta que não gostou da afirmação de Sotai, que quase o acusara de ingenuidade e de prejudicar o país ao proteger os jesuítas, portanto, com arrogância e altivez, replicou que o ingénuo e o insensato era Sotai por imaginar que um homem só podia trazer desgraças às terras por onde passava. E como Nobunaga odiava que o contestassem, assim que punha um “ruim sembrante”, ninguém ousava contradizê-lo, nem sequer olhá-lo na face⁴¹⁹, e deste modo “...Sotai emmudeceu sem replicar couza alguma.”⁴²⁰, com medo de cair na fúria de Nobunaga, que significaria um castigo terrível. O “Anjo” ainda acrescentou que, na sua opinião, os padres estrangeiros eram antes um adorno, algo novo e

⁴¹⁵ HJ, vol. II, p. 267.

⁴¹⁶ *Ibidem*.

⁴¹⁷ *Ibidem*.

⁴¹⁸ “«Espanto-me de vós, Sotai, que sois homem velho e prudente; tendes hum coração tão pequeno e quartado!”, *ibidem*.

⁴¹⁹ “E como Nobunaga mostrava ruim sembrante a hum, não fallava mais palavra nem ouzava alevantar os olhos...”, *ibidem*.

⁴²⁰ *Ibidem*.

positivo que vinha trazer uma lufada de novidade e que servia para alargar os horizontes do Japão e desenvolver a sua cultura⁴²¹, por isso não havia de expulsá-los do país, o que demonstra o seu carácter de curioso, interessado em contactar com novas pessoas, estranhas e diferentes dos seus conterrâneos, e novos objectos, ansiando por descobrir mais acerca de um mundo novo que se lhe vinha aflorando aos poucos e que apresentava tantas novidades e potencialidades. Em vez de, como a maioria, considerar a presença de um estrangeiro nefasta, o que indica o espírito fechado de uma porção do povo nipónico em relação a uma nova religião, mantendo-se fiel às seitas que pertenciam ao país há tão longos séculos, Nobunaga, possuidor de um espírito aberto, amplo e inteligente, afirmava que a vinda de um padre estrangeiro era algo positivo que enaltecia e variava um pouco um país por natureza reservado e pouco dado a mudanças provenientes do exterior. Nobunaga considerava o jesuíta um “ornamento” pelo seu ânimo corajoso ao haver viajado de tão longínquas terras, facto que admirava grandemente, uma vez que nunca havia saído do país num tempo em que praticamente ninguém o fazia, e mesmo os que o faziam não passavam para lá da China. Assim sendo, o cristianismo era visto por Nobunaga como um enfeite pela novidade cultural que trazia, não conhecendo ainda os seus fundamentos, e ainda por ser distinta das seitas budistas que tanto desprezava, sendo os padres, segundo o seu ponto de vista, mais interessantes do que os bonzos.

Não tendo ainda havido um contacto directo entre Fróis e Nobunaga, Vatadono, que “...tomou este sucesso em cazo de honra e determinou pôr ainda mais suas forças em favor do Padre...”, marcou um segundo encontro entre o padre e o Senhor da Tenca, persuadindo o primeiro a deslocar-se ao local da audiência numa liteira, “...porque assim convinha...”⁴²², uma vez que, sendo Nobunaga um homem tão importante, era necessário aparecer bem diante dele, pois estimava a sumptuosidade, e a própria cultura japonesa baseava-se muito na grandeza do exterior. Se o primeiro encontro entre os dois foi misterioso e distante, este segundo foi bastante mais informal, comprido, em plena luz do dia. Nobunaga andava a supervisionar as obras dos paços novos do Cubosama, “...com huma cana na mão dando ordem ao que se fazia.”⁴²³, e ali mesmo num local de trabalho, barulhento, cheio de pó e de pessoas o recebeu, esperando de pé, em cima de uma ponte, que o padre se lhe juntasse, envergando a sua “...pele de tigre singida para se assentar e com vestidos grosseiros...”⁴²⁴, uma imagem que, tirando a pele de tigre e a cana na mão, pouco combinava com a grandeza da sua ilustre pessoa e com o seu gosto pelo requinte. Contudo, à sua semelhança, todos os que trabalhavam naquela obra apareciam rudemente vestidos, ninguém

⁴²¹ “Antes tenho para mim que hé ornamento desta cidade, onde há tantas seitas, vir hum homem de tão longe e de partes tão remotas a pregar aqui tambem sua ley».”, HJ, vol. II, p. 267.

⁴²² HJ, vol. II, p. 270.

⁴²³ HJ, vol. II, p. 243.

⁴²⁴ HJ, vol. II, p. 244.

ousando envergar melhores roupas do que as de Nobunaga⁴²⁵ por respeito a si e à sua superioridade. A pele de tigre conferia-lhe um toque exótico, sublime e original, e bramia a cana como um ceptro, símbolo de poder e autoridade. Quando o padre chegou ao pé dele, Nobunaga sentou-se informalmente sobre umas tábuas e, depois de o aconselhar a tapar a cabeça por causa do sol, conversou com ele durante duas longas horas, calmamente, ávido de curiosidade, colocando-lhe “logo” inúmeras perguntas acerca de si próprio, das suas viagens, do seu país de origem, da Índia, de Portugal e da Europa (“Perguntou-lhe logo de quantos annos era, quanto havia que viera de Portugal e da India para Japão, quanto tempo estudara, se tinham seos parentes esperança de o verem outra vez em Portugal, se tinha cada anno cartas de Europa e da India, a distancia do caminho...”⁴²⁶). Em seguida, questionou-o acerca desta nova religião para ele desconhecida, dos seus objectivos e motivações enquanto missionário (“...perguntou se a ley de Deos se não dilatasse nesta terra, se se tornaria para a India? (...) Perguntou mais com que motivo se movera o Padre vir de tão longe terras a Japão?”⁴²⁷), e, ao escutar a resposta do Padre, que falara das boas intenções do cristianismo e dos seus pregadores, que somente desejavam mostrar o caminho da salvação aos japoneses, sem esperar nada em troca, e ainda dos tremendos obstáculos que, especialmente, os bonzos lhes causavam⁴²⁸, censurou os bonzos que ali se encontravam a ouvir a conversa, com a incrível potência vocal que, segundo o narrador, possuía⁴²⁹. Levantando a voz e “...apontando com a mão para os bonzos...”⁴³⁰ num gesto acusador, enfurecido e indignado, evidenciou claramente a aversão que por aqueles sentia, insultando-os e acusando-os de mentirosos, hipócritas, e ainda de arrogantes e vaidosos, pois viviam mais luxuosamente do que deviam, confessando que apenas não acabava com todos eles e as suas seitas por receio da reacção que teria o povo, que era tão afeiçoados a eles. Mostra Nobunaga, neste gesto, a sua impetuosidade e rapidez a enfurecer-se, a julgar e a transmitir sem qualquer temor a sua opinião, declarando-se abertamente desfavorável aos bonzos e admitindo ter vontade de os liquidar a todos, à frente de uma imensa quantidade de curiosos que, entre trabalhadores, pessoas nobres e bonzos, em redor de Nobunaga e do padre escutavam com admiração a conversa entre o Senhor da Tenca e aquele estrangeiro⁴³¹. O jesuíta aproveitou esta ocasião para evidenciar a grande diferença que existia entre os padres cristãos e os bonzos, uma vez que os primeiros “...não pertendião em Japão honras, riquezas e fama...”⁴³², e

⁴²⁵ “...todos os senhores e os mais dos criados com vestidos de peles para o trabalho, sem haver quem apparecesse diante delle com vestidos polidos e cortezaõs emquanto durou a obra.”, HJ, vol. II, p. 244.

⁴²⁶ HJ, vol. II, p. 271.

⁴²⁷ *Ibidem*.

⁴²⁸ “...em nascendo o grão, erão tantas as espinhas que logo o afogavão: que quando os bonzos sentião fazer-se alguma pessoa nobre christão, buscavão meios para deitar o Padre fora e extinguir a denunciação da ley de Deos...”, *ibidem*.

⁴²⁹ “...alevantou Nobunaga a voz, porque tinha hum extraordinario órgão...”, *ibidem*.

⁴³⁰ *Ibidem*.

⁴³¹ “Estava toda aquella multidão de gente suspensa em ver quam de proposito Nobunanga perguntava e o Padre respondia.”, *ibidem*.

⁴³² *Ibidem*.

propôs a Nobunaga a realização de uma disputa religiosa entre ele e os principais bonzos do Japão, “...por seu passatempo e recreação...”, e, em o padre perdendo, que o expulsasse “...com sobeja razão (...) como pessoa inútil e desnecessária...”⁴³³, senão, que obrigasse os bonzos a ouvirem pregação. A Nobunaga agradou-lhe esta confiança e, ao mesmo tempo, humildade do padre, e a “...isto se sorio...”⁴³⁴, afirmando ser uma possibilidade, mas sem grande certeza, pois duvidava se os letrados japoneses estariam dispostos a tal, e elogiou o ânimo e a coragem do Padre, que apesar de vir de tão longe para um país desconhecido, não temia os desafios difíceis⁴³⁵.

Nobunaga ficou notoriamente satisfeito com o encontro com o padre, pois, no final, avisou-o de que o mandaria chamar mais vezes para conversarem, e Fróis, por sua vez, mostrou saber como tratar Nobunaga de modo a agradar-lhe, tratando-o por “Sua Alteza” e lisonjeando-o com muita veneração⁴³⁶, elogiando “...a insigne obra de justiça que tinha feita em restituir com tão grande estado e honra ao Cubosama a antiga dignidade de seu irmão.”, louvando o seu poder e ainda espreitando-lhe alguma sede de a sua fama se expandir ao resto do mundo, dizendo-lhe que, em lhe concedendo a sua patente para poder pregar livremente na capital, “...se ampliava a fama de sua grandeza ainda entre as nações que delle não tinham notícia, como era a Índia e a cristandade de Europa.”⁴³⁷. A esta afirmação, Nobunaga “...mostrou hum semblante alegre.”⁴³⁸, evidentemente agrado com a ideia de a sua reputação se estender para lá do Japão, e ainda quis que o Padre visse aquelas obras com muita atenção, para que pudesse apreciar o quão magníficas eram. Realmente, segundo Vatadono explicava a Fróis, o melhor “...modo com que havia de falar com Nobunaga...” era “...louvando-lhe os edifícios e a sumptuosidade delles, e que para se saber na Índia e em Portugal os favores que S. A. lhe fazia...”⁴³⁹.

Depois deste segundo encontro, para aumentar mais o crédito do Padre perante os nobres e o povo, quis que este fosse visitar o xogum, conversar com ele, com a esperança de que recebesse, também, o seu favor, todavia, os encontros entre os padres e o *Cubosama* não foram, de longe, tão numerosos nem tão compridos como os de Nobunaga, não gastando o narrador muitas linhas a descrevê-los. Nesta ocasião, ordenou Nobunaga que Vatadono levasse Fróis a ver o xogum, que o recebeu, talvez por saber que era esse o desejo do Senhor da Tença, tendo a visita sido curta, limitando-se o narrador a relatar como o xogum foi respeitoso e frisando que, tendo um posto elevadíssimo⁴⁴⁰, mostrava-lhe grande cortesia, falando-lhe e agradecendo-lhe o presente que lhe

⁴³³ HJ, vol. II, p. 272.

⁴³⁴ *Ibidem*.

⁴³⁵ “...de grandes reinos não podia deixar de proceder grande capacidade e fortaleza de animo...”, *ibidem*.

⁴³⁶ “...porque Sua Alteza tinha agora o poder supremo em Japão...”, HJ, vol. II, p. 271.

⁴³⁷ HJ, vol. II, p. 272.

⁴³⁸ *Ibidem*.

⁴³⁹ HJ, vol. II, p. 276.

⁴⁴⁰ “...sendo o Cubó a estatua de Japão...”, HJ, vol. II, p. 273.

dera quando, segundo o narrador, era “...couza rarissima fallar nenhuma palavra a quem o vizita...”⁴⁴¹. O facto de não descrever largamente estas visitas indica que o xogum não teria tanto interesse na companhia dos estrangeiros quanto Nobunaga e que, também, não teria um carácter tão interessante e singular como o seu, como se pode comprovar por uma outra ocasião, em que Fróis, levando um presente ao xogum para assegurar o seu favor, não foi imediatamente recebido, alegando o *Cubosama* que se sentia indisposto e limitando-se a enviar recado em que dizia não se preocupasse que o favorecia, algo que nunca sucedeu com Nobunaga, que nunca perdeu uma oportunidade de conversar com o padre, a não ser no primeiro encontro entre ambos, a única excepção. No entanto, quando o jesuíta foi buscar um relógio despertador, “...couza rara e linda...”, para lhe mostrar, “...fez o Cubosama logo chamar o Padre...”⁴⁴² e admirou, encantado, aquele objecto exótico, fazendo perguntas acerca dele durante “...tres quatros de hora...”⁴⁴³, o que demonstra alguma hipocrisia da parte do xogum, recebendo o padre apenas pela curiosidade de ver o novo objecto raro que trazia, limitando-se a fazer perguntas acerca do relógio, ao contrário de Nobunaga, que conversava largamente com o jesuíta sobre diversos assuntos.

Ainda para conseguir a patente do Senhor da Tenca, que oficializava a sua protecção ao padre e o direito deste de poder professar a sua lei, Vatadono levou da parte de Fróis, sem este ter, aparentemente, conhecimento, umas barras de prata que os cristãos japoneses lhe haviam pedido que enviasse a Nobunaga, acrescentado mais sete da sua propriedade às míseras três que os cristãos, não gozando de muitos recursos, puderam juntar, que “...não era nada, nem couza que se pudesse apresentar a Nobunaga...”⁴⁴⁴, sendo ele tão rico e tão poderoso. Nobunaga julgou este gesto desnecessário, recusando-o suavemente, rindo, não querendo aceitar dinheiro do padre por aquele ser estrangeiro, considerando injusto da sua parte aceitar ouro ou prata de um homem por quem já prometera interceder pessoalmente, e acrescentou ainda que não pretendia que se espalhasse pelo mundo uma imagem de si como ganancioso, auxiliando apenas quem o enriquecesse através de subornos, atitude que ele apelida de “baixeza” e “desumanidade”⁴⁴⁵. O narrador demonstra Nobunaga, deste modo, como um homem benévolo, não lhe querendo cobrar favores, notando-se, ainda, pelas suas palavras que pretendia ser conhecido pelo resto do mundo e que se preocupava com a opinião dos jesuítas acerca dele, pois uma vez que eram aqueles os únicos que comunicavam com o exterior, o conceito que lá chegaria de Nobunaga seria apenas baseado no seu parecer, o que implicava ser de extrema importância tratar estes estrangeiros com respeito e generosidade, querendo o Senhor da Tenca, aparentemente, ser conhecido na Europa como um homem poderoso,

⁴⁴¹ HJ, vol. II, p. 273.

⁴⁴² HJ, vol. II, p. 295.

⁴⁴³ HJ, vol. II, p. 296.

⁴⁴⁴ HJ, vol. II, p. 274.

⁴⁴⁵ “«Parece-vos que soaria meo nome bem na India e nos reinos donde o Padre hé natural uzar eu com elle dessa baxeza e deshumanidade?»”, HJ, vol. II, p. 275.

brando na opinião do narrador. O gesto aparentemente inócuo de recusar o dinheiro terá sido, porventura, interesseiro, para não se tornar num tirano ganancioso aos olhos do jesuíta, mas num poderoso Imperador, mesmo benévolo aos olhos do narrador, que, por outro lado, era já tão extraordinariamente rico que não necessitava de umas míseras barras de prata da parte do padre.

Antes de colocar o selo vermelho na patente, que declarava que tinha o Padre permissão de residir na capital ou em qualquer dos seus reinos que desejasse, estando “...eximido e desobrigado de todas as couzas que os outros naturaes fazem por suas obrigações...”, sem ser agravado por ninguém, e “...se pela ventura houver algumas pessoas que injustamente o agravarem, muito clara e distintamente providerei sobre isso”⁴⁴⁶, quis que o Padre a lesse primeiro e a aprovasse. Deste modo conseguiu o padre obter facilmente uma patente de Nobunaga, embora fossem elas extremamente difíceis de adquirir, sem sequer precisar de lhe oferecer nada em troca, ao contrário de, por exemplo, os bonzos, que precisavam de suborná-lo com presentes e ouro, algo de que os padres, no Japão, pouco ou nada tinham. Em seguida, Nobunaga pediu ao *Cubosama* que desse também ele a sua patente ao Padre, e como os pedidos do Senhor da Tenca eram, na verdade, ordens, o xogum logo acedeu⁴⁴⁷, e manteve a sua palavra mesmo quando o Imperador, mais tarde, lhe pediu que expulsasse Fróis da capital, o que ele recusou, argumentando que apenas ele decidia quem era desterrado e que tanto ele como Nobunaga haviam já dado a patente ao padre, o que também indica a falta de autoridade que o Imperador tinha e, ao mesmo tempo, a influência muito superior de que gozava o Senhor da Tenca, ao qual o xogum não desejava desobedecer ou enfurecer. Parece-me que a principal razão pela qual o *Cubosama* favoreceu Fróis nesta ocasião foi para, de certa forma, manter a ilusão de que ele é que, teoricamente, reinava acima de Nobunaga, pois, uma vez que este já havia permitido a permanência do Padre na capital, de pouco ou nada lhe teria servido ir contra a vontade do Senhor da Tenca, o que apenas teria demonstrado a clara supremacia de Nobunaga⁴⁴⁸. Por outro lado, o xogum não queria incorrer no desagrado de Oda ao importuná-lo sobre algo que já tinha decidido, dizendo aos que o pressionavam para lhe enviarem recado eles próprios⁴⁴⁹.

Rapidamente Nobunaga e Fróis se encontraram de novo, no mesmo local da visita anterior, querendo o Padre agradecer-lhe pela sua generosidade, sendo recebido com a sua “acostumada benevolência”⁴⁵⁰ e convidado a admirar as obras de novo, a constatar com assombro a rapidez com que eram concluídas. Cada vez as visitas se tornavam mais repetidas, mais íntimas e respeitadas. Pouco depois de receber a desejada patente, o jesuíta levou consigo um relógio despertador,

⁴⁴⁶ HJ, vol. II, p. 275.

⁴⁴⁷ “E mandou Nobunaga dizer ao Cubosama que, porquanto elle tinha já dado ao Padre seo xuín [patente], que seria bom dar-lhe S. A. também a sua patente...”, *ibidem*.

⁴⁴⁸ “...Cubosama (...) não deitava o padre fora por cauza de Nobunaga...”, HJ, vol. II, p. 294.

⁴⁴⁹ “...o Cubosama (...) não havia de mandar tal recado a Nobunaga (...): que se elle queria e dezejava deitá-lo fora que de sua parte lhe mandasse recado.”, HJ, vol. II, pp. 294-95.

⁴⁵⁰ HJ, vol. II, p. 276.

novidade no Japão, de propósito para mostrar a Nobunaga, que já havia ouvido falar desse objecto e estava desejoso de o ver, e uma vez que gostava tanto de artefactos estrangeiros, havia de folgar e de se espantar muito com uma peça tão estranha para ele. Neste encontro muito privado, onde apenas se encontravam mais “...2 ou 3 fidalgos somente.”, Nobunaga observou o relógio e “...muitas vezes se admirou...”⁴⁵¹, confessando humildemente recusar ficar com ele porque não saberia utilizá-lo⁴⁵². Depois, tratou o Padre com impressionante deferência, tão desacostumada num homem arrogante como ele próprio, chamando-o para junto de si, oferecendo-lhe chá da própria porcelana por onde bebia e presentes valiosos (“...duas vezes lhe mandou dar chá pela mesma porcelana por onde elle bebia, e mandou dar ao Padre hum caxão quadrado de figos passados de Mino, que são os mais estimados que há em Japão...”⁴⁵³), algo que não deveria fazer muitas vezes a outros. Mais uma vez conversaram cerca de “duas horas”, durante as quais esteve Nobunaga “...perguntando ao Padre e ao Irmão Lourenço pelas couzas de Europa e da India.”, e, no momento da despedida, pediu ao Padre que regressasse a visitá-lo e que lhe levasse uma “...vestimenta de bordado de Europa...” que ele tinha curiosidade de admirar “...por ser couza que nunca tinha visto.”⁴⁵⁴. A atitude de Nobunaga para com Fróis era bastante diferente daquela com que tratava os senhores mais nobres e importantes, mesmo contrastante com a sua acostumada faceta bélica, impetuosa e soberba. Perante o jesuíta, Nobunaga, apesar de nunca descurar a sua dignidade e a autoridade sobre os seus, transforma-se num homem despretenso, desejoso de ter mais oportunidades de conversar com aquele padre estrangeiro, de colocar questões, de aprender sobre os países que não conhecia e sobre os seus objectos, querendo que lhe levassem um artigo que nunca tinha visto e parecendo quase uma criança espantada a lidar com aquele relógio cujo funcionamento não entendia nem com o qual conseguia trabalhar. Parece que Nobunaga aproveitava estes encontros com Fróis e com Lourenço para se alhear das complicadas questões do governo e da guerra, usufruindo daquelas óptimas ocasiões para se poder relaxar, não precisando de mostrar, perante os padres e irmãos, a sua faceta ativa e de superioridade, sendo, deste modo, arrogante e hierárquico para com os fidalgos e os bonzos, e descontraído na companhia dos jesuítas.

Como ficara prometido, Fróis tornou a visitar Nobunaga, quando este estava de partida para a província de Owari, para se despedir e para lhe mostrar a vestimenta europeia que havia solicitado, e este recebeu-o “benignamente”, como era hábito, fazendo esperar muita gente que queria tratar de negócios com ele para logo falar “mui de propozito” com o jesuíta, querendo imediatamente ver a capa de bordado de Ormuz que era, para ele, muito mais importante do que os negócios. Apesar

⁴⁵¹ HJ, vol. II, p. 277.

⁴⁵² “«Posto que o desejo muito, todavia não o quero por ser em minha mão perdido», pela dificuldade que sentia em o consertar.”, *ibidem*.

⁴⁵³ *Ibidem*.

⁴⁵⁴ *Ibidem*.

de Fróis prometer que lhe levaria a capa uma outra vez quando Nobunaga tivesse mais tempo de apreciá-la, “...posto que era couza de pouco momento para se apresentar aos olhos de tão grande Príncipe.”, de ser noite e da suposta pressa de partir, viu a capa “muito devagar”, com muito gosto e atenção, e mandou o Padre vesti-la, admirando o efeito, satisfeito por vê-lo tão elegante, com tanta “...pompa e aparato.”⁴⁵⁵, qualidades por ele tão apreciadas, devendo desagradar-lhe um pouco, talvez, ver o padre vestido pobremente. Quando Fróis se preparava para partir, Nobunaga não o permitiu, querendo que ficasse para conversarem um pouco mais, retardando assim ainda mais a gente de negócios que tinha à espera, enquanto o padre não tivera de esperar para ser recebido. O seu gesto de acender pelas próprias mãos um “rolo de candeas”⁴⁵⁶ que o padre lhe tinha oferecido juntava afectividade e acatamento ao seu tratamento já familiar e agradável para Fróis, não se impondo com arrogância e majestade ao jesuíta como fazia noutras ocasiões para outras pessoas.

Aconteceu numa noite particular, em 1569, o padre ter ficado muito tempo na casa de Nobunaga, pois foi desafiado para uma disputa religiosa por um bonzo chamado Nichijó, antagonista do cristianismo e descrito de forma medonha, como um “...homem de baixa sorte e escuro sangue, pequeno da estatura e de mui desprazível filosomia, idiota sem letras nem inteligencia em as mesmas seitas de Japão...”⁴⁵⁷, comparado, no entanto, a um dos melhores oradores da Antiga Grécia⁴⁵⁸, demonstrando que, embora fosse, segundo o narrador, um ser ignóbil e ignorante, tinha o dom da palavra, com a qual conseguiu até tornar-se criado de Nobunaga e ganhar a sua confiança. Este bonzo, “...como era membro do demonio e capital inimigo da ley de Deos...”⁴⁵⁹, já havia implorado a Nobunaga que desterrasse o padre da capital, ao que o Senhor da Tenca respondera com uma gargalhada, espantando-se do seu espírito tacanho e dizendo que uma vez que já tinha dado a sua permissão ao jesuíta para estar na capital ou em qualquer outro lugar que desejasse, não ia voltar atrás na sua decisão nem na sua palavra, algo que muito raramente fazia, dando extrema importância aos compromissos que prometia, e não o expulsaria também porque sentia curiosidade acerca desta nova religião, costumando colocar perguntas acerca das diferenças entre ela e as seitas do Japão, entre os sacerdotes e os bonzos. Nesta noite em particular, quis saber a “...cauza do odio que os bonzos lhe tinham.” e se os cristãos honravam “...aos camis e fotoques?”, ao que o Irmão Lourenço respondeu que a diferença existente entre os bonzos e o Padre é a “...que há entre o quente e o frio, e entre as virtudes e vícios.”, e ainda que não veneravam os ídolos budistas “...por serem todos homens como nós, os quaes (...) nascerão e morrerão, e que se a sy mesmos não puderão salvar, nem livrar da morte, que muito menos poderiam salvar o genero

⁴⁵⁵ HJ, vol. II, p. 281.

⁴⁵⁶ *Ibidem*.

⁴⁵⁷ HJ, vol. II, p. 278.

⁴⁵⁸ “...hum Demostenes na eloquencia de Japão.”, *ibidem*.

⁴⁵⁹ HJ, vol. II, p. 282.

humano.”⁴⁶⁰. Nichijō, ao ver Nobunaga tratar o Fróis e o irmão Lourenço “...com muito gazalhado e affabilidade...”⁴⁶¹ e a proximidade entre eles, sentia muita raiva e ciúmes⁴⁶², portanto, com “...falsa dissimulação e fingida brandura...”⁴⁶³, pediu a Nobunaga que mandasse o padre pregar a sua religião a todos os que se encontravam na sala, e como Fróis já antes propusera uma disputa religiosa, gostou da ideia e pediu aos cristãos que falassem. Esta disputa teve como espectadores cerca de trezentas pessoas, senhores ilustres e fidalgos, foi longa, durando mais de uma hora e meia, e nela falou Lourenço sobre Deus, os fundamentos do cristianismo, e respondeu às perguntas que Nichijō colocava. Por algumas vezes, Nobunaga interveio na discussão, comentando alguns dos assuntos mencionados e colocando, também ele, questões. Depois de o bonzo perguntar porque motivo se devia adorar a Deus e Lourenço responder que devido à “...vida e entendimento que lhe[s] deo para o poderem conhecer e amar.”⁴⁶⁴, Nobunaga comentou que, nesse caso, as pessoas ignorantes não teriam a obrigação de louvá-lo, pois não tinham inteligência para fazê-lo⁴⁶⁵, satisfazendo-o a resposta que lhe deu Lourenço de que o facto de ser inculto não invalidava a obrigação de amar a Deus porque, por vezes, os homens a quem foi outorgada demasiada inteligência deixavam de “...usar della para o fim que lhe foi dada, perturbão os reynos (...) e inventão muitas maneiras de maldades com seo saber para destruir os homens inocentes e que lho não merecem...”⁴⁶⁶, e os homens que Deus dotou de menos sabedoria não engrossariam a lista desses homens soberbos, uma resposta interessante tendo em conta o final trágico que sofreu Nobunaga, homem que, dotado de lógica e razão excessivas, aniquilou vidas humanas e atingiu um nível desmedido de insolência, acabando por ser castigado. Voltou a perguntar Nobunaga “...se este Deos que denunciavamos dava premio pelos bens e castigo pelos males?”, respondendo o irmão que “Sim, dá, mas isto em duas maneiras, ou temporal nesta vida ou eterno na outra.”⁴⁶⁷. Mas como o bonzo era impaciente e lhe desagradava o facto de Nobunaga ouvir e aceitar o que o Irmão Lourenço dizia, voltou a instar que se expulsassem os padres, e o Senhor da Tenca riu-se dele, desprezando a sua precipitação e urgência em terminar facilmente com a disputa que estava a perder, uma vez que Lourenço estava, obviamente, segundo nos relata o narrador, a convencer os fidalgos com a sua pregação, e mandou-o calmamente prosseguir com as perguntas, curioso por escutar mais acerca da lei de Deus e ansioso de colocar mais questões.

⁴⁶⁰ HJ, vol. II, p. 282.

⁴⁶¹ HJ, vol. II, p. 283.

⁴⁶² “...cada favor destes era huma lançada para Nichijo.”, *ibidem*.

⁴⁶³ *Ibidem*.

⁴⁶⁴ HJ, vol. II, p. 286.

⁴⁶⁵ “Sendo dessa maneira (...), os homens que carecem de entendimento, ou que naturalmente são necios e ignorantes, não será inconveniente deixarem de o louvar, pois para o fazer não tem possibilidade.”, *ibidem*.

⁴⁶⁶ *Ibidem*.

⁴⁶⁷ HJ, vol. II, p. 287.

Depois de hora e meia, ordenou Nobunaga que continuasse o padre Fróis por estar Lourenço já cansado, e visto ser o discurso ocidental bastante diferente do nipónico, como recorda o narrador, uma vez que os padres haviam estudado a retórica, a lógica e a filosofia greco-latina, Nichijó, sem conseguir provocar qualquer embaraço ao seu sermão, “...assendeo-se todo em ira apertando os beiços, ranjindo os dentes, tremendo-lhe os pés e as mãos, inflamado em furia, tendo o rosto abrazado e os olhos encarniçados, como se estivesse em chamas de fogo...”⁴⁶⁸, e, sem se conter nem sentir “...nenhum temor nem acatamento da pessoa real que alli estava...”, atacou Fróis, insultando-o, empurrando-o, e quase matou o irmão Lourenço com uma espada que pertencia a Nobunaga, e só não o fez porque, naquele momento, “...alevantou-se depressa Nobunaga e muitos outros senhores que alli estavam...”⁴⁶⁹ e tiraram-lhe a espada, espantando-se Nobunaga pela sua ousadia, censurando a sua atitude irreflectida e violenta pois, enquanto bonzo, deveria ter recorrido à razão para defender a sua religião, e não a uma espada, e por esse motivo perdeu Nichijó o crédito que tinha, sendo de espantar que o não tenha mandado matar. Depois deste incidente despediu Nobunaga Lourenço e o Fróis, ordenando que lhes levassem uma lanterna por estar já escuro e a chover, e a história daquela disputa correu todos os fidalgos e o povo da capital, “...que não fallavão em outra couza...” e eram, segundo o narrador, todos da opinião que o bonzo, ao atacar o padre e o irmão “...em prezença de Nobunaga e uzar diante delle de tamanha descortezia, sinal claro e evidente hé que ficou alli vencido».”⁴⁷⁰.

Apesar da protecção quase absoluta do Senhor da Tenca ao jesuíta, por uma vez ocorreu um pequeno momento de vacilação. Ao receber uns textos que continham razões contra os padres e o cristianismo, redigidos por Nichijó mas falsamente atribuídos ao Imperador, Nobunaga, pensando que aquelas eram palavras do *Dairi*, reagiu incaracteristicamente, submetendo-se aos seus desejos com estranha submissão (“Nobunaga por contemporizar com o negocio, vendo como Pilatos a injustiça da cauza, e não querendo agravar o Dairi, respondeo somente em brevíssimas palavras que, quanto ao desterro do Padre, tudo remetia ao Dairi que era senhor de Japão.”⁴⁷¹). Daquela vez, Nobunaga decidiu não incorrer contra a vontade do Imperador, ao qual chamou “senhor do Japão”, quando, na verdade, era ele próprio tão seguro de si e do seu poder que se denominava “Senhor da Tenca”, mas o narrador não parece criticá-lo por esta resolução, antes considera que aquele não teve escolha e que, assim como Pilatos outorgou o julgamento de Cristo ao povo, consciente da sua injustiça, também Nobunaga, considerando desmerecido o desterro do Padre, “lavou as mãos”. Consequentemente, urgia que Fróis voltasse a reunir-se com o “Anjo” numa tentativa de impedir uma nova expulsão da capital, de prevenir o seu assassínio e, também, de recuperar a fama que os

⁴⁶⁸ HJ, vol. II, pp. 289-90.

⁴⁶⁹ HJ, vol. II, p. 290.

⁴⁷⁰ HJ, vol. II, p. 291.

⁴⁷¹ HJ, vol. II, p. 298.

padres e o cristianismo gozavam quando favorecidos pelo grande Senhor que era Nobunaga, pois, devido aos recentes acontecimentos, as pessoas temiam ajudar os padres, como, por exemplo, o dono da estalagem onde Fróis ficou a caminho de Mino para se encontrar com o Senhor da Tenca, que “...dezejava de com brevidade nos lansar fora de sua caza temendo que Nobunaga nos não quizesse ver e que fosse muito ruim nosso sucesso diante delle.”⁴⁷². No entanto, os receios do estalajadeiro revelaram-se infundados, uma vez que Nobunaga, ao saber pelos seus capitães que o padre Luís Fróis estava ali para o ver, “...mostrou folgar com isso”, e pareceu descontente com a determinação do Imperador de expulsar o padre da capital, decidindo resolutamente empregar todas as suas forças a favor do jesuíta para que não fosse nem expulso nem morto, pela misericórdia que por ele sentia⁴⁷³, sendo interessante notar esta desacostumada piedade que Nobunaga nutria, alegadamente, por Fróis pelo facto de aquele ser estrangeiro, como nos relata o narrador, e, também, o seu sentido prático e racional, a sua falta de superstição, acreditando ser ridículo o rumor de que os padres traziam desgraças às pessoas e às cidades⁴⁷⁴. Nobunaga foi ao encontro de Fróis e conversou com ele durante bastante tempo, de pé, mostrando-se contente com a sua visita e, ao mesmo tempo, surpreendido pelo facto de o jesuíta ter ido vê-lo “...a partes tão remotas.”, convidando, depois, Fróis e Lourenço a entrar nos seus novos paços, acompanhados apenas por cinco fidalgos e dois músicos, ficando “...como seiscentos fidalgos.”⁴⁷⁵ na rua, o que constituía uma imensa honra para o padre e o irmão, visto ser Nobunaga muito selectivo em relação às pessoas com quem tratava, não sendo permitido a qualquer um entrar livremente nos seus paços, e muitos dos que entravam não tinha autorização sequer para se aproximarem, podendo apenas falar da porta. Para confirmar mais ainda a mercê que concedia ao padre e a Lourenço, proporcionou-lhes uma visita guiada por ele próprio, o que não seria habitual, aos seus novos paços, mostrando-se desacostumadamente humilde e até envergonhado em apresentar a sua residência a alguém como Fróis, estrangeiro e viajado, que já havia certamente visto muitos palácios sumptuosos por todo o mundo, sendo o de Nobunaga provavelmente inferior quando comparado aos outros⁴⁷⁶, todavia, o Senhor da Tenca não deixou de exhibir os seus paços, “...já que tinha vindo de tão longe...”⁴⁷⁷, como se lhes fizesse um pequeno favor. Parece-me que a modéstia usada por Nobunaga perante o padre não terá sido totalmente honesta, uma vez que apenas agia desse modo diante dos jesuítas, como se quisesse transparecer uma melhor imagem de si próprio para o estrangeiro, humilde em

⁴⁷² HJ, vol. II, p. 306.

⁴⁷³ “«Muito me peza ter o Dairi passado Rinxi [patente] para deitarem o Padre fora do Miaco ou [o] matarem, (...) e pela compaxão que delle tenho por ser estrangeiro o hei-de favorecer de maneira que não seja excluído do Miaco»”, HJ, vol. II, pp. 306-7.

⁴⁷⁴ “...eu tenho pela maior graça do mundo persuadirem-se que qualquer reino em que estes Padres estão hé logo destruído...”, HJ, vol. II, p. 307.

⁴⁷⁵ *Ibidem*.

⁴⁷⁶ “...porque comparadas com outros edificios que eu teria visto em Europa ou na India, serão suas obras tidas em pouco...”, *ibidem*.

⁴⁷⁷ *Ibidem*.

relação à sua própria riqueza e poder para que depois, quando se constatasse o quão abastado e poderoso era, todos o vissem como um líder que, embora tivesse tudo o que um grande rei pudesse desejar, não deixava de ter boas qualidades como a despretensão e o comedimento, querendo ser conhecido mundialmente e, se possível, superar os soberanos da Europa e da Índia. Mas Nobunaga não era, na verdade, temperado e sóbrio quando se tratava de manifestar a sua potestade e aparato, desejando sumamente ser elogiado, e, nesta visita guiada, não deixou de mostrar a Fróis e a Lourenço o seu orgulho, as câmaras de “chanoyu” que continham muitas peças ricas, ofereceu-lhes espectáculo de dança e canto (“...mandou vir hum anão muito pequenino vestido ricamente, ao qual trouxeram metido em hum cesto. Fê-lo dançar e cantar que não foi para os circunstantes pequena recreação.”⁴⁷⁸) e ainda os convidou para uma refeição antes de se despedir.

Nobunaga cumpriu a sua promessa de auxiliar o padre naquilo que estava ao seu alcance, revendo a carta que Fróis e Lourenço escreveram ao xogum para os favorecer e, não ficando satisfeito com o resultado, chamou o seu próprio secretário para que escrevesse outra mais longa, a seu gosto, e pôs-lhe o seu selo. Quando Fróis lhe foi agradecer, afiançou-lhe, em frente de muitos fidalgos, que a sua autoridade estava acima das do xogum e do Imperador, sendo ele o verdadeiro Senhor do Japão, e se ele favorecia o padre, então este estava seguro, não importando quem fosse o inimigo⁴⁷⁹. Os favores e amabilidade com que o “Anjo” afagava Fróis não passavam despercebidos aos seus criados, nobres da sua corte e fidalgos de outros reinos, levando um fidalgo de nome Denjurodono, íntimo do Senhor da Tenca, a recitar em carta “...o amor e afeição que Nobunaga...”⁴⁸⁰ mostrava ao padre, sendo as palavras “amor” e “afeição”, talvez, demasiado exageradas, todavia, não se pode negar que existia uma simpatia e um comprazimento na pessoa de Fróis e nos convívios que tinham, além de ter, efectivamente, auxiliado o padre e aumentado o seu crédito perante o povo e os nobres. Aquando da visita do jesuíta à sua corte em Mino, Nobunaga quis que prolongasse a sua visita e exortou um fidalgo importante, de nome Nacagavadono, a favorecê-lo, ordenando que o convidasse a jantar em sua casa com outros nobres da capital, incluindo um “cugue”, fidalgo que servia o Imperador, aceitando Nacagavadono esta incumbência e esforçando-se por preparar um esplêndido banquete. Tanto os criados e membros da corte de Nobunaga como os restantes nobres dos outros reinos, habituados à face severa e rigorosa, por vezes violenta, do Senhor da Tenca, constantemente receando a sua raiva, assombravam-se ao ver um lado do seu Senhor tão diferente do natural, mesmo contraditório, tão afável e respeitoso para um simples padre, estrangeiro e pobre, enquanto tratava desdenhosamente fidalgos e senhores com

⁴⁷⁸ HJ, vol. II, p. 308.

⁴⁷⁹ “«Não tenhais conta com o Dairi nem com o Cubosama, porque tudo está debaixo de meo poder, somente fazei o que vos eu disser e estai onde quizerdes».”, HJ, vol. II, p. 310.

⁴⁸⁰ *Ibidem*.

títulos superiores⁴⁸¹. Parece-me que esta atitude não é tão inconcebível quanto os seus pensavam, uma vez que Nobunaga era um homem maior do que o seu país, que procurava alargar os seus horizontes para além das fronteiras dos territórios que conquistava, curioso acerca do que existia no exterior, desejando, naturalmente, favorecer este jesuíta com quem gostava de se recrear, pois ele era o único meio ao seu dispor entre ele e o mundo estrangeiro, e com quem se podia descontrair. Segundo o narrador, esta “desacostumada” atitude, a amabilidade e mercês da parte de Nobunaga para com Fróis e o cristianismo explicavam-se por Deus, a única causa pela qual um senhor tão soberbo mostrava predilecção por um padre estrangeiro, havendo escolhido Nobunaga como Seu instrumento na Terra para auxiliar a Sua lei a prosperar⁴⁸², sendo, por isso, o “Anjo”, e tinham, segundo o narrador, todos razão para se espantarem por não saberem que “...tudo procedia da fonte perene de todos os bens e misericórdias.”⁴⁸³.

O “Anjo”, mais do que favorecer o padre, mostrava esperar ansiosamente a visita de Fróis e de Lourenço, desejoso de conversar com eles e de, como sempre, exibir a sua opulência. Enquanto jantavam com Nacagavadono, enviou recados consecutivos para que o fossem ver, apressando-os à sua presença. Já na sua fortaleza, no momento de tomarem o chá, com grande honra ofereceu a primeira chávena a Fróis, tomando ele próprio, aparentemente humilde, a segunda, enquanto indicava, da varanda, uma parte da imensidão do seu reino. Durante uma conversa, como habitualmente, longa, fez várias perguntas sobre diversos temas, “...com grande gosto e contentamento seo.”⁴⁸⁴, ávido de alargar os seus conhecimentos sobre a sabedoria ocidental, questionando acerca da astrologia, das culturas e características dos reinos do mundo⁴⁸⁵, curioso, também, de saber se haveria na Índia ou em qualquer outra parte do mundo alguma fortaleza mais sublime do que a sua⁴⁸⁶, algum Senhor mais rico e sumptuoso que construísse obras mais magníficas do que as dele. O facto de Nobunaga questionar acerca das obras ricas e admiráveis do estrangeiro, querendo comparar a sua fortaleza às demais existentes no mundo, demonstra a sua ambição pela fama e o desejo de, acima de tudo, se comprazer a si próprio com a certeza de que era o homem mais poderoso de todos. Em segredo, ordenou ao seu filho que fosse preparar o jantar do Padre e de Lourenço, “...couza tão nova e alheia de sua condição, que jamais nenhum dos seos lhe vio fazer couza semelhante.”⁴⁸⁷, e foi ele próprio buscar o tabuleiro com a refeição para o padre,

⁴⁸¹ “A gente de Nobunaga e muitos outros fidalgos de diversos reinos, (...) se maravilhavam e diziam que estavam espantados, não sabendo a que podessem atribuir couza tão nova, estranha e desacostumada da condição e natureza do Nobunaga...”, HJ, vol. II, p. 311.

⁴⁸² “...Nobunaga, pelos favores que Deos N. Senhor [ordenara] que nos elle fizesse...”, *ibidem*.

⁴⁸³ *Ibidem*.

⁴⁸⁴ HJ, vol. II, p. 312.

⁴⁸⁵ “...perguntando pelas qualidades e natureza dos quatro elementos, pelo sol, lua e estrellas, e pelas qualidades das terras frias e quentes, pelos costumes de diversos reinos...”, *ibidem*.

⁴⁸⁶ “Perguntou-me se havia na India alguma fortaleza semelhante àquella...”, HJ, vol. II, p. 311.

⁴⁸⁷ HJ, vol. II, p. 312.

levando-o para a varanda e lamentando não ter nada de especial para lhe oferecer⁴⁸⁸, fazendo o padre, em resposta, uma humilde cortesia “...por aquella grande humanidade que comigo uzava...”⁴⁸⁹, levantando a bandeja acima da cabeça. Nobunaga, como que pedindo-lhe para não usar tanta formalidade e reverência para com ele, solicitou apenas a Fróis que não fizesse aquilo, pois podia entornar a sopa⁴⁹⁰, e os seus próprios filhos se espantavam desta atitude tão pouco natural do seu habitualmente arrogante e ambicioso pai⁴⁹¹, que era tão complexo e imprevisível que não deixava de assombrar mesmo a sua própria família e pessoas mais chegadas. Foi, de facto, surpreendente este pedido de Nobunaga para Fróis não lhe fazer nenhuma cortesia, como se o Senhor da Tenca se sentisse numa posição inferior, ou, pelo menos, semelhante à deste padre estrangeiro, desejando um ambiente de descontração e informalidade em sua companhia, enquanto os fidalgos que iam a sua presença se tinham de ajoelhar de cara no chão. Para aumentar a dignidade de Fróis e de Lourenço, Nobunaga ofereceu-lhes roupas muito elegantes (“...huma roupa de seda, que se chama avaxe e outra de linho branco muito fino...”⁴⁹²) e obrigou-os a vesti-las imediatamente para ele poder ver, sendo logo obedecido, algo que agradou muito a Nobunaga, contente de os ver tão ricamente vestidos, dizendo “...com grande alegria (...): «Agora vos pareceis com os bonzos principaes de Japão!»”⁴⁹³. O objectivo do Senhor da Tenca em regalar estas roupas era aumentar a reputação dos padres e do cristianismo no Japão, uma vez que o aspecto exterior era-lhe de enorme importância e para os japoneses em geral, sendo as vestimentas pobres que os padres costumavam usar pouco chamativas e inúteis para ampliar a reputação da religião cristã e dos seus pregadores, muito diferentes das vestes ricas dos bonzos, eficazes para elevar a fama das suas seitas. É interessante lembrar, nesta ocasião, como Nobunaga aparecera nas obras dos paços do xogum envergando roupas grosseiras, desejando agora vestir rica e luxuosamente Fróis e Lourenço para aumentarem o seu crédito perante o povo e os nobres, demonstrando a sua imprevisibilidade e carácter excepcional, indicando também, talvez, como a fama do seu nome e da sua pessoa era tal que pouco importavam as suas roupas, não precisando de mostrar nas suas vestes a importância e o poder de que gozava. Na despedida, Nobunaga recomendou “...com palavras de muito amor.”⁴⁹⁴ que o padre o fosse visitar mais vezes e ainda o convidou a admirar mais uma vez a fortaleza.

Esta benevolência de Nobunaga era extremamente benéfica para a propagação do cristianismo e da fama dos padres, pois, ao constatarem os favores que Nobunaga lhes concedia, toda a gente ajudava, também, os jesuítas, como se pode ver pelo exemplo deste hóspede, que

⁴⁸⁸ “«Porque viestes de repente não há nada para vos convidar».”, HJ, vol. II, p. 312.

⁴⁸⁹ *Ibidem*.

⁴⁹⁰ “«Tende direito não se vos entorne o xiru» (que hé a potagem com que se come o arroz).”, *ibidem*.

⁴⁹¹ “E seos propios filhos que erão meninos se admiravão e olhavão para elle de o ver fazer couza tão extraordinaria.”, *ibidem*.

⁴⁹² *Ibidem*.

⁴⁹³ *Ibidem*.

⁴⁹⁴ *Ibidem*.

“...nos foi logo (...) esperar à rua com agua quente à porta para lavar os pés porque chovia. Trouxe-nos chá para beber, foi diante varrer a caza, poz na cabeça aquelles vestidos de seda, dizendo que dezejava muito de nos servir e de ouvir pregação, e que vissemos se era necessaria alguma couza ou recado que elle levasse fora, e a mulher, filhos e criados que olhassem muito bem não faltasse nada ao Padre sama, e que elle se tinha por ditozo receber taes hospedes em sua caza...”⁴⁹⁵. Note-se a reverência com que tratou Fróis, apelidando-o de “Padre-sama”, sendo “sama” um sufixo muito honroso, usado para os *tonos* e senhores mais importantes, e como este hóspede se mostrou, inclusivamente, disponível para ouvir pregação, conhecer mais acerca daquela nova lei para mais tarde se tornar, talvez, cristão. Se o próprio Senhor da Tenca beneficiava o jesuíta, então, logicamente, a religião que pregava devia ser legítima, além disso, deste modo podiam as pessoas agradar a Nobunaga, ao favorecerem o seu protegido. Os jesuítas, desde o início da sua missão no país do Sol Nascente aprenderam que, para melhor propagarem a sua religião, “...hum dos meios mais efficazes hé terem-se primeiro adquiridas e ganhadas as vontades dos reys, principes e senhores que governão a terra, para que claramente conste a todos e vejão o amor, reputação e credito que as cabeças tem aos pregadores do sagrado Evangelho...”⁴⁹⁶, sendo assim, “...os gazalhados, favores e honras que deste rey gentio e dos de sua Corte recebemos...”⁴⁹⁷ foram essenciais para estes “...homens que professamos desprezo do mundo, verdadeira imitação de Christo e resignação de todas as honras e couzas temporaes...”, pois, se não tivessem tido o grande apoio de Nobunaga, o verdadeiro Imperador do Japão, e dos seus filhos, “...em breve tempo destruirão o que por discurso de muitos annos se tem nas almas dos christãos edificado.”⁴⁹⁸.

Em 1571, estando Nobunaga na sua cidade de Giju, em Mino, o padre Francisco Cabral, o primeiro superior da missão no Japão após o padre Francisco Xavier, decidiu visitá-lo, levando consigo o padre Luís Fróis e o irmão Lourenço desde a capital até aí, que eram cerca de seis dias de viagem. Quando Nobunaga soube que o Cabral havia vindo de tão longe para visitá-lo, mostrou espantar-se “...muito do trabalho do P.^e Francisco Cabral em vir das partes do Ximo a vizitá-lo...”⁴⁹⁹, parecendo que se admirava das grandes distâncias que aqueles padres eram capazes de percorrer, desde a Europa até ao Japão, da ilha de Kyushu até Mino, ficando, ao mesmo tempo, agradecido, solicitando a sua presença para depois do jantar e recomendando aos seus criados que se apresentassem “...vestidos de festa e muito galantes...”⁵⁰⁰, pois, naquele dia, tinham a visita de “...hum grande prelado que veio da India...”⁵⁰¹, o padre Francisco Cabral, tratado deste modo como

⁴⁹⁵ HJ, vol. II, p. 313.

⁴⁹⁶ HJ, vol. II, p. 314.

⁴⁹⁷ HJ, vol. II, p. 313.

⁴⁹⁸ HJ, vol. II, p. 314.

⁴⁹⁹ HJ, vol. II, p. 360.

⁵⁰⁰ HJ, vol. II, p. 361.

⁵⁰¹ HJ, vol. II, p. 360.

se fosse um fidalgo de enorme importância. Enviou para os receber um “...velho, que era mais nobre que...” aqueles fidalgos que antes costumavam fazer esse serviço, e, assim que os padres chegaram perto de si, falou-lhes “...palavras de muito amor e brandura...”⁵⁰², indo, segundo o narrador, com estranha pressa oferecer-lhes, pessoalmente, o chá⁵⁰³, parecendo ansioso por servi-los rapidamente, não querendo fazê-los esperar. Após, serviu-lhes comida abundante, havendo mandado preparar “...muito bem de comer para os Padres (...) de maneira que lhe mandou alli dar hum esplendido e mui bem preparado banquete...”, levando ele próprio a mesa com a refeição para o padre Francisco, e exigira a presença de um embaixador do xogum para jantar com os padres, “...para que no Miaco elle fosse prezencial testemunha dos favores e amor que mostrava aos Padres.”⁵⁰⁴, para tanto o *Cubosama* como o resto do povo reconhecerem devidamente os jesuítas e a sua religião, jantando os padres numa sala com os irmãos japoneses e o embaixador. Depois de beberem e de cearem, Nobunaga conversou com os jesuítas, colocando-lhes questões acerca da religião e da conduta dos padres, parecendo ficar sempre satisfeito com as respostas que lhe eram dadas, segundo relata o narrador⁵⁰⁵. Questionou-os acerca dos deuses japoneses e dos primeiros habitantes da terra⁵⁰⁶ e, depois de responder, Lourenço aproveitou para falar largamente “...da justiça e misericórdia de Deos.”, de que tanto os fidalgos presentes como Nobunaga “...mostravam folgarem muito de o ouvir...”, Nobunaga folgando “...mais que elles...”⁵⁰⁷. Quando perguntou se os padres comiam carne e peixe, uma vez que os bonzos, sendo-lhes proibido pela sua religião, comiam-no às escondidas, ficou estranhamente alegre ao ouvir Lourenço afirmar que, ao contrário dos bonzos, que eram falsos e hipócritas, os padres “...não profissão huma couza no coração e fazem outra no exterior.”, algo que levava Nobunaga a crer, alegadamente, “«Não se poder dar doutrina mais direita que esta...”, entendendo, assim, muito bem “...a cauza porque os que vivem com as obras torcidas lhes tem ódio...”⁵⁰⁸, pois, sendo a religião cristã tão recta nos bons costumes, era natural que aqueles que gostassem de viver desenfreadamente, em pecado, não quisessem segui-la, uma vez que teriam de mudar os seus hábitos e abandonar os prazeres a que se dedicavam. Depois, Nobunaga fez esta confissão fantástica: “«Juro-vos por Facusan Gonguen que a ley dos Padres e o meo coração não discrepa nada».”⁵⁰⁹, no entanto, o “Anjo” nunca se converteu ao cristianismo nem mostrou tenções de o fazer. Se os seus ideais e pensamentos condiziam tão bem com a lei cristã, por que nunca quis ser baptizado? Pelo que tem afirmado, parece que o que mais

⁵⁰² HJ, vol. II, p. 361.

⁵⁰³ “...entrou de repente para outra camara e sahio logo com duas porsolanas de chá...”, *ibidem*.

⁵⁰⁴ HJ, vol. II, p. 362.

⁵⁰⁵ “E satisfeito da resposta...”, HJ, vol. II, p. 361.

⁵⁰⁶ “...perguntou ao Irmão Lourenço que era o que lhe parecia dos camis de Japão, e de se dizer que Yzanagui e Yzanami forão os primeiros habitantes desta terra?”, *ibidem*.

⁵⁰⁷ *Ibidem*.

⁵⁰⁸ *Ibidem*.

⁵⁰⁹ *Ibidem*.

agradava a Nobunaga acerca desta religião eram os seus costumes e as suas leis de comportamento, tão rigorosas mas, ao mesmo tempo, honestas, castas, apelantes à bondade e à caridade, portanto, na sua opinião, seguir o cristianismo significava seguir uma certa ordem de conduta, e não ter fé e acreditar em Deus, bastando pensar de igual modo, ter as mesmas ideias, adequar as acções, e não praticar a religião pelo meio do baptismo, de orações, de flagelações.

Mais tarde, Nobunaga ofereceu, como presente, aos padres “...oitenta resmas de papel...”, já que o “...papel era couza que quadrava para se poder dar a religiosos.”, apesar de confessar que, na realidade, teria preferido regalar-lhes “...alguns vestidos de seda...”⁵¹⁰, todavia, como aqueles trajavam sempre roupa de pano preto, pareceu-lhe que não seria apropriado, e mais uma vez prometeu o seu auxílio no que fosse necessário. Quando os padres quiseram partir, “...fez instancia que estivessem alli mais alguns dias descansando...”, porém, visto a pressa dos jesuítas, mandou a um fidalgo “...dar cavalos aos Padres e Irmãos até a primeira jornada e homens que lhe levem o seo fato às costas...”⁵¹¹, e ainda que escrevessem cartas da sua parte “...a todos os capitães das fortalezas onde elles chegarem para que os agazalhem muito bem, e lhes dem cavalos e gente que os acompanhem de jornada em jornada até chegarem ao Miaco».”⁵¹². Sendo Nobunaga “...tão servido e temido...”, a viagem de regresso dos padres correu segundo os seus desejos, admirando-se todos “...por nunca haverem visto em Nobunaga fazer couza semelhante.”⁵¹³, agradecer com tantos favores aqueles estrangeiros da Europa, tendo, inclusivamente, enviado um criado seu com os padres até à capital para entregar as cartas aos capitães das fortalezas. O jantar do embaixador do *Cubosama* com os padres e o seu testemunho da generosidade com que Nobunaga os favorecia não se revelou vã, uma vez que o xogum, ou para imitar o “Anjo” ou para mantê-lo satisfeito, também mostrou favorecer os jesuítas na visita que lhe fizeram, chamando-os para perto de si e dando “...o sacazuqui ao Padre [Francisco Cabral] e sacana por sua mão, que era o maior sinal de gazalhado e honra que naquelle genero lhe podia fazer.”⁵¹⁴.

Quando ocorria uma disputa entre os bonzos e os padres, era comum Nobunaga interceder pelos jesuítas, assim como ocorreu em ocasião da construção da nova igreja do *Miaco*. Na capital não existia ainda uma bela basílica, dizendo os padres missa numa pequena ermida feita numa casa comprada há doze anos atrás, mas como estava a ficar já “...tudo tão velho, sujo e podre...”⁵¹⁵, decidiram os padres e os cristãos japoneses edificar uma igreja no “Miaco de Riba”, a que chamaram Igreja de Nossa Senhora da Assunção, que tinha dois andares. Os bonzos e seus

⁵¹⁰ HJ, vol. II, p. 362.

⁵¹¹ *Ibidem*.

⁵¹² HJ, vol. II, p. 363.

⁵¹³ *Ibidem*.

⁵¹⁴ HJ, vol. II, p. 364.

⁵¹⁵ HJ, vol. II, p. 432.

seguidores não eram a favor da construção daquele edifício, muito menos por ser muito alto, e uma das razões que deram ao Vice-rei do Miaco em seu detrimento foi pelo facto de a casa de Deus não dever ser maior do que as obras que Nobunaga, então, efectuava⁵¹⁶, ao que o Vice-rei respondeu que “...bem sabeis que no Miaco há cazas mais altas que a igreja, de 3 e 4 sobrados, e Nobunaga não lhe dá disso nem as manda derribar...”⁵¹⁷. Não ficando satisfeitos com esta resposta, decidiram os bonzos e os seguidores das suas seitas falar com o Senhor da Tenca sobre este assunto, arranjando, para o efeito, “...hum custozo e bem consertado presente...”, mas Fróis, que soube o que se passava, enviou imediatamente o irmão Cosme à presença de Nobunaga, também com uma oferenda, que chegou primeiro e informou o “Anjo” acerca da construção da nova Igreja, “...mais limpa e acomodada, em que alguma hora V. A. podesse tomar huma pequena recreação...”⁵¹⁸, pedindo, para tal, a sua licença, ao que “Respondeo Nobunaga que folgava com isso e que a fizessem embora.”⁵¹⁹. À saída, o irmão Cosme encontrou a “...a turba dos cidadãos do Miaco, que erão mais de 50, que hião mui confiados no aparato de seo presente pedir a Nobunaga mandasse desfazer a igreja nova aos Padres.”, porém, ao verem Cosme, logo suspeitaram do seu intento, e quando falaram com o fidalgo que podia levá-los à presença de Nobunaga, que era o mesmo que levava Cosme, este recusou-se a deixá-los subir, uma vez que Nobunaga já “...tinha dado licença aos Padres para fazerem sua igreja, pelo que se podião tornar embora com seo presente...”, e, como o Senhor da Tenca nunca “...havia de revogar sua palavra nem mover-se pelo presente e peças ricas que lhe trazião...”, os cidadãos revoltosos partiram para suas casas “...tristes e mortificados, e cubertos de confusão e tristeza...”⁵²⁰, com grande satisfação da parte do narrador.

Depois de executada a construção da igreja na capital, facto que engrandecia e favorecia a religião cristã no país, faltava construir, também, uma em Azuchi, que era, naquela altura, a “...mais nobre e principal cidade, corte e fortaleza que então havia em Japão.”, a cidade que Nobunaga havia “...metido o coração em magnificar e engrandecer...”⁵²¹ e, por esse motivo, queriam os nobres construir lá as suas residências, numa tentativa de ganharem maior favor da parte do Senhor da Tenca. Por ser Azuchi o orgulho de Nobunaga e por haver sempre “...continuado concurso de gente nobre e de embaixadores, que vem de diversas partes a vizitá-lo e tratar de seos negocios com Nobunaga...”⁵²², era conveniente para os padres construírem, também eles, uma casa na cidade do “Anjo”, pois, deste modo, estariam mais perto dele, da sua protecção, e podiam conviver diariamente com os senhores mais poderosos do país, o que traria uma benéfica reputação

⁵¹⁶ “...as obras que então fazia Nobunaga, que era senhor da Tenca, ficavão sendo mais baxas e acanhadas em comparação dos fundamentos que a igreja dos christãos levava...”, HJ, vol. II, p. 434.

⁵¹⁷ HJ, vol. II, p. 435.

⁵¹⁸ *Ibidem*.

⁵¹⁹ HJ, vol. II, p. 436.

⁵²⁰ *Ibidem*.

⁵²¹ HJ, vol. III, p. 194.

⁵²² HJ, vol. III, p. 192.

ao cristianismo⁵²³, além de que podia resultar na conversão de fidalgos importantes. Para melhor confirmar o favor que Nobunaga concedia aos jesuítas, em detrimento dos bonzos, estes últimos nunca tiveram autorização do Senhor da Tenca para construírem um templo em Azuchi⁵²⁴, todavia, quando os padres pediram um espaço na sua cidade para a edificação de uma residência e de uma Igreja, Nobunaga mostrou contentar-se com este pedido e ofereceu imediatamente um lugar extremamente conveniente, espaçoso e bem situado, melhor do que eles podiam desejar, que parecia “...couza pela divina providencia ordenada...”⁵²⁵ pois resultara de uma vontade inesperada de Nobunaga de fazer chão por cima de uma lagoa defronte de sua casa, local muito bem situado por ficar imediatamente defronte dos seus paços e que muitos senhores cobiçaram para construir aí as suas residências, contudo, este não o deu a nenhum outro senão aos padres. Assim puderam os jesuítas iniciar a construção de uma casa digna da cidade de Nobunaga, o que, de facto, sucedeu, fazendo-se “...humas das melhores e mais nobres cazas que havia em Anzuchi, tiradas as do mesmo Nobunaga.”⁵²⁶. O “Anjo” mostrava-se muito satisfeito pela construção da residência dos padres e da igreja na sua cidade, considerando-os ornamentos muito agradáveis e para os quais contribuiu financeiramente, regalando duzentos cruzados para a obra, afirmando “...que lhe contentara muito a obra e que pelo tempo em diante lhe daria maiores ajudas.”⁵²⁷, e o facto de ter os jesuítas a residir tão perto de si, levou a que os favorecesse ainda mais⁵²⁸, concedendo-lhes, inclusivamente, “...por privilegio particular...”⁵²⁹, a honra de cobrirem o tecto da sua casa com a mesma telha que cobria a fortaleza dele, algo que a mais ninguém havia sido permitido, mostrando como Nobunaga gostava de ser diferente, único, nas suas obras, mas não se importando de atribuir alguma regalia especial aos jesuítas, apesar de, neste caso, as telhas da residência do Senhor da Tenca serem banhadas a ouro, a única diferença. Quando a obra terminou, “...foi em pessoa a vê-la...”, embora não devesse visitar frequentemente as casas dos nobres, “...louvando-lha diante dos circunstantes...”⁵³⁰, tratando afavelmente o padre Organtino, porém, achando a área de construção pequena, mandou alargá-la, retirando, deste modo, espaço a “...quatro ou sinco moradas de cazas de homens fidalgos, criados seos...”⁵³¹. Enviou, mais tarde, um recado aos padres em que se comprometia a auxiliá-los se, por acaso, tivessem alguma necessidade financeira, uma vez que haviam gasto muito na construção da igreja e residência em Azuchi, “...que se fosse assim lhe fizessem a saber, porque não faltaria em os ajudar.”, de que os padres, por delicadeza e humildade, decidiram não pedir nada,

⁵²³ “...ficava a Companhia muito autorizada e com grande credito e reputação, tendo logar entre tantos senhores na principal fortaleza e corte de Nobunaga.”, HJ, vol. III, p. 192.

⁵²⁴ “...Nobunaga não dava alli logar a nenhum bonzo pela pouca conta que delles fazia...”, *ibidem*.

⁵²⁵ *Ibidem*.

⁵²⁶ HJ, vol. III, p. 193.

⁵²⁷ HJ, vol. III, p. 195.

⁵²⁸ “...se dantes mostrava favor aos Padres, muito mais os começou a favorecer por este respeito.”, HJ, vol. III, p. 194.

⁵²⁹ HJ, vol. III, p. 198.

⁵³⁰ HJ, vol. III, p. 194.

⁵³¹ HJ, vol. III, p. 194-95.

agradecendo devidamente o “...bom animo e vontade que tinha de nos fazer mercês.”⁵³². Encontrando-se a casa dos padres mesmo diante dos paços de Nobunaga e “...elle ter sempre de riba nossas cazas diante dos olhos...”, a relação entre o “Anjo” e os jesuítas apenas se estreitou, uma vez que os padres e os irmãos iam visitá-lo frequentemente, levando-lhe presentes, tais como “...algumas fruttas, doces e couzas semelhantes...”, de que ele se agradava sumamente e os exortava a fazê-lo com mais incidência, “...pois isto rezultava em mais credito dos Padres e reputação de sua ley.”, e também ele os visitava com oferendas, incluindo “...huma ave que elle mesmo tinha tomado com seo falcão, que realmente era muito favor.”⁵³³. Quando recebia visita dos jesuítas e dos irmãos, gostava de ouvi-los falar acerca da sua doutrina e de Deus, “...ouvindo-as com muita atenção...”⁵³⁴, fazendo muitas perguntas e concluindo “sempre” que aquilo que os bonzos pregavam era falso, ao contrário daquilo que afirmavam os padres, que tinham razão acerca da vida para além da morte⁵³⁵, afirmação que veremos ser contraditória com as suas crenças acerca de Deus e da alma e, também, com o seu final na crónica.

Noutra longa prática de três horas, terminando na promessa de visitar a residência nova dos padres e de chamá-los de novo para conversarem, Nobunaga fez, como é seu hábito pelo seu espírito curioso, muitas perguntas, depois de abrir as portas da sua câmara para que todos pudessem ouvir, mostrando “...sempre ficar satisfeito do que o Padre e o Irmão lhe respondião...”, elogiando continuamente os jesuítas em detrimento dos bonzos, notando “...que o saber dos Padres era bem differente do entendimento dos bonzos.”⁵³⁶, distinto do oriental, naturalmente mais extenso e abrangente, uma vez que os jesuítas vinham do estrangeiro e viajavam muito, enquanto os bonzos nunca saíam do seu país de origem. Como já foi afirmado, Nobunaga admirava o cristianismo, especialmente as suas normas de conduta, contudo, não coincidia na ideia mais importante, que era acreditar na existência de Deus e da alma, recusando a existência de um ser divino e onnipotente que comandava todos os homens e todas as suas acções, confiando na capacidade de escolha e talento humanos, duvidando se os padres não seriam iguais aos bonzos neste aspecto, dizendo uma coisa mas acreditando noutra, sendo da opinião que “...não há mais no homem que nascer e morrer, e que expirando se acaba tudo nelle sem haver outra vida nem outro mundo (...) para que, extinguido o remorcio da consciencia, vivão libertos e conforme a seos apetitos.”⁵³⁷, o que não condiz com a afirmação anterior de que o “Anjo” acreditava no que os padres pregavam acerca da vida para além da morte. Nobunaga recusava-se a acreditar que existisse um ser superior, criador do

⁵³² HJ, vol. III, p. 261.

⁵³³ HJ, vol. III, p. 195.

⁵³⁴ *Ibidem*.

⁵³⁵ “...concluindo sempre que era falsidade tudo o que dizião os bonzos, e que somente o que dizião os Padres acerca da outra vida lhe parecia que era verdade.”, *ibidem*.

⁵³⁶ HJ, vol. III, p. 202.

⁵³⁷ HJ, vol. III, p. 203.

mundo, que tivesse poder absoluto sobre os Homens e sobre todas as coisas, assim como não acreditava no poder dos ídolos, não crendo em recompensas nem em castigos outorgados por Deus ou em vida ou no pós-vida, procurando alcançar as vitórias e sucessos por si próprio, vivendo de acordo com as suas vontades sem temer qualquer punição futura.

Um dos seus principais prazeres era admirar o globo terrestre que pertencia aos jesuítas, observar os países que desconhecia quase na totalidade antes da chegada dos padres, espantando-se com a dimensão do mundo e a sua forma redonda. Quando viu, por seu pedido, marcado no globo a viagem que os jesuítas haviam feito desde a Europa até ao Japão, surpreendeu-se grandemente com a enorme distância que estes haviam percorrido, reagindo expressivamente “...batendo com uma mão na outra com admiração e espanto...”, elogiando-lhes a bravura e a ousadia em cometer uma viagem tão perigosa que não podia ser lograda senão por “...homens de muy grande animo e fortes corações.”⁵³⁸, falando-lhes a rir, obviamente descontraído e alegre com a conversa. Em tom de brincadeira, afirmou que se “...vos outros vos meteis a cometer tantos perigos e passar tão distantes e compridos mares, ou sois ladrões que pertendeis alguma cousa, ou o que pregaes deve ser couza de muito momento».”, uma religião de grande mérito, ao que Lourenço respondeu espirituosamente “...que dizia S. A. verdade, que eramos ladrões, porque não vinhamos de tão longe por outro algum respeito mais, que para roubar as almas e os corações dos japões, tirando-as do poder do diabo, cruel inimigo do genero humano, e metê-las em o reino dos ceos nas mãos de seo Criador.”⁵³⁹.

Depois do padre Francisco Cabral, foi a vez de Alexandre Valignano, o padre Visitador que durante a sua inspecção às missões do Oriente permaneceu, naturalmente, uma temporada no País do Sol Nascente, visitar Nobunaga que se encontrava, naquela ocasião, aposentado num mosteiro budista da capital, onde tinha construído uns paços e de onde havia expulsado os bonzos para esse efeito. Como habitualmente fazia com os jesuítas, Nobunaga tratou-o com muito respeito, conversou e deteve-o “...com diversas perguntas hum bom espaço.”, oferecendo-lhe, no final da visita, um raro e valioso presente vindo de Bandou, “...que eram dez aves grandes à maneira de patos bravos, os quaes não há em Japão senão naquella terra e por isso são mui estimados.”, algo visto pelos cristãos japoneses como um importante “...favor de hum senhor tão poderoso para honra e nome da christandade.”⁵⁴⁰, de que muito se consolavam. Depois desta visita, tornou Valignano a encontrar-se com o Senhor da Tenca, desta vez em Azuchi. Chegado o padre à cidade de Nobunaga, imediatamente o convidou o “Anjo” e aos demais padres, irmãos e dógicos para verem a sua fortaleza. Recebeu-os com cortesia, falando-lhes “...com palavras de grande amor...”⁵⁴¹, ordenando primeiro que lhes mostrassem as obras no exterior e, depois, no interior, aconselhando os

⁵³⁸ HJ, vol. III, p. 203.

⁵³⁹ *Ibidem*.

⁵⁴⁰ HJ, vol. III, p. 254.

⁵⁴¹ HJ, vol. III, p. 260.

melhores caminhos e a ordem apropriada da visita⁵⁴², vindo “tres vezes” falar pessoalmente com Valignano e perguntar-lhe “...diversas couzas...”, alegrando-se de ver que elogiavam os seus paços e fortaleza “...como na verdade erão para se louvar...”⁵⁴³ e pelos quais sentia tanto orgulho, exibindo-os uma e outra vez aos padres⁵⁴⁴, cuja opinião, por serem estrangeiros e haverem visto monumentos deslumbrantes por várias partes do mundo, valeria mais por terem um espírito mais alargado e os louvores recebidos da sua parte tinham um valor acrescentado para Nobunaga, uma vez que, deste modo, as suas obras seriam tidas mundialmente como grandiosas e magníficas. Antes de os despedir com o aviso de que tornaria a convidá-los, ofereceu em pessoa, como presente, uma caixa de “...figos passados, (...) que naquelle genero são os melhores de Japão...”⁵⁴⁵ a Valignano.

Depois de aí permanecer cerca de um mês e de visitar os cristãos das áreas em redor, quis Valignano partir para Kyushu, indo despedir-se definitivamente de Nobunaga, o qual “...lhe fez outros maiores favores...”, sendo o maior de todos oferecer-lhe uns biombos muito valiosos e conhecidos, e o que mais acrescentava a sua fama “...era a estima em que os tinha Nobunaga.”⁵⁴⁶. Estes biombos dourados, feitos pelo “...mais insigne official que havia em Japão...”, representavam em magnífica pintura a cidade de Azuchi, “...com a sua fortaleza tão ao natural, que não queria que discrepassem da verdade em nenhuma couza, figurando nelles o sitio e a alagoa, as cazas, a fortaleza, as ruas, as pontes e tudo o mais...”⁵⁴⁷, verdadeiras obras-primas que não escaparam ao desejo do próprio Imperador, contudo, Nobunaga não quis desperdiçar a potencialidade dos seus adorados biombos com ele, antes os quis oferecer a Valignano como presente de despedida. Ofereceu-o com uma humildade reveladora, segundo o narrador, do “...amor e familiaridade que tinha com os Padres.”⁵⁴⁸ ao mostrar primeiro os biombos para Valignano poder escolher ficar com eles, se lhe agradassem, ou mandá-los de volta, se não lhe contentassem, uma atitude, talvez, ligeiramente hipócrita visto que Nobunaga tinha perfeita consciência da grandiosidade dos seus biombos, disputados inclusivamente pelo Imperador, e sem dúvida que o padre os aceitaria, porém, decidiu portar-se com modéstia, como se o seu presente não fosse nada de especial, atitude que relembra a ocasião em que apresentou os seus paços no reino de Mino a Fróis e a Lourenço, mostrando-se, aparentemente, envergonhado por reear que as suas obras não fossem tão impressionante quanto as que o padre teria visto na Europa ou na Índia. Valignano, obviamente, ficou encantado com a oferta, “...gratificando-lhe muito a mercê que lhe fizera, e que mais o

⁵⁴² “...vinhão diversos recados ensinando os caminhos por onde havião de andar e o que havião de ver primeiro.”, HJ, vol. III, p. 259.

⁵⁴³ *Ibidem.*

⁵⁴⁴ “Ao dia seguinte mandou dizer que fossem à fortaleza, e lhes fez de novo mostrar não somente o que já tinham visto, mas outras obras que depois fizera mui lustrosas e dignas de ver.”, HJ, vol. III, p. 262.

⁵⁴⁵ HJ, vol. III, p. 259.

⁵⁴⁶ HJ, vol. III, p. 260.

⁵⁴⁷ *Ibidem.*

⁵⁴⁸ *Ibidem.*

estimava, por ser couza de seo gosto...”, pois podia usá-la para “...mostrar na pintura em a China, India e Europa o que por palavras facilmente se não poderia dar a entender acerca de Anzuchiyama.”⁵⁴⁹, o que teria sido, provavelmente, o plano original de Nobunaga ao ofertar os biombos ao padre, que podia transportá-los para fora do Japão, em vez de desperdiçá-los em qualquer sala dos paços do Imperador, onde quase ninguém os podia admirar. Assim, colocaram, num primeiro momento, os biombos na igreja para que todos os curiosos pudessem apreciá-los, e por estas mercês não cabiam “...os christãos (...) de alegria de verem seos Padres favorecidos e agazalhados com tanta honra...”⁵⁵⁰, consolando-se com o modo honroso e afável com que o Senhor da Tenca tratava os mestres da sua religião, e “...os gentios nos chamavão bem-aventurados...”, uma vez que Nobunaga não concedia tais favores nem “...por nenhum cazo a seos naturaes.”⁵⁵¹.

O narrador desta crónica olhava, sem dúvida, para Nobunaga com admiração e gratidão pela sua atitude cortês e afável, pelos favores que concedeu aos padres, debuxando-o como um homem poderoso, soberbo e altivo perante os seus mas, ao mesmo tempo, com capacidade de benevolência e simpatia para com os jesuítas, que considerava serem ornamentos positivos que apenas enriqueciam a cultura do país. Deixando todos admirados com esta atitude desacostumada, o narrador atribui este “milagre” aos desígnios do Todo-Poderoso, que escolheu Nobunaga como o seu instrumento na terra, levando-o a expurgar do seu país a influência dos bonzos e a existência dos seus templos, a favorecer os jesuítas e a protegê-los das ameaças dos seus antagonistas, pelo que é apelidado de “Anjo”. Vimos como Nobunaga ouviu, inclusivamente, pregação, como colocava questões acerca de Deus e das suas leis, parecendo concordar com vários dos fundamentos do cristianismo, nomeadamente no respeitante ao comportamento cristão, de fidelidade e bons costumes, apesar de nunca ter transparecido qualquer vontade de se baptizar e de não se convencer da existência de Deus e da alma. Compraziam-no notoriamente os encontros com o padre Fróis e o irmão Lourenço, as largas horas de conversa que com estes tinha, nas quais lhes punha várias questões sobre amplos assuntos, demonstrando o seu carácter inteligente e ávido de conhecimentos diversos acerca do mundo exterior, notando-se uma mudança no seu comportamento habitual perante estes religiosos, mostrando-se relaxado, não precisando de provar a sua superioridade mas parecendo mais descontraído e, inclusivamente, mais humano, tendo, por vezes, atitudes que até pareciam humildes, como quando ofereceu o chá a Fróis pelas próprias mãos ou lhe pediu que não lhe fizesse vénia. Defendia os padres dos inimigos, favorecia-os em detrimento dos bonzos e, também, de homens mais poderosos como o xogum e o Imperador quando intentaram desterrar Fróis da capital, não deixando de exhibir, contudo, a sua opulência e vaidade ao querer que vissem

⁵⁴⁹ HJ, vol. III, p. 260.

⁵⁵⁰ HJ, vol. III, pp. 259-60.

⁵⁵¹ HJ, vol. III, p. 261.

vezes sem conta os seus paços e fortaleza. No entanto, resta analisar um episódio que pode adicionar uma concepção um pouco diferente daquela que temos vindo a assistir e transparecer um novo interesse da parte de Nobunaga em relação aos padres e ao cristianismo que ainda não havia sido exposto, que é o episódio da escolha de Justo.

IV.4.3. O COMPLICADO CASO DA ESCOLHA DE JUSTO

O caso da escolha de Justo Ucondono ocupa muitas páginas da *História*, é ilustrativo, complexo, e demonstra aspectos importantes da personalidade de Nobunaga e da sua relação com os padres e o cristianismo. Aqui se entrevê, pela primeira vez, um aspecto diferente da relação entre o “Anjo” e os jesuítas, um lado mais interesseiro, menos protector, que não deixa, contudo, de ser atenuado pelo autor, mas decalca bem a sua posição no topo da hierarquia, dissipando a sombra daquilo que parecia ser indulgência absoluta para com estes estrangeiros cristãos.

Um vassalo de Nobunaga, por nome Araqui Xinano, traiu o seu Senhor ao juntar-se a dois dos seus capitais inimigos, o bonzo de Osaka e o dáimio de Yamaguchi, Mori Terumoto, que preparavam um ataque colossal contra o homem que estava prestes a subjugar todos os reinos do Japão, colocando-lhe, deste modo, um problema gravíssimo. Justo Ucondono, cristão e capitão da fortaleza de Takatsuki, filho de outro importante cristão de nome Dário, servia Araqui, todavia, “...seo immediato e principal senhor era Nobunanga.”⁵⁵², o que o colocou numa situação de grande transtorno, uma vez que, sendo o dever do cristão manter-se constantemente fiel ao seu Senhor⁵⁵³, Justo servia dois Senhores, ficando com a difícil escolha de permanecer leal a um e trair o outro. Numa tentativa de apaziguar os ânimos para se escusar de uma posição tão complicada, exortou Araqui a não fazer uma coisa tão “...alheia de razão...”⁵⁵⁴, usando como argumento “...a grandeza dos benefícios que Nobunanga vos tem feito...”⁵⁵⁵, o facto de estar em dívida para com ele, de lhe dever a vida, avisando que estimular a sua fúria só poderia trazer infortúnio, e ficar do seu lado era a resolução mais sensata. Nobunaga, seguríssimo de si e quase a converter-se no Senhor Absoluto do Japão, não queria participar numa guerra contra três adversários tão fortes que podiam, inclusivamente, cortar-lhe o fio contínuo de sucessos, tentando impedir Araqui de se juntar ao inimigo ao prometer-lhe perdão por aquele mal-entendido. Segundo Ucondono, era evidentemente impossível derrotar Nobunaga na guerra⁵⁵⁶ e, para tentar lograr uma empresa tão arriscada, era necessário ser-se ou muito corajoso ou muito imprudente, pois, em perdendo, haviam de receber

⁵⁵² HJ, vol. III, p. 209.

⁵⁵³ “...pregando os Padres em Japão que nenhum christão fazia traição a seo senhor...” *ibidem*.

⁵⁵⁴ HJ, vol. III, p. 206.

⁵⁵⁵ HJ, vol. III, p. 207.

⁵⁵⁶ “...não poderião sahir com seo intento vitoriosos contra Nobunanga, que era senhor da Tenca, poderoso em armas, gente, riquezas e reinos...” *ibidem*.

“...graves e exquízitos castigos...”, como aqueles que, posteriormente, sofreu Araqui, que foram descritos pelo narrador como “...os mais crueis e severos que até esta idade se tinham ouvidos em Japão.”⁵⁵⁷. Apesar dos conselhos de Justo, da promessa de perdão de Nobunaga e da pouca probabilidade de sucesso, sendo os três homens “...gentios e carecidos da luz...”⁵⁵⁸, não vacilaram e declararam guerra a Nobunaga, ficando o capitão da fortaleza de Takatsuki, deste modo, perante um problema muito complicado, pois, em se pondo do lado de Nobunaga, o seu filho primogénito e a sua irmã morreriam pelas mãos de Araqui; em se pondo do lado de Araqui, com grandes probabilidades de saírem derrotados, morreria ele e toda a sua família miseravelmente, para não referir a grave questão da moralidade e dever cristãos, segundo os quais Justo não podia trair o seu principal Mestre, Nobunaga. A decisão destes três inimigos recebeu a explícita crítica do narrador, parcial nesta situação pois, sendo Justo cristão e sendo o Senhor da Tenca o habitual protector do cristianismo, era do seu interesse que o assunto se resolvesse a favor da cristandade, todavia, devido ao carácter imprevisível e implacável de Nobunaga, a questão poderia tornar-se delicada. O mesmo sentimento de receio e de emergência tiveram os padres e irmãos, que “...vião claramente a perdição de Ucondono e de toda aquella christandade...”, o padre Organtino prevenindo Justo que “...por nenhuma via se podia fazer inimigo de Nobunaga.”, pois temia o seu “...iracundo furor (...) porque, como era homem mui assomado, podia fazer algum desatino acerca dos christãos.”⁵⁵⁹, e rapidamente foram compelidos pelo Senhor da Tenca para o centro do problema.

Nota-se pelo texto que a questão da lealdade de Ucondono era fundamental para Nobunaga, que derrotaria aqueles inimigos bastante mais facilmente se tivesse o apoio da sua fortaleza, e depressa concluiu que o modo mais eficaz de convencer Justo a permanecer-lhe fiel era através do cristianismo e da influência dos padres, portanto, rapidamente enviou um recado a Organtino, chamando, assim, pela primeira vez, um jesuíta para o auxiliar num problema político e militar, que, obviamente, não se podia escusar, uma vez que qualquer pedido do Senhor da Tenca era, de facto, uma ordem. No recado, Nobunaga apelou à obediência absoluta dos cristãos japoneses aos padres e solicitou que convencessem Justo a agir segundo a conduta cristã, colocando-se do seu lado, prometendo-lhe uma recompensa se o fizesse⁵⁶⁰. Apesar de um dos motivos que inflamava o ódio de Nobunaga em relação aos bonzos ser a autoridade absoluta que detinham sobre os seus seguidores, neste caso, Nobunaga apela à obediência “à risca”, portanto, à influência absoluta que os padres usufruíam sobre os cristãos japoneses “...nas couzas licitas e honestas.”, mostrando

⁵⁵⁷ HJ, vol. III, p. 207.

⁵⁵⁸ HJ, vol. III, p. 208.

⁵⁵⁹ HJ, vol. III, p. 209.

⁵⁶⁰ “«Eu tenho sabido muito de certeza que os christãos obedecem à risca aos Padres nas couzas licitas e honestas. E porquanto Ucon hé meo vassalo e se fez meo inimigo, rogo-vos que lhe mandeis dizer que conforme aos vossos mandamentos e ley elle o não podia fazer: que se reduza a meo favor e serviço (...) e se assim o fizer, eu lhe darei quanto ouro quizer e quanto estado elle dezerar».”, *ibidem*.

querer aproveitar-se desse respeito pleno em seu favor nas questões políticas. Talvez este fosse um dos seus principais interesses na propagação do cristianismo no seu país, pois, controlando os padres que, por sua vez, controlavam os cristãos, poderia alcançar um idealismo de conduta popular, tornando-se no líder de um povo fiel, maleável, que se comportava segundo as boas leis da sua religião. O padre Organtino, que, acima de tudo, queria manter a dignidade da sua religião, concordava que cumprir a lei cristã era mais importante do que as vidas dos reféns e que Justo “...não se podia conforme a nossa ley fazer seo inimigo...”⁵⁶¹, prometendo ajudar Nobunaga, que o pressionava constantemente, mandando visitar o Padre vezes sem conta, “...com mil offerecimentos e promessas...”, impacientando-se devido à “...urgencia de sua necessidade...”⁵⁶².

Tardando a resolução, o Senhor da Tenca mandou chamar Organtino à sua presença, sentou-o numa alcatifa e falou-lhe solenemente, cheio de “angustia grande”, tendo, nesta conferência, uma atitude impensável e totalmente desacostumada, pois, segundo o narrador, o seu desespero era tal que falava “...quazi com as lagrimas nos olhos...”⁵⁶³, revelando-se um homem capaz de mostrar fraqueza e emotividade pelo menos diante do padre, apesar de ser tão orgulhoso e cruel. Porventura, estas lágrimas não seriam mais do que exagero do autor, pois, para levar o Senhor da Tenca, homem capaz de matar e mandar matar sem remorso, incluindo o seu próprio irmão, ao choro, seria necessário um problema de inimagináveis proporções, ou, então, era um actor talentoso que procurava provocar mais urgência no seu interlocutor. No seu discurso, apelou às qualidades do cristianismo e de Justo⁵⁶⁴, mostrando que compreendia a sua relutância devido aos reféns que tinha na fortaleza de Araqui, mas considerando que deixá-los perder por amor ao seu Senhor e à sua religião, a sua honra não se perderia, e prometeu favorecer o cristianismo “...em tudo quanto lhe o Padre mandasse...”⁵⁶⁵ se este conseguisse convencer Justo, dizendo tudo isto e mais coisas que “...parecia impossivel poderem ser ditas por hum senhor de tanto respeito, nobreza e authoridade como elle era, e mais ditas com tão profunda energia e efficacia como quazi sempre chorando, de maneira que ficou o Padre cheio de não pequena admiração e espanto.”⁵⁶⁶. O narrador comenta a espantosa contradição entre a personalidade habitual de Nobunaga e o estado de desespero e prostração em que se encontrava aquando daquela conversa com Organtino⁵⁶⁷, acrescentando que parecia, pela atitude negativa e urgente também dos seus homens, “...rogando-lhe (...) que puzesse toda sua industria e diligencia nisto, que Nobunaga e elles todos tanto dezejavão.”, estar já o

⁵⁶¹ HJ, vol. III, p. 209.

⁵⁶² HJ, vol. III, p. 210.

⁵⁶³ *Ibidem*.

⁵⁶⁴ “...dizendo-lhe mil bens da nossa ley e outros tantos da bondade e raras partes naturaes de Ucondono, recitando ao Padre por extenso todos os serviços que lhe tinha feitos...”, *ibidem*.

⁵⁶⁵ HJ, vol. III, p. 211.

⁵⁶⁶ *Ibidem*.

⁵⁶⁷ “...quem vio a opulencia e grandeza de Nobunaga (...) e visse aquella noite (...) o estado de sua intima afflicção e angustia, ficaria ainda mais admirado...”, *ibidem*.

exército de Nobunaga derrotado “...se Ucondono não fazia entendimento.”⁵⁶⁸. Organtino viu, nesta situação, uma oportunidade de levantar a fama do cristianismo e de aumentar o número de conversões se Justo permanecesse fiel ao seu Senhor natural, contudo, temia que, se o caso não resultasse de acordo com o desejo de Nobunaga, “...não deixaria de haver alguma cruel perseguição.”⁵⁶⁹, o que indica, apesar de todos os favores e proteção oferecidas aos jesuítas, um sentimento de insegurança da parte destes em relação à benevolência do Senhor da Tenca que, muito provavelmente, não seria absoluta. Estes receios não se revelaram totalmente infundados, uma vez que, embora Nobunaga parecesse ter ficado satisfeito com a promessa de Justo de se colocar do seu lado assim que os reféns estivessem a salvo, não deixou de, “...para dar mais pressa a este negocio...”⁵⁷⁰, prender os padres e os dógicos que se encontravam nas proximidades, incluindo o irmão Lourenço com quem tantas vezes havia conversado, como forma de ameaça para deste modo obrigar Justo a decidir-se entre os seus parentes feitos reféns ou os seus tutores do cristianismo. Esta atitude de Nobunaga aparece, na narrativa, atenuada pelo narrador devido à linguagem que utiliza, querendo transparecer que esta decisão não passara de um “bluff”, que os padres e os irmãos não correram, na verdade, qualquer perigo, escrevendo que a Nobunaga apenas “...lhe pareceo bem lançar mão dos Padres para que, entendendo Ucondono e seo pay como estavam presos, com mais brevidade e presteza se determinassem de se lansarem com elle.” e que os padres iam “...como presos levados a Nangavara...”⁵⁷¹, não passando tudo isto de fingimento, contudo, o medo que estes religiosos sentiram foi real. O padre Organtino e Lourenço foram obrigados a redigir “...huma carta muito lastimoza e cheia de grandes magoas e angustias acerca do que Nobunaga tinha determinado dos Padres, despedindo-se de Ucondono e de seo pay como quem já fazia conta de os não haver de ver mais neste mundo, pois parecia que infalivelmente Nobunaga mandaria matar a elle e aos Irmãos que estavam no Miaco.”⁵⁷², com a intenção de juntar mais dramatismo e urgência à situação que o narrador leva a querer ser simulada, porém, Organtino escreveu outra epístola pessoal em que rogava a Justo que se confederasse com Nobunaga e que visse “...o extremo perigo em que os Padres estão postos.”⁵⁷³, demonstrando uma preocupação desnecessária se estivesse realmente certo da “simulação” de Nobunaga.

Araqui, entretanto, provavelmente receoso de vir a ser mal sucedido na disputa contra Nobunaga e também, segundo o narrador, por se condoer da má sorte dos religiosos aprisionados⁵⁷⁴,

⁵⁶⁸ HJ, vol. III, p. 211.

⁵⁶⁹ *Ibidem*.

⁵⁷⁰ FRÓIS, Luís, *Historia de Japam*, vol. III, p. 212.

⁵⁷¹ *Ibidem*.

⁵⁷² *Ibidem*.

⁵⁷³ *Ibidem*.

⁵⁷⁴ “...choravão (...) os christãos muitas lacrimas, e (...) mandarão chamar alguns velhos do conselho de Araqui (...), os quaes (...) ouvindo as lastimas e piedozas palavras daquellas cartas, não pode reter as lagrimas; e foi tão affectuozo o

decidiu pedir perdão ao Senhor da Tenca e regressar para o seu lado sem pedir mais do que os seus antigos privilégios, contudo, recusou-se Nobunaga a aceitar tais termos, ficando “...o Padre frustrado de sua esperança...”⁵⁷⁵, e partiu com o seu exército a cometer Araqui, deixando os padres e os dógicos ainda em perigo. Chegado ao território de Araqui, queimou grande parte dele, todavia, respeitou o pedido de Organtino de não incendiar a fortaleza de Justo, esperançoso ainda de poder contar com o seu apoio, acampando ali defronte com apenas mil soldados enquanto Ucondono pedia aos seus que não os atacassem. No entanto, a paciência de Nobunaga começava a esgotar-se pela lentidão do processo, portanto, mandou chamar “com muita pressa” o padre Organtino e os demais irmãos que estavam no *Miaco*, causando a todos na capital a impressão de que o Senhor da Tenca se preparava para os castigar e “...que Nobunaga fazia aos Padres grande injustiça...”⁵⁷⁶, o que não sucedeu, sendo a sua intenção apenas conversar. Neste encontro, Nobunaga mostrou-se bastante mais urgente, sem vestígio de lágrimas ou de elogios, ordenando rapidamente e sem preâmbulos que o padre fizesse com que Justo se pusesse do seu lado sem demora, prometendo uma vez mais ouro e regalias, no entanto, o pai de Justo, Dário, “...nem com tudo isto...”⁵⁷⁷ se decidiu a unir-se a Nobunaga e a abandonar os reféns, mostrando-se o narrador incrédulo e preocupado. Devido à decisão de Dário, o Senhor da Tenca aparentou sentir condescendência por Justo, já que era o pai que mais fortemente se negava a corresponder aos seus desejos, referindo-se a Ucondono como “o coitado” que “...dezejava de se fazer seu amigo mas que estava amarrado àquelles reféns.”⁵⁷⁸, todavia, apesar desta simpatia, recorde-se que Nobunaga tinha os padres e os irmãos do *Gokinai* presos, sob o seu poder, e, embora o tivesse feito alegadamente por precaução e para pressionar Justo a decidir com maior brevidade, nunca prometeu ou declarou abertamente que não magoaria os padres, e sendo o seu temperamento habitualmente imprevisível, poderia mudar rapidamente de opinião se dominado pela raiva, por isso, estava Organtino receoso do que sucederia se Ucondono não fizesse o que lhe era pedido, temendo “...que Nobunaga por ser furioso fizesse algum desatino acerca de suas vidas, e o que mais era tendo por certo que havia de destruir a christandade do Goquinai...”⁵⁷⁹. A situação de Organtino era precária, uma vez que se encontrava só e indefeso num terreno hostil, rodeado pelo exército de Nobunaga e dependente da decisão fatal de um único homem, temendo que o Senhor da Tenca mandasse destruir a igreja do *Miaco*, o que podia fazer com extrema facilidade, juntando ao facto de poder mandar assassinar os seus companheiros religiosos a qualquer momento.

movimento que nelles fez e no mesmo Araqui depois que os ouvio, que se determinou com todos os seus de se tornarem a confederar com Nobunaga...” HJ, vol. III, pp. 212-13.

⁵⁷⁵ FRÓIS, Luís, *Historia de Japam*, vol. III, p. 213.

⁵⁷⁶ *Ibidem*.

⁵⁷⁷ HJ, vol. III, p. 214.

⁵⁷⁸ *Ibidem*.

⁵⁷⁹ *Ibidem*.

Visto que de nada servia preocupar-se sem nada fazer para mudar a situação, Organtino decidiu falar pessoalmente com Dário e com Justo, fingindo, para tal, que fugia das garras de Nobunaga para a fortaleza de Takatsuki com o irmão Lourenço onde procurou persuadir Dário a colocar-se do lado do Senhor da Tenca, exagerando a gravidade da situação, que se o não fizesse, todos os irmãos e cristãos sofreriam, porém, sentindo ao mesmo tempo, no coração, que esse fingimento era, na verdade, real, pois não estava seguro das intenções de Nobunaga⁵⁸⁰. Para piorar o problema, Dário prendeu-o na fortaleza, o que podia ter tido consequências gravíssimas, uma vez que Nobunaga podia ter pensado que o padre o tinha enganado e, assim, ficavam todos “...em perigo provável de serem postos na cruz no dia seguinte...”⁵⁸¹, contudo, este soube a situação em que o padre se encontrava e disse, alegadamente, palavras lastimosas pelo jesuíta, culpando-se pelo que ocorria a um homem inocente⁵⁸², mostrando o narrador, deste modo, que não seria verdadeiramente intenção de Nobunaga matar os padres e os dóctos, uma vez que sentia pena de Organtino e tinha consciência que a prisão e padecimento de que sofria aconteciam por sua causa, assim como sofriam os restantes religiosos que havia aprisionado, revelando o seu lado justo e clemente, verdadeiro ou não, essa é uma questão duvidosa.

Justo, repleto de inquietações sobre a eventual perda do filho, da irmã, dos padres e irmãos, do pai, receoso de cair na desgraça de Nobunaga, de ser acusado de cobiçoso se aceitasse os seus subornos e de perder, assim, a tão estimada honra, decidiu renunciar à vida militar e política, rapando o cabelo, “...que hé manifesto sinal em Japão de huma pessoa deixar e renunciar o mundo...”⁵⁸³, e recolher-se na igreja, de modo a poder salvar-se toda a gente e a ficar Nobunaga satisfeito, entregando-lhe, assim, a fortaleza, de que se consolou sumamente Organtino. Quando Nobunaga recebeu as boas novas, quis vê-los imediatamente, e a sua alegria foi tanta “...quando os vio que se não pode dizer...”, agradecendo muito a Justo, congratulando-o durante muito tempo, oferecendo-lhe roupas e espadas, porém, a Organtino já “...não lhe fez tantos gazalhados, quantos lhe mostrava quando o tomava por valedor e lhe rogava com tantas promessas acabasse este negocio estando no Miaco...”⁵⁸⁴, falando-lhe, mais tarde, um seu capitão na “...gratidão de Nobunaga (...) do que estava feito...”⁵⁸⁵, o que lhe vale a crítica do narrador, afirmando que sendo Nobunaga, afinal, um “gentio”, era natural desprezar a importância de uma ajuda fundamental, conseguida com dificuldade e perigo, mas recebida sem esforço próprio⁵⁸⁶. Quando o problema era delicado e Nobunaga se sentia no limbo entre tornar-se no Senhor Absoluto do Japão e perder tudo

⁵⁸⁰ “O Padre, dissimulando quanto podia, por huma parte dezejava de lhe dar a entender que o fingimento era verdade...”, HJ, vol. III, p. 215.

⁵⁸¹ HJ, vol. III, p. 217.

⁵⁸² “«Eu sou a cauza de elle padecer tudo isto sem rezão!»”, *ibidem*.

⁵⁸³ HJ, vol. III, p. 218.

⁵⁸⁴ HJ, vol. III, pp. 225-26.

⁵⁸⁵ HJ, vol. III, 227.

⁵⁸⁶ “...não hé novo nos gentios esquecerem-se dos beneficios recebidos com muita facilidade.”, HJ, vol. III, p. 226.

se Justo não ficasse do seu lado, até lágrimas usou para convencer Organtino a auxiliá-lo, falando-lhe com tanta urgência e com tanta emotividade que o espantou, fez os restantes padres e dógicos do *Gokinai* prisioneiros, não se podendo saber com certeza se pretendia realmente assassiná-los se Ucondono não se decidisse, contudo, assim que o assunto se resolveu em seu benefício, não achou necessário perder muito mais tempo a felicitar e congratular o padre por aquele favor, que esteve preso na fortaleza de Takatsuki ao tentar ajudá-lo.

Esta situação demonstrou a Nobunaga que os padres tinham, efectivamente, utilidade política e estavam sob o seu total controlo, não se atrevendo a desobedecer a um pedido seu e trabalhando o melhor possível para cumprir os seus desejos, e também que pelo menos a maioria dos seus súbditos cristãos não se atreviam a desobedecer a uma lei da sua religião, o que lhe resultou beneficemente. Ao início, o Senhor da Tenca portou-se de um modo lisonjeiro, emocionado, elogiando a fé cristã, os serviços que Justo lhe tinha feito, prometendo favorecer o cristianismo em tudo o que lhe fosse pedido, depois, à medida que o tempo foi passando e a sua paciência se esgotava, falou com o padre de um modo mais grave, mais assertivo, sem elogios nem lágrimas, e, no final, ao dissipar a inquietação e sentindo-se, de novo, seguro do seu sucesso invicto na guerra, já não mostrou a Organtino os louvores, honras e promessas que fizera antes, revelando-se ligeiramente hipócrita, moldando os seus gestos e conduta de acordo com a gravidade da situação. Em relação aos padres e irmãos que prendeu, segundo as palavras do narrador, fica-se com a sensação que tudo não passava de fingimento, que por nenhuma ocasião pensou Nobunaga em matá-los, querendo apenas apressar Justo ao fazê-lo acreditar que sim, contudo, o padre Organtino não se sentiu seguro, não deixou de sentir um enorme receio pelos seus companheiros e pelo cristianismo, que suspeitava poderem ser aniquilados a qualquer momento se o Senhor da Tenca fosse apoderado pela sua ira e imprevisibilidade habituais. Logo, ficou demonstrado que o “Anjo”, afinal, não hesitaria em portar-se como o diabo mesmo para os seus protegidos se assim lhe conviesse para assegurar as vitórias e atingir o objectivo de conquistar todo o país.

Os homens de Araqui pediram misericórdia a Nobunaga, oferecendo-lhe as mulheres e filhos como reféns e prometendo convencer o traidor a render-se, contudo, este não aceitou, sabendo perfeitamente que Nobunaga nunca o haveria de perdoar, condenando, desta maneira, à morte toda a sua família, como nos recita, de seguida, o narrador. O “...furor e gravissimo odio que Nobunaga tinha a Araqui e todas suas couzas.” depois da sua traição resultaram num terrível e impiedoso castigo sofrido pelos seus reféns e familiares, que eram a única forma que o Senhor da Tenca teve para “...saciar sua ira e infestissimo odio...”⁵⁸⁷, uma vez que não podia, por enquanto, punir Araqui, que havia fugido.

⁵⁸⁷ HJ, vol. III, p. 230.

Com “...inauditas cruezas...”⁵⁸⁸ mandou levar para a capital todos os familiares do traidor que conseguiu encontrar, incluindo a mulher, filhas e irmão, onde os colocaram em “...carretas para passarem com seos pregões por todas as principaes ruas da cidade, que hé a maior infamia e abatimento que a mesma morte...”⁵⁸⁹, depois, foram postos num campo ao pé de um mosteiro onde os decapitaram. No entanto, a crueldade de Nobunaga não se ficou por este castigo, pois um grupo de mulheres fidalgas da fortaleza de Araqui não escapou à sua justiça impiedosa, sendo a sua punição tão terrível que o narrador a adjectiva como um “...horrendo e atrocissimo espetaculo.”, ficando as pessoas que a ele assistiram com “...este horror tão impresso e esculpido nos corações (...), que por muitos dias andavão como fora de sy assombrado[s] deste espetaculo que na morte se lhe representava.”⁵⁹⁰. As mulheres foram “...todas cento e vinte crucificadas; e algumas destas senhoras, que tinham crianças pequenas, para maior tormento das mãys lhe metião os filhoszinhos no ceyo e com ellas os alevantarão na cruz.”⁵⁹¹, acabando de morrer com tiros de espingarda e facadas de lanças. Apesar de ter sido, nas palavras do narrador, “...acerrimo e inaudito este segundo rigor e temeraria crueza em gente que no cazo não tinha nenhuma culpa, sem comparação foi mais acerbo, inhumano e espantoso o terceiro.”⁵⁹², em que construíram de propósito quatro casas para porem 514 pessoas e ali as queimarem a todas vivas. A crueldade de Nobunaga não é nenhuma rareza, pelo contrário, aparecem na *História*, como vimos, exemplos de muitos castigos atrozes a pessoas quer culpadas, quer inofensivas, sendo esta a primeira vez que se nota uma crítica explícita do narrador e um desconforto perante tamanha desumanidade sofrida por pessoas inocentes.

No meio de toda esta barbaridade, houve apenas uma pessoa que se livrou de perigo maior, que foi Dário, por quem Nobunaga teve compaixão devido à sua atitude para salvar os reféns, mas que todos supunham estar já sentenciado para morrer, visto que o Senhor da Tenca era “...cruel para com seos inimigos...”⁵⁹³. Segundo o narrador, foi graças às preces dos cristãos e dos padres que Deus amainou o coração de Nobunaga, que resolveu não o matar, apesar de considerar que Dário merecia a pena de morte, mandando-o prender numa prisão à maneira de gaiola à vista do público, onde “...padecia mui grandes trabalhos e angustias.”⁵⁹⁴, porém, por respeito a Justo e aos que tiveram a coragem de interceder em seu favor diante dele, “...sendo Nobunanga tão forte que apenas se acha quem lhe ouze a fallar, maxime para o dessuadir das couzas que determina...”⁵⁹⁵, libertou-o da infâmia da gaiola e deixou-o desterrado em *Yechigen*, tratando muito bem a esposa de Dário quando esta passou por Azuchi antes de ir ter com o marido, mostrando que, embora fosse

⁵⁸⁸ HJ, vol. III, p. 230

⁵⁸⁹ HJ, vol. III, p. 231.

⁵⁹⁰ HJ, vol. III, p. 232.

⁵⁹¹ *Ibidem*.

⁵⁹² *Ibidem*.

⁵⁹³ HJ, vol. III, p. 233.

⁵⁹⁴ HJ, vol. III, p. 234.

⁵⁹⁵ HJ, vol. III, p. 233.

desapiedado, havia raras ocasiões em que escutava os pedidos de quem se atrevia a tentar mudar a sua opinião, como aconteceu com Dário, que teve essa sorte.

IV.5. A MUDANÇA

No início da narrativa, Nobunaga aparecia como um ser heróico, o “Anjo” que se condoía da má sorte dos padres, da sua condição de estrangeiros indefesos e maltratados pelos inimigos, intercedendo por eles naquilo que era necessário, protegendo-os e defendendo-os, aumentando o seu crédito e a fama da sua religião. Tratava sempre os jesuítas com “amor e afeição”⁵⁹⁶, conversava com eles largas horas, familiarmente, sobre diversos assuntos, colocando questões acerca da religião e do mundo exterior, pelo qual parecia interessar-se largamente. Ouviu várias vezes falar de Deus e da lei cristã, mostrando-se curioso por aprendê-la ao fazer comentários e procurar conhecê-la mais detalhadamente, afirmando que se impressionava por aquela religião tão recta e que concordava com vários dos seus aspectos. Comportava-se de modo informal, descontraído e até generoso perante Fróis e Lourenço, não aceitando, por exemplo, o dinheiro que Vatadono lhe levava da parte do padre, rindo e conversando alegremente nas visitas dos religiosos, não precisando de agir perante estes de forma hierárquica mas de modo muito mais natural, oferecendo-lhes bons presentes, o chá e as refeições pelas próprias mãos, elogiando continuamente o seu espírito aventureiro e corajoso de viajantes, tratando-os, até, como estimados amigos. O narrador atribui esta “desacostumada” atitude de Nobunaga a Deus, a única causa pela qual este Senhor tão soberbo mostrava afeição pelos padres, escolhendo-o como seu instrumento para propagar o cristianismo no Japão por ser um homem tão excepcional, poderoso, inteligente e, principalmente, inimigo dos bonzos, perseguindo-os e castigando-os, pelo que se alegrava grandemente o narrador, admirando o carrasco dos bonzos com fascínio. Mesmo a faceta cruel e violenta de Nobunaga não era, ao início, mal vista pelo narrador, principalmente se a crueldade era direccionada aos bonzos, pois, naquele momento, olhava para o Senhor da Tenca com tanto deslumbramento que nem criticava as barbaridades que cometia, as mortes de centenas de pessoas nas conquistas, o assassinio impiedoso do seu próprio irmão, a destruição de cidades inteiras pelo fogo, descrevendo tudo isto quase com admiração pelo seu carácter vigoroso e implacável, que não tinha medo dos obstáculos e procurava sempre que a sua vontade prevalecesse acima de tudo e de todos. Embora descrevesse a sua personalidade arrogante, soberba, pela qual destratava os fidalgos e se colocava num pedestal acima de todos, fazia-o como elogiando a força do seu carácter e evidenciando o seu apreço e simpatia pelos padres, com os quais apenas mostrava uma faceta caridosa e amável.

⁵⁹⁶ HJ, vol. II, p. 310.

Descrevia-o como invencível militarmente, temido por todos os inimigos, e mesmo não inimigos, que se sentiam perdidos quando este ameaçava conquistar um reino ou destruir uma cidade, transparecendo o narrador, talvez, um certo exagero quando subentendia que Nobunaga vencias as batalhas de modo extremamente fácil, quase sem trabalho nenhum, como quando conquistou a fortaleza do xogum ou o reino de Mino. As suas obras eram tidas como magníficas, verdadeiros paraísos terrestres, obras-primas de beleza, brilho e limpeza que, comparadas com as obras europeias, não ficavam inferiores, pelo contrário, eram ainda mais esplêndidas. Contudo, a partir de um certo momento começam-se a notar umas nuances na linguagem, um certo adjetivo, um certo comentário, que transmitem uma opinião diferente de Nobunaga. Aos poucos, começa-se a notar uma alternância suave entre o herói e o soberbo até aparecerem, de repente, críticas explícitas à sua arrogância. Na descrição da sua morte e suas causas, como se verá no próximo capítulo, está patente uma forte crítica à sua altivez e insolência (que já havia sido retrata mas em tom neutro ou elogioso), não há já nenhuma palavra de perdão ou de compaixão por este grande protector, antes tratado por “tão grande Príncipe”⁵⁹⁷, ter falecido. Parece que o próprio narrador vem a sentir-se, de certo modo, traído por Nobunaga, no sentido em que, quando o principiou a conhecer, este era a seus olhos um grande herói e um homem excepcional e valoroso pela sua inteligência, bondade e poder, mas, à medida que o tempo foi passando e que se foram descobrindo as suas piores qualidades, de soberba, orgulho, Nobunaga foi desapontando o narrador, que tantas esperanças tinha nele depositadas, devido a estas suas más qualidades de vaidoso e arrogante. Vejamos, no texto, quando se começa a notar um tratamento diferente, uma linguagem subtil que não esconde uma crítica subjacente à personalidade de Nobunaga.

A primeira vez que se denota um tom menos lisonjeiro é quando o narrador nos relata a visita que o próprio e o padre Francisco Cabral fizeram a Nobunaga no ano de 1571, em Giju, referindo-se ao Senhor da Tenca nos seguintes termos: “A soberba e jactancia de Nobunaga era tão arrogante que a todos desprezava, (...) e somente deixar-se ver de quem com ricos e fermozos presentes o dezejavão vizitar era fazer-lhe muito favor e particular mercê.”⁵⁹⁸. Esta passagem permite entrever o lado mais desprezível, na opinião do narrador, de Nobunaga, que era o seu orgulho e vaidade demasiado elevados pelas suas obras e pela sua pessoa, tendo-se a si próprio em maior consideração do que a qualquer outro, a altivez e arrogância com que menosprezava todas as pessoas, distanciando-se delas ao agir, e ao sentir-se, como um ser superior, sabendo que era o mais poderoso dos homens do seu país e comportando-se como tal, como inacessível ao povo comum, aceitando apenas receber quem lhe levasse presentes valiosos, esperando sempre um benefício mesmo nas pequenas coisas, em vez de usar da modéstia e da compaixão, atitudes aprovadas pelo

⁵⁹⁷ HJ, vol. II, p. 281.

⁵⁹⁸ HJ, vol. II, p. 360.

autor desta *História*. Sendo assim, não era de espantar a admiração que todos sentiam⁵⁹⁹ ao ver a afabilidade e os favores que Nobunaga concedia aos padres, “...tão alheios de sua altiva condição e natureza...”⁶⁰⁰, algo que o narrador apenas consegue explicar, como vimos, pela providência divina, tendo sido a mão de Deus que movera o coração soberbo de Nobunaga a sentir apreço por estes estrangeiros e a decidir ajudá-los nas suas necessidades⁶⁰¹, o que beneficiava os padres duplamente, pois “...isto acreditava o conceito e opinião dos principes e senhores de sua Corte acerca de nossas couzas...”⁶⁰². Numa outra passagem que denota criticamente o alcance da sua arrogância, depois de terminada a construção dos paços de Nobunaga em Azuchi, o narrador afirma que o Senhor da Tenca, “...para maior ostentação e arrogancia de seo nome, quiz mostrar a sumptuosidade de seos paços...”⁶⁰³, abrindo as portas da sua fortaleza por alguns dias para quem a quisesse visitar, à qual concorreu uma grande quantidade de gente. “Ostentação” e “arrogância” são adjectivos pouco lisonjeiros que mostram Nobunaga como um exibicionista. No entanto, mais do que criticar a sua arrogância e altivez, aquilo que o narrador acreditava ser o pior defeito de Nobunaga era o facto de este não conhecer Deus (“...e com Nobunaga ter boas partes naturaes, faltou-lhe todavia a mais importante, que era conhecer a Deos.”⁶⁰⁴), não ser cristão nem aprender as suas normas de humildade, abnegação e caridade, mas ser, muito provavelmente, ateu, não seguindo qualquer religião nem acreditando em nenhuma divindade, nem no Deus cristão nem tão-pouco nos “camis” ou “fotoques”. Por esse motivo, era soberbo, uma vez que atribuía as suas vitórias e sucessos somente a si próprio, à sua própria força e capacidade, em vez de conferi-los a Deus, que, segundo o narrador, é o verdadeiro Senhor Absoluto de tudo e de todos e o único a conceder regalias com o seu “...divino favor...”, e aqueles como Nobunaga, que atingiam “...prospera furtuna e altos estados...” sem acreditar num Poder Superior, atribuindo a “...suas forças e industria o que somente havião de referir a Deos...”, haveriam de ser castigos por este pretensiosismo “...para entenderem que não podem nada sem seo divino favor...”, pelo que os “...humilha (...) com cazos adversos e inesperados...”⁶⁰⁵, neste caso, atormentando Nobunaga com a traição de Araqui.

Aquando do problema de Justo, Nobunaga começa por ter uma atitude impensável, totalmente desacostumada da sua natureza, ao ficar à beira das lágrimas na presença de um padre, “...hum senhor de tanto respeito, nobreza e authoridade como elle era...”, fazendo “...mil offerecimentos e promessas...”⁶⁰⁶, contudo, assim que o assunto se resolveu, o narrador não

⁵⁹⁹ “...a todos os tinha suspensos e admirados ver nelle excessos tão desacostumados...”, HJ, vol. II, p. 360.

⁶⁰⁰ *Ibidem*.

⁶⁰¹ “Não deixou de ser grande providencia divina mover-lhe Deos N. Senhor o coração para fazer a dous Padres estrangeiros tão extraordinarios favores...”, *ibidem*.

⁶⁰² *Ibidem*.

⁶⁰³ HJ, vol. III, p. 259.

⁶⁰⁴ HJ, vol. III, p. 205.

⁶⁰⁵ *Ibidem*.

⁶⁰⁶ HJ, vol. III, p. 210.

esconde uma leve crítica ao que considera ter sido um agradecimento insuficiente, pois não tratou Organtino com a referência prometida quando a situação era grave, insinuando que Nobunaga era, na verdade, interesseiro e calculista, agindo de um modo emotivo, lisonjeiro e desolador quando a situação era mais urgente e regressando à conduta natural quando o problema se resolvia, algo que, como vimos, afirma o narrador, desdenhosamente, não ser raro nos gentios, sendo natural desprezarem a importância de uma ajuda fundamental conseguida com dificuldade e perigo mas recebida sem esforço próprio, subentendo secamente que, no fundo, Nobunaga não passava de mais outro “gentio”. Os castigos ordenados por Nobunaga aos familiares de Araqui também recebem a crítica do narrador que, até esse momento, nunca reprovava nenhuma das terríveis punições dadas pelo Senhor da Tenca descritas na sua obra. Segundo o narrador, estes foram “...os mais crueis e severos que até esta idade se tinham ouvidos em Japão.”⁶⁰⁷, não fazendo Nobunaga mais do que “...com inauditas cruezas saciar sua ira e infestissimo odio...”⁶⁰⁸ em pessoas inocentes, descrevendo o primeiro castigo como “...maior infamia e abatimento que a mesma morte...”, sofrido por “...meninos mui gentis-homens e mulheres moças de grande respeito.”⁶⁰⁹ que não o mereciam; o segundo foi um espectáculo tão terrível que não causava horror apenas aos parentes, amigos e conhecidos, que “...alevantavão os prantos, bramidos e vozes...”, mas também para “os estranhos”, como o próprio autor, “...era sobremaneira lastimozo...”⁶¹⁰ assistir a algo tão cruel; contudo, pior ainda foi o terceiro castigo, em que os gritos das pessoas que ardiam vivas, “...as vozes que se ouvião, a confusão daquelle tormento tão cruel que passavão, assombrava toda aquella terra.”⁶¹¹. Apesar de estes suplícios terem sido ordenados por Nobunaga, o autor não deixa de criticar abertamente o verdadeiro culpado, o traidor Araqui, pois “...pella maldade e coração mais que de ferro...” que tinha, “...padecerão tantos innocentes (posto que gentios) as penas que elle só por sua ingratitude e maldade merecia.”⁶¹².

Quando apareceu, na capital, um bonzo que começava a exercer demasiada influência sobre o povo, o narrador faz um comentário muito revelador da personalidade de Nobunaga, dizendo que “...aborrecia muito todos os extremos e novidades que alvoroçavão a terra...” porque era “soberbo”, arrogante e orgulhoso, não podendo “...tolerar aver pessoa que em seos reinos se quizesse fazer eminente e preferir-se aos outros...”⁶¹³, que tivesse autoridade sobre as pessoas que deviam estar sob o comando absoluto de Nobunaga, a suprema potência dos seus reinos, denotando-se uma leve nota de reprovação ao seu carácter altivo que o levava a querer elevar-se acima de todos e governar

⁶⁰⁷ HJ, vol. III, p. 207.

⁶⁰⁸ HJ, vol. III, p. 230.

⁶⁰⁹ HJ, vol. III, p. 231.

⁶¹⁰ HJ, vol. III, p. 232.

⁶¹¹ HJ, vol. III, p. 233.

⁶¹² *Ibidem*.

⁶¹³ HJ, vol. III, p. 243.

o seu povo como um ditador. Este domínio sobre os cidadãos e os seus criados era conseguido, sobretudo, pelo terror que a sua crueldade causava quando se enfurecia, obrigando deste modo toda a gente a obedecer-lhe sem réplicas, “...porque elle se fazia servir e obedecer desta maneira...”⁶¹⁴, graças ao medo da violência. Quando, ao início, o autor exaltava todas as obras que Nobunaga efectuava, denota-se um tom de desprezo pela festa que ordenou para exhibir a sua pujança como se fosse “...outro rey Assuero...”⁶¹⁵, descrevendo-a como algo ridículo e desinteressante, uma vez que não se fazia “...outra couza na dita festa mais que correrem seos cavalos junto de huma tea que tinham armada fazendo seos jogos.”⁶¹⁶, sendo o único atractivo da festividade a opulência e lustro das decorações e das roupas dos nobres. Além disso, refere a comparência dos religiosos na dita festa quase como se estivessem a fazer-lhe um favor em retribuição de todos os benefícios que da sua parte haviam recebido, afirmando que, depois de Nobunaga mandar particularmente que estivessem presentes Valignano e os restantes padres e irmãos, dando-lhes inclusivamente um lugar privilegiado para assistirem, estes não se puderam escusar “...por não ser Nobunaga pessoa a quem se podia replicar, especialmente tendo-se isto dos christãos por mui especial favor...”⁶¹⁷, apesar de a festa não ser especialmente interessante, não tendo os religiosos outra escolha. Ainda nesta comemoração, o autor refere outra crítica à arrogância de Nobunaga ao fazer um comentário igualmente revelador da sua personalidade, dizendo que se sentou na cadeira à maneira de trono oferecida por Valignano “...para mais ostentação e grandeza de seo estado...”, não se cansando de aproveitar nenhuma oportunidade de mostrar o seu estatuto de maior excelência e elevação do que a dos demais, “...com que elle se differenciava dos outros.”⁶¹⁸, aspecto fundamental do seu carácter e da sua ambição, a de ser único, de se afastar da mediocridade dos homens vulgares, sendo o mais inteligente, o mais poderoso e o mais rico.

Deste modo, com a imagem de Nobunaga sofrendo alterações negativas e com alguns indícios que vão surgindo, como a descrição da torre da sua fortaleza em Azuchi, obra “mui arrogante” que, elevando-se de tal modo na direcção do Céu se parece a uma Torre Babel, não admira o final trágico que se explicita de seguida.

IV.6. A QUEDA

Antes de relatar as causas que, segundo a sua opinião, levaram à derrota de Nobunaga, o narrador começa por explicar resumidamente os seus grandes feitos, a sua riqueza e potestade, os

⁶¹⁴ HJ, vol. III, p. 236.

⁶¹⁵ HJ, vol. III, p. 255.

⁶¹⁶ *Ibidem*.

⁶¹⁷ *Ibidem*.

⁶¹⁸ HJ, vol. III, p. 256.

grandes triunfos e o carácter impressionante que o levaram a admirá-lo tanto, com o intuito de revelar o contraste entre o excelente soberano que começou por ser e o homem que, no final, caiu em tamanha desgraça provocada pela sua própria vaidade e arrogância excessivas, que foram o seu erro fatal, como denuncia o título deste capítulo: “Da grande arrogancia e demencia a que Nobunaga foi levado por suas riquezas, poder e estado”⁶¹⁹. De origem modesta, possuidor de apenas metade da província de *Voari*, “...por sua industria e cavalaria...”⁶²⁰ conseguiu conquistá-la toda, adquirindo, de seguida, também o reino vizinho. Alguns anos mais tarde, tomou a tarefa de colocar o xogum no seu posto legítimo, acabando por depô-lo quando aquele lhe declarou guerra, começando, de seguida, a conquistar os reinos do Japão, e por ser “...intrepido na guerra, de animo generoso, de grandes ardis e prudencia natural...”⁶²¹, teve muito sucesso no seu empreendimento, acumulando vitórias e “...dilatando seo nome, fama e estado...”, criando o seu próprio Império que, até ao momento da sua morte, contava “...passante de quarenta reinos de Japão...”⁶²². Sendo um poderoso conquistador e astucioso guerreiro, era também extraordinariamente rico, juntando tesouros à medida que somava êxitos nas batalhas, “...de maneira que todas as principaes riquezas de Japão e couzas preziozas elle era o que as tinha em sua mão...”, fazendo com a sua fortuna “...muitas couzas (...) dignas de grande memoria.”⁶²³ para deste modo exhibir o seu poder e aparato. De todas as grandes obras que edificou, aquela “...de que se mais gloriava...” eram os paços e fortaleza de Azuchi, os mais formosos e ricos, “...de grande admiração e estranha limpeza...”⁶²⁴, referindo ainda o narrador o caminho que mandou construir da capital até à sua cidade de Azuchi, para o qual mandou construir pontes “...extraordinariamente grandes e de grande architectura...”⁶²⁵, procurando melhorar de igual modo as vias de todos os reinos que tinha conquistado. Ordenou a construção de paços renovados para o Imperador, a quem acrescentou mais a renda, mostrando que tinha fortuna para si próprio e para os outros, e outros para o filho do Imperador. Graças à sua “...grande prudencia e industria...”, ao seu poder e sucesso militar, estava a conseguir estabilizar o seu país e reduzi-lo à paz e tranquilidade, tarefa que parecia impossível por “...ser Japão em extremo sujeito a guerras por naturalmente ser gente belicoza e mui versada no exercicio militar...”⁶²⁶, tendo sido necessário um homem prudente, sagaz e engenhoso como Nobunaga para fazê-lo, cujo nome e força ressoavam por todo o país de tal modo que muitos reinos se lhe entregavam sem ser necessário combater.

⁶¹⁹ HJ, vol. III, p. 239.

⁶²⁰ *Ibidem*.

⁶²¹ *Ibidem*.

⁶²² HJ, vol. III, p. 330.

⁶²³ *Ibidem*.

⁶²⁴ *Ibidem*.

⁶²⁵ *Ibidem*.

⁶²⁶ *Ibidem*.

Outro aspecto fascinante da sua vida e carácter que o tornaram num homem tão singular, “...que quazi se não achou nunca nos que governavão esta monarquia...”, foi o facto de desprezar “...todo o culto e veneração dos Kamis e Fotoques...”⁶²⁷, odiando e perseguindo os bonzos, não respeitando as seitas budistas, razão que levou o narrador a apelidá-lo de “Anjo” e a tomá-lo pelo instrumento de Deus, assolando em vida muitos templos, universidades e locais de romaria famosos, tirando a enorme fortuna dos templos e dos monges para distribuí-la pelos soldados e pelos fidalgos. Em contraste, tratou os padres sempre com muita delicadeza e compaixão por, alegadamente, se apiedar do facto de serem estrangeiros, de terem inimigos que pretendiam prejudicá-los e que conspiravam contra eles⁶²⁸, e apesar das tentativas desses antagonistas do cristianismo de persuadi-lo a perseguir os jesuítas, Nobunaga permitiu que pregassem a sua religião e comprometeu-se firmemente em auxiliá-los, assegurando-lhe “...que enquanto elle fosse vivo não receberíamos nenhuma molestia nem agravo, e que em seos reinos se pregasse a ley de Deos e se fizessem igrejas.”⁶²⁹, promessa que, efectivamente, cumpriu. Embora desprezasse “...toda a outra gente, reys e principes e senhores de Japão...”, tratando-os altivamente sem se preocupar com posições sociais de modo a que esses fidalgos lhe tivessem inclusivamente medo, sujeitando-se às suas ordens e à sua atitude arrogante, conversava familiarmente com os padres, homens pobres sem qualquer posição social importante, agradando-lhe o convívio com os religiosos que, apesar de terem plena consciência da sua superioridade, consideravam-no um protector e um amigo, e ainda que não seguisse qualquer religião, ouviu algumas vezes pregação, considerando o narrador que se “...sentia interiormente convencido...” de que a doutrina dos padres era “...boa e verdadeira...”⁶³⁰.

IV.6.1. A GRANDE DEMÊNCIA

Apesar de possuir boas qualidades, os piores defeitos de Nobunaga, a sua suprema arrogância, soberba e orgulho, prevaleciam dentro de si de tal maneira que o cegaram e o desviaram por completo do caminho da razão, conduzindo-o ao que o narrador denomina “demência”, a loucura de acreditar que não existia nenhuma Entidade superior a si próprio nem na Terra nem no Céu, que era “...Senhor do universo e Author da natureza...”, desejando ser adorado pelos seus como um Deus, pois “...tinha hum certo ser mais que de homem...”⁶³¹, segundo diziam os seus criados, insinuando o narrador que estes somente aceitavam venerá-lo como uma divindade por

⁶²⁷ HJ, vol. III, p. 331.

⁶²⁸ “...algumas vezes nos dizia que erão grandes as insidias de nossos emulos contra nós, e frequentes os falsos testemunhos que lhe dizião...”, *ibidem*.

⁶²⁹ *Ibidem*.

⁶³⁰ *Ibidem*.

⁶³¹ *Ibidem*.

benefício próprio⁶³² e também, provavelmente, por terem medo de lhe desobedecer. Nobunaga enlouquecera ao negar a existência do Deus cristão, ao crer que um mortal podia atingir o patamar de divindade e ao pensar que todos os seus sucessos e vitórias foram alcançados humanamente, que estava prestes a tornar-se no Senhor Absoluto do Japão através do seu talento e esforço, em vez de “...se humilhar e reconhecer serem tudo benefícios e mercês grandes que recebia da poderosa mão do Author da natureza...”⁶³³, pelo que o narrador o considera “...infeliz e miserável...”⁶³⁴, pois embora fosse o mais poderoso e temido Senhor do seu país, a sua insana ousadia em desejar ser adorado na terra fê-lo chegar “...ao ultimo donde sua demencia e arrogancia o podião precipitar.”⁶³⁵. Assim sendo, Nobunaga incorreu na *hybris*, na mesma impertinência excessiva que “...leva o homem a querer ultrapassar a sua condição e a medir-se com os deuses.”⁶³⁶, provocando a ira destes, o que levou à sua punição pelo Criador, do mesmo modo que os Deuses helénicos castigaram Agamémnon, Édipo ou Prometeu. Não se contentando em ser somente o sumo governante do seu país mas tendo ambições mais elevadas, Nobunaga cometeu a mesma “...temeridade e insolencia de Nabucodonosor...”⁶³⁷, o mais poderoso rei da Babilónia, a de desejar ser amado não como um homem mortal, mas como um ser divino, imortal, onipotente, pois agradava-lhe o conceito do Deus Cristão, um Ser que tudo no mundo ordenava e controlava, ansiando por um poder semelhante, com o qual podia alcançar a forma mais perfeita de governar, e por isto é comparado, também, ao Anjo Lúcifer⁶³⁸ que caíra na insolência de tentar competir com o Deus único e onipotente, o que o levou a precipitar-se no abismo, assim como sucedeu a Nobunaga, também ele o “Anjo” que tentou ultrapassar Deus.

Para fomentar esta heresia, Nobunaga mandou, alegadamente, edificar um templo para seu próprio culto e veneração, de nome *Soquenji*, prometendo a quem o venerasse diversos privilégios, tais como “...os ricos vindo aqui adorar, mais e mais se hão-de acumular suas riquezas; e os pobres, (...) pelos merecimentos de vizitarem este templo serão também ricos; e os que não tiverem filhos (...) logo terão decendentes (...) a vida lhes será dilatada até os oitenta annos, as enfermidades sararão logo...”⁶³⁹ e ordenando como dia santo e de romagem a este templo o dia de seu nascimento de cada mês. A alegada construção deste templo com o objectivo de materializar a “...sua venenosa ambição...”⁶⁴⁰ de ser adorado pelos homens como uma divindade não deixa de ser um pouco irónica, uma vez que, deste modo, agia como os bonzos que ele tanto odiou e perseguiu em vida ao

⁶³² “...e isto por lhe fallarem à vontade e o terem mais propicio em seos negocios.”, HJ, vol. III, p. 331.

⁶³³ HJ, vol. III, pp. 331-32.

⁶³⁴ HJ, vol. III, p. 331.

⁶³⁵ HJ, vol. III, p. 332.

⁶³⁶ PEREIRA, 2006: p. 421.

⁶³⁷ HJ, vol. III, p. 332.

⁶³⁸ “...determinou finalmente com esta luciferina soberba, em que todo andava acezo e inflamado...” *ibidem*.

⁶³⁹ *Ibidem*.

⁶⁴⁰ *Ibidem*.

prometer regalias e benefícios a quem o venerasse e fosse visitar o seu templo e ao ameaçar quem não o fizesse com um destino terrível, promessas e ameaças fictícias que Nobunaga criticava nos bonzos mas que imitava agora, apesar de não passar de um homem que queria ter estatuto divino, assim como os ídolos japoneses que os bonzos adoravam, deuses falsos. Para “...poder melhor pescar sua devoção.”, Nobunaga ordenou “...por persuasão e instinto do demónio...”⁶⁴¹, não motivado pelo seu próprio juízo mas pela mesma cegueira de Lúcifer, que se trouxessem para o seu templo os pagodes japoneses mais venerados, apesar de durante a sua vida ter decretado a destruição de tantos, não para serem adorados mas para, assim, se colocar numa posição de pedestal, superior a todos os restantes, e, não havendo em *Soquenji* uma pedra que costuma haver nos templos das seitas budistas chamada *xintai*, “...que quer dizer coração e sustancia, id est daquelle orago...”, o próprio Nobunaga afirmava “«Eu sou o mesmo *xintai*!»”⁶⁴², o centro, a matéria, a essência daquela religião, do seu país e, pelo que parecia ambicionar, também do Céu e da Terra. Assim, no dia do seu aniversário, como estava estipulado, compareceram tantas pessoas de diversas partes do país “...que parecia couza incrível.”⁶⁴³, demonstrando que tinha já muitos idólatras e que, no futuro, esse número iria subir, heresia que Deus não podia permitir continuar.

Deste modo se vê a estranheza da afirmação de que Nobunaga concordava com o que os padres pregavam sobre a vida para além da morte, parecendo mais certo que, como é referido depois, este não acreditava em Deus nem em recompensas presentes ou futuras, não crendo que houvesse mais do que nascer e morrer, o que combina melhor com a “demência” que o narrador nos relata no final da obra, em que Nobunaga tanto não aceitava o conceito de vida eterna que desejou, alegadamente, ser divino em vida como um meio de eternizar a sua pessoa e o seu nome, apesar de o seu corpo deixar, eventualmente, a terra. Acreditaria num paraíso celeste quando tinha já criado o paraíso terrestre em Azuchi? De que lhe servia a imortalidade da alma no Céu se existia um Deus superior a todos? O que lhe seduzia era a ideia de ser divino na terra, adorado por todos os homens.

IV.6.2. O CASTIGO DE DEUS

Pela terrível insolência e insanidade em que Nobunaga havia incorrido ao querer usurpar para si o “...culto e adoração que só a Deos Criador e Redemptor do mundo se deve...”⁶⁴⁴, a terrível *hamartia* de querer elevar-se ao patamar de divindade que culminou no crime da heresia, não permitiu o mesmo Deus, segundo nos relata o narrador, que este sacrilégio durasse por muito mais tempo, não tolerou esta sua temeridade de se considerar superior aos homens mundanos, de se

⁶⁴¹ HJ, vol. III, p. 333.

⁶⁴² *Ibidem*.

⁶⁴³ *Ibidem*.

⁶⁴⁴ *Ibidem*.

julgar num altar celeste que só a Si pertencia, decidindo castigá-lo por este erro e insolência fatais, assim como os vingativos Deuses greco-latinos puniram os excessos de Prometeu e de Agamémnon, ambos heróis que podemos comparar a Nobunaga. Prometeu, como é narrado no *Prometeu Agrilhado* de Ésquilo, era um poderoso Titã que quis salvar o género humano cometendo a insolência de roubar o fogo divino a Zeus, pelo qual foi castigado. Prometeu era o sábio, o defensor do poder e da potencialidade humana, o símbolo “...da elevação do poeta ao lugar de deus criador, do ateísmo...”⁶⁴⁵, da independência do género humano em relação ao Criador, características semelhantes às de Nobunaga, que não aceitava a onipotência do Deus Cristão e acreditava veementemente na sua capacidade enquanto homem terrestre, mas tão excepcional e diferente dos restantes que merecia ser adorado como uma divindade. Agamémnon, poderoso e opulento rei, cometeu, também, o erro de se comparar aos deuses, excedendo-se no saque de Tróia por pura cobiça de riquezas e assolando cruelmente a cidade até pouco ou nada restar, assim como Nobunaga despojava e destruía os reinos que conquistava, e, no seu regresso a casa soberbo e desmedido, ousou pisar um tapete da cor púrpura, honra guardada apenas aos deuses⁶⁴⁶, lembrando as festividades aparatosas e os edifícios ostentosos de Nobunaga, que levou mais longe a sua equiparação com o Deus Cristão, o qual decidiu recordá-lo que, apesar do seu imenso poder e qualidades excepcionais, não passava de um mortal.

No entanto, como o Deus cristão tem, afinal, o costume de “...uzar com todos de sua infinita clemencia e piedade...”⁶⁴⁷, antes de executar o seu temível castigo, tentou, segundo o narrador, demonstrar a Nobunaga através de indícios divinos ocorridos em Azuchi que Ele era o “...Senhor absoluto dos ceos e da terra...”⁶⁴⁸, procurando, deste modo, aconselhar o Senhor da Tenca a humilhar-se ao seu estatuto de mortal e a reconhecer a existência de um Ser superior, senão, algo terrível lhe iria acontecer. Antes de Nobunaga partir para a guerra em *Cainocuni*, aconteceu no dia oito de Março de 1582 um estranho fenómeno celeste em Azuchi, aparecendo às dez horas da noite “...o ceo pela banda do oriente muito claro, e em riba da mais alta torre de Nobunanga se mostrou tão vermelho que punha espanto, e durou até perto da manhã...”⁶⁴⁹, um sinal que se espalhou por outras partes do país, inclusivamente em Bungo, esta cor vermelha do céu parecendo ser um indício da violenta morte que esperava Nobunaga, um prenúncio do sangue que iria escorrer depois do seu suicídio e das chamas que consumiriam o seu cadáver. A quatorze de Maio do mesmo ano, “...às nove horas da noite apareceu huma cometa no ceo, a qual tinha hum rabo mui comprido, que cursou

⁶⁴⁵ PEREIRA, 2006: p. 414.

⁶⁴⁶ Vide PEREIRA, 2006: p. 421.

⁶⁴⁷ HJ, vol. III, p. 334.

⁶⁴⁸ *Ibidem*.

⁶⁴⁹ HJ, vol. III, pp. 334-35.

por alguns dias e punha em todos grave espanto.”⁶⁵⁰, caindo poucos dias depois uma espécie de cometa em Azuchi, sendo todos estes fenómenos celestes, enviados por Deus, sinais que previam a desgraça que iria, em breve, suceder. Porém, “...o infelice homem...” não se deixou impressionar por estas manifestações divinas, não entendendo o seu significado por serem “...tam densas e opacas as trevas em que estava sumerso...”⁶⁵¹, estando, apesar de ser inteligente, tão enublado pela sua loucura e arrogância que não conseguia ver o que tão claramente⁶⁵² aparecia expresso no céu, sinais que eram evidentes para o narrador mas não para Nobunaga nem para os nipónicos em geral⁶⁵³. Muito se espantaram os padres e irmãos por Nobunaga partir sem temor para a guerra apesar destes indícios, embora a sua coragem fosse inconsciente, uma vez que não sabia serem estes fenómenos sinais de má sorte, todavia, com uma certa ironia saiu vitorioso, derrotando o inimigo e tomando de imediato três ou quatro reinos, de modo que a sua soberba se tornou “...mais inchada e venenosa...”⁶⁵⁴, contudo, mal cabia na sua imaginação que pouco tempo teria ainda de saborear esta vitória nem nenhuma outra.

Decorrendo o seu governo com tranquilidade, crescendo cada dia a sua cidade de Azuchi e depois da fabulosa vitória alcançada na última guerra, Nobunaga determinou aproveitar esta maré de sorte e marchar para as terras de um dos seus maiores inimigos, Mori Terumoto, para derrotá-lo e conquistar as suas terras após tantos anos de resistência, sonhando já em “...ficar senhor absoluto de todos os 66 reinos de Japão...”⁶⁵⁵ após sair vencedor desta batalha e, ainda, segundo o narrador, de juntar um grande exército para conquistar a China, mostrando que a sua ambição se estendia para lá das fronteiras do seu país, sendo o seu objectivo seguinte conquistar outras nações, começando pelo país vizinho, não parecendo ter limite a sede de poder do Senhor da Tenca, que não se contentava em ser um soberano terreno, mas divino. O seu capitão Hideyoshi já estava nas terras do Mori, no entanto, precisava de mais soldados para derrotar o inimigo, pelo que escreveu ao seu Senhor pedindo mais homens mas dizendo explicitamente que “...não fosse elle em pessoa, porque com mais outros vinte ou trinta mil homens acabaria de lhe tomar todos os treze reinos...”⁶⁵⁶, o que parece outro pequeno indício do revés que esperava Nobunaga, que estava tão desejoso de cortar pessoalmente a cabeça do Mori e de ficar ainda mais perto de atingir o seu objectivo que não quis ficar em casa apesar da advertência do seu capitão, partindo para a capital com o seu filho mais velho, enviando os soldados que o acompanhavam com brevidade para as terras do Mori pela pressa

⁶⁵⁰ HJ, vol. III, p. 335.

⁶⁵¹ HJ, vol. III, 334.

⁶⁵² “...que nem esta claridade bastava para lhe abrir hum pouco os olhos de seo entendimento.”, *ibidem*.

⁶⁵³ “...quem bem considerava estes sinaes não podia deixar de temer serem prodigios e previas dispozições de outras couzas: mas como os japões não estão muito correntes nestes pronosticos e em sua origem, parece que não advirtião nem ponderavão o que poderia ser.”, HJ, vol. III, p. 335.

⁶⁵⁴ *Ibidem*.

⁶⁵⁵ HJ, vol. III, p. 336.

⁶⁵⁶ *Ibidem*.

que tinha Faxiba, pernoitando com poucos criados no templo de *Fonongi*, que ficava afastado da morada onde repousava o filho, imaginando que em breve se tornaria senhor absoluto do Japão quando, na verdade, caminhava para o seu trágico final.

IV.6.3. A MORTE DE NOBUNAGA

Jubeó Aquechidono é o nome do homem que executou na terra o castigo ordenado por Deus, traindo e assassinando Nobunaga quando este menos esperava. Aquechi não tinha ascendência nobre, mas por “...sua industria, prudencia e sagacidade veio a cahir em graça de Nobunanga...”⁶⁵⁷, tornando-se seu criado e membro da sua corte, apesar de não ser lá bem acolhido. A descrição da sua personalidade não é lisonjeira, sendo apresentado como um homem “...muito amigo de treições e conventiculos, cruel no castigo, tirano mas mui sagaz em se contrafazer, ardiloso na guerra e de animo esforçado, grande inventor de ardis e siladas...”⁶⁵⁸ e, também, bajulador, enviando constantemente presentes a Nobunaga para o ter mais propício, trabalhando incansavelmente por lhe agradar e satisfazer os seus desejos, tudo com a intenção de crescer na sua estima e confiança, simulando com muita arte sempre que necessário diante do seu Senhor, derramando “...lagrimas que parecião sahir-lhe do coração...”, prezando-se de afirmar “...que tinha mui bem aprendidas e estudadas setenta e duas maneiras de enganar.”⁶⁵⁹. Deste modo descreve-o o narrador como um terrível vilão, pronto desde a nascença para enganar e trair, no entanto, como Nobunaga conseguia ser, por vezes, um pouco ingénuo⁶⁶⁰, confiava em Aquechi, havendo-lhe concedido, inclusivamente, dois dos reinos que conquistara, tornando-o num homem rico.

O narrador oferece dois motivos para explicar a traição de Aquechi, sendo o primeiro a vingança por uma humilhação que Nobunaga o fizera passar, por ser “...homem muito assomado e que soffria mal dizer-se-lhe couza que contrariasse ao que tivesse mandado...”, zangou-se quando o seu criado lhe retorquiou algo que não lhe agradou, pelo que “...ocupado da colera, lhe deo hum couce ou dous.”⁶⁶¹; e o segundo sendo, “...como hé mais provável...”, por pura e “...desenfreada cobiça e ambição...”⁶⁶², querendo Aquechi tornar-se num segundo Nobunaga, no seguinte Senhor da Tenca, usurpando todos os reinos que o seu Soberano já havia conquistado ao aniquilá-lo e ao seu filho herdeiro, o que não deixa de ser um pouco irónico o facto de a causa que levou Aquechi a assassinar o seu Senhor, a ambição excessiva, ter sido a mesma que levou Deus a decidir castigar Nobunaga.

⁶⁵⁷ HJ, vol. III, p. 338.

⁶⁵⁸ *Ibidem*.

⁶⁵⁹ HJ, vol. III, p. 339.

⁶⁶⁰ “...por naturalmente ser facil em crer e não muito corrente em falácias...”, *ibidem*.

⁶⁶¹ *Ibidem*.

⁶⁶² *Ibidem*.

Em vez de partir para a guerra contra o Mori como lhe havia sido ordenado, Aquechi, sem confiar o segredo das suas intenções aos seus soldados, partiu com eles para uma fortaleza perto da capital, pelo que todos ficaram confusos por não ser aquele o caminho que deviam supostamente percorrer. Como Aquechi era “...precatado e inteligente...”, apenas esclareceu os seus principais capitães do que estavam prestes a executar momentos antes de partirem para *Fonongi*, de maneira que nenhum dos seus homens tivesse tempo de contar a Nobunaga o plano da traição, porque se isso acontecesse, Aquechi não poderia “...escapar por nenhum cazo da morte...”⁶⁶³, assim, cavalgaram logo para a capital, onde chegaram ao amanhecer do dia vinte de Junho de 1582. Nobunaga encontrava-se no templo, “...sem gente e alienissimo de tal imaginação...”, com todos os seus soldados e fidalgos principais na guerra contra o Mori, totalmente seguro que, no dia seguinte, iria derrotar o seu inimigo e aproximar-se ainda mais do seu objectivo de conquistar todo o Japão, enquanto Aquechi, determinado “...infalivelmente de matar a Nobunaga e ao principe seu filho, e intentar fazer-se senhor da Tenca...”⁶⁶⁴, cercava *Fonongi* com os seus “...tres mil soldados...”⁶⁶⁵ armados com espingardas. Quando os soldados entraram, não encontraram qualquer resistência, pois não estavam lá dentro mais do que “...alguns mossos fidalgos que dormião (...), alguns rapados e mulheres que o servião...”, e a batalha estava, irremediavelmente, perdida, pois apanharam Nobunaga totalmente desprevenido, sem qualquer tempo de reacção, tendo acabado “...de lavar as mãos e o rosto e se estava alimpando a uma toalha.”⁶⁶⁶. Logo que o viram, dispararam-lhe uma flecha que lhe acertou nas costas, mas Nobunaga retirou-a e ainda combateu corajosamente por algum tempo com uma *nanguinata*, “...que hé huma arma de astea comprida feita à maneira de fouce...”⁶⁶⁷, contudo, sendo apenas um homem, embora excepcional, contra milhares melhor armados, logo lhe dispararam no braço e não teve outro remédio senão fechar-se dentro de uma sala, onde, alegadamente, cortou a barriga, suicidando-se, ou, segundo diziam outros, foi ali queimado vivo⁶⁶⁸ depois de incendiarem o templo. Conclui o narrador que embora não se tivesse a certeza de como Nobunaga morreu, “...o que sabemos hé que, daquelle que a todos fazia tremer, não somente com sua voz, mas com seo nome, não ficou cabelo nem osso nem couza que não fosse convertida em pó e em cinza, para que delle não ficasse sobre a terra algum vestígio.”⁶⁶⁹.

Assim acabou tão repentinamente um homem impressionante e poderosíssimo, frisando bem o narrador com este derradeiro comentário o modo assombroso como o destino pode mudar subitamente, como a vida é efémera, podendo um homem que era o Soberano inegável de um país,

⁶⁶³ HJ, vol. III, p. 341.

⁶⁶⁴ HJ, vol. III, p. 340.

⁶⁶⁵ HJ, vol. III, p. 341.

⁶⁶⁶ HJ, vol. III, p. 342.

⁶⁶⁷ *Ibidem*.

⁶⁶⁸ “...dizem que cortou a barriga, e outros que, pondo-se logo fogo aos paços, foi alli queimado vivo.”, *ibidem*.

⁶⁶⁹ *Ibidem*.

que tantas vitórias alcançou, que tanto medo provocava somente com a sua fama e a sua extraordinária voz, morrer de uma maneira tão terrível, indefeso, sem armas e sem aviso, acabando por não sobrar nada, nem uma marca, do que fora, extinguindo-se definitivamente da terra. Havendo terminado de se lavar, ele que em vida deu tanta importância à limpeza e purificação, pronto para alargar ainda mais o seu território, foi apanhado numa cilada de onde não podia escapar, cogitada por alguém em quem confiava, combatendo com bravura os inimigos que queriam matá-lo e eram em muito maior quantidade, recusando ser assassinado sem se defender, tendo perfeita consciência de que estava apenas a adiar o destino fatal, não podendo sozinho derrotar todos aqueles soldados melhor armados do que ele. Assim, não pensando em nada mais do que manter a sua honra, não se deixando aniquilar por outros para que não ficasse o seu corpo sujeito a ignomínias, fechou-se num quarto para acabar ele próprio com a sua vida, acabando o seu cadáver por arder, livrando-se das infâmias mas desaparecendo inteiramente da face da terra, não restando nada senão pó e cinza, nem “...cabelo nem osso...” que permanecesse vindouramente para provar que tal homem existira, de facto, no mundo. Depois de morto, também o seu filho herdeiro foi assassinado por Aquechi, comentando o narrador que os dois, “...em espaço de duas horas, deixando todos seus thezouros, delicias e riquezas desta vida, se forão para todo sempre sepultar no inferno.”⁶⁷⁰, palavras algo cruéis e fúnebres, como que afirmando friamente que ambos tiveram o destino que mereciam pelos seus pecados, deixando os bens pessoais, materiais, superficiais, fúteis, riqueza vã, em que tanto se jactaram e à qual davam tanta importância, havendo perdido o rumo correcto, o da humildade e compaixão.

É impressionante notar a frieza com que o narrador descreve a morte daquele que, não muito antes, via e descrevia como um “Anjo”, o protector dos padres e do cristianismo, um homem excepcional, poderoso, tão excelente governante e militar, apesar de, muitas vezes, cruel, que de anjo passou a arder no inferno, sem qualquer complacência, no entanto, também Lúcifer era, originalmente, um anjo, mas pela arrogância e insolência em que incorrera, tentando competir com Deus, desceu de imediato aos infernos, tornando-se no Demónio. Nobunaga, ao desejar ascender a um plano divino, recusando a existência do Deus Todo-poderoso e convencendo-se de que ele próprio era a máxima divindade, cometeu a *hybris* pela qual não saiu impune, e, como “*A insolência, quando floresce, produz a espiga da desgraça, cuja ceifa é toda feita de lágrimas.*”⁶⁷¹, ou neste caso, de sangue e de fogo infernal, foi castigado com uma terrível traição, encurralado miseravelmente e obrigado a acabar com a vida pelas suas próprias mãos para, apesar de tudo, manter a honra até ao final, sendo o seu cadáver consumido pelas chamas terrenas e infernais, indo juntar-se ao insolente Lúcifer no Inferno.

⁶⁷⁰ HJ, vol. III, p. 343.

⁶⁷¹ ÉSQUILO, *Os Persas*, apud PEREIRA, 2006: p. 409.

O retrato que o narrador constrói em relação a Nobunaga foi um desenvolvimento subtil, sempre muito subjectivo, que começou por transparecer um deslumbramento pelo carácter e atitude deste grande homem, um sentimento de gratidão pela ajuda e tratamento amável, respeitoso, que lhe prestou e aos outros padres, de admiração e assentimento pela forma como perseguia e maltratava os bonzos, encantamento pelo aparato e exuberância dos seus paços e cidade de Azuchi, indo amainando, aos poucos, os elogios e a sensação de enorme fascínio que dão lugar ao vislumbre de uma sensação de desapontamento, frisando-se a arrogância e excessivo orgulho que Nobunaga sentia por si próprio, até acontecer, de súbito, uma viragem abrupta, apelidando-o o narrador de “demente”, acusando-o de querer usurpar o culto e adoração que apenas o Deus cristão, pelo seu poder e misericórdia, merecia, de ter sido cegado pela sua extrema riqueza e poder, desviando-se do caminho da razão, sendo, por isto, castigado por Deus, que antes o utilizara, segundo relatara o narrador, como instrumento para auxiliar a propagação da Sua lei no Japão, acabando por morrer sem conseguir ver o seu objectivo de conquistar todo o país concretizado.

IV.7. PÓS-MORTE

Após a morte de Nobunaga, apelidada pelo narrador de “triste nova” (“...logo às doze horas do mesmo dia foi lá voando esta triste nova.”⁶⁷²), como seria de esperar, o país ficou novamente mergulhado no caos da guerra civil ⁶⁷³ uma vez que ficara de novo sem uma autoridade predominante por ter falecido o homem que estava prestes a tornar-se Senhor absoluto do Japão sem deixar nenhum descendente que terminasse o que havia começado. Assim, muitos Senhores aproveitaram esta oportunidade para tornarem a combater por uma posição mais elevada e para aumentarem o território, usurpando o que não lhes pertencia (“...em se sabendo a morte de Nobunaga, logo no Guifu derão sacco nos paços do principe, e hum tono se apoderou da fortaleza, não se declarando bem nem por huma parte nem por outra.”⁶⁷⁴), provocando muitas mortes “...de fidalgos e outra gente que aquelles primeiros oito ou dez dias houve de Çunocuni athé o reino de Mino, huns erão mortos por serem inimigos, outros para lhes apanharem o fato, outros para lhes tomarem a renda.”⁶⁷⁵, a quantidade de cadáveres causados pela repentina morte de Nobunaga sendo de tal maneira elevada “...que, vindo hum Padre nosso por junto do rio Yondo, vio que hião

⁶⁷² HJ, vol. III, p. 345.

⁶⁷³ “Depoes da morte de Nobunaga, que se revolveo e perturbou a maior parte de Japão, e houve tantas mudanças nos reinos, estados e pessoas, que de repente parece se transformou em outro ser...”, HJ, vol. IV, p. 27.

⁶⁷⁴ HJ, vol. III, p. 351.

⁶⁷⁵ HJ, vol. III, p. 362.

correndo por aquella agua abaixo mais de 500 corpos mortos.”⁶⁷⁶. A cidade de Azuchi foi, naturalmente, palco de uma “...grande perturbação...”⁶⁷⁷ dificilmente traduzível em palavras, escrevendo o narrador este retrato arrepiante: “A cidade de Anzuchi parecia neste tempo hum retrato do dia do juízo, porque aquella gente huma se acolhia para huma parte, outros para outra: as vozes das mulheres, choros dos meninos, os clamores dos homens, a confusão e desatino do povo era couza lastimoza. Deixavão desamparadas as cazas e o fatinho nellas, porque pertendião salvar suas vidas, e (...) a cidade se hia despejando...”⁶⁷⁸. Toda a gente, não apenas em Azuchi mas em todos os reinos que pertenciam a Nobunaga, lutavam desesperadamente para salvar as suas vidas, visto que “...não havia em Anzuchi outro exercicio, senão saquear, roubar, escalar cazas e saltar os caminhos, e isto não somente alli, mas da cidade do Sacai athe os reinos de Mino e Voari, (...) não se fazia outra couza, senão matar e roubar pelas estradas e atalhos, pelas ruas e pelos logares, de maneira que parecia que todo o inferno se tinha solto para fazer tamanhos estragos.”⁶⁷⁹, tudo provocado pela perda do único homem que tinha o país sob controlo. Parecia realmente que o inferno tinha engolido aquelas partes do Japão sob a forma de uma renovada guerra civil, espantando-se o narrador de tamanho caos ter sido provocado por causa de um só homem⁶⁸⁰, contudo, esse homem, Nobunaga, era aquele que mantinha a ordem no país, outrora assolado pela guerra e, no tempo do seu governo, vivendo pacificamente, uma vez que graças à sua força e exército invencíveis, causava tanto medo aos inimigos que muito poucos ousavam combatê-lo e os que o faziam, como se tem verificado, saíam derrotados e terrivelmente castigados. Deste modo, através do seu carácter vigoroso e do terror que provocava, pacificara os territórios que subjugara e submetia-os ao seu controlo absoluto, não permitindo que tais desordens sucedessem durante o seu governo. É impressionante notar como a perda deste desencadeou este tremendo caos, o que revela o temor que todos tinham do Senhor da Tenca e o enorme poder e autoridade que este detinha sobre todos os seus súbditos.

Os padres foram extremamente prejudicados com a morte de Nobunaga uma vez que perderam a salvaguarda que tinham ao serem os seus protegidos, deixando a sua residência em Azuchi de ser segura como o fora quando o Senhor da Tenca ali vivia, “...por estar ao pé da fortaleza e diante dos olhos de Nobunaga...”⁶⁸¹, portanto, os padres e irmãos de Azuchi tiveram de fugir como todos os outros, pois já ninguém teria receio de roubá-los e matá-los.

⁶⁷⁶ HJ, vol. III, p. 362.

⁶⁷⁷ HJ, vol. III, p. 345.

⁶⁷⁸ HJ, vol. III, pp. 346-47.

⁶⁷⁹ HJ, vol. III, pp. 353-54.

⁶⁸⁰ “Couza certo foi de admiração, que por respeito de hum só homem se revolvesse e perturbassem tantos reinos.”, HJ, vol., III, p. 354.

⁶⁸¹ *Ibidem*.

Aquechi invadiu a cidade de Nobunaga e depressa tomou os seus paços, não achando “...rezistencia alguma, porque todos os que lha podião fazer eram fugidos ou não estavam alli...”, começando por “...abrir os godões e as câmaras aonde Nobunaga tinha seos thezouros e riquezas...” e repartir todo aquele “...ouro e prata...” pelos seus “com grande liberalidade...”, de maneira que “...o que Nobunaga congregou e ajuntou com muitos trabalhos e guerras por longo discurso de annos, distribuiu Aquechi em dous dias ou tres...”⁶⁸², um final triste e indigno para os tesouros que tanto lhe custaram adquirir e que coleccionou durante tantos anos, que Aquechi deitou fora como se sempre lhe pertencesse aquilo que não teve qualquer trabalho em ganhar, como que “...já pronosticava que se havia de lograr pouco daquellas grandes riquezas...”⁶⁸³. Para “...ser mais infeliz a sorte de Nobunaga...”, Aquechi levou de Azuchi as suas apreciadas peças de chanoyú, “...as de maior valor e estima que elle tinha e as mais nomeadas em todo Japão...”⁶⁸⁴, não parecendo o narrador denotar ironia com este comentário, como se Nobunaga não tivesse merecido totalmente esta infelicidade.

Apesar de ter causado a sua morte, Aquechi ordenou o funeral de Nobunaga, oferecendo “...sinco mil cruzados para que fizessem o saimento e exequias funeraes...”⁶⁸⁵, no entanto, acabou por ser Hideyoshi a fazê-lo, uma vez que Aquechi foi morto antes. Assim que Hideyoshi soube da morte do seu Senhor, aprontou-se para guerrear de imediato contra o traidor, acompanhado pelo terceiro filho de Nobunaga e pelos respectivos exércitos, empreendendo a missão de vingar o Senhor da Tenca e juntos desbarataram o exército do traidor, levando, em honra de Nobunaga, as cabeças cortadas dos inimigos para o lugar onde aquele havia morrido (“...foi logo tamanho o fervor de roubar e cortar cabeças, que da primeira vez somente trouxerão àquelle logar onde matarão Nobunaga mais de mil cabeças, porque era mandado que as levassem alli todas (...) para se com ellas fazer sahimento a Nobunaga...”⁶⁸⁶) puxadas por cordas, arrastadas no chão “...como se levarão cabeças de carneiros ou de cães, sem nenhuma maneira de sentimento, e assim se forão acumulando que em breve espaço passarão de duas mil.”⁶⁸⁷. Aquechi conseguiu fugir da batalha, no entanto, enquanto fugia esperando salvar-se na sua fortaleza, foi morto por lavradores que levaram o cadáver e a cabeça ao mesmo lugar onde foram postas as outras, acabando por morrer miseravelmente “...o que teve animo para revolver todo Japão...”⁶⁸⁸ em vez de se tornar, como desejava, num segundo Nobunaga, comentando o narrador que seria algo imerecido “...depois de

⁶⁸² HJ, vol. III, p. 352.

⁶⁸³ HJ, vol. III, p. 353.

⁶⁸⁴ HJ, vol. III, p. 353.

⁶⁸⁵ HJ, vol. III, p. 353.

⁶⁸⁶ HJ, vol. III, p. 360-61.

⁶⁸⁷ HJ, vol. III, p. 361.

⁶⁸⁸ *Ibidem*.

sua cruel traição...”⁶⁸⁹, reconhecendo, deste modo, que fora uma traição vil a que sofrera Nobunaga, tendo, por isso, o seu fim sido justo, morto “...tão affrontozamente nas mãos de huns pobres e vis lavradores, que nem para elle por sua mão cortar a barriga, como costumão os fidalgos gentios fazer por sua honra em tal occasião, teve tempo.”⁶⁹⁰.

Aquechi morreu antes de conseguir destruir os paços de Nobunaga em Azuchi, como havia ordenado, contudo, segundo o narrador, Deus não permitiu que restasse nada da glória antiga de Nobunaga para que “...não ficasse memoria ao menos dos edificios...”⁶⁹¹ de que tanto se orgulhava, e para com mais evidência o castigar ordenou que um filho seu, “...como homem não acompanhado de muito saber natural...”, mandasse “...sem nenhum fundamento...”⁶⁹² incendiar os paços e fortaleza de Azuchi, ardendo, igualmente, grande parte da cidade que Nobunaga tanto engrandecera em vida pelas mãos ignóbeis do seu próprio filho, terminado, deste modo, o que ainda restava de material e corpóreo da pessoa que fora o Senhor da Tenca.

O funeral de Nobunaga, feito “...com grande pompa e apparato...”, acabou por ser ordenado, como já foi dito, por Hideyoshi, que convocou os “...os principes e senhores nobres dos reynos confins...”, assim como “...todas as dignidades de bonzos...” para a capital e mandou fazer uma tumba muito adornada, “...como significando hir nella o corpo de Nobunanga...”⁶⁹³, perdido no incêndio. E assim teve Nobunaga um funeral solene e aparatoso, presidido pelos bonzos que ele tanto detestou em vida; o seu caixão foi transportado para o mosteiro de jensus “...tido pelo mais nobre de quantos há em Japão.” e fizeram-se as “...ceremonias como convinha a tam real e eminente pessoa, todos, conforme ao costume de Japão, lhe forão ali de joelhos offerecer cheiros, lansados no fogo diante de hum fotoque para ficar aquelle lugar odorífico.”⁶⁹⁴. Depois construiu-se um pequeno mosteiro em sua honra, “...fabricado com excellentissima madeira, que hé couza muito curioza para ver...”⁶⁹⁵, onde puseram um estátua de Nobunaga sobre um altar, vestido como um nobre.

Depois da sua morte, foi Hideyoshi quem lhe sucedeu, tendo tentado em sua vida e seu reinado exceder Nobunaga na riqueza e poderio, pondo “...todas as suas forças em se decorar e ornar por todas as vias que lhe são possíveis para transmutar e pôr em si os conceitos e opinião que todos os reynos de Japão tinham postos na pompa e magestade do ser e governo de Nobunanga.”⁶⁹⁶,

⁶⁸⁹ HJ, vol. III, p. 361.

⁶⁹⁰ *Ibidem*.

⁶⁹¹ *Ibidem*.

⁶⁹² HJ, vol. III, p. 362.

⁶⁹³ HJ, vol. IV, p. 31.

⁶⁹⁴ *Ibidem*.

⁶⁹⁵ *Ibidem*.

⁶⁹⁶ HJ, vol. IV, p. 170.

tentando elevar-se à mesma posição, honra e glória daquele que foi, “segundo dizem”, “...o mais famoso e insigne príncipe e capitão que (...) houve em todas as idades de Japão passadas...”⁶⁹⁷.

O narrador finaliza a sua exposição de Nobunaga com uma nota ao mesmo tempo crítica e elogiosa, mostrando alguma tristeza pelo seu trágico desfecho. Nobunaga, como não se pode negar, “...foi hum homem insigne e de mui raras partes, illustre e famoso capitão, e que governou a Tenca com grande prudencia.”⁶⁹⁸, contudo, cometeu a mesma ousadia de Lúcifer, de Ícaro, de Agamémnon ou de Prometeu ao pensar que “...não somente no mundo mas ainda no ceo não havia quem o predominasse...”, tendo, por atrever-se a exceder o próprio Deus, acabado “...desta maneira tão miseravel e infelizmente...”⁶⁹⁹. Aquechi cometeu o vil crime de traição e assassínio movido pelo mesmo desejo ambicioso e soberbo⁷⁰⁰ de Nobunaga, portanto, teve a mesma “...desditoza e infeliz sorte.”⁷⁰¹. Apesar de Nobunaga ter conseguido elevar-se tão alto enquanto homem e enquanto governante, “...como os cedros do monte Libano...”⁷⁰², rapidamente acabou por cair desamparadamente “...aos infernos.”⁷⁰³, não sobrando nada de si nem das obras com que procurou materializar o seu poderio e jactância, eternizar o seu nome e a sua glória, tendo tudo sido consumido pelo fogo e, segundo o narrador, perdido no esquecimento, pois o “...uzo continuo destas variedades e transmutações...” no País do Sol Nascente facilita a passagem leve “...por todas estas imagens da morte.”⁷⁰⁴, embora, mais tarde, se recorde de Nobunaga como “o mais famoso e insigne príncipe e capitão”, não parecendo esquecer a cortesia e favores que, apesar de tudo, este “Anjo” lhe mostrou.

⁶⁹⁷ HJ, vol. IV, p. 170.

⁶⁹⁸ HJ, vol. III, p. 363.

⁶⁹⁹ *Ibidem*.

⁷⁰⁰ “Aquechi que tambem pertendia não lhe ser inferior na soberba e na jactância...”, *ibidem*.

⁷⁰¹ HJ, vol. III, p. 363.

⁷⁰² HJ, vol. III, pp. 363-64.

⁷⁰³ HJ, vol. III, p. 364.

⁷⁰⁴ *Ibidem*.

CONCLUSÃO

Oda Nobunaga é um homem paradoxal, repleto de contradições. Num momento, surge como um bruto insensível e impiedoso, noutro, como um homem agradável e sorridente. É difícil entender os seus pensamentos, as suas motivações, entender por que razão usava de raros actos de bondade, principalmente para com o padre Luís Fróis, o qual ajudou a fixar-se na capital, a quem convidou a sua casa, lhe ofereceu de comer e de quem não desejava, aparentemente, nada em troca, enquanto não outorgava, por norma, favores a quem em nada o poderia beneficiar, apenas ajudando por interesse calculista, não devolvendo o xogum ao seu legítimo posto por nada mais a não ser caridade fingida, pois, ao fazê-lo, submeteu ao seu controlo a segunda maior autoridade do país. Não se compreende, igualmente, como uma personalidade como Nobunaga, em extremo orgulhoso e assomado, prontíssimo a castigar sem pensar duas vezes, por vezes reconhecia os seus erros e perdoava, como vimos ter acontecido com Vatadono, Sancho e o seu filho, e o pequeno jovem filho de um cristão a quem não retirou as terras e a renda.

O seu retrato não é fixo, mas transformar-se ao longo da história. Nobunaga começa por ser notoriamente idolatrado pelo narrador, que admira profundamente a sua personalidade, o seu carácter implacável, a sua incrível voz e poderio militar. Descreve com nítido deslumbramento os autênticos paraísos terrestres que mandava edificar, não transparece repulsa ou crítica pelas acções, por vezes, tirânicas que cometia, especialmente se dirigidas aos bonzos, por mais desumano que fosse o tratamento que lhes dava, e denota-se uma manifesta sensação de gratidão da sua parte para com os favores que lhe regalou, a amabilidade e cortesia que lhe demonstrou, a disponibilidade para escutar a palavra de Deus e as largas horas de conversa que ambos partilharam. Por este motivo, Nobunaga era encarado pelo narrador como um Anjo, construindo uma imagem de um herói que era um misto de homem e de divino, incrivelmente poderoso, sagaz, invencível, escolhido por Deus para ser o protector dos padres e do cristianismo no Japão, porém, de súbito, dá-se uma viragem inesperada na construção do retrato de Nobunaga, começando, aos poucos, a evidenciarem-se mais os seus defeitos do que as suas qualidades, a denotar-se, subtilmente, um leve cansaço da sua arrogância e soberba, que acaba por culminar na denúncia da sua loucura, acusando-o de ser o pior dos hereges, o pior dos pecadores, qual anjo luciferino que tentou ultrapassar o Todo-Poderoso.

Pela *História* de Fróis, podemos concluir que Nobunaga era um homem extremamente orgulhoso que se tinha a si próprio em grande conta, desprezando toda a nobreza do Japão, aqueles que tinham um título importante ou superior ao seu, de modo a elevar-se acima de todos não graças ao seu sangue ou ao seu cargo político, mas pelo seu esforço e tenacidade, pelo poder que conquistou pessoalmente devido à sua inteligência e talento militares, lutando pelas suas ambições,

que eram largas, enriquecendo o seu estado, alargando o seu império e a sua fama. Sentia um imenso orgulho pelo seu nome, que se espalhara por todo o país e que significava a maior potência do Japão, invencibilidade, implacabilidade, crueldade, implicando tanto terror como respeito nas pessoas. O seu nome, sua fama, a riqueza e sumptuosidade das suas obras, a opulência das suas festas, o modo magnífico com que vencias as suas batalhas gloriosamente, conferiam-lhe uma imagem de majestade, de superioridade e extravagância, fazendo-se apresentar como um homem peculiar, especial, que tinha o privilégio de agir exclusivamente segundo os seus desejos, não havendo ninguém que ousasse rebelar-se contra as suas ordens, não tendo grandes preocupações morais em relação à morte e ao assassinio, matando e mandando matar sem aparente remorso, impulsivamente, fazendo-se temer por toda a gente e procurando o controlo absoluto sobre os seus súbditos. Procurava distanciar-se e ser diferente dos homens comuns, como, de facto, era, sendo uma pessoa assaz racional, lógica, inteligente e pragmática, nada supersticiosa, não se importando com o suposto poder divino dos *camis* e do próprio Deus cristão, carente de modéstia religiosa, de temor humilde, atribuindo as causas e as consequências unicamente ao poder humano, sentindo curiosidade por diversos assuntos, especialmente pelo mundo exterior, praticamente desconhecido para si e seus conterrâneos, o que indicava que era, afinal, um homem bastante moderno. Possuía um carácter vingativo e violento, sendo demasiado brioso para aceitar injúrias, exagerando na crueldade dos castigos, odiando que as coisas não corressem segundo os seus planos, preocupando-se grandemente pela sua honra e pela do seu império, não olhando a meios para atingir os seus fins, de modo que a obediência de que gozava era causada em larga medida pelo medo que sentiam dele, e menos por respeito.

Deduzindo-se pelos seus feitos e comportamento, parece que Nobunaga ambicionava criar uma utopia para si próprio, concebendo o país ideal do qual ele era o supremo soberano, construindo paços e estradas em extremo aprazíveis ao olhar, imaculados de qualquer imperfeição, limpos, excelentes, verdadeiros paraísos térreos, nos quais desejava materializar o poder que atingira, e fazendo-se obedecer absolutamente pelos seus súbditos, que deviam cumprir todos os seus comandos e viver segundo as ordens por si impostas.

No fundo, Nobunaga parece-me um homem solitário, que vivia de acordo com as suas opiniões e decisões, recusando-se a escutar os conselhos dos outros, colocando-se metaforicamente, pela sua força e prestígio, no alto de um pedestal como o mais poderoso de todos os humanos, afastando-se propositadamente dos comuns mortais. Não aparece na *História* nenhuma indicação de relações pessoais e íntimas de Nobunaga, nenhum amigo ou familiar próximo, não mostrando sequer necessidade os ter, tendo assassinado impiedosamente o próprio irmão, desprezando os nobres e os capitães com quem comunicava e desdenhando os seus conselhos, ocorrendo apenas

uma indicação de que nutriria afecto pelo pai, enfurecendo-se tanto com a sua morte que assassinou os bonzos que lhe mentiram acerca da sua salvação, mas não aparece na *História*, por exemplo, qualquer descrição do narrador acerca da sua relação com a esposa ou com a família mais próxima, denotando-se que não teria nenhuma relação estreita com os filhos, que inclusivamente tinham medo dele, como o resto do povo e dos seus vassalos. Um homem isolado entre os seus, conversava larga e descontraidamente com o padre Luís Fróis e o irmão Lourenço, mas não creio que tal se poderia chamar amizade, pois Nobunaga parece um homem demasiado hierarquizado para criar amizades verdadeiras. Quando o autor desta *História* o descreve, afirma que tinha sombras de melancolia, contudo, infelizmente, não há exemplos no resto da obra de tal particularidade no seu carácter, sendo interessante imaginar um homem tão poderoso a exhibir traços de uma leve tristeza.

A ligação que tinha com os padres, nomeadamente com Fróis e com Lourenço, é o aspecto de Nobunaga mais explorado nesta *História* e, também, o mais interessante. Apesar de ser altivo e pretensioso acerca de si próprio, de desprezar a nobreza do seu país e os bonzos, maiores autoridades religiosas, sentia admiração e simpatia pelos jesuítas e comprazia-se com a sua companhia. A vinda dos padres estrangeiros causou o despertar de uma sede de estender a sua reputação para lá do Japão, para um mundo que ele desconhecia na totalidade para lá da Índia, exibindo as suas obras e riqueza aos padres com uma notória vaidade, sabendo que estes eram os únicos meios de comunicação para o exterior, aqueles que o dariam a conhecer aos povos e soberanos estrangeiros. No entanto, não seria apenas calculismo que ligava Nobunaga aos padres, pois este interessava-se genuinamente por estes homens diferentes, exóticos, que lhe contavam novidades acerca de vários assuntos, de viagens, de países desconhecidos, de uma nova religião, o cristianismo, cujos ensinamentos escutou atentamente e permitiu que se propagassem livremente pelo seu império. Perante Fróis e Lourenço, Nobunaga adoptava uma atitude descontraída, que não era habitual em si, podendo-se dizer que, inclusivamente, se humanizava na sua companhia, mostrando-se um homem sorridente, relaxado, ávido de conhecer novos objectos que os jesuítas lhe traziam, de ouvir histórias e ensinamentos sobre ciência e sobre muitos outros assuntos. Diante do padre Organtino, Nobunaga demonstrou uma faceta muito humana ao chorar, algo que parece impossível de conceber vindo de um homem como ele, que parecia totalmente incapaz de derramar lágrimas ou de ter, sequer, sentimentos. Em vez de proteger as seitas budistas, inerentes ao seu país, e os bonzos, seus professores, ao impedir a propagação do cristianismo e expulsando os padres dos seus territórios, muito pelo contrário, favoreceu o grupo estrangeiro, os jesuítas e a sua religião, fazendo-lhe favores e oferecendo a sua protecção enquanto perseguia e atacava os templos e os monges budistas, contribuindo, deste modo, para a propagação da religião cristã e o aumento do prestígio dos seus pregadores, e para a diminuição da fama e crédito dos bonzos e suas seitas, preferindo o exótico e diferente à tradição e ao patriótico. Visto ser o mais poderoso e influente

soberano do Japão, era mais venerado e temido do que qualquer seita pelo seu povo gentio, que tinha demasiado medo de seguir uma religião ou um bonzo que não eram do seu agrado.

Embora tivesse ouvido pregação e de admirar, sem dúvida, a conduta cristã, Nobunaga nunca mostrou intenção de se converter nem poderia ter-se tornado cristão, uma vez que os ensinamentos do cristianismo eram contraditórios à sua personalidade orgulhosa, arrogante e soberba, e a sua ambição de conquistar todo o Japão e a forma como o fazia, destruindo e assassinando sem piedade, tornavam impossível que Nobunaga se submetesse a tal doutrina. Do mesmo modo que não acreditava no poder dos deuses das seitas budistas, não parece que aceitasse a existência de um ser onipotente e onipresente como o Deus cristão, nem de um Céu ou de um Inferno, acreditando na potencialidade humana e na vida do presente, procurando atingir todas as suas metas em vida em vez de esperar calmamente por uma eventual recompensa futura, desejando exceder no nome e na riqueza a todos os reis do mundo. Apesar de não ter sido cristão, preocupava-se que os súbditos que o eram agissem segundo esses ensinamentos, intrometendo-se pessoalmente no castigo de um mau cristão que pecara, prova de que apreciava a conduta cristã que, porventura, se adequava à sua utopia.

Conquanto destruísse tudo aquilo que tinha autoridade, nomeadamente os bonzos mais importantes e que mais domínio exerciam no povo, aproveitou, numa ocasião, a influência dos padres para resolver um problema militar que envolvia um cristão, Justo Ucondono, ameaçando inclusivamente a vida dos padres e irmãos se Justo não aceitasse as suas condições, utilizando o padre Organtino para convencer Ucondono a unir-se ao seu exército. Por que motivo desejaria usar a influência dos padres mas não a influência dos bonzos? A única razão aparente é que os bonzos já gozavam de um enorme poder e riqueza, portanto, seriam difíceis de manobrar pela vontade de Nobunaga, enquanto os jesuítas dependiam dele, da sua amizade e protecção, pelo que não podiam, de modo algum, desobedecer-lhe, do mesmo modo que os cristãos acatavam cegamente as ordens dos seus padres. Assim sendo, Nobunaga obtinha o poder supremo ao controlar os jesuítas que, por sua vez, controlavam os cristãos, havendo ainda a vantagem de o cristianismo ser um modo de conduta impecável, lícito e honesto, o que favorecia a suposta utopia de Nobunaga. Por vezes, aparenta o que parece ser falsa humildade para com os padres, como quando recusa o dinheiro da parte de Fróis ou afirma que as suas obras seriam tidas como inferiores comparadas com as europeias, sendo difícil perceber até que ponto apreciava os jesuítas e se a sua amabilidade seria verdadeira ou não passaria de calculismo. Apesar de tudo, parece-me que Nobunaga, embora demarcasse bem a sua posição superior, mais elevada ainda do que a do Deus cristão, gostava destes homens estrangeiros e corajosos que haviam viajado de tão longe só para pregar a sua religião em terras tão remotas, admirando o seu espírito destemido e a sua sabedoria, comprazendo-se nas

conversas que partilhavam onde não precisava de agir altiva e arrogantemente, podendo relaxar e revelar traços da sua faceta mais humana.

Se Nobunaga não tivesse morrido precocemente, provavelmente teria acabado com as seitas e os bonzos budistas, ou, pelo menos, relegá-los para uma posição inferior, pária, preparando o nascimento de um povo cristão, humilde e obediente, afastando a influência dos monges que já eram demasiado independentes e poderosos.

Embora nos questionemos acerca da veracidade da suposta afeição e gentileza do Senhor da Tenca para com os jesuítas, por vezes, tal como não é certo se Nobunaga seria tão amigo de Fróis ou, pelo menos, que o apreciava e desejava proteger, também se duvida até que ponto vai a aparente adoração do autor por Nobunaga, que transmite, ocasionalmente, o que parece ser interesse pelo governante que era e não apenas pela sua pessoa, acarinhando-o com muitos presentes para obter o seu favor, elogiando-lhe as obras, de forma calculista, para acrescentar a sua benevolência ou para conseguir objectivos mais concretos, como a autorização para construir uma nova igreja na capital. Em certos momentos, parece que o narrador apenas vê Nobunaga como o carrasco dos bonzos, o instrumento de Deus que somente servia para limpar o país destes antagonistas principais do cristianismo de modo a conseguir que a sua religião se propagasse mais facilmente, livre das ameaças dos bonzos e dos seus seguidores mais fervorosos, que iam perdendo a autoridade pelas cruezas que Nobunaga lhes infligia, humilhando-os e retirando-lhes os privilégios, enquanto acrescentava a fama dos padres ao parecer tão seu privado e amigo. Sendo a sua glória, poder e o medo que impunha a todo o povo tão grandes, qualquer acção sua era bem vista e obedecida, portanto, se os padres eram favorecidos pelo Senhor da Tenca, ninguém ousaria matar ou atacar qualquer um deles, pois podia receber um terrível castigo. Fróis aparenta recorrer bastante à conveniência desta simpatia e benevolência, debuxando-o como um homem tão gentil e caridoso porque o favorecia ao mesmo tempo que desfavorecia os bonzos.

Por este motivo se vai constatando o desapontamento do narrador a crescer depois do caso de Justo, à medida que o encanto inicial se dissipava, aos poucos, começando a desagradar-lhe as suas atitudes arrogantes, deixando transparecer alguma ironia acerca das suas obras, insinuando numa dada ocasião que apenas ia às suas festas ou elogiava os seus paços para o satisfazer e mantê-lo propício ao cristianismo, insistindo na sua vaidade ao contar como exhibia as suas fortalezas uma e outra vez, como exagerava na ostentação do poder, mandando construir uma torre tão alta que rasava as nuvens, qual torre de Babel. Não sabemos se este desapontamento se deve à arrogância crescente de Nobunaga ou à sua morte inesperada, deixando o cristianismo e os padres desamparados. O facto de acusar o Senhor da Tenca de ter enlouquecido ao desejar tornar-se o próprio Deus na terra, de ser adorado como uma divindade, tal qual os *camis* que Fróis tanto

desprezava, que não passavam de homens comuns que os gentios, por ignorância, veneravam, parece um pouco exagerado e difícil de crer, uma vez que o próprio Nobunaga detestava e perseguia os bonzos e os ídolos das suas seitas. No entanto, a sua personalidade soberba, a sua relutância em aceitar a existência de uma Entidade Superior e o seu desejo de onipotência, talvez movido pelos ensinamentos dos padres, podiam ter-lhe inflamado a ambição de se tornar numa espécie de divindade, tão poderoso como o Deus cristão, contudo, não se trata aqui de saber se Nobunaga, a figura histórica, quis realmente ser Deus na terra e se iniciou, de facto, esta nova seita em seu nome, mas analisar o retrato que Fróis lhe fez. Segundo esse ponto de vista, Nobunaga quis, de facto, ser adorado pelos seus súbditos na terra como uma divindade, utilizando o narrador instrumentos literários para narrar a sua queda e consequente morte. Ao ambicionar ultrapassar o seu estatuto de homem comum e mortal, Nobunaga cometeu a mesma insolência que os heróis das tragédias greco-romanas cometiam, a *hybris*, pela qual foi, evidentemente, castigado pelo verdadeiro Deus, o cristão, que o puniu com a traição e a morte, fazendo com que não tivesse outra escolha senão retirar a sua própria vida para manter a honra, como costumavam os nipónicos, deste modo falecendo antes de conseguir concretizar o que tanto desejava, tornar-se Senhor Absoluto de todo o Japão.

Apesar de Fróis descrever a sua morte e demência com frieza e insensibilidade, movidas pelo sentimento de decepção pela sua arrogância extrema, o seu suicídio e consequente desamparo dos padres e cristianismo, não parece que o narrador tenha sentido pouco a perda deste “Anjo” que tanto os favoreceu e que tanto admirava, acredito que não só pelo facto de ser o carrasco do bonzos e o protector do cristianismo, mas também pelo homem impressionante, inteligente e excepcional que foi.

Resta concluir que a *Historia de Japam* é uma obra que muito tem para oferecer quer do ponto de vista literário, histórico, sociológico ou antropológico, e esperar que cedo o seu estudo seja retomado por outros.

BIBLIOGRAFIA

FONTES IMPRESSAS

Bíblia Sagrada, Lisboa, PAULUS, 1993.

Cartas qve os padres e irmãos da Companhia de Iesus escreuerão dos reynos de Iapão & China aos da mesma Companhia da India, & Europa, des do anno 1549. até o de 1580. 2 vols., Évora, Manoel de Lyra, 1598.

Cartas que os padres e Irmãos da Companhia de Jesus, que andão nos reynos de Iapão escreuerão aos da mesma Companhia da India e Europa, desd o anno de 1549 ate o de 66, Coimbra, António de Maris, 1570.

FRÓIS, Luís, S.J., *Historia de Japam* (ed. José Wicki S.J.), 5 vols., Lisboa, 1976-1984.

FRÓIS, Luís, S.J., *Tratado em que se contem muito susinta e abreviadamente algumas contradições e diferenças de costumes antre a gente de Europa e esta província de Japão. E ainda que se achem nestas partes do Ximo algumas couzas em que parese convirem os japões connosco, não he por serem commuas e universais nelles, mas adquiridas polo comercio que tem com os portuguezes que ca vem tratar com eles em seus navios - e são muitos de seus costumes tão remotos, peregrinos e alongados dos nossos que quasi parese incrível poder aver tão opposita contradisão em gente de tanta policia, viveza de emgenho e saber natural como tem. E pera se não confundirem humas cousas com outras dividimos isto com a graça do Senhor em cap(ito)los - feito em Canzusa aos 14 de Junho de 1585 annos,* (ed. crítica de Josef Franz Schütte S.J.), Tokyo, 1955.

PINTO, Fernão Mendes, *Peregrinação*, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1983.

SARAMAGO, José, *Memorial do Convento*, Lisboa, Caminho, 1998.

ESTUDOS

BOXER, C. R., *The Christian Century in Japan: 1549-1650*. Berkeley: University of California Press, 1951.

CORREIA, Pedro Lage Reis, “Entre o Desafio e as Soluções: O Percurso Histórico do Cristianismo no Japão (1549-1638)”, *Cristianismo no Japão: Universalismo Cristão e Cultura Nipónica – Actas do Colóquio*, Lisboa, Fundação AIS; Fátima, Missionários do Verbo Divino, 2009.

COSTA, João Paulo de Oliveira e, *O Cristianismo no Japão e o Episcopado de D. Luís Cerqueira*, Tese de Doutoramento em História dos Descobrimentos e da Expansão Portuguesa, Faculdade de Ciência Sociais e Humanas – Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1998.

COSTA, João Paulo de Oliveira e, “Japão”, in MARQUES, A.H. de Oliveira (dir.), *História dos Portugueses no Extremo Oriente*, vol. I, tomo II: *De Macau à Periferia*, Lisboa, Fundação Oriente, 1998-2003.

COSTA, João Paulo de Oliveira e, *O Japão e o Cristianismo no Século XVI*, Lisboa, Sociedade Histórica da Independência de Portugal, 1999.

COSTA, João Paulo de Oliveira e, “Luís Fróis et Lourenço: histoire d’une amitié luso-nipponne”, *Daruma – Revue d’études japonaises*, n°. 12/13, Toulouse, Éditions Philippe Picquier, 2002-2003.

COSTA, João Paulo de Oliveira e, “Tokugawa Ieyasu and the Christian Daimyō”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 7, Lisboa, CHAM, Universidade Nova de Lisboa, 2003.

HEISIG, James, “O Cristianismo em Diálogo com as Religiões no Japão: Doutrina e Experiência, Budista e Cristã”, *Cristianismo no Japão: Universalismo Cristão e Cultura Nipónica – Actas do Colóquio*, Lisboa, Fundação AIS; Fátima, Missionários do Verbo Divino, 2009.

LAMERS, Jeroen, *Japonius Tyrannus*, Hotei Publishing, Leiden, 2000.

LÉVI-STRAUSS, Claude, *A Outra Face da Lua – Escritos sobre o Japão*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2012.

LOUREIRO, Rui Manuel, “Jesuit Textual Strategies in Japan between 1549 and 1582”, *Bulletin of Portuguese/Japanese Studies*, vol. 8, Lisboa, Centro de História de Além-Mar, Universidade Nova de Lisboa, 2004.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha, *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol. I, Cultura Grega, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 2006.

RIBEIRO, Madalena, *Samurais Cristãos: Os Jesuítas e a Nobreza Cristã do Sul do Japão no Século XVI*, Lisboa, Centro de História Além-Mar, 2009.

RODRIGUES, Helena Margarida Barros, *Nagasaki Nanban*, tese de Mestrado, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 2006.

SANSOM, George, *A History of Japan: 1334-1615*, Londres, Cresset Press, 1961.

SCHURHAMMER, Georg, S.J., *Francis Xavier, his times his life*, 4 vols., Roma, 1985-1987.